00046072

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 28 July, 2016

46672

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA TERCEIRA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

16632

Por 915
Bar/ASI
46072

00046072

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
DA DECADA III.

LIVRO VI.

CAP. I. *Como Simão d'Andrade foi á China: e do que lá succedeo a Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade seu irmão leixou em Cantam pera ir a ElRey da China: e como se lá apregoou guerra contra nós, e as causas porque.* Pag. 1.

CAP. II. *Do que Simão d'Andrade fez em quanto esteve no porto de Tamou da China, por onde houve causa do alevantamento daquellas partes contra nós: e dos males que os nossos passavam neste tempo, e depois que Duarte Coelho pelejou com os Capitães dos Chijs.* 15.

CAP. III. *Como Diogo Lopes de Sequeira, estando em Ormuz a requerimento d'ElRey, mandou Antonio Correa á Ilha Baharem sobre ElRey Mocrim, que estava alevantado contra Ormuz.* 25.

CAP. IV. *Em que se descreve todo maritimo, que o mar Parseo contém em si: e assi do sitio, e fertilidade da Ilha Baharem.* 35.

CAP. V. *Como Antonio Correa sahio em terra na Ilha Baharem, e pelejou com ElRey Mocrim, na qual peleja foi ferido de huma espingarda, que causou haverem os nossos vitoria, e depois foi tomado o seu corpo já morto.* 41.

CAP. VI. *Como D. Aleixo de Menezes mandou D. Jorge de Menezes per terra com soccorro a ElRey de Cochij, que estava em guerra com o Çamorij de Calecut: e do que Diogo Fernandes de Béja passou sobre a barra de Dio: e o que Diogo Lopes de Sequeira sobre isso fez depois que o soube.* 52.

CAP. VII. *Do que succedeo a Diogo Fernandes de Béja na costa de Dio, onde Diogo Lopes lhe mandou que esperasse té elle partir de Ormuz: e o que elle tambem passou naquelle caminho té chegar a Chaul, onde começou huma fortaleza, e as causas porque.* 62.

CAP. VIII. *Como Fernão Camelo veio de Nizamaluco, e trouxe recado seu a Diogo Lopes de Sequeira, que fizesse fortaleza em Chaul, e a causa porque; e começando-se a obra, vieram as fustas de Melique Az a impedir que se não fizesse: e o damno que os nossos recebêram delle.* 69.

CAP. IX. *Como Diogo Lopes de Sequeira en-*

entregou a capitanía da fortaleza de Chaul a Henrique de Menezes, e a capitanía do mar a Diogo Fernandes de Béja; e ſahido do rio de Chaul pera ſe ir á India, ſe deteve por cauſa das couſas que Aga Mahamud fez em a Armada em que morreo Diogo Fernandes: e entregou a Armada que elle tinha a Antonio Correa, e elle Diogo Lopes ſe partio pera a India. 82.

CAP. X. *Como Aga Mahamud mandou per hum ardil commetter o baluarte onde eſtava Pero Vaz Permão, no qual commettimento, poſto que morreo Pero Vaz, e outros, os Mouros foram vencidos: no fim do qual feito veio D. Luiz de Menezes, a quem Antonio Correa entregou a Armada, e dahi ſe foi a Cochij embarcar com Diogo Lopes de Sequeira, que partio pera eſte Reyno, aonde chegou a ſalvamento.* 92.

LIVRO VII.

CAP. I. *Como ElRey D. Manoel mandou por Governador á India Dom Duarte de Menezes, o qual partio deſte Reyno o anno de quinhentos e vinte e hum.* Pag. 104.

CAP. II. *Das couſas que movêram a El-Rey*

Rey D. Manoel mandar que na Alfandega de Ormuz houvesse Officiaes Portuguezes: e o que sobre isso primeiro passou: e como ElRey de Ormuz se levantou por esse respeito. 113.

CAP. III. Do mais que os nossos passáram passada aquella noite: e como mandáram nova á India deste caso, e foram soccorridos per Tristão Vaz da Veiga, e depois per Manoel de Sousa Capitão mór do mar. 131.

CAP. IV. Do que passáram os nossos no cerco que tiveram; e vendo ElRey de Ormuz quão pouco damno lhes podia fazer, despejou a Cidade, e se foi pera a Ilha Queixome, e depois a mandou queimar: e como com a vinda de hum navio, e huma náo foram provídos do necessario. 146.

CAP. V. Como Manoel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga tornáram á Costa de Mascate, e das cousas que alli fizeram té vir D. Luiz de Menezes, e do que elle alli fez sobre a tomada da Villa Soar: e do mais que passou té chegar a Ormuz. 157.

CAP. VI. Como D. Luiz de Menezes chegou a Ormuz, e dahi foi ter á Ilha de Queixome, onde ElRey estava: e os meios que teve pera assentar paz com elle, com as condições nella conteúdas. 171.

CAP.

CAP. VII. *Como per huma das náos, que este anno partíram pera a India, Dom Duarte soube do falecimento d'ElRey Dom Manoel, e o que sobre isso fez, e as náos que despachou pera diversas partes: e como D. Pedro de Castro Capitão de huma de duas náos, que invernáram em Moçambique, destruio a Ilha Querimba, e como em Goa sobre amarra a sua náo Nazareth se foi ao fundo.* 180.

CAP. VIII. *Como D. Duarte de Menezes partio pera Ormuz: e como no caminho per hum descuido os Mouros de huma náo rendida tomáram huma galé de duas que a tinham tomada: e do que em Ormuz se passou ante delle chegar.* 189.

CAP. IX. *Como o Governador D. Duarte de Menezes chegou a Ormuz, e tornou assentar as cousas daquelle Reyno, com accrescentar sobre os vinte e cinco mil xarafijs, que ElRey pagava, outros trinta e cinco mil: e como per conselho de Raez Xarafo mandou hum Embaixador a Xá Ismael: e do que D. Luiz de Menezes fez na ida do mar Roxo, e das náos que partíram deste Reyno.* 199.

CAP. X. *Como as terras firmes de Goa, que Ruy de Mello tomou sendo Capitão de Goa, os Mouros as vieram conquistar em tempo de Francisco Pereira Pestana* Ca-

Capitão de Goa: e algumas pelejas que foram sobre ellas, e por derradeiro se leixáram ao Hidalcão, cujas eram dantes, por causa da paz que tinham com elle. 213.

CAP. XI. *Das cousas, que em diversos tempos os nossos pudéram saber por mandado d'ElRey, do Corpo do Bemaventurado S. Thomé, que prégou, e converteo a gente do Malabar, e terra de Choromandel, onde estava sua sepultura.* 222.

LIVRO VIII.

CAP. I. *Em que se descreve parte da Ilha Çamatra, e os Reynos que tinha por vizinhos nossa fortaleza Pacem, onde D. André Henriques estava por Capitão: e as differenças que entre os Reys barbaros delles houve, donde procedeo leixar D. André a fortaleza.* Pag. 239.

CAP. II. *Como D. André Henriques, por ajudar a ElRey de Pedir nosso amigo, que se recolheo á nossa fortaleza, em que elle estava, mandou com elle seu irmão D. Manoel Henriques, que morreo naquella ida per huma traição que os Mouros tinham ordenado, e o mesmo Rey escapou: e do que passou Domingos de Sei-*

xas

ſtas com huns alevantados Portuguezes, onde foi prezo, e cativo. 248.

CAP. III. *Como por algumas differenças que D. André teve com Lopo d'Azevedo, que o Governador mandava pera Capitão daquella fortaleza de Pacem a requerimento delle D. André, Lopo d'Azevedo ſe foi pera Malaca: e do mais que paſſou té D. André entregar a fortaleza a ſeu cunhado Aires Coelho, e ſe ir pera a India.* 259.

CAP. IV. *Como Baſtião de Souſa, e Martim Correa chegáram a Pacem, depois que partíram da India, e Baſtião de Souſa ter paſſado muito trabalho na Ilha de S. Lourenço: e como D. André tornou arribar a Pacem, e não podendo defender a fortaleza, a leixáram, e ſe foram pera Malaca.* 268.

CAP. V. *Como Martim Affonſo de Mello Coutinho foi á China pera fazer huma fortaleza, e aſſentar paz: e como a Armada dos Chijs pelejou com elle, com que lhe conveio tornar-ſe.* 281.

CAP. VI. *Como com o favor do damno que Jorge d'Alboquerque recebeo em Bintam, o Rey deſta Ilha mandou hum Capitão com grande frota ſobre Malaca: e mandando Jorge d'Alboquerque ſobre elle ao rio de Muar ſeu cunhado D. Sancho*

Hen-

Henriques, por ſaber que eſtava elle de fóra, por huma trovoada que veio, ſe vêio desbaratado pera Malaca com perda de muita gente, que lhe os Mouros matáram, e ſe afogou. 288.

CAP. VII. *Como eſtando D. Sancho Henriques no Reyno de Pacem a buſcar mantimentos, foi morto das lancharas de Bintam: e de outros deſaſtres, que os noſſos tiveram com eſta guerra, que elles faziam a Malaca.* 294.

CAP. VIII. *De algumas couſas, que os noſſos paſſáram na Ilha da Jaua, em que alguns perecêram per traições de Mouros: e do que Simão de Souſa, e Martim Correa fizeram na Ilha de Banda, onde achàram Martim Affonſo de Mello Juſarte em guerra com os naturaes: e como depois cada hum ſe partio a fazer ſuas viagens por razão de ſeu proveito.* 301.

CAP. IX. *Como Cachil Mamolle irmão baſtardo de Cachil Daroez, que andava degredado em vida d'ElRey ſeu pai, porque ſeu irmão o não conſentia na terra, determinou de o matar, e elle cahio no laço: e do odio que ElRey Almançor teve a Cachil Daroez polo favor que tinha noſſo.* 310.

CAP. X. *Como ateada a guerra entre os noſ-*

nossos, e ElRey Almançor de Tidore, ainda que no principio della acontecêram desastres com morte, e feridas de alguns dos nossos, por fim de alguns grandes damnos que ElRey recebeo, veio pedir paz a Antonio de Brito, que lhe elle não concedeo. 322.

LIVRO IX.

CAP. I. *Em que se escreve o modo que se tem na eleição da pessoa do Governador da India: e quando falece, como o succede a pessoa que lá está: e como o anno de quinhentos e vinte e quatro ElRey D. João mandou o Conde da Vidigueira por Viso-Rey á India: e do que passou no caminho té chegar a Goa.* Pag. 340.

CAP. II. *Do que o Viso-Rey fez em Goa, e no caminho dahi té Cochij, onde chegou: e as Armadas que ordenou pera diversas partes, estando doente da enfermidade de que faleceo.* 354.

CAP. III. *Como aberta a succesão do Conde Almirante, se achou que havia de governar a India D. Henrique de Menezes, que ficára por Capitão em Goa: e o que fez neste tempo té lhe ir recado*

da succeſsão; e partido de Goa pera Cochij, fez algumas couſas no caminho. 378.

CAP. IV. *Como D. Henrique ſe apercebeo em Cochij de huma Armada que fez de cincoenta vélas, e foi ſobre o lugar de Panane d'ElRey de Calecut, o qual deſtruio; e paſſando per Calecut, lhe deo hum caſtigo, e dahi foi ter ao lugar de Coulete.* 382.

CAP. V. *Como D. Henrique determinou de ſahir em Coulete, o qual com huma grande vitoria que houve dos Mouros, o queimou, e aſſi grande número de navios, que eſtavam no porto: e dahi ſe tornou a Cananor, e eſpedio D. Simão de Menezes com huma Armada pera aquella coſta de Malabar.* 393.

CAP. VI. *Do que paſſou Antonio de Miranda d'Azevedo com a Armada que foi ao eſtreito: e aſſi a D. Simão de Menezes na coſta de Malabar té ſe recolher a invernar.* 402.

CAP. VII. *Como o Çamorij de Calecut deſejando de tomar a noſſa fortaleza de Calecut, por artificio mandou commetter pazes ao Governador D. Henrique; e por lhe não ſerem concedidas com as condições que elle queria, veio cercar a noſſa fortaleza.* 410.

CAP. VIII. *Como ElRey de Calecut começou*

çou combater a fortaleza, e o soccorro que o Governador D. Henrique lhe mandou: e dos trabalhos que os nossos padeciam neste cerco. 417.

CAP. IX. *Como o Governador D. Henrique provęo por algumas vezes a fortaleza de Calecut com gente, e mantimentos, e outras munições, e as cousas que nella passáram té elle vir em seu soccorro: e as differenças que teve no seu conselho sobre sahir elle com a gente em terra, e por fim destas differenças se assentou que sahisse.* 426.

CAP. X. *Como o D. Henrique logo aquella noite depois de ter este conselho, ordenou de metter gente dentro na fortaleza, e depois sahio em terra: e passados certos dias de tregua, que lhe o Çamorij pedio pera entenderem na paz, porque não se concertáram nas capitulações della, Dom Henrique derribou a fortaleza, e se partio: e o que o Çamorij por isso fez.* 441.

LIVRO X.

CAP. I. *Como D. Henrique de Menezes, depois que acabou as cousas de Calecut, ordenou outras com fundamento de ir tomar a Cidade Dio, entre as quaes foi mandar huma Armada, Capi-*

tão

tão Heitor da Silveira, o qual, por lhe não ir o recado que elle esperava, foi buscar, por lhe ser mandado, D. Rodrigo de Lima ao Reyno do Preste João. Pag. 453.

CAP. II. *Em que se conta a ida de Pero Mascarenhas a Malaca, e algumas cousas que lá eram acontecidas no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, que o despachou, sendo Capitão Jorge d'Alboquerque, a quem elle Pero Mascarenhas succedeo.* 463.

CAP. III. *Como hum arrenegado de appellido Avelar, que andava lançado com ElRey de Bintam, lhe moveo hum modo de guerrear Malaca: e como não aproveitáram suas industrias cousa alguma.* 474.

CAP. IV. *Como D. Garcia Henriques partio de Malaca pera servir de Capitão de Maluco em lugar de Antonio de Brito: e como na Ilha de Banda achou Martim Affonso de Mello Jusarte, e o que aconteceo a ambos com a gente da terra.* 482.

CAP. V. *Como D. Garcia Henriques chegou a Maluco, e as differenças que teve com Antonio de Brito té lhe entregar a fortaleza: e como ambos mandáram descubrir ouro á Ilha de Celebes: e como descubríram outra Ilha nova de gente mui estranha.* 486.

CAP.

CAP. VI. *Como Pero Mascarenhas vistos os trabalhos da guerra, que fazia El-Rey de Bintam a Malaca, determinou de ir sobre elle: e o que pera isso ordenou, sem daquella vez haver effeito.* 495.

CAP. VII. *Do que Jorge d'Alboquerque Capitão que foi de Malaca passou depois que della partio: e o Governador Dom Henrique sobre isso fez.* 500.

CAP. VIII. *Do que D. Henrique de Menezes fez o inverno que esteve em Cochij, onde Cide Alle mensageiro de Melique Aliaz o veio visitar: e o requerimento que lhe Lopo Vaz de Sampaio Capitão de Cochij fez, vendo os apparatos da guerra, com que elle queria partir de Cochij.* 506.

CAP. IX. *Como o Governador D. Henrique partio com huma Armada de dezesete vélas caminho de Cananor.* 510.

CAP. X. *Como o Governador D. Henrique crescendo o mal de sua enfermidade, entrou na fortaleza de Cananor, onde primeiro que chegasse a hora da morte, provêo algumas cousas: e o que se fez depois que faleceo.* 519.

DE-

DECADA TERCEIRA.
LIVRO VI.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém as cousas que se nelle fizeram té o fim do tempo que Diogo Lopes de Sequeira governou áquellas partes.

CAPITULO I.

Como Simão d'Andrade foi á China: e do que lá succedeo a Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade seu irmão leixou em Cantam pera ir a ElRey da China: e como se lá apregoou guerra contra nós, e as causas porque.

DEpois que Fernão Peres d'Andrade partio da Cidade Cantam da Provincia da China, ficáram as cousas daquellas partes tão assentadas per elle, que segura, e pacificamente corria o commercio

entre nós, e aquella gente, em o qual negocio os homens faziam muito proveito. E estando as cousas em tal estado, porque seu irmão Simão d'Andrade foi provído per ElRey D. Manuel que fizesse huma viagem pera aquellas partes da China, partio elle pera lá em Abril de quinhentos e dezoito em tempo de Lopo Soares; em companhia do qual de Malaca foram tres juncos, cujos Capitães eram Jorge Botelho, Alvaro Fuzeiro, Jorge Alvares, e Francisco Rodrigues. Chegado com estas quatro vélas á China em Agosto daquelle anno, tomou o pouso no porto da Ilha Tamou, onde seu irmão estivera; porque como já escrevemos, per ordenança da Cidade Cantam não podiam ir mais adiante, e alli faziam seu commercio. No qual tempo achάram ainda que não era partido Thomé Pires o Embaixador, que Fernão Peres leixou pera ir a ElRey da China, por lhe não ser vindo recado d'ElRey que fosse; porque, (como atrás escrevemos,) he tanta a magestade deste Principe, e os negocios desta qualidade são tão vagarosos, principalmente quando gente estrangeira ha de ir a elle, por tudo ser resguardos, e cautelas, que ha mister muita paciencia quem houver de esperar seus vagares. E com tudo sendo já idos tres recados de Cantam a ElRey, e elle ter manda-

dado outros tantos aos Governadores da Cidade, perguntando mui miudamente por noſſas couſas, mandou que foſſe o Embaixador. O qual partio em Janeiro de quinhentos e vinte, que foi depois da chegada de Simão d'Andrade, levando tres navios de remo á maneira de fuſtas concertados ao noſſo modo de bandeiras, e toldo de ſeda. Não porque neſte concerto lhe façamos vantage, ante elles a fazem a nós; ſómente por honra deſte Reyno levava as bandeiras com as armas, e diviſa delle, arvoradas per meio daquellas regiões tão remotas, a que podemos chamar fim do Mundo, pois elles tem o Oriente de terra habitavel, e nós o Occidente; e mais ſendo o Principe dellas de tanta mageſtade, que não póde alguem arvorar bandeira ſenão das ſuas armas, que he hum Leão rompente. Partido Thomé Pires com aquella pompa ſempre per agua, chegou ao pé de huma ſerrania, onde naſce o rio per que elle foi, a qual ſerrania, chamada Malenxam, começa em a enſeada da Cauchichina, e vai atraveſſando grande eſpaço de terra contra o Oriente, té acabar na Provincia Foquiem, que he a maritima, e das mais Orientaes daquelle grande eſtado da China. Leixando eſta ſerrania pera a parte do Sul, que he a maritima, eſtas Provincias, Canſij, Cantam,

Foquiem, ao modo que os montes Pyreneos apartam a Hespanha de França. E em toda esta serrania não ha mais que dous portos, per que estas Provincias debaixo se communicam com as de cima, hum destes passos he onde Thomé Pires foi aportar, que da parte do Sul á entrada da serra tem huma Cidade, e passada ella de Norte tem outra, onde se pagam os direitos do que entra, e sahe de cada parte. Do qual porto escreveo Thomé Pires a Simão d'Andrade, como chegára alli a salvamento; e que houvesse a Cidade Cantam em pequena cousa em respeito de outras que tinha visto. Partido elle Thomé Pires deste passo, chegou á Provincia de Nanquij, a principal Cidade della, chamada do mesmo nome, onde ElRey estava, e poz em vir de Cantam aqui, caminhando quasi sempre pera o Norte, quatro mezes, em que se póde notar quão grande cousa he o Imperio daquelle Principe Gentio. O qual mandou dizer a Thomé Pires que o fosse esperar a Pequij, que lá o despacharia, que he huma Cidade de outra Provincia tambem assi chamada, que está muito mais contra o Norte, na qual ElRey estava o mais do tempo, por ser na fronteira dos Tartaros, a que elles chamam Tátas, ou Tancas, (como já dissemos,) com quem continuadamente tem guer-

ra.

Chegado Thomé Pires a esta Cidade, já em Janeiro do anno seguinte de quinhentos e vinte e hum veio ElRey; e primeiro que entrasse na Cidade, deteve-se em hum lugar duas leguas della a julgar hum feito de hum parente seu, o qual tinha amotinado huma Provincia, levantando-se contra elle, e foi condemnado que morresse per esta maneira: primeiro foi enforcado com pregão de ladrão, dizendo levantar-se com outros ladrões a roubar a terra, e depois queimado com pregão de trédor, porque este crime se pune com fogo, por não ficar memoria na terra dos ossos do culpado neste caso. Acabado este feito, que ElRey não quiz que se fizesse na Cidade Pequij, por ser cabeça principal das quinze Provincias que tem, por a não macular com castigo de tal crime entre elles o mais estranhado, entrou nella, e quiz logo entender no despacho de Thomé Pires, por serem idas cartas dos Governadores de Cantam, e assi do Governador da Cidade Manquij, onde ElRey estivera. As quaes cartas eram de males de nós-outros, dizendo que todo nosso officio era ir espiar as terras com titulo de mercadores, e que depois vinhamos ás armas, e tomavamos qualquer terra onde mettiamos hum pé, e que este modo tiveramos na India, e assi em *Malaca*, por

por tanto que não convinha darem-nos entrada em parte alguma daquelle Reyno. A causa de os Governadores de Cantam escreverem estas cartas, foi de algumas cousas que Simão d'Andrade fez em quanto esteve na Ilha Tamou, fazendo seu commercio, como veremos; e tambem de hum Embaixador chamado Tuam Mahamed, que ElRey de Bintam, que fora de Malaca, mandára diante de Thomé Pires, queixando-se a ElRey da China como lhe tinhamos tomado o seu Reyno, pedindo-lhe que o mandasse soccorrer, pois era seu vassallo, e tinha recebido o seu sello em sinal de obediencia. O qual Embaixador, quando Thomé Pires chegou á Cidade Manquij, andava esperando que o ouvisse ElRey; e quando se ElRey partio pera Pequij, mandou-lhe dizer que fosse trás elle que lá o ouviria. Ficando este Tuam Mahamed alguns dias em Manquij, teve intelligencia com o Governador da Cidade, e com peitas alcançou delle que escrevesse a ElRey todalas más informações que elle Tuam Mahamed lhe deo de nós, pera que quando chegasse a Pequij fosse elle lá melhor ouvido, do que té então fora, e assi foi. Das quaes cartas succedeo, em ElRey entrando na Cidade, querer logo saber ao que Thomé Pires hia, e mandou-lhe que entregasse as car-

tas

tas que levava pera elle, e que depois lhe responderia ao mais que dissesse; e estas que elle entregou, foram ainda mais damnosas que as outras. Porque elle levava tres cartas, huma d'ElRey D. Manuel, o qual escrevia ao modo que elle usava escrever aos Reys Gentios daquellas partes, guardando preeminencia áquelle Principe, por a grandeza de seu Imperio, e policia delle. Outra carta era de Fernão Peres d'Andrade, e esta escreveo elle tambem conforme a instrucção que levava d'ElRey Dom Manuel sobre a ida daquelle Embaixador, a qual elle mandou trasladar em lingua dos Chijs pera logo se achar quem a lesse. Cuja substancia os trasladadores mudáram quasi toda, por imitarem o modo que se tem de fallar ao seu Principe, sem Fernão Peres o saber. Dizendo nella, que elle Capitão mór do Rey dos Frangues, (nome per que nos nomeam aquelles Orientaes,) chegára áquella Cidade Cantam com hum Embaixador, o qual hia a elle filho de Deos, e Senhor do Mundo, pedindo o seu sello pera o Rey dos Frangues, porque queria ser seu vassallo, e levar mercadorias boas, e ricas pera o seu Reyno. Este sello, que aquelle Emperador dá a todolos Reys, e Principes, que se fazem seus vassallos, he da sua divisa, e com elle se assignam elles em todalas cartas,

tas, e escrituras, por demostração de serem seus subditos. A terceira carta, que mais levava Thomé Pires, era dos Governadores de Cantam; e como no tempo que a deram estavam muitos contentes de nós, porque foi ante que tomassem escandalo do que se fez em quanto Simão d'Andrade esteve na Ilha, hia quasi conforme á de Fernão Peres que os linguas trasladáram. E dizia mais esta carta, que pediamos casa na Cidade de Cantam pera ter alli Feitoria, e mais que eramos gente má de contentar, e muito fumosa em cousas de honra, e que se dizia termos tomado Malaca ao Rey della. Vistas estas cartas no Conselho d'ElRey quão differentes eram, foram chamados os linguas, e perguntados cada hum per si, como dizia a carta que elles trasladáram cousa tão differente do que dizia a do Rey dos Frangues. Respondêram, que elles não víram a carta do Rey dos Frangues, porque o seu Embaixador que alli vinha lhe dissera que hia cerrada, e não se podia abrir, porque se havia assi de dar na mão do filho de Deos, e Senhor do Mundo. Que a outra que elles trasladáram, posto que ella dizia outras palavras, fora a sua trasladação com aquellas com que se falla á pessoa do filho de Deos, e não como os Frangues fallavam; e quanto á dos Regedores de Can-

tam,

tam, não ſabiam como a elles eſcrevêram. Finalmente, com a differença deſtas cartas, e más informações das ſegundas, que foram (como diſſemos) primeiro lidas, foi aſſentado entre aquelles do Conſelho d'ElRey; que aquella embaixada era falſa, e que Thomé Pires hia a eſpiar a terra. E o pedir da caſa em Cantam era pera dahi começarmos a fazer guerra, como coſtumavamos nas outras partes na India, e que bem ſe moſtrava ſer aſſi; porque quando alli veio o primeiro Capitão, que leixára aquelle Embaixador, no tempo que eſtivera na Ilha Tamou fazendo mercadoria, elle mandára hum ſeu navio deſcubrir a terra, e coſta do Chincheo. Levado ante ElRey eſte parecer, e voto de ſeus Officiaes, a que pertencia o deſpacho daquellas couſas, a primeira que mandou, ante que ſe determinaſſe no que devia fazer a Thomé Pires, foi mandar que elle não foſſe mais ao Paço a lhe fazer obediencia. E pera ſe ſaber o modo que eſte Principe tem de receber os Embaixadores que vem a elle, diremos o que fez ao noſſo, e aſſi a outros que depois delle vieram. A hum dos Tartaros, com que tinha guerra, e aſſi a outros Reys vizinhos, que havia miſter pera ſeus negocios, foram recebidos com honra, indo por elles ao caminho no dia da entrada onde ElRey eſtava alguns

dos

dos principaes ſenhores ao modo que ſe cá uſa entre nós. E a outros Embaixadores de Reys, e Principes, que lhe tinham dado ſua obediencia, ou eram de partes remotas, e de que ElRey tinha pouca noticia, não lhe fizeram recebimento algum. Porém depois que entráram na Cidade, onde ElRey eſtava, e per as cartas que levavam, e informação de peſſoas que mandou ſaber delles a que vinham, ante que foſſem a elle, ſoube ſerem ſeus requerimentos couſa de ſeu contentamento, então foram levados ao Paço com algum modo de honra. E a que os noſſos víram fazer a alguns deſtes, foi eſta, (á qual o noſſo Embaixador não chegou polo que logo veremos.) Depois que foram apouſentados, não podiam ir ao Paço ſenão quando lhes era concedido; e iſto tanto por ſer coſtume daquelles Principes não ir a elle peſſoa eſtrangeira ſenão per ſua licença, por mageſtade ſua, como por razão de querer que ſeja em hora eleita per Aſtrologia, pera que os negocios ſejam em ſeu contentamento, e proveito, e as mais das vezes são aos quinze dias da Lua. E quando eſte Embaixador hia, era a pé, ou em cima de hum rocim com cabreſto de palha por humildade; e tanto que chegava em hum grande terreiro ante as caſas d'ElRey, alli eſtava quedo té que vinha a elle hum homem

ao modo que se costuma em Roma ante o Papa o Mestre das ceremonias. O qual Mestre em certo lugar levando o Embaixador pela mão, o fazia poer os giolhos em terra, e as mãos levantadas juntas, como quando louvamos a Deos, e depois debruçava a face no chão, inclinando a vista contra huma parede das casas dos Paços, onde lhe dizia este Mestre que estava ElRey. Levantado o Embaixador, a tantos passos tornava mais adiante outra vez á mesma reverencia, e não se chegando mais, contra a parede fazia esta adoração cinco vezes, e dalli per o mesmo modo vindo recuando tornava fazer outras cinco, té se tornar aonde começou a primeira, e alli era espedido que se fosse pera sua casa, e isto chamavam elles ir ver ElRey. E quando era no tempo que lhe davam licença que podia fallar em o negocio a que era enviado, então na derradeira adoração estava assi em giolhos, té que vinha hum homem á maneira de Secretario, que recebia per escrito tudo o que dizia, e espedia-o que se fosse, dizendo, que se daria razão daquelle seu requerimento ao Senhor do Mundo. Esta ida ao Paço d'ElRey, que Thomé Pires nosso Embaixador houvera de fazer, lhe não foi concedida por razão das cartas, que dissemos que deram má opinião de nós, e

que

que elle Thomé Pires era enviado mais a espiar a terra, que a outro fim. Succedeo que nestes dias em que Thomé Pires estava esperando o que fariam delle, segundo lhe as linguas diziam, adoeceo ElRey, e foi de tal enfermidade, que dahi a tres mezes morreo, de maneira, que se entreteve o seu despacho outro tanto tempo. Finalmente, dando-se conta ao Rey novo daquelle caso, posto que a voz dos seus Officiaes, per que passavam aquellas cousas, era que Thomé Pires, e quantos com elle foram, morressem como espias, disse, que ou fosse verdadeira, ou falsa sua embaixada, bastava pera lhes não ser feito mal em suas pessoas, entrarem naquelle Reyno com titulo de Embaixada. Que visto o que se delles dizia nas segundas cartas, e assi o que contra elles requeria o Embaixador d'ElRey de Malaca, que alli andava, pois era seu vassallo, a que devia favorecer, elle havia por bem que o nosso Embaixador se tornasse a Cantam com o presente que levava, e os Governadores o tivessem em custodia, em quanto fossem cartas ao Capitão nosso, que estava em Malaca; e ao que estava na India, e assi ao seu Rey que despejassem Malaca ao Rey, que lançáram fóra della, por ser seu vassallo. E que em quanto não viesse este recado, cousa nossa não

não fosse recebida, nem recolhida em porto algum de seu Reyno, pois eramos gente tão prejudicial. E vindo recado como Malaca era entregue ao Rey della, que então o nosso Embaixador fosse solto com sua gente, e espedido sem escandalo, mandou-lhe que não fossemos mais áquellas partes, sendo certo que se lá fosse navio algum nosso, que seriamos tratados como imigos, porquanto elle não havia por bem que gente tão revoltosa, e cubiçosa tratasse em seu Reyno. E quando viesse recado que não queriamos desistir de Malaca, em tal caso o nosso Embaixador fosse julgado per justiça segundo as Leis do seu Reyno; pois tendo offendido a ElRey de Malaca seu vassallo, não lhe queriam fazer restituição do que lhe tinham tomado. E quanto ás outras cousas que mais se diziam de nós, bastava sermos gente estrangeira, que não sabiamos os costumes da terra, que as gentes desta qualidade, em quanto faziam as cousas per ignorancia, não deviam ser punidas, senão avisadas do que deviam fazer. Dado este despacho, Thomé Pires foi trazido per guia té Cantam, no qual caminho poz quatro mezes e meio de tempo. E pera que se veja se o despacho que este novo Rey deo foi justo, ou não, segundo o que se dizia de nós, neste seguinte Capitulo escrevemos

par-

parte das cousas, de que elle teve informação termos nós feito no porto de Tamou, as quaes eram verdade. E segundo aquelle Principe cuida de si que he Senhor do Mundo, e que todos lhe hão de obedecer, e he cioso de gente estrangeira entrar no seu Reyno, estas verdades bastavam pera o que fez com Thomé Pires. Quanto mais ter cartas dos Governadores de Cantam, que diziam roubarmos os navios de estrangeiros, que chegavam ao porto de Tamou, e que lhe não queria leixar fazer suas mercadorias, nem pagar direitos das suas; e que hum Foão homem principal Official seu do arrecadar os taes direitos, indo fallar ao Capitão nosso sobre aquelle caso, elle o mandára tratar mui mal. Finalmente, diziam que compravamos moços, e moças furtadas, filhos de pessoas honradas, e que os comiamos assados, as quaes cousas elles criam serem assi, porque de gente que nunca tiveram noticia, e eramos terror, e medo a todo aquelle Oriente, não era muito crer-se que faziamos estas cousas, porque outro tanto cremos nós delles, e de outras nações tão remotas, e de que temos pouca noticia.

CA-

CAPITULO II.

Do que Simão d'Andrade fez em quanto esteve no porto de Tamou da China, por onde houve causa do alevantamento daquellas partes contra nós: e dos males que os nossos passavam neste tempo, e depois que Duarte Coelho pelejou com os Capitães dos Chijs.

SImão d'Andrade tanto que chegou á Ilha de Tamou, a primeira cousa em que entendeo, como quem esperava fazer seu commercio de vagar, foi fazer em terra huma força de pedra, e madeira, com sua artilheria posta nos lugares per onde o podiam offender, por ter sabido que ordinariamente sempre acudiam alli muitos cossairos a roubar os navegantes, e ás vezes vinham tantos, e tão poderosos, que as Armadas que ElRey da China mandava andar naquella paragem, muitas vezes se acolhiam a boas abrigadas sem ousar de os commetter. Fez mais, que defronte em hum ilheo mandou fazer huma força, dizendo ser pera qualquer dos nossos que fizessem algum insulto, porque vissem os Chijs que castigo se dava aos que faziam algum mal, ou damno, na qual força elle mandou enforcar hum homem do mar por hum delicto que fez,

fez, com pregão, e tanta ceremonia, como se fora dentro neste Reyno. Porque Simão d'Andrade como era cavalleiro de sua pessoa, mui pomposo, glorioso, e gastador, todas suas obras eram com grande magestade, e tanta, que elle foi o primeiro homem que mandou ensinar Indios a tanger charamelas, e servir-se com ellas. O qual modo de justiça os de Cantam houveram por grande soltura nossa, e desacatamento á pessoa do seu Rey, e assi ter feita casa forte com artilheria, como quem queria tomar posse na terra, sem pera isso ter licença d'ElRey. Aconteceo tambem que em quanto elle alli esteve, vieram algumas náos dos Reynos de Sião, de Camboja, Patane, e de outras partes, que costumavam vir fazer alli suas mercadorias, aos quaes Simão d'Andrade não consentia venderem primeiro que elle, pela pramatica da terra, que era o primeiro junco que chegasse áquelle porto ficava Capitão dos outros que depois viessem, e elle faria primeiro sua carga que os outros, e per este modo os segundos com os terceiros, o qual caso pelo modo com que se fez, foi causa de grande escandalo. E o que mais indignou aos moradores de Cantam, foi, que despachado elle, e vindo pera a India, onde chegou a Cochij a tempo que Diogo Lopes de Sequeira estava sobre

a Ci-

Cidade Dio, achàram-se menos de Cantam muitos moços, e moças filhos de gente honrada, os quaes Simão d'Andrade, e os de sua Armada compravam, não lhe parecendo que offendiam nisso á Cidade. Porque sabiam que geralmente em todas aquellas partes Orientaes costumavam os pais, e mãis venderem os filhos, e os dam em pagamento, ou penhor, parecendo-lhes que aquelles que lhes vieram vender, eram desta qualidade, e não furtados per ladrões, como eram os que houve. E posto que por lei da terra isto assi seja, quando alguma pessoa quer vender filho, ha de vir ao Juiz denunciar sua necessidade; e se he tal que a não póde supprir outro modo, então usam desta ceremonia. O Escrivão de ante o Juiz faz huma carta de venda em nome do pai, e da mãi que vendem o filho, onde cada hum delles, se o outro he falecido, assigna, que se são vivos, ambos hão de concorrer neste consentimento da venda. E por final da escritura, o Escrivão faz o seu Ordinario, e o pai do moço borra a palma da mão direita com tinta grossa á maneira da que usam os impressores ácerca de nós, a qual põe sobre a carta, imprimindo toda a figura da mão, e outro tanto faz com a planta do pé direito, e a mãi usa de outra tal ceremonia; no fim da qual, ambos tan-

to hum como outro recebem ſeu dinheiro entregando o filho. E o acrédor per ſemelhante modo levando ſeu devedor a juizo, elle aſſigna a eſcritura como ſe dá por cativo por tanto que deve; ou ſe he peſſoa que ſe vende a ſi meſmo, declarando a quantia com pauto de tornar á ſua liberdade, dando a ſomma que deve, ou recebe. Uſam deſte modo de ſinal neſte caſo de ſe vender, por ſer natural da peſſoa, e mais certo, e verdadeiro que os artificiaes, que ſe podem falſificar, porque não poſſam as partes vendidas, ou que ſe vendem, allegar falſidade. Sobre eſtas couſas que eram paſſadas entre os noſſos, as quaes fizeram grande eſcandalo na terra, ſuccedeo a morte d'ElRey, como diſſemos. E tambem ſuccedeo chegar no porto de Tamou huma náo, que partio deſte Reyno, a qual era de D. Nuno Manuel Almotacer mór, a quem ElRey Dom Manuel deo licença que pudeſſe armar pera aquellas partes, de que era Capitão Diogo Calvo. Em companhia do qual de Malaca foram outros navios, os quaes por irem já tarde, não ſe puderam deſpachar pera ſe partir em companhia de Simão d'Andrade, nem menos o junco de Jorge Alvares, por haver miſter corregimento. E como per ordenança da China, tanto que morre o Rey, nenhum eſtrangeiro póde eſtar na terra, nem

me-

menos em algum porto ſob pena de morte: vinda a nova, foi Diogo Calvo, e os outros requeridos que ſe partiſſem dalli, o que elles não quizeram fazer, ante ſe puzeram em defensão. E a cauſa deſta pramatica foi, porque tinha acontecido muitas vezes ſaquearem os naturaes da terra ſuas proprias Cidades com favor das náos, e navios que eſtavam no porto, e depois diziam que os eſtrangeiros o faziam: dos quaes inſultos por os naturaes não terem que allegar, procedeo fazer hum Rey eſta ordenança. Diogo Calvo, Jorge Alvares, e os outros que com elles eſtavam, não o quizeram fazer por não terem feito ſua mercadoria, de que ſuccedeo prenderem Vaſco Calvo irmão de Diogo Calvo, e alguns homens com elle, que andavam em Cantam. E foram tambem tomados dous navios que alli vieram ter, hum de Patane, e outro de Sião, em que hiam alguns noſſos, que andavam nelles ganhando ſua vida, e vieram cahir em laços de morte, porque hoje hum, e á manhã outro, tomáram todos tres. E as principaes peſſoas delles eram Bartholomeu Soares, Lopo de Goes, Vaſco Alvares, e hum Clerigo per ſobrenome Mergulhão, que morreo em hum delles pelejando, e os outros foram levados prezos. E como os Governadores,

e Officiaes de Cantám começáram gostar deste roubo, favorecidos do tempo, e desobediencia nossa, e principalmente por terem nova quão mal fora recebido Thomé Pires na Corte d'ElRey; mettêram todo seu poder pera tomar esta náo, e sete, ou oito juncos, que alli estavam nossos. Pera o qual feito fizeram huma Armada de muitas vélas, que os tinha quasi cercados, depois de os terem commettidos algumas vezes no porto onde estavam, sem ousarem abalroar com elles. Estando os nossos no qual trabalho, e perigo, em vinte e sete de Junho de quinhentos e vinte e hum chegou Duarte Coelho em hum junco seu bem apercebido, e com elle outro dos moradores de Malaca. O qual tanto que soube dos nossos o estado da terra, e como o Itáo, que era Capitão mór do mar, os commettêra já per vezes, quizera-se logo tornar a sahir; mas vendo que os nossos não estavam apercebidos pera isso, polos ajudar a salvar ficou com elles. E principalmente por amor de Jorge Alvares, que era grande seu amigo, o qual estava tão enfermo, que da chegada delle Duarte Coelho a onze dias faleceo, e foi enterrado ao pé de hum padrão de pedra com as Armas deste Reyno, que elle mesmo Jorge Alvares alli puzera hum anno ante que Rafael Perestrello fosse

áquel-

áquellas partes; no qual anno que alli eſteve, elle tinha enterrado hum ſeu filho, que lhe faleceo. E peró que aquella região de Idolatria coma o ſeu corpo, pois por honra de ſua patria em os fijs da terra poz aquelle padrão de ſeus deſcubrimentos, não comerá a memoria de ſua ſepultura, em quanto eſta noſſa eſcritura durar. O Itáo Capitão mór do mar, tanto que ſoube que eram entrados eſtes dous navios, por vir já com dobrada força de té cincoenta vélas, ſendo as noſſas cinco, tres que eſtavam d'antes, e duas que trouxera Duarte Coelho, da ſua chegada a dous dias veio ſobre elles. Duarte Coelho vendo o grande perigo em que eſtavam, mandou-lhes hum recado, pedindo-lhes que houveſſe por bem não haver mais rompimento de guerra, e o paſſado ſe remediaſſe com paz, e foſſem amigos, e outras palavras que aproveitáram tão pouco, que veio logo ſobre os noſſos. Mas aprouve a Deos que ſe houveram com elle de maneira, que ſe apartou bem eſcalavrado da noſſa artilheria, com morte de muita gente, que foi cauſa que o commettia poucas vezes, ſómente eſtava ſobre elles em modo de cerco, por ſer lugar tão eſtreito, que mais ſe ajudavam as noſſas cinco vélas delles, que o grande número das ſuas dellas, principalmente por a melhor

ar-

artilheria que tinham. E havendo quarenta dias que eſtavam neſte trabalho, ſobreveio Ambroſio do Rego com hum navio, e com elle outro junco dos moradores de Malaca. E a cauſa de elle Ambroſio do Rego não ſer viſto da Armada do Itáo foi, porque ao tempo da ſua entrada no porto eſtava o Itáo em huma bahia, tres leguas donde os noſſos eſtavam, enterrando huns poucos de mortos que lhes elles matáram havia tres dias em huma peleja que tivera com elle. Duarte Coelho, Diogo Calvo, e Ambroſio do Rego vendo-ſe cercados, e que lhes convinha per qualquer modo ſahirem-ſe dalli, e que Jorge Alvares era falecido, e que no ſeu junco havia pouca gente, por ter já perdida alguma, e outra lhes ſer preza logo no principio daquelle rompimento quando tomáram os juncos, e que nos outros que alli eſtavam nenhum paſſava de oito homens Portuguezes, e toda a mais gente eram eſcravos, que mareavam os navios: ordenáram de recolher tudo em os ſeus tres navíos, e commetter a ſahida, como fizeram de noite. Peró como o Itáo tinha vigia ſobre elles, ao outro dia pela manhã os foi commetter, e houve neſte commettimento huma ſemelhança do inferno entre fogo, e fumo; porque abalroarem não convinha aos noſſos, por não haverem miſter mais que ca-

caminho deſpejado pera ſua viagem, nem elles ouſavam de o fazer, por quão queimados já andavam deſte commettimento. Duarte Coelho, ſobre quem então pendia a ordem daquelle negocio, além de ſer cavalleiro de ſua peſſoa, era homem mui catholico, e devoto de N. Senhora; e por eſte commettimento dos imigos ſer a oito de Setembro do anno de quinhentos e vinte e hum, que era a feſta do Naſcimento de N. Senhora, encommendou a todos que tomaſſem o ſeu appellido, porque com o ſeu nome elle eſperava que os ſalvaria. E como ella coſtumava acudir áquelles, que a chamam em taes neceſſidades, acudio com huma trovoada, que pera nós foi a popa, e aos imigos cauſa de ſe derramarem, e perderem alguns, com que Duarte Coelho, e ſeus companheiros vieram ter a Malaca no fim de Outubro do anno de vinte e hum; onde elle em louvor de N. Senhora fundou huma Caſa no outeiro, que eſtá ſobre a fortaleza, que ſe ora chama *N. Senhora*, por memoria deſte milagre que fez por elles. E porque o Itáo, além das perdas que d'antes tinha recebido dos noſſos, naquelle dia não ſómente recebeo outra da gente morta, e navios perdidos da tormenta, mas ainda ſe houve por injuriado de lhe aſſi eſcaparem; foram todas eſtas couſas cauſa de in-

indignarem mais a elle, e aos Governadores de Cantam de maneira, que chegando Thomé Pires nesta conjunção com o despacho que dissemos, foi logo prezo, e toda a sua gente. E não sómente elle, mas quatro, ou cinco juncos, que depois da partida de Duarte Coelho vieram ter ao porto de Tamou, foram roubados, e a gente morta, e outra preza, huns delles eram de Patane, e os outros de Sião, por irem nelles alguns Portuguezes. E segundo duas cartas que os nossos dahi a dous, ou tres annos houveram destes dous homens, Vasco Calvo irmão de Diogo Calvo, e Christovão Vieira, que estavam prezos em Cantam, era cousa piedosa ouvir os martyrios que passáram, e os roubos, que os Governadores fizeram em navios de estrangeiros, tudo com achaque que levavam Portuguezes. Té que de cá foi Martim Affonso de Mello, que com sua chegada lá, (como adiante veremos,) acabáram de matar alguns dos nossos que ficavam, e Thomé Pires morreo em huma cadea, e o presente que levou foi roubado. E a elle, segundo diziam as cartas dos prezos, foi tomada esta fazenda: vinte quintaes de ruibarbo, mil e seiscentas peças de damasco, cetim, e outro genero de seda tecida de que elles usam, e mais de quatro mil lenções de seda, a que elles cha-

chamam Xópas, e de ouro oitenta taes, cada hum dos quaes reduzidos aos taes de Malaca, val huma onça tres oitavas e meia das nossas. E mais tres arrobas de almiscre em pó, e tres mil e tantos papos delle, e quatro mil e quinhentos taes de prata por lavrar, e muitas peças ricas daquellas partes de grande estima, com outra muita fazenda da que levava da India, a qual té então tinha por empregar.

CAPITULO III.

Como Diogo Lopes de Sequeira, estando em Ormuz a requerimento d'ElRey, mandou Antonio Correa á Ilha Baharem sobre ElRey Mocrim, que estava alevantado contra Ormuz.

EM a segunda Decada, fallando na linhagem dos Reys de Ormuz, e succedimento de huns a outros, escrevemos como pola ajuda que Atjoát Rey de Lasah deo a Sargol pera elle reinar em Ormuz, houve contrato entre elles, per o qual Sargol deo a Atjoát a Ilha Baharem, e Catife na terra da Arabia, que eram suas. Sargol, depois que se vio pacifico Rey deste Reyno Ormuz, como aquellas duas peças que deo a Atjoát eram as melhores em rendimento de quantas tinha, arrependeo-se. E

não

não lhe falecendo razões pera as tomar a Atjoát, que já estava em posse dellas, mandou a Raez Nordim seu Governador do Reyno sobre ellas; e porque daquella vez lhe foram defendidas, feita outra maior Armada, ElRey Sargol em pessoa foi nella, e as tomou. Finalmente ficou daqui ateada huma guerra entre elles sobre esta propriedade, que ora a possuia hum, ora outro de maneira, que já de cansados daquella demanda, houve entre elles concerto: Que ElRey de Lasah ficasse com a propriedade, e fosse obrigado pagar de pareas a ElRey de Ormuz hum tanto. A continuação do qual pagamento durou per muitos annos, té que tomado per nós o Reyno de Ormuz, ElRey de Lasah se levantou com as pareas, com que obrigou a ElRey Ceifadim, que então reinava, ir sobre elle. E esta ida era em tempo que Diogo Fernandes de Béja per mandado de Affonso d'Alboquerque foi buscar as pareas a Ormuz, (como atrás escrevemos,) e por esta causa o não achou em Ormuz, e Raez Nordim Governador do Reyno lhas entregou, reinando em Lasah hum Rey per nome Mocrim, filho de Zamel, e neto de Atjoát, donde vinha esta aução de Baharem pelo contrato que fizera com Sargol, (como dissemos.) O qual Mocrim, além de

não

não querer pagar as pareas a ElRey de Ormuz, não consentia que Raez Xaráfo Guazil d'ElRey, e Governador do Reyno Ormuz arrecadasse as rendas que tinha na Ilha Baharem de seu patrimonio, que lhe importavam mais de cinco mil xarafijs. E estando Mocrim nesta contumacia, e Dom Garcia Coutinho Capitão da fortaleza que tinhamos em Ormuz, pedindo elle as pareas a ElRey Torunxá, que então reinava, dava-lhe por escusa a rebelião deste Mocrim, e as Armadas que contra elle fizera té ir lá em sua pessoa, como elle sabia, em que tinha feito grandes despezas. E pois ElRey de Portugal era Senhor daquelle Reyno, e elle era obrigado ao amparar, e defender, e não consentir serem seus tributos, e rendimentos roubados, e retidos per alguem, lhe pedia que mandasse dar gente, e navios pera em companhia de huma sua Armada irem tomar Baharem, e Catife. Porque além de Mocrim negar as pareas que lhe devia, novamente começava intentar huma cousa, que se fosse avante, sería oppressão pera Ormuz, a qual já sentia. E o negocio era, que Mocrim tinha feito alguns navios de remo per industria de alguns Turcos, que pera isso tinha, com os quaes começava roubar alguns navios, que hiam, e vinham de Basçora pe-

pera Ormuz, da qual ſoltura podia depois tomar tanta licença, que occupaſſe todo aquelle eſtreito com navios. D. Garcia tendo já informação deſte negocio, e vendo como ElRey de Ormuz desfalecia na paga das pareas, que cada anno era obrigado pagar, por eſta, e outras rendas das terras firmes lhe não acudirem; ordenou de lhe dar a ajuda que adiante veremos, que fez pouco, ou nada, com que Mocrim ficou com maior ouſadia. Em tanto, que quando Diogo Lopes de Sequeira chegou a Ormuz, onde foi ter a quinze dias de Maio de quinhentos e vinte e hum, depois que ſe partio de Dio, (como atrás fica,) querendo elle pôr os Officiaes Portuguezes na Alfandega, e ordenar outras couſas, que ElRey D. Manuel mandava que fizeſſe, (como adiante eſcrevemos,) huma das couſas principaes com que lhe davam no roſtro pera não poder pagar eſtas pareas, era o levantamento deſte Mocrim. Dos quaes queixumes forçado elle Diogo Lopes entendeo logo em remediar eſte mal. Pera o qual negocio elle Rey offereceo duzentas terradas, que são navios de remo, e tres mil homens Parſeos, e Arabios, da qual frota havia de ir por Capitão Raez Xarafo Regedor do Reyno; porque além de lhe competir eſta ida por ſer huma couſa tão prin-

principal, elle a requereo por tambem tomar conclusão no seu que lhe Moçrim impedia: Ordenada huma Armada de sete vélas, deo Diogo Lopes de Sequeira a capitanía mór a Antonio Correa, e os outros Capitães eram Ruy Vaz Pereira, Gomes de Souto-maior, João Pereira, Alvaro de Moura, Fernando Alvares Cernache, e outro de alcunha Pinto. Em a qual Armada levaria té quatrocentos Portuguezes, de que os cento delles eram homens Fidalgos, e Cavalleiros, criados d'ElRey, e parte da outra gente era de bésteiros, e espingardeiros, e os mais de espada, e lança. Partido Antonio Correa a quinze de Junho via de Baharem com bom tempo, aos dous dias saltou com elle vento tão furioso, e contrario, que lhe espalhou toda a Armada de maneira, que aos vinte e hum dias elle se achou sómente com João Pereira, toda a outra frota correo a diversas partes. E quando elle se determinou, (como adiante veremos,) sahir em terra, que foi a vinte e sete de Julho, huma das fustas era arribada a Ormuz, e a outra chegou, como dizem, ao atar das feridas, porque as houve alli boas neste caso, e das terradas de Xarafo falecêram muitas. E não era muito ser isto assi, por ellas serem costumadas buscar nestes taes tempos boas abrigadas, não sómente

te por razão do vento , mas de pelejar, e mais contra Mouros, muitos dos quaes hiam lá contra sua vontade , e assi o mostráram elles no commetter do caso , como veremos, e muito mais tinham mostrado da primeira que lá foram per mandado de Dom Garcia Coutinho. O qual, (como atrás fica,) a requerimento do mesmo Rey de Ormuz, e de Raez Xarafo, mandára Gomes de Souto-maior na galé em que andava, e Fernando Alvares Cernache na fusta, Rey Varella em outra, com os quaes iriam té cento e vinte homens, e em sua companhia o mesmo Raez Xarafo com quarenta terradas, em que levaria té mil e duzentos homens. E sendo tanto avante como o Cabo Verdastam , que he na terra firme da Persia, pera dahi atravessarem a Baharem, deo-lhe tambem hum tempo, com que toda a Armada de Raez Xarafo arribou a Ormuz. E sómente huma das suas terradas com dous cavallos foi ter a Baharem com Gomes de Souto-maior, o qual esteve naquelle porto treze dias esperando pelos outros dous Capitães, e assi por Raez Xarafo. E quando vio que não vinham, mandou tirar fóra hum cavallo , e com té sessenta homens lavradores , e seis Portuguezes espingardeiros, entrou dentro pela Ilha té huma mesquita, que sería da ribeira hu-

ma

ma boa legua; por elle dizer aos Mouros que desejava dar huma vista ao sitio da terra, sem achar cousa que lhe désse presumpção de muito atrevimento, ou desconfiança dos Mouros que levava; tão pacífica estava a terra, e tão desejosa de ser subdita a ElRey de Ormuz. E a causa de a terra estar tão só que lhe isto fez commetter, era por ElRey Mocrim ser ido em romaria a Méca visitar seu sogro o Xeque della, e tinha levado comsigo toda a gente nobre da Ilha por duas causas: a primeira, porque não confiava muito nelles, por lhe ver huma inclinação a ElRey de Ormuz, e temia que em quanto elle fosse a Méca, que lhe dessem aviso, com que elle mandasse tomar posse da terra, e quando elle Mocrim tornasse, que lha defenderiam. E levando-os comsigo, era em modo de refens, por lhe ficarem suas mulheres, e filhos na terra, e trabalhariam por se tornar a restituir no seu, se ElRey de Ormuz mandasse metter gente na terra pera lhe impedir a elle Mocrim a tornada. A segunda causa era, que o principal caminho que os Parseos fazem, quando vam em romaria a Méca, e assi os Arabios que habitam naquellas Comarcas de Lasah, nesta mesma Cidade se vem ajuntar em cafilas, pera atravessarem aquelle deserto de Yaman. A qual ca-

cafila muitas vezes he commettida dos Alarves que paſtam aquelle deſerto, que são de huma cabilda chamada Bengebra, temendo elle Mocrim que poderia deſtes Alarves receber algum damno, quiz ir poderoſamente. Aſſi que por cada huma deſtas cauſas, ou por ambas, não quiz leixar na terra alguma gente nobre; e ſe Raez Xarafo com ſua Armada chegára, e os outros noſſos navios, ſem dúvida ella fora tomada; mas parece que não era vinda ſua hora. Gomes de Souto-maior neſta jornada não ganhou mais que a ſeguridade com que entrou na Ilha, pera ſaber dar razão a D. Garcia Coutinho do que havia nella, e do modo da terra, pera com eſta informação poder prover no caſo, quando outra vez lá mandaſſe, e com eſte recado ſe tornou a Ormuz. ElRey Mocrim, além do cuidado que tinha de ſe armar de maneira, com que ſe pudeſſe defender d'ElRey de Ormuz, trabalhava tambem por ſe fazer ſenhor daquelle eſtreito, com trazer muitos navios no mar, e deſta vez que veio de Méca trouxeſſe alguns Turcos Officiaes de fazer fuſtas, e outros que andaſſem nellas, por os Alarves Arabios, de que elle era ſenhor, não ſaberem das couſas do mar. E quando chegou a Méca, e achou nova do que Gomes de Souto-maior fizera, e que

ſe

ſe a Armada que levava chegára junta, ſegundo a terra ficava, ſem dúvida ſe fizeram ſenhores da terra, deo-lhe eſta ida grande aviſo pera o que ao diante havia de fazer. E poſto que logo começou a ſe prover de armas, polvora, artilheria, e outras couſas neceſſarias a ſeu intento, quando ſoube que Diogo Lopes era em Ormuz, dobrou todas eſtas munições, e forças: conſiderando que ſe D. Garcia, que era Capitão de Ormuz, mandára quarenta terradas, e tres navios Portuguezes, e tanta gente como levavam, que faria o Governador da India. Aſſi que deſtas ſuas conſiderações, e da nova que lhe logo foi de Ormuz, tanto que Antonio Correa ſe fez preſtes, a grão preſſa começou de ſe fazer forte; e ainda pera dobrar mais neſtas forças, chegou Antonio Correa da maneira que diſſemos. E o apercebimento com que eſte Mocrim o eſtava eſperando, eram doze mil homens, em que entravam trezentos de cavallo Arabios, e quatrocentos frécheiros Parſeos, e vinte Rumes eſpingardeiros, com outros da terra a que elles tinham enſinado eſte uſo. E no porto diante da Cidade Baharem, de que a Ilha tomou o nome, onde ſe podia deſembarcar, por não ter outro porto, tinha feito hum entulho de dez palmos de largo, e as faces deſte entulho eram de pés de pal-

palmeiras, tudo tão alto, e forte, que supprio por hum muro de pedra, e cal mui forte. E em dous, ou tres lugares, por o comprimento deste muro ser mui grande, ficavam serventias pera a ribeira, as quaes tanto que Antonio Correa surgio no porto, logo elle mandou fechar. E per cima do muro nos lugares de suspeita poz toda a artilheria que tinha, e repartio aquelle comprimento de muro em capitanías, tudo ordenado como homem industrioso, e bom Capitão, e cavalleiro que era, porque todas estas cousas elle mostrou de si no dia que Antonio Correa o commetteo. E porque convem pera melhor entendimento deste feito, e de outros que ao diante succedêram, queremos aqui dar noticia desta Ilha Baharem, e das suas cousas, primeiro porém do maritimo que jaz dentro deste mar Parseo, porque o não temos ainda feito; e quando démos geral noticia das outras costas da India, de industria leixámos a relação delle pera este lugar.

CAPITULO IV.

Em que ſe deſcreve todo maritimo, que o mar Parſeo contém em ſi: e aſſi do ſitio, e fertilidade da Ilha Baharem.

ESte mar, a que chamamos Parſeo, jaz entre duas terras, huma que lhe fica ao Ponente chamada Arabia, e a do Levante Parſea, e tomou mais o nome deſta, que da outra, porque o maritimo da Perſia he bem povoado. E ainda que não ſeja de tão notaveis, e célebres Cidades como ella tem, são villas, e nobres povoações, que ſe ſervem delle; e do interior da meſma Perſia alguns rios notaveis vem deſcarregar ſuas aguas nelle, e a terra da Arabia não tem alguma couſa deſtas. Porque começando do Cabo chamado Moçandam, a que Ptolomeu chama Aſaboro promontorio, que ſitua em vinte e tres gráos e dous terços de altura do Norte, e nós em vinte e ſeis, té o fim deſte mar, que he na foz dos rios Eufrates, e Tigre não ha em toda eſta coſta mais que quatro povoações. Logo em dobrando eſte Cabo Moçandam jazem eſtes tres, Camuzar, e Gaçapo, que eſtam mui vizinhos hum ao outro, ambos Aldeas de peſcadores, de algum aljofre pouco que alli peſcam, e a villa Julfar, que he mais povoada,

e de maior pescaria, e por isso rende a ElRey de Ormuz o dobro dos outros. A quarta povoação he a villa de Catifa, que está defronte da Ilha Baharem obra de dez leguas, que segundo a situação della parece ser aquella, a que Ptolomeu chama Itmar, que está fronteira á Ilha chamada per elle Ichara, que por ser a maior, e mais junta á terra Arabia, digamos que seja a de Baharem, posto que elle situe o lugar, e a Ilha em altura de vinte e cinco gráos do Norte, e nós em vinte e seis e hum quarto. Todo o outro maritimo, sob reverencia de quantas Cidades, villas, lugares, portos, e rio Laris, que elle Ptolomeu alli situa, tudo he hum areal o mais deserto, e esteril do que Arabia tem, a qual parte os Arabios chamam Yaman. E por razão da esterilidade desta costa deram ao mar a denotação mais de Parseo, que Arabio, porque da parte da Persia tem os lugares que veremos. Leixado o lugar de Iasque, que he a mais notavel cousa que aquella costa tem, ainda que está fóra da garganta daquelle estreito, o qual nós situamos em vinte e quatro gráos largos da parte do Norte, e Ptolomeu em vinte e dous e meio, chamando-lhe Carpella promontorio, e indo pera dentro do estreito, entramos na terra chamada Mogastam, que quer dizer

pal-

palmar, por o grande número de palmeiras que ha per toda aquella Comarca, onde ha muitos lugares pequenos, de que El-Rey de Ormuz tem rendimentos. No qual Mogastam hoje apparece a memoria da Cidade de Ormuz que alli esteve, a que Ptolomeu chama Armuza, que se traspassou na Ilha Geru, que he a que hoje chamamos Ormuz, pola causa que já atrás dissemos fallando no fundamento deste Reyno. E como a mais desta terra Mogastam he alagadiça, e doentia ao longo da costa, não tem lugares senão ao modo de Aldeas, de que os principaes são estes; Cuxstach, Chacoá, Braemi, que he o porto de Mogastam, e Ducar, Angom, defronte dos quaes está a Ilha Geru, em que está situada a Cidade Ormuz, que será da terra firme té quatro leguas pouco mais, ou menos, junto da qual Ilha está outra mui pequena per nome Larec. E tornando á costa, corre ao longo della a Ilha Queixome, que tem de comprido vinte leguas, em que ha alguns lugares pouco notaveis por ser mui doentia. E do fim desta Ilha té o Cabo chamado Nabam, que será distancia de trinta e seis leguas, a qual costa de terra os naturaes chamam Dolestám, jazem estas Ilhas de nome Pilot, Caez, que foi já cabeça do Reyno, e se desfez com a fundação da

Ci-

Cidade Ormuz, (como atrás escrevemos,) e adiante está Lára. E deste Cabo Nabam té a villa Rexet, onde entra o rio Rodon, se faz a terra curva á maneira de enseada, na qual distancia, em que haverá quarenta leguas, estam estas villas, Bedican, Chiláo, e o Cabo de Verdestan. E da villa Rexet té a fóz do rio Eufrates, que será espaço de cincoenta e oito leguas, está a Ilha Cargue, notavel neste mar, que distará da terra firme cinco leguas, e da villa Rexet quinze; e mais adiante seguindo a costa, Mahar, onde entra hum rio, e depois Dirtáo, Ancuza, Turáco, e o rio Charom. Leixando o interior que jaz das fózes do rio Eufrates, a que os Parseos chamam Fiat, e ao Tigre, que se nelle mette, Digilá; e começando na Ilha Murzique, que faz ao rio duas fózes, a qual Ptolomeu chama Teredon, e situa em trinta e hum grão, e nós em trinta escassos, torna a costa a voltar pera o Sul com nome da terra Arabia. E o epitheto de deserta bastava pera se saber não ser tão habitada como elle Ptolomeu a faz, por a terrra em si ser tal, que mais se póde dizer pastada, que habitada; e ainda em partes he tão areenta, e tal, que não ha ahi pasto pera aves, quanto mais pera alimarias, de maneira, que daqui té a villa de Catife, que está defronte

te da Ilha Baharem, e della té o Cabo *Moçandam não ha mais povoações das que diſſemos.* O que a terra tem em ſi, e o modo de ſeu viver, em os Livros da noſſa Geografia ſe verá, tirado da Geografia dos proprios Arabios, e Parſeos, dos quaes nós temos cinco Livros, dous em a lingua Arabia, e tres na Parſea. Fica agora pera ſabermos deſte mar Parſeo eſtar nelle a Ilha Baharem, a conquiſta da qual nos fez dar noticia do maritimo delle, a qual terá em roda pouco mais, ou menos trinta leguas, e na maior longura della haverá pouco mais de ſete leguas, e diſtará da Ilha Ormuz cento e dez. E na terra a ella fronteira, dentro no ſertão vinte leguas pouco mais, ou menos, eſtá a Cidade Láſath, a qual com ſeu contorno de terra he a mais fertil, e mimoſa que tem toda aquella parte chamada Yaman, e de que Mocrim, ſobre quem Antonio Correa hia, (como diſſemos,) era Rey. O ſitio deſta Ilha em ſi he terra baixa, e de grandes palmeiras, e terra mui humida, e viçoſa; porque em qualquer parte que cavam, acham logo agua, mas he çalobra, donde ſe cauſa ſer mui doentia, e principalmente em certos mezes do anno, que ſão do fim de Setembro té Fevereiro; e he ás vezes tão peſtenencial neſte tempo, que a mais da

gen-

gente nobre neſtes mezes vam eſtar na villa Catife, e pelo maritimo de Arabia. O maior rendimento que eſta Ilha tem da novidade della, he de tamaras, por ſerem tantas, que daqui ſe levam pera muitas partes, e ha dellas grande diverſidade, por humas ſerem de huma ſorte, e outras de outra ao modo que cá vemos nos figos, e peras. Além deſta fruta, tem quaſi toda a noſſa de Heſpanha, principalmente a ortada, aſſi como romans, peſſegos, figos, e todo genero de hortaliça. Os moradores della todos são Mouros Arabios, e a principal povoação que tem, he huma Cidade chamada Baharem, que deo o nome da Ilha; e todalas outras povoações, que são mais de trezentas, não tem a policia deſta. A qual he de boas caſas de pedra, e cal, ſobradadas, com eirados, varandas, e janellas, principalmente os paços d'ElRey, que querem imitar a policia dos Parſeos, por a terra ſer mui rica. Cá ella tem duas couſas, que a fazem ſer frequentada, aſſi da Arabia, como da Perſia: a primeira, a novidade das tamaras, que naquellas partes he como ácerca de nós o mantimento do figo paſſado do Algarve, que corre pera diverſas partes; e a outra couſa que a mais nobrece he a peſcaria das perolas, e aljofre, que ſe alli peſcam, que he o melhor

lhor de todo aquelle Oriente, aſſi em grandeza, como em ſer Oriental, principalmente as perolas. Mas não he tamanha eſta peſcaria como a da Ilha Ceilão da India, e Ayñam da China, as quaes tres Ilhas são os principaes mineiros de todo aquelle Oriente, onde ſe àquella oſtra cria. Das quaes peſcarias, e aſſi das que ha nas Antilhas de Caſtella, tratamos particularmente em os noſſos Livros do Commercio, no Capitulo das Perolas, e Aljofre, como já em outra parte apontámos.

CAPITULO V.

Como Antonio Correa ſahio em terra na Ilha Baharem, e pelejou com ElRey Mocrim, na qual peleja foi ferido de huma eſpingarda, que cauſou haverem os noſſos [illegible], depois foi tomado o ſeu corpo já morto.

ANtonio Correa, tanto que os navios de ſua Armada chegáram, per os quaes eſperou ſeis dias primeiro que ſe ajuntaſſem com elle, teve conſelho com os Capitães no modo que teriam ao deſembarcar, pera commetter aquella força, que ElRey Mocrim tinha feita, a qual elle mais fortaleceo do que eſcrevemos, em quanto Antonio Correa ſe deteve eſperando polas

ou-

outras vélas que lhes faleciam. Na qual consulta se assentou que commettessem aquella força per duas partes, elle per huma com o corpo de toda a gente Portuguez, e Raez Xarafo com os seus Mouros per outra; porque como eram muitos, e mais gente não mui fiel, pareceo cousa mais segura cada hum pelejar a sua parte. Peró nunca pode acabar com Raez Xarafo que fosse como elle Antonio Correa queria, nem menos em o dia que elle desejava, que era dia do Apostolo Sant-Iago, por ser Patrão de Hespanha, cujo appellido se invoca no commetter batalha contra Mouros. Finalmente elle Antonio Correa passado o dia de Sant-Iago, dahi a dous, que eram vinte e sete de Julho, se embarcou em todolos bateis, tendo assentado com Raez Xarafo que faria outro tanto, e assi o fez, não que fosse romper nos Mouros, mas foi-se pôr em hum teso donde pudesse seguramente ver o successo da batalha, pera se determinar no que faria. Antonio Correa, porque ir commetter de frécha a força dos Mouros no lugar onde se desembarca, era muito maior perigo por razão da artilheria que tinham alli assestada, e mais podiamlhe impedir a sahida, quiz que fosse hum pouco mais acima, pera vir ao longo da força commetter per onde a gente não fos-

se

ſe tão aventurada. E poſto que niſſo teve bom reſguardo no lugar que tomou, ainda que não foi de tanto perigo, foi de mais trabalho; porque como o mar onde elle ſahio eſpraiava muito por ſer alli mui baixo, a toda a gente lhe dava a agua pola coixa de maneira, que em ſahindo, hiam mais pera ſe pôr a eſcorrer da agua, que correr o caminho, que logo tomáram apreſſado: ſeu irmão Aires Correa com cincoenta homens, a que elle deo a dianteira, e elle Antonio Correa ficou na trazeira com todo o outro corpo da gente, que ſeriam té cento e ſetenta. E porém primeiro que ſe apartaſſe dos bateis, leixou nelles toda a gente do mar, e por Capitão della Triſtão de Caſtro, ao qual mandou que ſe puzeſſe de largo com os bateis, e que em nenhuma maneira recolheſſe peſſoa viva, ſenão per ſeu mandado. Aires Correa como era homem mancebo, deſejoſo de honra, e hia acompanhado de alguns Fidalgos de ſua idade, que tambem a deſejavam ganhar, e mais pois lhe davam aquella dianteira, metteo-ſe tão rijamente com os Mouros, como chegáram ao lugar do combate, que aſſi com béſteiros, e eſpingardeiros que levavam, como ás lançadas feríram, e derribáram muitos Mouros. Porém eſta obra tambem foi á cuſta do ſeu ſangue, recebendo

do logo Aires Correa duas fréchadas, e aſſi os outros que com elle hiam tambem, foram encravados; na qual furia ſobreveio Antonio Correa com o corpo de toda a gente. O qual tanto que deo Sant-Iago, aſſi obrou o ferro de todos, que a pezar dos Mouros elles ſe fizeram ſenhores de alguma parte das tranqueiras; e ſeguindo mais avante, começáram os Mouros deſamparar ſua defensão, e recolher-ſe pera a Cidade. O qual retraimento pareceo em alguma maneira artificio; porque como elles eram muitos aſſi de pé, como de cavallo, e não havia hum dos noſſos pera cento delles, fizeram tão grande praça, que pareceo a Antonio Correa que os levava de vencida. Senão quando ElRey Macrim ſahio com hum corpo de gente de cavallo, e aſſi apertáram com os noſſos, que lhes fizeram perder o lugar que tinham tomado, e os lançáram pelas tranqueiras fóra de maneira, que os noſſos ficavam entre elles, e o mar. E como era lugar mais largo, acudio tanto pezo de gente ſobre os noſſos, que andavam mui mal tratados: cá não ſe aproveitavam tão bem das ſuas armas, como os Mouros. Os quaes traziam humas lanças de trinta palmos, que eram maiores hum terço, que as dos noſſos de maneira, que a ſeu ſalvo davam quatro lançadas primeiro

que

que recebessem huma ; e neste aperto dellas , e assi de muita fréchada , em que os Parseos são déstros , como os Arabios no ferir de lança , foi derribado , e mui mal ferido Aires Correa. E dando a nova a seu irmão Antonio Correa , dizendo que era morto , respondeo : *Avante , amigos , leixa-o que acaba em seu officio.* E verdadeiramente elle acabára alli seus dias , senão fora per Aleixo de Sousa Chichorro filho de Garcia de Sousa , e per Ruy Correa filho de Jorge Correa do Pinheiro , e outros que eram com elle , os quaes o defendêram que o não acabassem de matar , já com dez , ou doze feridas , andando elles tambem vertendo o seu sangue de outras que alli houveram. A este tempo em ambas as partes havia assás trabalho , porque os nossos se viam mui perseguidos do grande número dos Mouros , e das compridas lanças que traziam , e fréchadas que pareciam exames de aguilhões de morte. E elles tambem andavam de maneira , que eram mortos dous cavallos debaixo das pernas a ElRey Mocrim , sem ser conhecido em mais , que ser hum dos que melhor pelejavam na dianteira : com o qual trabalho houve de ambalas partes reter-se cada huma em si pera tomar algum alento. Porque além do trabalho do ferro , era tão grande a calma , que anda-

vam

vam os homens affogados ſem alento algum, com o qual tempo de tregua Antonio Correa muito folgou, não tanto por dar vida a huns, quanto por não acabarem de morrer naquella praia outros, que ſe não podiam ter nas pernas do muito ſangue que ſe lhes hia, os quaes logo mandou recolher aos bateis, e a ſeu irmão Aires Correa com elles. Recolhida eſta gente ferida, e feito Antonio Correa em hum corpo com a outra, deo novamente Sant-Iago nos Mouros; e foi a couſa aſſi favorecida de Deos, que começáram elles de ſe retraer; e porém não perdendo o campo em modo de fugida, mas como gente attentada, e que não ouſava deſapparecer d'ante os olhos de ſeu Senhor. O qual como era homem que entre os Alarves tinha fama de cavalleiro, e queria moſtrar que o era em ferir os noſſos, ouſadamente ſe punha na dianteira, com que hum dos noſſos eſpingardeiros veio a tentar naquella ſua ſoltura, ſem ſaber quem era, lhe deo per huma coixa que lha paſſou, com que ſe elle ſahio daquelle conflito, e furia da peleja, e em ſua companhia alguns Mouros principaes que andavam em ſua guarda. A outra gente commum, como ſoube da cauſa da ida d'ElRey, começou logo largar o campo, e de pouco em pouco vieram de

to-

todo a virar as coſtas a quem melhor corria. Aos quaes Antonio Correa não quiz ſeguir ; porque ainda que em todos havia boa vontade , as pernas os não ajudavam : cá além do trabalho de pelejar, era tanta a calma , que ella baſtava pera os deter, e não ſeguir mais a vitoria. Raez Xarafo quando vio que era por nós a vitoria, ſahio com ſua gente das terradas, moſtrando que té então não pudéra mais fazer por a ſua gente ſer muita, e outras deſculpas de homem manhoſo, que primeiro quiz ver o termo em que os noſſos ficavam pera ſe determinar. Antonio Correa, poſto que entendeo o ſeu modo, e cautelas, diſſimulou com elle , recebendo-lhe ſuas deſculpas, e mandou que ſoltaſſe ſua gente no alcance dos imigos. Mas elle tinha mais olho no roubo da Cidade , que ir trás elles, e começou de entrar nella, o que lhe Antonio Correa não conſentio té primeiro ſe fazer ſenhor das caſas d'ElRey Mocrim , que eram mui boas, onde elle Antonio Correa ſe poz a fazer Cavalleiros áquelles que o quizeram ſer , por o feito ſer mui honrado; e dos bem pelejados daquellas partes, em que morrêram dos noſſos ſeis, ou ſete, dos quaes hum delles era Jorge Pereira, e aſſi houve muitos feridos. E dos Mouros, além d'ElRey Mocrim, que morreo dahi a

tres

tres dias, na mesquita onde foi ter Gomes de Souto-maior, (como atrás dissemos,) morreo o Governador daquella Ilha Baharem, e cinco, ou seis Mouros honrados, a fóra outros de cavallo, que seriam per todos té vinte e cinco, e da gente commum mais de duzentos, tudo feito em espaço de duas horas. Antonio Correa, entregues as casas d'ElRey a Raez Xarafo, recolheo-se ao mar, e mandou primeiro pôr fogo a mais de cento e quarenta terradas, assi das que havia na terra pera a pescaria do aljofre, como pera serviço da Cidade; e não mandou queimar huma galeota que estava em estaleiro, que os Turcos tinham feita, porque a quiz levar a Ormuz; e ao outro dia que a mandou lançar ao mar, que não foi com pequeno trabalho, lhe poz nome Mocrim em memoria d'ElRey que a mandára fazer. E quando chegou ao galeão, foi huma piedade ver como a gente jazia muita della ainda por curar; e posto que elle tambem houvera mister ser curado de huma ferida que levava em hum braço, não descançou té mandar curar a todos. E não foi nada o trabalho daquella primeira cura pera o que tiveram aquella noite com hum pouco de fogo, que se accendeo no galeão: a revolta do qual fez levantar a todos, e a muitos delles quebráram os pon-

tos

tos, e ao outro dia lhos tornáram a cozer. Havendo já quatro, ou cinco dias que era passado este da vitoria, mandou Raez Xarafo dizer a Antonio Correa, que elle tinha sabido como Mocrim aquella noite passada falecêra, e os seus determinavam levar o seu corpo a enterrar a Lasah, ou Catif aquella noite seguinte, que lhe pedia houvesse por bem de elle mandar a Raez Sadradim seu parente com algumas terradas pera na travessa da Ilha á terra firme o irem tomar, e lhe ser cortada a cabeça publicamente, o que lhe foi concedido. E foi esta ida feita tão prestes, que chegáram a tempo que tomáram o corpo de Mocrim, e foi-lhe tirado a cabeça, e esfolada, e cheia de algodão, tudo feito tão subtilmente pelos Mouros, que foi levada em sinal de vitoria a ElRey de Ormuz per Balthazar Pessoa, que Antonio Correa mandou em huma fusta a Diogo Lopes de Sequeira. O qual com parecer d'ElRey de Ormuz se fez na praça da Cidade huma sepultura, em que ella foi mettida com dous letreiros, hum em nossa linguagem Portuguez, e outro em Parseo, em que se relatava o caso como passou. Com a morte d'ElRey Mocrim, e pregões, que se lançáram pela Ilha de Baharem, notificando como aquelles, que não se viessem metter debaixo da obediencia d'ElRey de

Ormuz, se procedia contra elles como trédores, hum sobrinho d'ElRey Mocrim chamado Xech Hamed, debaixo do governo do qual toda a gente da Ilha estava, e assi a Villa Catif, mandou a Antonio Correa dous cavallos de presente em lugar de visitação, dizendo, que elle, e toda a gente daquella Ilha, e assi da Villa Catif, desejavam metter-se debaixo da obediencia d'ElRey de Portugal; que se lhe désse seguro, viria a elle tratar algumas cousas pera haverem effeito as que lhe mandava dizer. Dado este seguro per Antonio Correa, veio a elle, e assentou que se désse passagem pera a terra firme de Arabia a elle, e todolos Turcos, e estrangeiros, assi Arabios, como de qualquer outra nação que alli eram vindos em favor d'ElRey Mocrim seu sobrinho, e elle lhe entregaria a Ilha, e a Villa Catif pacificamente sem mais trabalho algum. O que lhe Antonio Correa concedeo com tanto, que não levassem armas, nem cavallos comsigo, sómente suas pessoas, e qualquer outra fazenda que tivessem; e por serem contentes disso, depois de a terra firme posta em nosso poder, Raez Xarafo nas suas terradas passou da outra banda da Arabia todos aquelles que se quizeram ir. E per derradeiro elle mesmo foi tomar posse da Villa Catif, onde esteve per alguns dias

té

té se ir pera Ormuz, leixando alli alguma gente sua de guarnição. E tambem leixou Antonio Correa por Governador de Baharem a hum homem velho, e honrado per nome Bucar, Arabio de nação, com que os da terra ficáram contentes, porque soffrem mui mal serem governados por gente Parsca polo odio que entre si tem. E depois que Antonio Correa foi em Ormuz, mandou Diogo Lopes pera alli João Boto moço da Camara d'ElRey por Feitor, e Antonio Abul seu Escrivão, com seis, ou sete Portuguezes, os quaes depois foram mortos pelos Mouros no alevantamento de Ormuz, como adiante se verá, em que este João Boto foi havido por verdadeiro martyr de Christo no genero de sua morte. Antonio Correa, posto que ainda tinha muitas cousas por acabar na terra, assi na arrecadação dos cavallos, e armas que leixáram os Arabios, como em outras cousas pera bem da fazenda d'ElRey, e mais assento da terra; entregou o cuidado de tudo a Raez Xarafo, por se não poder mais deter: cá levava por regimento de Diogo Lopes, que não fizesse mais demora, que té poder ser com elle em Ormuz per fim de Julho, porque neste tempo esperava de se partir pera a India, e elle não se pode espedir dos negocios menos que a doze de Agosto,

que se partio com sua frota, e chegou a vinte e cinco, onde foi recebido com grande honra, e prazer de todos, e principalmente d'ElRey de Ormuz, mandando-lhe cavallos, arreios, e muitas peças, e assi aos Capitães que com elle vieram, por o trabalho que leváram em lhe restituir aquella Ilha á sua obediencia.

CAPITULO VI.

Como D. Aleixo de Menezes mandou D. Jorge de Menezes per terra com soccorro a ElRey de Cochij, que estava em guerra com o Çamorij de Calecut: e do que Diogo Fernandes de Béja passou sobre a barra de Dio: e o que Diogo Lopes de Sequeira sobre isso fez depois que o soube.

EM quanto estas cousas passáram em Baharem, se fizeram na India outras, de que convem darmos relação polas insiarmos em seu proprio lugar. A primeira foi, que entre ElRey de Cochij, e o Çamorij de Calecut havia grande rotura de guerra. E peró que ElRey de Cochij com favor nosso tinha entrado pela terra obra de sete leguas, e estava em seu arraial fronteiro a seu imigo, todavia em comparação do poder do Çamorij era cousa mui desigual, que causou ver-se elle tão apertado, que man-

mandou pedir a D. Aleixo, que eſtava invernando em Cochij com os poderes de Governador, que o proveſſe de alguma gente de béſteiros, e eſpingardeiros pera ſe favorecer com elles, por eſtar poſto em muita neceſſidade. O que D. Aleixo logo proveo, mandando D. Jorge de Menezes filho baſtardo de D. Rodrigo de Menezes com té trinta eſpingardeiros, e cinco trombetas, o qual ante de chegar ao arraial onde ElRey de Cochij eſtava alojado, elle o veio receber obra de meia legua, dando-lhe muitos agradecimentos de ſua ida, ſabendo ſer primo com irmão de D. Aleixo. E dizendo, que com ſua chegada tinha certa a vitoria de ſeu imigo, porque nunca tivera Portuguezes em ſua ajuda, que não foſſe vitorioſo, quanto mais com ſua peſſoa em que havia tantas qualidades. E não ſe enganou niſſo ElRey de Cochij, porque Dom Jorge era muito cavalleiro, e logo na primeira batalha que deo ao Çamorij elle ſentio tanto ſer aquella ajuda noſſa, que ſe affaſtou do lugar onde eſtava tres leguas, tendo naquelle tempo juntos mais de duzentos mil homens, e ElRey de Cochij quarenta. E deſte pouſo foi tomando outros dous, de tres em tres leguas, ſem entre elles haver rompimento. Porque como eſtes Principes toda a ſua guerra são os apparatos

tos

tos della, e eleições do dia da peleja, e huma ſigralha que voa da parte contraria, ſegundo ſuas feiticerias, he impedimento pera não pelejar; andou lá D. Jorge hum mez ſem fazer mais couſa alguma. E ainda deram entender os Sacerdotes a ElRey de Cochij, que elle era impedimento andar naquelle arraial, porquanto os ſeus idolos ſe anojavam de ſua eſtada alli, e não queriam dar reſpoſta do que eram perguntados; e ſoubeſſe certo que ſeu imigo de todo ſe recolheria pera ſuas terras, como elle D. Jorge foſſe partido. A qual reſpoſta eſtes Sacerdotes davam, ſegundo os noſſos depois ſouberam, porque viam que com elles ſerem preſentes, eſtava ElRey de Cochij tão confiado, e ſeguro, que fazia poucas interrogações a elles Sacerdotes; e vendo que perdiam parte do ſeu credito, e não eram tantas vezes chamados ás conſultas, fizeram eſta amoeſtação a ElRey, que eſpediſſe a D. Jorge. E aſſi ſe fez, tornando-ſe elle pera Cochij, moſtrando-lhe ElRey o grande contentamento que tivera de ſua ida, e que elle fora cauſa de ſeu imigo ſe recolher. Tanto póde o intereſſe particular, que muitas vezes a vida, e o eſtado de hum Principe pende de hum máo conſelho; e aſſi houvera de acontecer a eſte Rey de Cochij polo credito que deo a eſtes Sacer-

cerdotes. Os quaes ainda que fossem do Demonio, e não podiam aconselhar outra cousa senão obras delle, muitos falsos profetas houve na Lei da Escritura, per os quaes assi nas cousas da guerra, como da paz, os Reys, e Principes daquelle povo de Israel se governavam; e com elles dizerem, estas cousas manda Deos, aconselhavam outras, que mandava o seu proprio interesse. O qual modo ainda vemos continuado na Igreja de Deos, e permittio elle, porque como a congregação Christã consta de dous gladios, espiritual, e temporal, em muitas partes se troca este poder em pessoas incompetentes, lavrando a terra com a espada, e pelejando com o arado. O qual abuso vem a ser o proprio açoute do erro: cá nunca Deos disse verdades per instrumento improprio, senão per o natural daquelle uso, porque guarda a justiça nas cousas, excepto alguns particulares casos significativos de Mysterio, como a profecia de Balam, e a sua asna, &c. Assi este Rey de Cochij, tendo necessidade de gente de armas, que era o instrumento proprio que lhe servia no estado em que elle estava, com a chegada do qual vio logo principio da sua vitoria, acceitou o conselho de profetas falsos, por occasião de seu particular interesse, que lhe fizeram perder a honra que tinha ganhada

com

com a vinda de D. Jorge. Cá ſabendo o Çamorij ſua partida, veio outra vez ſobre ElRey, o qual ſe vio tão neceſſitado de remedio, que ſe acolheo a Cochij a buſcar o noſſo abrigo, que tinha engeitado na eſpedida de D. Jorge. Neſte meſmo tempo que Diogo Lopes eſteve em Ormuz, foi dar com elle Diogo Fernandes de Béja, que elle leixára ſobre a barra de Dio eſperando pelo recado d'ElRey de Cambaya, a que tinha mandado Ruy Fernandes, (como atrás eſcrevemos,) o qual recado foi conforme a todalas outras verdades de Melique Az. Porque como elle não trabalhava em outra couſa, ſenão em que nós não houveſſemos d'ElRey fortaleza em Dio, quando Ruy Fernandes chegou onde ElRey eſtava, que era na Cidade Champanel, já Melique Az per ſeu filho tinha recado do que paſſára com Diogo Lopes, e que a eſſe fim mandava aquelle menſageiro a ElRey. Melique Az primeiro que elle vieſſe a ElRey, já tinha aſſentado com elle a reſpoſta que havia de dar de maneira, que não deo eſpaço algum que elle Ruy Fernandes pudeſſe ter intelligencia com alguns dos Senhores da Corte, que a elle Melique Az não tinham boa vontade, per meio dos quaes elle Ruy Fernandes pudeſſe mover ElRey ao que lhe Diogo Lopes mandava

pe-

pedir. E a reſpoſta que ElRey deo foi, que ſe tornaſſe logo, e diſſeſſe ao Governador Diogo Lopes, que Melique Az andava lá com aquelle requerimento per ſua parte polo muito que deſejava eſtar alli huma fortaleza d'ElRey de Portugal, e que com algumas occupações elle o não tinha deſpachado; que como os negocios lhe deſſem lugar, elle o deſpacharia com recado pera elle Governador. Diogo Fernandes quando vio eſta reſpoſta, diſſimulou com Melique Saca, moſtrando que queria eſperar que vieſſe ſeu pai, pera com ſua vinda levar recado a Diogo Lopes; e entretanto ordenou com Fernão Martins Evangelho, que começaſſe recolher pouco a pouco a fazenda que tinha comſigo, porque elle eſperava de notificar a guerra a Melique Saca, como lhe Diogo Lopes mandava. Fernão Martins, porque tambem ſentia delle Melique Saca que por recado que tinha de ſeu pai reinava alguma malicia ſe Diogo Fernandes quizeſſe eſtar alli muitos dias, o mais diſſimuladamente que pode, polo não ſentirem, e reterem, (como já outras vezes fizeram,) dinheiro, e alguma fazenda que ſe podia encubrir, de dia a mandava em ceſtos em volta com os mantimentos, que ordinariamente enviava a Diogo Fernandes, e que huma noite recolheo ſua peſſoa. Me-

li-

lique quando pela manhã soube ser elle Fernão Martins recolhido, e a casa estava como cousa leixada, e com algumas que elle não podia levar comsigo, assi como cobre, e outras sortes de mercadoria de grande volume; entendeo que Diogo Fernandes estava mudado do que dizia, e dissimuladamente lhe mandou hum recado. Trás o qual veio logo outro dizendo, que a elle se vieram queixar alguns mercadores, que Fernão Martins lhe devia muito dinheiro de mercadorias, que lhe tinham vendido fiadas, que o mandasse logo a terra pera estar á conta com elles, e lhe pagar, senão que sería necessario, por elle fazer justiça ás partes, mandar suas fustas fazer represaria naquelles seus navios. Ao que Diogo Fernandes respondeo, que elle mandára a Fernão Martins que se recolhesse, por estar naquella Cidade havia muito tempo, quasi em modo de arresem, sem elle, nem seu pai consentirem que se fosse, e que levar fazenda alheia, elle a não levava, ante leixava muita na casa onde pousava, a qual elle Diogo Fernandes lha havia por entregue, pera em todo tempo dar della razão. E quanto ao que dizia das suas fustas, ellas podiam ir; e se fossem, soubesse certo que lhe havia a paz por quebrada, e lhe faria todo o damno que pudesse, como

mo a couſa de imigos. Melique Saca, porque eſte rompimento era o que ſeu pai deſejava, por não vir a deſcubrir quanta mentira tinha dito, ſe a paz mais duraſſe, logo pela manhã mandou ſobre Diogo Fernandes o ſeu Capitão Aga Mahamud com grande número de fuſtas. E aſſi tratáram os noſſos navios com ſua artilheria, que muito maior damno fizeram a Diogo Fernandes, do que lhe elle fez, com que lhe conveio fazer-ſe á véla caminho de Ormuz levar eſte recado a Diogo Lopes. O qual, peró que tinha dado por regimento a Diogo Fernandes, que quando denunciaſſe a guerra a Melique Saca, ou a ſeu pai, (ſe foſſe preſente,) não ſe detiveſſe mais, ſenão fazer ſeu caminho, poſto que as ſuas fuſtas o commetteſſem, quando ſoube o caſo, e o modo de ſua partida, ficou mui agaſtado, por ver quanto mal lhe tinha feito o geral voto dos Capitães, no conſelho que lhe deram, ſobre o negocio de dar em Dio. E como eſtas indignações que os homens tem nos caſos da conjunção perdida, ſe remata na eſperança de ſe poderem vingar, conſolou-ſe Diogo Lopes no que eſperava fazer ſobre eſte caſo. E primeiro que partiſſe de Ormuz, acabou de aſſentar outra, que não deo menos trabalho que eſta de Dio, parecendo a ElRey D. Manuel,

que

que lho mandou fazer, que assentava as cousas daquelle Reyno em mais proveito do mesmo Rey; e o caso foi este. Ao tempo que Affonso d'Alboquerque mandou fazer hum livro de todolos rendimentos que elle tinha, e assi de sua despeza, não foi pera mais que saber pontualmente o que podia ficar a ElRey de Ormuz pera lhe pagar as pareas, que lhe per elle Affonso d'Alboquerque eram postas. E achou-se, visto o rendimento, e despeza, (de que atrás démos relação,) que folgadamente o podia fazer, se ElRey não fosse tão roubado, como era per seus Officiaes. E porque todolos annos, quando lhe mandavam pedir estas pareas, clamavam que não rendiam as entradas das mercadorias, nem menos as terras firmes, e os outros direitos, e impostos que ElRey punha, tanto que bastasse pera a despeza ordinaria do Reyno, quanto mais pagar pareas, e estas cousas todas vinham cá ter a ElRey D. Manuel; escreveo sobre isso a Diogo Lopes de Sequeira, mandando-lhe, que como fosse em Ormuz, dando conta a ElRey que tudo se fazia pera melhor arrecadação de sua fazenda, elle puzera Officiaes na Alfandega da Cidade, onde se pagavam todolos direitos que a ella vinham, assi per entrada, como sahida, segundo o foral da terra, por elle

ser

ſer o maior rendimento que o Reyno tinha. Os quaes Officiaes foſſem Portuguezes peſſoas de bom ſaber, que ſe avieſſem bem com os Mouros, que o meſmo Rey alli havia de pôr da ſua mão, com os quaes ſe haviam de concertar os livros que fizeſſem deſte rendimento, pera no cabo do anno, aſſi os livros dos Officiaes Portuguezes, como dos Mouros, ſe cotejarem, e ver em verdade quanto valia toda a maſſa da Alfandega, ſem entender no rendimento das terras firmes. Raez Xarafo, que era Governador do Reyno, e os Theſoureiros, e Officiaes, per cujas mãos ſe deſpendia toda a fazenda d'ElRey, ou (por melhor dizer) ſe repartia, que elle levava a menos parte, não podiam ſoffrer eſte jugo, por ſer o mais duro que lhe podiam pôr. E já quando Affonſo d'Alboquerque quiz ſaber de todolos rendimentos, o ſoffrêram mal, quanto mais pôr Officiaes Portuguezes, que haviam de ſer olheiros de ſuas couſas; porém como não podiam mais fazer, diſſimulavam, e encubriam eſta dor pera a moſtrar em ſeu tempo, como veremos. Finalmente pera eſte negocio ficáram poſtos eſtes Officiaes na Alfandega: Manuel Velho por Juiz, e Provedor della, Ruy Varella Theſoureiro, e por Eſcrivães Miguel do Valle, Ruy Gonçalves d'Acoſta, Diogo Vaz, Nu-

Nuno de Castro , Vicente Dias. Acabado o qual negocio , como Diogo Lopes não esperava mais que a vinda de Antonio Correa , tanto que chegou com a vitoria que houve em Baharem , partio-se pera Dio , tendo já mandado diante a Diogo Fernandes de Béja , que se fosse andar na paragem da ponta de Dio ás náos que vinham do estreito , e alli o esperasse , com o qual iremos continuando neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VII.

Do que succedeo a Diogo Fernandez de Béja na costa de Dio , onde Diogo Lopes lhe mandou que esperasse té elle partir de Ormuz : e o que elle tambem passou naquelle caminho té chegar a Chaul , onde começou huma fortaleza , e as causas porque.

DIogo Fernandes pera este caso que Diogo Lopes o enviava diante , levou quatro vélas , elle em hum galeão grande , e Nuno Fernandes de Macedo , e seu irmão Manuel de Macedo , e Gaspar Doutel eram Capitães dos outros navios. O qual , tanto que foi na paragem da costa da Cidade Patane , tomou dous zambucos , e Nuno Fernandes que hia mais empegado , posto que per desastre lhe escapulio huma náo que vinha do estreito , veio dar com elle outra

mui-

muito maior, e mais rica, e armada, em que vinham mais de cento e vinte homens Mouros brancos, e Rumes. Com a qual, tanto que abalroou na entrada della, foi elle ferido com hum zarguncho de arremesso, e Antonio d'Araujo que foi o primeiro que entrou, e com elle Alvaro de Brito, e outros. Peró elles foram vingados deste damno; porque como a outra gente que ficava no galeão entrou, foi a cousa de maneira travada, que durou o jogo de lançadas, fréchadas, pedradas, e outros artificios de morte per toda huma hora, defendendo, e offendendo a si, e a seu imigo, té que a maior parte dos Mouros ficáram estirados onde a morte os tomou, leixando os nossos bem sangrados. E porque em a náo vinham muitas mulheres, e crianças, acabada a náo de se entregar, mandou-as Nuno Fernandes passar ao seu galeão; e baldeada da náo parte da fazenda, que se achou per cima, mandou a dous carpinteiros que dessem dous rombos á náo pera se ir ao fundo. Os quaes rombos foram taes, que apartado Nuno Fernandes della, alguns Mouros que ficáram escondidos, acudíram a elles, com que a náo ficou segura, e sempre Nuno Fernandes tornára a ella, senão succedêra caso que lho impedio, e foi este. Melique Az como sabia que este era o tempo

po

po em que Diogo Lopes havia de vir de Ormuz, por ser já meado de Setembro, e tambem era a monção de as náos de Méca, e de toda aquella costa de Arabia virem a Dio, por as segurar de nós, e lhe dar guarda, tinha mandado sahir a sua Armada de fustas, que seriam té vinte, de que era Capitão Aga Mahamud, que andassem naquella paragem, por ser já perto de Dio. E como elle trazia suas atalaias, que lhe descubriam o mar, tanto que houve vista das nossas náos, e principalmente o galeão, e náos dos Mouros, que tinham afferrado, entendendo o que era, veio dar-lhe vista. Os nossos como naquella paragem não eram costumados verem tal recebimento como este que lhe hiam fazer, e estavam descuidados disso, acháram-se hum pouco confusos, porque além de não estarem muito apercebidos, acalmou o tempo, que era proprio das fustas, e elles ficavam decepados pera poderem andar, ou ajudar huns aos outros. Cá per ordenança de Diogo Fernandes hiam todos tres tanto affastados hum do outro, que se pudessem ver, pera que vindo alguma náo pera Dio, que viesse a cada hum delles cahir-lhe na rede; e esta ordem que elles traziam pera damnar a outrem offendeo a elles, e foi per esta maneira. Aga Mahamud como os vio assi es-

espalhados, e que o mar estava por elle, a primeira cousa que fez foi mandar duas fustas á náo dos Mouros, que Nuno Fernandes leixou, que a rebocassem, e levassem caminho de Dio, e com as outras fustas se repartio de maneira, que a todalas tres náos deo tanto que fazer com artilheria que trazia, que metteo o navio de Gaspar Doutel no fundo, e tomáram vinte e sinco dos nossos cativos, em que entrou o Mestre da náo. Aga Mahamud, dando cabo a esta, dobrou as fustas sobre as outras, e tratáram tão mal a Diogo Fernandes com alguns tiros grossos de artilheria, que lhe houveram de metter o galeão no fundo; porque houve tiro tão grosso ao lume da agua, que á mingua de não haver em o galeão huma pasta de chumbo, com que lhe tapassem aquelle buraco, per que entrava muita agua, lhe pregáram hum bacio de prata de agua ás mãos, de maneira, que esteve Diogo Fernandes quasi mettido no fundo senão acertára de fazer damno a alguns, com hum camello, e dous falcões, que estavam postos em hum batel grande, que tinha junto de si, que as fez affastar longe. Nuno Fernandes de Macedo tambem neste tempo não padecia menos trabalho: cá além de lhe matarem cinco, ou seis homens, hum dos quaes foi o Escrivão do

galeão, e ferirem mais de vinte, todos com artilheria grossa, chegavam-se tanto a elle, sem a nossa os poder caçar, que não havia cousa que não estivesse encravada com sétas; e verdadeiramente se por muito tempo o mar estivesse morto, as fustas os mettêriam no fundo. Mas aprouve a Deos que refrescou o vento de maneira, que lhe tiveram os nossos vantagem. E como hiam necessitados de agua, e de se repairar, fizeram sua derrota via de Chaul, pera tornarem outra vez esperar Diogo Lopes, indo sempre as fustas ladrando trás elles, em quanto o tempo lhe deo lugar, té que huma trovoada que sobreveio as fez recolher pera Dio. E posto que naquella trovoada lhe supprio parte da necessidade da agua que tinham, todavia encaminhåram a Chaul, e nesta travessa, tomåram dous zambucos, que hiam da terra de Africa da Cidade de Brava carregados de escravos daquella costa. Chegado Diogo Fernandes a Chaul, foi logo provído de agua, e mantimentos per o Feitor Diogo Paes, que ahi estava; e leixados os feridos em cura com esta gente que tinha, tornou em busca de Diogo Lopes, o qual veio tomar a tempo que lhe aproveitou muito; porque Diogo Lopes tinha assentado em Ormuz, que quando tornasse, havia de fazer fortaleza em Madrefabá

cin-

cinco leguas além de Dio pera a enseada de Cambaya, onde elle tinha mandado ver, e sondar o porto per Antonio Correa quando esteve sobre Dio. E como isto foi negocio público, e não ordenado com aquelle segredo que se querem as taes cousas, per os Portuguezes que se tomáram em o navio de Gaspar Doutel, foi Melique Az sabedor desta sua determinação, e dobrou logo sobre elle com o favor que tomou daquella vitoria, fazendo gente na terra, e defensão no porto, e mais número de fustas, pera na terra, e no mar lhe dar trabalho. Das quaes cousas houve logo nova em Chaul, e soube-as Diogo Fernandes, que foram grande aviso a Diogo Lopes pera não commetter o que trazia determinado; e o que além disto o mais desviou foi hum desastre que lhe aconteceo já sobre Dio, que ainda que nelle se perdeo gente, e fazenda, per ventura segundo a cousa estava esperando por elle, foi mercê de Deos. Cá verdadeiramente, polo que depois succedeo da soltura destas fustas de Melique Az em Chaul, (como veremos,) não pudéra leixar de acontecer muito maior desastre, se Diogo Lopes commettêra fazer a fortaleza em Madrefabá, e o desastre foi este. Vindo elle Diogo Lopes com sua frota de Ormuz, tomou no caminho huma não

de Mouros, que hia pera Dio, os cativos da qual mandou repartir pelas náos. E estando já defronte de Dio, os Mouros que hiam na náo chamada Santa Maria da Serra, de que era Capitão Aires Correa, como desesperados, estando debaixo da cuberta, puzeram-lhe fogo, o qual, tanto que foi dar na polvora, pinchou logo as cubertas pera o ar, e o casco se foi ao fundo. Em o qual desastre sem pelejar, morreo Aires Correa, livrado de tanta ferida como houve em Baharem, quasi atassalhado dellas, segundo contámos, e assi se perdeo a maior parte da gente. E porque Diogo Lopes nesta náo trazia todalas munições, com que esperava de poer mãos á obra da fortaleza que queria fazer em Madrefabá, quando se vio manco sem o necessario pera ella, e mais per tal desastre morrer Aires Correa, a que queria muito, tanto por ser seu sobrinho, como por sua pessoa, desistio de fazer a fortaleza em Madrafabá. E principalmente por não achar alli D. Aleixo de Menezes, a que elle tinha mandado que o viesse esperar té per todo Agosto, que havia de trazer gente, e Provisões pera este feito, e tambem por saber de Diogo Fernandes como Melique Áz estava mui apercebido pera lhe defender aquelle lugar; com as quaes cousas elle se foi direito a Chaul,

pera lá fazer esta fortaleza, porque quando se partio pera Ormuz, a este fim mandou Fernão Camelo a Nizamaluco, como atrás escrevemos, da resposta do qual neste seguinte Capitulo daremos razão.

CAPITULO VIII.

Como Fernão Camelo veio de Nizamaluco, e trouxe recado seu a Diogo Lopes de Sequeira, que fizesse fortaleza em Chaul, e a causa porque; e começando-se a obra, vieram as fustas de Melique Az a impedir que se não fizesse; e o damno que os nossos recebêram delle.

AO tempo que Diogo Lopes chegou a Chaul, era já vindo Fernão Camelo com recado do Nizamaluco, o qual havia por bem que se fizesse alli huma fortaleza com certas condições, segundo elle escrevia a hum seu Capitão que ahi estava, chamado Letefican Mouro Parseo Coraçone, homem principal, que o Nizamaluco alli mandára vir pera assentar as cousas daquella Cidade Chaul, que havia pouco tempo que fora queimada pelas fustas de Dabul, que eram do Hidalcão, com quem elle naquelle tempo tinha guerra, que foi grande parte pera o Nizamaluco dar licença pera se fazer a nossa fortaleza. Verdade he que já d'an-

d'antes elle desejava alli huma Feitoria nossa, por causa do proveito que nisso podia ter, e a este fim eram os Feitores nossos que alli estavam quasi senhores da terra. E o primeiro que alli esteve foi João Fernandes, o qual no tempo que alli veio ter Fernão Gomes de Lemos desbaratado do estreito de Méca, onde fora com Lopo Soares, de ser mui senhor da terra, os Mouros o matáram, (como atrás fica.) Ao qual succedeo Fernão Camelo, que servio poucos mezes, e a elle Diogo Paes que neste tempo servia, os quaes sempre arrecadáram os dous mil pardáos de ouro, que o Viso-Rey D. Francisco puzera de tributo áquella Cidade, por causa da morte de seu filho D. Lourenço, (como atrás escrevemos,) onde tambem tratamos do sitio desta Cidade. Consentir o Nizamaluco neste tributo, sendo depois do Hidalcão o maior Senhor do Reyno Decan, e todos tão fumosos, que não soffriam estas cousas a ninguem, não era por temor que tivesse de nossas Armadas, posto que fossem senhores daquelles mares, porque elle tinha mui pouco que entender nelle, sómente por esta causa que diremos. Como muitas vezes atrás he escrito, huma das cousas que dava o principal ser áquelles Capitães do Reyno Decan, eram os cavallos que tinham de-

de Arábia, e da Persia per via de Ormuz; muita parte dos quaes ante que nós entrassemos na India, vinham ter á esta Cidade Chaul, e a Dabul; e outros á Goa de maneira, que se repartíram per estes Capitães; e per ElRey de Narsinga, entrando-lhe por Baticalá, e outros portos, que tinham neste mar. Tomada Goa, ordenou Affonso d'Alboquerque, que nenhum cavallo fosse a outra parte, senão áquella Cidade, por o grande direito que alli pagam delles, que communmente são quarenta e dous pardáos per cabeça, no qual tempo de Affonso d'Alboquerque, e depois houve grandes requerimentos destes Mouros; e assi delRey de Narsinga sobre entrarem estes cavallos pelos seus portos; não tanto por haver os direitos delles, quanto por os haver á sua mão, e della comerem os outros, por ser a principal força, e nervo da guerra, e tão substancial, que trazem os Mouros em modo de proverbios estas palavras: *Senão houvera soffrimento, não houvera já Mundo; e senão houvesse cavallos, não haveria guerra.* Pois como o Nizamaluco via que o Hidalcão seu imigo nenhuma outra cousa o tinha feito poderoso, senão irem os cavallos a Goa, e Chaul, que era á meio caminho, a que as partes mais folgavam de vir, por não correrem tanto risco, não ousa-

ſavam comnoſco ſenão furtadamante: deſejava elle fazer-nos taes obras, e tanto ſerviço a ElRey de Portugal, que houveſſe por bem entrar per aquella ſua Cidade Chaul, (que não tinha outra maritima alguma,) certa ſomma de cavallos por a grande neceſſidade que tinha delles. E daqui vinha, que quanto aos dous mil pardaos que Chaul pagava de tributo, era mui contente, quanto mais que elle os não pagava, ſenão os mercadores da meſma Cidade, e os ſeus rendeiros polo muito que lhe mais importava, aſſi pera poderem navegar ſeguros de noſſas Armadas, como no ganho que comnoſco tinham da entrada, e ſahida das mercadorias. E quando Leteſican o Governador de Chaul aſſentou o contrato com Diogo Lopes ſobre o fazer da fortaleza, pera que o Nizamaluco dava licença, todalas condições delle quaſi ſe rematavam neſta entrada de cavallos; e tanto eſtimava iſto, que ſe contentou que foſſem cada anno trezentos, dos quaes os direitos ſe haviam de arrecadar pelo noſſo Feitor ao modo de Goa. Aſſentado eſte contrato, começou Diogo Lopes a obra da fortaleza meia legua da povoação dos Mouros contra a barra do rio da parte do Norte, onde pareceo que ficavã mais ſegura, e podia ter melhor ſoccorro em tempo de neceſſida-

dade, por ser as outras noſſas fortalezas mui longe, e por vizinha a Cidade Dio, que começava já tomar ouſadia polo que lhe tinha ſuccedido em ſeu favor, porque té então tudo foram artificios, e manhas, de que Melique Az era grande meſtre; e tirando o caſo de D. Lourenço, onde elle acudio como ajudador, e ainda hum pouco vagaroſo, nunca veio com mão armada contra nós tão deſcubertamente como neſte tempo. O qual favorecido do que ſeu Capitão Aga Mahamud fizera, tanto que ſoube que Diogo Lopes eſtava na obra da fortaleza per conſentimento do Nizamaluco, entendeo que lhe não convinha fermos tão vizinhos, e que com noſſo favor Chaul ſe faria mui proſpera, com que avocaſſe todalas náos que vinham de Méca, por ſer per alli huma grande entrada, e ſahida de mercadorias pera o Reyno Decan, o proveito das quaes elle perderia. Por evitar o qual damno, ordenou logo de nos impedir eſta fortaleza, aſſi per mar, como per terra; e o modo que pera iſſo teve, foi eſte. Havia em Chaul dous irmãos Mouros da terra homens honrados, que a revézes governavam a Cidade, e iſto per via de arrendamento, porque geralmente os Principes daquellas partes, ora ſejam Mouros, ora Gentios, fazem Governadores da terra os rendei-

deiros de ſuas rendas, porque com eſta jurdição arrecadam, e roubam melhor, e per eſte modo lhes creſcem as rendas. Hum deſtes irmãos chamado Xec Hamed, que era muito noſſo amigo, fora os annos paſſados Regedor, e per invejas veio lançar ſobre elle o outro irmão chamado Xec Mahamud, o qual quando Diogo Lopes fazia eſta obra, governava a terra, e não nos tinha boa vontade por eſtar mal com o irmão, por ſer noſſo amigo, tendo elle offendido ao meſmo irmão em o fazer tirar do governo. Eſte Xec Mahamud, peró que obedeceo ao que lhe o Governador Letefican mandou da parte do Nizamaluco ſobre o aviamento da obra da fortaleza, e elle moſtrava ter muito contentamento della pelo proveito que recebia de nós, pode tanto o intereſſe particular que recebia de Melique Az, que não movia Diogo Lopes huma pedra, que per elle o não ſoubeſſe Melique Az. O qual Melique Az não ſómente com eſte Mahamud eſtava liado contra nós, mas ainda tinha da ſua mão a hum Xec Gil Capitão d'ElRey de Cambaya, que reſidia em Baçaim, e guardava aquella coſta de noſſas Armadas, em cuja companhia andava hum Capitão Abaſſij, tambem homem de muita qualidade, de que ElRey de Cambaya fazia grande conta, e ambos te-

teriam té trinta fustas. Melique Az como teve a vontade destes Capitães, os quaes per terra eram sempre avisados de Xec Mahamud do que Diogo Lopes fazia, assentou com elles que mandaria o seu Capitão Aga Mahamud, pera que juntamente a hum tempo corressem a Chaul impedir com rebates não fazerem os nossos a fortaleza. Ante da vinda dos quaes a este feito era chegado D. Aleixo de Menezes com tres galés, huma em que elle vinha, Capitão D. Jorge de Menezes seu primo com irmão, e outra Capitão André de Sousa Chichorro, e Francisco de Mendoça da terceira, o qual por razão das barras dos rios, que não se abríram senão de meado Agosto por diante; não pode ser com Diogo Lopes mais cedo, e elle lhe deo nova como sobre Baticalá achára D. Duarte de Menezes filho de D. João de Menezes Conde de Tarouca, e Prior do Crato, o qual vinha pera governar a India. E esta nova lhe tinha já dado Simão Sodré, que viera visitar Diogo Lopes da parte de D. Aires da Gama, que estava por Capitão de Cananor em duas fustas com polvora, e algumas munições, de que sabia ficar elle desfalecido por causa da não Serra, que se lhe queimára. E quando Simão Sodré partio de Cananor, foi com tres fustas, elle em huma, Diogo

Lo-

Lobo em outra, e Duarte Fernandes na terceira; o qual com desejo de tomar alguma vacca pera refresco, foi tanto perlongando com a terra, té que saltou nella, onde o matáram, querendo-se já recolher. Dado rebate a Simão Sodré deste desastre, tornou atrás; e onde soube que se acolhêram os Mouros, que era em huma povoação junto de Barcelor, deo nella, e com morte de alguns a despejou. E tornando-se a recolher, espedio dalli a fusta de Diogo Lobo, que se tornasse a Cananor, e elle seguio seu caminho té chegar a Diogo Lopes, a quem deo a nova da vinda de D. Duarte, (como dissemos) e tambem deo a vida a muitos com o refresco, e provisão, que D. Aires mandava. E esta nova de como Diogo Lopes alli estava tão necessitado soubera elle D. Aires per duas náos, que Diogo Lopes espedio chegando á barra de Chaul, Capitães Christovão de Sá, e Lopo d'Azevedo. Diogo Lopes porque tinha já successor na India, apressava-se quanto podia por leixar posta aquella fortaleza em estado que se pudesse elle ir, mas parece que ainda os seus trabalhos, e dos outros Capitães, e pessoas que com elle se haviam de vir pera este Reyno, ainda não eram acabados. Porque pelo concerto que Melique Az tinha feito com o Capitão de

Ba-

Baçaim Xec Gil, (como ora dissemos,) mandou lá o seu Aga Mahamud com trinta fustas, e com as que elle tinha fizeram número de cincoenta, com que vieram demandar a barra de Chaul a tempo que andava pera entrar nella huma náo nossa, que vinha de Ormuz, Capitão Pero da Silva de Menezes filho de Ruy Mendes de Vasconcellos senhor das Villas de Figueiró, e Pedrogão, o qual leixava lá Diogo Lopes pera certas cousas de presente, que ElRey de Ormuz queria mandar a ElRey D. Manuel, que não mandou, por ter já o animo damnado pera o que commetteo, (como se adiante verá.) Do qual Pero da Silva, tanto que as fustas houveram vista, foram-se nelle, e por o vento lhe não servir bem pera entrar, em breve espaço ás bombardadas o mettêram no fundo, sem lhe Dom Aleixo de Menezes Capitão mór do mar poder valer, quando com sua Armada sahio de dentro do rio a lhe acudir. Porque sendo na barra, como trazia tres galeões, que haviam mister vento, e elle era-lhe contrario, o mais que fez, espedio de si as tres galés, de que eram Capitães os atrás nomeados, e huma caravella Capitão Manuel de Macedo. Mas os Mouros como víram a vantage que tinham na levidão do remo, por se remarem pera diante, e pera trás, ha-

haviam-se com ellas como ginetes com os homens de armas, entre os quaes houve tanta furia de fogo, que todo aquelle mar andava feito huma nevoa grossa de fumo, com que se não viam huns aos outros, em que os nossos recebêram assás de damno; porque sómente na galé de D. Jorge, por ser mais leve no remar, de hum tiro lhe matáram tres homens, e assombráram alguns com o ar do pelouro. Gastada esta parte do dia, ficáram de noite todos na costa do mar, tão juntos huns dos outros, que se atreveo hum dos nossos, dos que tomáram em a náo de Pero da Silva, fogir a nado, e levou nova a D. Aleixo como elle era morto de huma bombarda, que lhe levára em claro a cabeça fóra dos hombros; sem os nossos té então terem sabido ser elle o que vinha em aquella náo tomada. Dom Aleixo quando veio pela manhã, foi commetter Aga Mahamud, e elle o veio receber como homem que andava favorecido do tempo, repartindo-se em tres capitanías, elle com suas trinta fustas a huma, e Xec Gil com vinte, e o Capitão Abexij em outras suas. E tornando outra vez ao jogo das bombardadas tinham esta ordem: espalhadas estas tres capitanías, ellas mesmas se faziam em mais partes por espalhar as nossas vélas; e como viam manquejar alguma,

ma, que ſe não podia ajudar da outra, carregavam ſobre ella deſcarregando todos alli ſua artilheria pola metter no fundo. E peró que tinham tanta vantage neſte modo ſobre os noſſos, todavia D. Aleixo os foi encerrar no rio de Baçaim, que era a ſua acolheita por parte de Xec Gil, no qual Dom Aleixo não podia entrar pola muita agua que demandavam as ſuas vélas. Os Mouros como eram aviſados per terra de Xec Mahamud, dahi a dous dias tornáram commetter D. Aleixo, que eſtava ainda na boca do rio eſperando ſua vinda, e ordenáram-ſe pelo meſmo modo quando foi ao pelejar; e neſte dia, porque Franciſco de Mendoça ficou em parte que não podia ſer ajudado ſenão de D. Jorge, elle levou mais damno que as outras vélas de gente morta, e ferida. D. Aleixo vendo que dos galeões não ſe podia aproveitar, metteo-ſe na galé de D. Jorge, e ordenou hum batel grande de hum galeão com huma bombarda groſſa, que deo a Franciſco de Souſa Tavares, e com mais huma fuſta, e huma caravella, e duas galés, foi buſcar Aga Mahamud, que eſtava em huns ilheos acima de Chaul. O qual, como homem que já ſabia andar ás voltas com os noſſos navios, que eram peſados, o veio receber, e começáram ſeu jogo de bombardadas de novo, andando ſempre

pre as fustas naquella repartição de capitanías que dissemos. E tinha tal industria, que como vinha a viração do mar, logo se punha de maneira, e em parte, que não pudessem os nossos ir a elles, porque naquelle tempo, por ventar vivo, tinham mais alguma melhoria sobre elles. Finalmente, per espaço de vinte dias nunca outra cousa fizeram, recolhendo-se ás vezes a Baçaim a se repairar do damno que recebiam, assi em remeiros, como em lhe desapparelharem as fustas; porém logo tornáram á barra do rio onde D. Aleixo estava, tudo a fim de pelejar, e occupar os nossos de maneira, que a obra da fortaleza se não fizesse, ou ao menos fosse mui de vagar. Porque elle Aga Mahamud todolos dias era avisado quanto Diogo Lopes trabalhava por leixar aquella fortaleza feita, por já ter nova ser outro Governador vindo. Diogo Lopes temendo que por estas andarem mui azedas podiam commetter entrarem pelo rio, e ir dar sobre certos cabouqueiros, que da banda dalém do rio arrincavam pedra, e isto indo-se elle dalli, como esperava fazer ante que ella fosse acabada, porque lhe convinha ser em Cochij pera a carga das náos; ordenou na entrada do rio daquella mesma parte hum modo de baluarte de madeira com entulho de terra ao sob pé de hum morro, que es-

ta-

tava naquella ponta da terra. Com o qual baluarte ficava a entrada daquella barra a elles mui defendida, e mais não podiam fazer tantos commettimentos á nossa Armada, que ficava defronte na outra parte da banda da terra, onde se fazia a fortaleza; e se a commettessem, ficava-lhes a artilheria do baluarte nas costas, de que podiam receber muito damno. E nesta força poz té quinze, ou vinte homens, e por Capitão delles a hum cavalleiro chamado Pero Vaz Permão, homem costumado andar na guerra, e que trouxera honrado nome de Italia, onde andou muito tempo. E aproveitou esta força tanto, que ficáram as fustas tão escarmentadas do primeiro commettimento segundo seu costume nos dias passados, que não tornáram alli mais.

CAPITULO IX.

Como Diogo Lopes de Sequeira entregou a capitanía da fortaleza de Chaul a Henrique de Menezes, e a capitanía do mar a Diogo Fernandes de Béja; e sahido do rio de Chaul pera se ir á India, se deteve por causa das cousas que Aga Mahamud fez em a Armada em que morreo Diogo Fernandes: e entregou a Armada que elle tinha a Antonio Correa, e elle Diogo Lopes se partio pera a India.

TAnto que Diogo Lopes segurou aquelles commettimentos das fustas, determinou de se partir pera Cochij, pera ir fazer a carga da especiaria, e se despachar cedo pera se vir a este Reyno, por ser já no fim de Outubro. E primeiro que o fizesse, tomou a menagem da capitanía daquella fortaleza a Henrique de Menezes filho de Gonçalo Mendes da Silveira, que era sobrinho delle Diogo Lopes filho de sua irmã, e deo Alcaidaria mór a Fernão Camello, e Feitoria a João Caminha, e os mais officios a pessoas que per seu serviço o mereciam. A qual fortaleza ficava sómente com a torre da menagem no primeiro sobrado, e as outras officinas junto a ella, sem ter mais muro que as cerrasse, que a pri-

primeira cerca de madeira, que se fez pera elegemento da grandeza da obra, dentro da qual se lavrava a outra de pedra, e cal. E leixou por Capitão mór do mar a Diogo Fernandes de Béja, o qual havia de ficar alli na boca daquelle rio com as tres galés, caravela, bargantim, e mais tres náos, té que viesse D. Luiz de Menezes, que vinha pera servir de Capitão mór do mar com seu irmão D. Duarte de Menezes, (como dissemos,) que era vindo pera servir de Governador da India, ao qual D. Luiz elle Diogo Fernandes havia de entregar toda aquella Armada. Assentadas estas cousas, sahio Diogo Lopes de dentro do rio, e veio-se lançar na boca da barra, pera que quando viesse a noite com o terrenho, se fazer á véla via de Cochij. E porque ainda de todo não eram sahidas as náos, que com elle haviam de ir, e quasi todolos Capitães, que ficavam com Diogo Fernandes se quizeram lançar junto delle Diogo Lopes, que era da banda donde estava o baluarte, e isto por cortezia, e segurança de sua pessoa, por Aga Mahamud andar per diante delle ladrando, o que Diogo Lopes houve por affronta; mandou a André de Sousa Chichorro que se fosse lançar com sua galé na barra, chegando hum pouco a terra, porque poder-se-hiam cozer

tanto com ella os Mouros com ſuas fuſtas, que entraſſem no rio a fazer algum damno. Aga Mahamud tanto que vio André de Souſa a tempo que não podia ſer ſoccorrido; foi-ſe a elle já bem tarde com ſuas trinta fuſtas, e as outras ſe repartíram em duas partes, ſegundo ſeu coſtume, fazendo-ſe na volta do mar. E como a noite veio, por terem marcada a galé de André de Souſa, onde lhe ficava pera apontar nelle ſua artilheria, começáram deſcarregar nella ſem canſar té pela manhã, no qual tempo lhe matáram ſete homens, e feríram muitos, e ſeu irmão Aleixo de Souſa foi aleijado de hum braço. E vieram-ſe os Mouros tanto a eſquentar em animo, vendo que não podia ſer ſoccorrido, por o vento ſer contrario a toda noſſa Armada, pera poder ir a ella, que abalroáram com ella, em que ceſſáram as bombardas, e vieram ás lançadas té aos terços das eſpadas. D. Jorge de Menezes como a ſua galé era leve no remo, e ficava mais perto de André de Souſa, que as outras noſſas vélas, foi-lhe ſoccorrer o mais preſtes que elle pode; e indo a meio caminho, tirou hum tiro por ſinal que hia a elle, com que deo animo aos noſſos, porque eſtavam já tão canſados, que não podiam menear os braços a tantas partes, como eram commettidos. Chegado D. Jorge

já

já junto da galé, vendo que na popa tinha hum cardume de fustas, que a tinham cercada pera de todas partes a entrarem, mandou apontar nellas hum tiro grosso, o qual fez tanto damno nellas, mettendo huma no fundo, e outras desapparelhando, que não ousáram de esperar outro, posto que Aga Mahamud trabalhava, ante que D. Jorge chegasse, de se fazer senhor della. Mas não lhe succedeo como elle cuidou: cá D. Jorge rompeo per meio delles, e foi-se ajuntar com a galé, fazendo em huns, e outros bem de lenha na madeira, e sangue nas pessoas. Na qual furia chegou Diogo Fernandes, que vinha na galé de Francisco de Mendoça com mais quatro bateis, que acabou de apartar aquella fustalha, que se damno leixou feito, tambem levou sua parte. Diogo Fernandes, porque a galé de André de Sousa era maravilhosa pera ver, segundo era desfeita, e desbaratada, assi da mareagem como da gente, mandou-a assi apresentar ao Governador Diogo Lopes. E elle com os outros navios foi-se pôr na entrada do rio polo defender ás fustas, passando-se da galé de Francisco de Mendoça á de D. Jorge de Menezes, por ser melhor de remo: parece que o chamava o seu derradeiro dia naquellas mudanças, porque Aga Mahamud foi avisado aquella noite como

a sa-

a ſahida do Governador era ir-ſe já de caminho pera a India, e que a galé com que pelejára ficára tal, que não poderia mais ſervir, ſenão com grande corregimento. E, que entre os Portuguezes havia nova, que ſería alli cedo hum irmão do novo Governador, por tanto que ſe trabalhaſſe por dar fim ao que tinham começado, pois o Deos favorecia, que ſoubeſſe ſeguir a vitoria em quanto tinha tempo, e não vinha o Capitão que eſperava. Aga Mahamud com eſte recado, logo aquella noite ſe ordenou pera o outro dia commetter as noſſas galés; e quando veio a manhã que não veio a galé, entendeo ſer verdade tudo o que lhe mandáram dizer, com que ficou com tanto animo, que ſe apartou com ſuas trinta fuſtas, e foi demandar Diogo Fernandes, que (como diſſemos) ſe paſſára á galé de D. Jorge. E pera o caſo lhe ſer mais favoravel, acertou que a outra galé eſtava lançada hum bom pedaço della contra onde jaziam as náos, em que Diego Lopes eſtava pera partir, e em parte onde com o vento que ventava, que era o terrenho da manhã, não ſe podiam ajudar huma á outra. E as outras fuſtas da capitanía de Xec Gil tambem ſe ordenáram pera ir commetter a de Franciſco de Mendoça; mas como ellas ficavam em poſto, que aſſi do baluarte, que eſtava fei-

feito na entrada do rio, como das náos de Diogo Lopes poderia receber muito damno com a artilheria, leixáram-ſe eſtar té verem o que ella fazia de ſi. Aga Mahamud como andava já deſtro naquelle jogo de bombardas, e favorecido do tempo, pela ponta do remo de que ſe elle mais ajudava, e em que tinha avantaje aos noſſos, com grande grita foi commetter Diogo Fernandes, e a tres, ou quatro bateis, que eſtavam com elle; os quaes, como o ar foi cégo da fumaça da artilheria, todos ſe fizeram em hum corpo, emparando-ſe com a galé. E durou eſta furia de fogo tanto, que o maſto, vergas, remos, e toda a couſa, com que a galé ſe podia ſervir, foi quebrada, e feita em pedaços, e era arrombada no coſtado per ſete, ou oito partes. O Piloto vendo o muito damno que tinham recebido, foi-ſe a Diogo Fernandes, dizendo, que ſería bem mandar cear com alguns remos, pera irem deſcahindo ſobre a outra galé, que lhe ficava per popa, e que ſe metteriam nella, e nos bateis, o que pareceo bem a Diogo Fernandes pera ſe ajudar huma á outra. D. Jorge Capitão da galé, (poſto que Diogo Fernandes era Capitão mór,) vendo que não havia remos pera aquella obra, e mais ainda que os houveſſe, moſtravam terem recebido muito damno,

e ſo-

e sobre isso grande fraqueza diante de quantos Mouros havia em Chaul, os quaes de terra, como quem vinha a ver fustas, eram postos pelos lugares altos a olhar, disse contra o Piloto: *Ninguem tome remo na mão pera cear, porque lhe cortarei a cabeça com esta espada, ante remem avante se hi ha com que, mostremos ter vontade pera ir a elles*; o que pareceo bem a Diogo Fernandes. E porque os bateis nossos, que traziam peças de artilheria, posto que os enxotavam derredor da galé, não faziam senão buscar abrigada, houve Diogo Fernandes paixão, e remettendo da popa, veio-se á proa a bradar com os bateis, dizendo-lhe palavras feas, porque não hiam avante. No qual tempo veio hum pelouro de huma bombarda, e deo em hum pião de hum falcão, e dalli resbalou, e veio dar elle em Diogo Fernandes per huma ilharga que lhe metteo as armas per dentro, e cahio morto, sobre o qual hum moço seu, que estava junto delle, se poz a prantear; a que D. Jorge logo acudio, e bradou com o moço que se calasse, e mandou cubrir o corpo do morto com o bernio de hum remeiro. Quando os remeiros víram o rumor da morte do Capitão, como os mais delles eram Mouros, e gente forçada, começáram bradar per os Mouros das fus-

fuſtas, que foſſem tomar a galé, ao qual rumor acudindo D. Jorge, ferio com a eſpada a ſeis, ou ſete, que os fez calar. E porque eram já muitos homens mortos, em que entrava o Condeſtabre, e o Comitre, e outros tão feridos que não podiam trabalhar, chamou hum Mouro remeiro, que lhe pareceo homem pera iſſo, e diſſe-lhe que mandaſſe a galé, que elle lhe dava liberdade, e o havia por ſeguro, e aſſi ſoltou dez, ou doze degredados Chriſtãos, mandando-lhe que o ajudaſſem, que além da ſoltura lhe faria mercê. Finalmente, favorecida a gente, aprouve a Deos que os imigos enfraquecêram, e com o damno que recebiam dos tiros da galé ſe foram acolhendo. D. Jorge quando os vio ir metteo-ſe no eſquife da galé, e acompanhado dos outros bateis, fez que hia trás elle, por moſtrar aos Mouros de Chaul que os levava em fugida. Tornando á galé, fez que ſurgiſſe, e mandou-a embandeirar, moſtrando a vitoria que houvera, e eſteve aſſi ſurto té veſpora, que com a viração ſe foi apreſentar a Diogo Lopes, que eſtava bem largo ao mar, o qual o recebeo com tanta honra, quanta teve de triſteza pela morte de Diogo Fernandes; porque além de ſe nelle perder hum homem, que pera aquelle officio da guerra havia poucos que lho fi-

zeſ-

zeſſem vantagem, era grande ſeu amigo por couſas particulares. Ao qual mandou logo deſarmar, havendo mais de quatro horas que era morto; e tirando-lhe do peſcoço huma Cruz de ouro, em que trazia reliquias, começou lançar pelos narizes algum ſangue, não tendo té então lançado huma gota, e dalli o mandou levar em hum eſquife a enterrar a Chaul. Em lugar do qual proveo logo da capitanía mór da Armada, que alli havia de ficar té vinda de D. Luiz de Menezes, a Antonio Correa, e deo-lhe hum galeão, por ſer peça que lhe podia ſervir de baluarte em quanto eſtiveſſe na barra, onde lhe mandou que fizeſſe hum pera daquella parte eſtar a entrada do rio tão ſegura como da fronteira onde eſtava o outro, de que era Capitão Pero Vaz Permão. Dada eſta ordem pera guarda daquella fortaleza, partio-ſe Diogo Lopes no fim de Dezembro pera Cochij. E no caminho, ſendo tanto avante como Dabul, começou a India fazer ſeu officio, (como já diſſemos,) que recebe aos que a vam governar, com alegre roſto, e quando os eſpede de ſi, he com todas as injurias que lhes póde fazer. Porque neſta paragem achou D. Luiz de Menezes, que vinha com aquella pompa de muitas vélas, e Capitão mór do mar, ao qual mandou

D.

D. Duarte ſeu irmão que vieſſe acudir áquella fortaleza, que ſe começava fazer em Chaul, por ter nova do trabalho que os noſſos ſoffriam das fuſtas de Melique Az. Diogo Lopes, encontrado D. Luiz, eſperou que por ſua dignidade, e idade que o foſſe ver; e quando vio que o não fazia, metteo-ſe no batel do ſeu galeão, porque não levava mais vélas, por as leixar todas a Antonio Correa, e foi ver D. Luiz ao ſeu. Da qual viſta não ficáram contentes hum do outro, porque ainda D. Luiz quizera que elle Diogo Lopes lhe dera o galeão que levava; e que ſe fora em outro navio pequeno, que lhe mandava dar. Partido hum do outro, chegou D. Luiz a Chaul a tempo que Antonio Correa tinha acabado hum honrado feito, e foi eſte.

CA-

CAPITULO X.

Como Aga Mahamud mandou per hum ardil commetter o baluarte onde estava Pero Vaz Permão, no qual commettimento, posto que morreo Pero Vaz, e outros, os Mouros foram vencidos: no fim do qual feito veio D. Luiz de Menezes, a quem Antonio Correa entregou a Armada, e dahi se foi a Cochij embarcar com Diogo Lopes de Sequeira, que partio pera este Reyno, aonde chegou a salvamento.

PArtido Diogo Lopes, tomou Antonio Correa posse com toda sua Armada da boca da barra, chegado muito a terra da banda de Chaul, onde Diogo Lopes lhe mandou que fizesse outra força como a fronteira, em que estava Pero Vaz: cá esta defenderia commetterem as fustas entrar per aquella parte por varejarem com sua artilheria aquelle lugar. Porque a ordem que Antonio Correa, (segundo assentára com Diogo Lopes,) esperava ter com aquelle Mouro Aga Mahamud, que tanto os perseguia com a ligeireza das suas fustas, era que elle Antonio Correa não se movesse dalli, e muito temperadamente, se elle viesse, gastasse a polvóra, por a pouca que tinha: cá despendendo em tiros perdidos, em pou-

çcos

cos dias a poderia gaſtar de todo. Xec Mahamud, o noſſo imigo, aviſou a Aga Mahamud, que eſtava em Baçaim reformando-ſe do damno, que tambem recebeo de Dom Jorge, dando-lhe conta como o Governador era partido, e que Antonio Correa ficava pera fazer hum baluarte da parte de Chaul. E que eſtava aſſentado que não havia de ſahir a elle a pelejar, ſómente defender a entrada, que a elle lhe parecia que ſería bem ordenar-ſe de maneira, como per algum modo entretiveſſe a Antonio Correa, e entretanto mandaſſe commetter o baluarte já feito da outra banda, onde não havia mais que té quinze homens. E que ſe tomaſſe eſta força, ficaria ſenhor do mar, e da terra, porque elle metteria tambem o lugar em alvoroço de maneira, que podia ſucceder com que de todo nos lançaſſe dalli fóra; e pera o encaminhar per terra té elle dar no baluarte, lhe mandaria aquelle homem que lhe daria a carta. Aga Mahamud, como teve eſte aviſo de Xec Mahamud, informado bem do ardil per eſte homem que lhe mandou, á grande preſſa reformou toda ſua frota de munições, e gente freſca, e dahi a dous dias veio-ſe pôr ante Antonio Correa, provocando-o a ſahir do pouſo que tinha tomado; e quando entendeo ſer verdade o que Xec Mahamud

lhe

lhe tinha eſcrito , ordenou o ſeu ardil per eſta maneira. O baluarte, que diſſemos que guardava Pero Vaz ; eſtava ao pé de hum morro, aſſentado de maneira, que da parte do rio a terra era raſa , e deſcuberta, com que elle podia bem varejar ſua artilheria a quem a quizeſſe commetter entrar pelo rio. E da outra parte contra a coſta do mar eſtava eſte outeiro aſſi ordenado , que quem ſe puzeſſe de trás delle na parte de huma calheta, onde ſe podia deſembarcar em terra , ficava encuberta do meſmo outeiro, pera não ſer viſto do lugar onde Antonio Correa eſtava, nem do meſmo baluarte, que eſtava ao pé delle. Neſta calheta determinou Aga Mahamud que foſſe demandar Xec Gil, e o outro Capitão Abexij com té trezentos homens, e que levaſſe por guia o Mouro que lhe mandou Xec Mahamud : cá elle os levaria ao baluarte dos noſſos , e que em quanto elles commetteſſem o baluarte, elle Aga Mahamud eſtaria no lugar onde eſtava ás bombardadas por entreter os noſſos. Aſſentado eſte ſeu ardil, levou Xec Gil quinze fuſtas, e de noite por não ſer viſto foi ter á calheta , onde deſembarcou com ſua gente , que foi levada pela guia que os havia de encaminhar ao baluarte dos noſſos , onde eſtavam mais quinze homens, que Antonio Correa o dia dantes

tes mandára a Pero Vaz, como se lhe o espirito dissera; o que havia de ser, com os quaes fez trinta e tantas pessoas. Os Mouros, porque per onde a guia os levou era tudo mato, tiveram bem que fazer em chegar á fortaleza já alto dia; e primeiro que sahissem da silada, tomáram folego do caminho, e dalli remettêram com huma grita, que deo grande sobresalto aos nossos, por estarem descuidados daquella parte. Mas como o temor ensina a salvação, e elles não tinham outra senão de suas mãos, vendo que entre elles, e os Mouros havia tão desigual número; e mais não tendo por amparo mais que huns vallos, e hum pouco de taboado com entulho de terra per dentro, recebêram os imigos tão animosamente, que sendo pouco mais de trinta, paréciam outros trezentos, como os Mouros eram. Antonio Correa, que estava no seu pouso, quando da outra banda ouvio a grita dos Mouros, e vio o combate que davam, entendeo per onde fora a sua entrada, e a grande pressa mandou dous bateis grandes com as peças de artilheria, que traziam ordenadas pera aquella defensão das fustas, que acudisse ao baluarte com té sessenta homens, dos quaes era Capitão Ruy Vaz Pereira. O qual atravessando o rio da parte dalém, chegáram a tempo que eram

já

já mortos Pero Vaz o Capitão, Simão Ferreira, o Condestabre dos bombardeiros, e outros com a mais da gente muito ferida. E havia homem que em huma rodela, que tinha a Cruz de Christo, (divisa dos Cavalleiros desta Ordem,) estavam pregadas sessenta fréchas, e nenhuma dellas na Cruz, occupando ella com sua figura a maior parte do campo derredor della. E outros dous, que eram Manuel da Cunha, e Pero de Queirós, cada hum tinha na sua rodela de vinte e sinco pera cima. Finalmente, segundo os Mouros eram muitos, foi hum grande milagre não terem tomado o baluarte, ante que lhe os dous Capitães acudissem com sua gente, os quaes fizeram tal obra, que puzeram os Mouros em fugida; e senão fora o mato do outeiro per onde elles vieram, no qual se embrenhàram, todos alli houveram de perecer: com tudo, ficáram estirados huns sessenta e tantos. Aga Mahamud quando soube deste desbarato dos seus, foi recolher suas fustas, e contentou-se em o não irem demandar, com que ficou mais manso, do que andava d'antes. Porque além de perder muita gente, a maior parte da qual era da mais nobre que elle trazia, entrou nella o Capitão das fustas Xec Gil, e outro Abexij, e assi morreo a guia que os levava, criado de Xeç Mahamud.

O

O qual deſejando ſaber como aquelle caſo paſſára, por ter vigia nelle, e lhe ſer dito que Antonio Correa eſtava no baluarte, mandou-lhe hum batel carregado de refreſco com hum recado de viſitação. Antonio Correa como tinha já ſabido quem elle era ácerca de noſſas couſas, mandou cortar as cabeças daquelles Mouros, que nos veſtidos pareciam mais honrados, e mandou-lhas, dizendo, que em retorno do refreſco lhe mandava aquellas cabeças, por ſaber quanto havia de folgar com a vitoria, que houveram os do baluarte, e os corpos de todos mandou enforcar ao longo da praia, que foi huma triſte viſta a todos os Mouros de Chaul. Quando elle Mahamud conheceo as cabeças dos Capitães, e a do criado, e outras peſſoas nobres, foi tamanha a dor nelle, que ſem temor publicamente moſtrou quanto lhe pezava daquella obra, dizendo que Antonio Correa não lhe houvera de mandar tal preſente em retorno da ſua viſitação, e abaſtava a vitoria, e não mandar-lhe cabeças de homens, e mais ſendo Mouros, entre as quaes podia haver couſa ſua. E como homem que ſe diſpunha a tomar de nós toda vingança, eſcreveo a Aga Mahamud que ſe aviſaſſe não partir dalli: cá lhe fazia ſaber que os noſſos tinham gaſtado toda a polvora que trouxeram,

ram, e com pouca affronta, que lhe fizessem, lhe faria despender a que lhe ficava, de que lhe podia succeder huma boa ventura, com que recompensasse aquella perda. Aga Mahamud tomando seu conselho, não leixou de esbombardear a Antonio Correa; mas elle o entretinha, e todo seu cuidado era defender que não fosse impedir acabar-se de fazer o baluarte, em que poz vinte e cinco espingardeiros, e por Capitão Alvaro de Brito. No qual tempo chegou D. Luiz de Menezes, a que elle Antonio Correa, como Capitão mór do mar, entregou as vélas que tinha, e elle veio-se pera Cochij em hum galeão pera tomar Diogo Lopes de Sequeira, ante que partisse pera este Reyno, por ser já no fim de Dezembro. O qual Diogo Lopes ainda não tinha feito entrega a D. Duarte do governo da India por ter Provisão d'ElRey D. Manuel que té se embarcar governasse; e acabando de fazer sua carga, entregou o governo a D. Duarte de Menezes a vinte e dous de Janeiro de quinhentos e vinte e dous, e elle Diogo Lopes com oito vélas carregadas de especiaria se partio pera este Reyno, de que estes eram os Capitães, elle, D. Aleixo de Menezes, Ruy de Mello de Castro, D. Aires da Gama, Manuel de la Cerda, André Dias, Sancho de Toar,

Pe-

Pero Quaresma, que todos chegáram a este Reyno a salvamento. E diante delle em vinte e oito de Março chegou a náo Nunciada de Bartholomeu Florentim, Capitão seu filho Pero Paulo Marchone, as quaes náos trouxeram muito boa carga de especiaria, e algumas dellas eram do anno de vinte, por não terem por então carga; por esta causa vieram nove náos. E peró que a carga foi grande, foi a pimenta tal, que alguma quebrou a setenta por cento, e duas náos della se gastáram á mingua de não haver outra na casa o anno de quinhentos e sessenta e hum. A culpa da qual pimenta não teve Diogo Lopes, por elle ser neste tempo em Ormuz, e em Chaul fazendo a fortaleza; mas André Dias Alcaide de Lisboa, que veio por Capitão da náo Sant-Iago. Ao qual ElRey D. Manuel mandou o anno de quinhentos e vinte com grandes poderes, e regimento pera elle feitorizar a carga daquelle anno, por ser homem que já no tempo do Viso-Rey D. Francisco estivera por Escrivão da Feitoria em Cochij, e sabia o negocio daquellas partes. E elle em lugar de comprar pimenta, trouxe terra; porque como os mercadores da especiaria entendêram que elle desejava de trazer grande carga pera abonar sua diligencia, davam-lha verde, e ainda o anno de

vinte e hum, que elle houvera de vir com ella; porque não pode haver quanta queria, ficou na India, e mandou algumas náos com aquella que pode haver, e veio-se este anno de quinhentos e vinte e dous. Puzemos esta lembrança aqui, não por razão de historia, mas como official do cargo de Feitor, que temos desta casa, per cuja mão passa a pimenta, e bondade della, porque seja aviso que pimenta, na India hão de estar os Officiaes compradores della, e não mandados de cá em discredito seu. E o que ácerca disto passa, leixo no meu peito, basta que tenho experiencia de trinta e oito annos de official, e vi passadas, e presentes experiencias neste negocio, que me faz dizer quanto mais aproveita aos Principes, pera fazerem sua fazenda, fazerem mercê aos fieis, e castigar cubiçosos, que desconfiar daquelles, per meio dos quaes necessariamente se hão de servir, porque na desconfiança não assombram, mas indignam a quem tem pouca conta com a alma. E de ElRey D. João o Segundo de Portugal, (que foi hum Principe de grande governo,) conhecer bem a natureza dos Portuguezes, que com mais paciencia recebem castigo, que injúria, dizia por elles: *Ao Portuguez não o enxovalhar, mas castigar quando o merecer*. E já lhe aconteceo receber capitu-

los

los de Official de sua fazenda bem honrados, e mostrar á parte que lhos deo, ter descontentamento disso, por saber que procedia mais de odio, que de zelo de seu serviço. E tambem por não enxovalhar a parte dissimulou o caso mais de hum anno, e neste tempo, sem o ninguem sentir, per si mesmo tirou os capitulos, e achando a parte culpada nelles, lhe tirou o officio, e deo-lhe outro não menos honrado em casa do Principe D. Affonso seu filho, a quem então dava casa, mostrando ao Mundo que fazia aquella mudança por fazer mercê á parte. A qual em segredo reprendeo do que tinha sabido delle, não per via de capitulos, mas como Rey: cujo officio he saber como seus Officiaes vivem, pera agalardoar os bons, e os que não são taes haverem seu castigo. E porque as culpas desta parte eram de cubiça, por ser Official de sua fazenda, em que ella padecia o detrimento, e não parte alguma: não foi o castigo mais severo, que tirar-lhe o azo de mais peccar; porque trazia elle por costume não castigar a homens que comiam de sua fazenda, senão a quem queria mais que comer. E esta resposta deo elle a hum Almoxarife dos mantimentos dos armazens da Cidade de Lisboa, ao qual, pedindo-lhe que lhe accrescentasse o mantimento, El-Rey

46072

Rey perguntou, que cousas recebia de seu officio; e elle lhe respondeo, que farinha, biscoito, carne, pescado, vinho, azeite, vinagre, e outras cousas desta qualidade pera dar ás Armadas: ao que ElRey respondeo: *Pois essas cousas não são mantimentos? São, Senhor* (disse elle) *mas são de Vossa Alteza, e hei de dar boa conta dellas. Comei vós* (disse ElRey) *que eu não castigo quem come, mas quem furta; havendo que comer, não merece castigo senão quem faz casaria pera viver, e lhe renderem, e casa de honra, e fazenda pera memoria de seu nome.* E huma das cousas de grande prudencia, e que louvam o Emperador Carlos V. he, que de experimentado quanto damno lhe fazia per capitulos, e mexericos remover homens de cargos de seu estado, principalmente quando per elle eram postos no tal cargo, e não inculcados per outrem, e de que tinha experiencia, dissimulava com elles sem os ameaçar com desgostos, e desconfiança, ante neste tempo mostrava ter delles muita, e os favorecia em suas cousas por os mais confundir, e castigar em seu tempo, que era quando acabavam de servir seu cargo, como fazia; e achando o contrario, os remunerava com mercê. E já aconteceo ser-lhe dados capitulos de homem que elle tinha posto em

car-

cargo de grande confiança de seu estado, e calando o nome de quem lhos deo, lhe mandou os proprios capitulos com palavras da confiança que tinha delle per experiencia de seus serviços passados. Isto quasi ao módo de Alexandre Magno, que sendo-lhe dada huma carta, em que o avisavam que não tomasse huma purga, que lhe havia de dar o seu medico Filippo, porque nella hia peçonha pera o matar, estando elle doente; e pola grande confiança que tinha nelle, quando veio ao tomar da purga, com huma mão tomou o vaso, per que bebeo, e com a outra lhe deo a carta que a lesse. Porque dizia elle Emperador Carlos, que melhor se achava da confiança que mostrava aos homens de que tinha experiencia, que de os remover dos officios, em que os tinha posto, porque lhe acontecêra muitas vezes damnar seus negocios em estas mudanças. E nós outros Portuguezes mais gloria temos no enxovalhar, que no castigar, sendo mais proprio da justiça o castigo, que a injúria: cá o primeiro faz indignação, de que procede vingança; e o segundo confunde com arrependimento da cousa, porque recebe a pena do castigo.

DECADA TERCEIRA.

LIVRO VII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas que se fizeram em quanto governou D. Duarte de Menezes.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel mandou por Governador á India D. Duarte de Menezes, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e vinte e hum.

Este anno de mil e quinhentos e vinte e hum em Lisboa a treze dias do mez de Dezembro, ás nove horas depois de meio dia faleceo ElRey Dom Manuel, o quatorzeno de Portugal, e primeiro deste nome, em idade de cincoenta e dous annos, seis mezes, e treze dias. Dos quaes reinou vinte e seis, hum mez, dezenove dias. Foi sepultado no Mosteiro de N. Senhora de Bethlem em Rastello, que (como no princípio desta historia escrevemos) elle novamente fundou em louvor de Deos,

Deos, por lhe gratificar a mercê que lhe fizera no descubrimento da India. O Principe D. João seu filho, sendo em idade de vinte annos e quatro mezes, foi logo levantado por Rey na mesma Cidade de Lisboa nos alpendres do Mosteiro de S. Domingos. E posto que na India não se soube esta nova senão no anno seguinte de vinte e dous, em as náos que então partíram deste Reyno, porque D. Duarte de Menezes, que elle Rey D. Manuel tinha enviado a ella por Governador, não foi entregue deste governo senão a vinte e dous de Janeiro de quinhentos e vinte e dous, (como ora escrevemos no fim deste sexto Livro, que atrás fica,) convem que entremos neste setimo com o novo Rey, Senhor da conquista, navegação, e commercio do grão Oriente, que aquelle felicissimo, bemaventurado, e de gloriosa memória ElRey seu padre lhe leixou por herança, accrescentada per elle á Coroa destes Reynos de Portugal. E tambem começamos com novo Governador D. Duarte de Menezes, filho herdeiro de D. João de Menezes, Conde de Tarouca, Prior do Crato da Ordem de S. João do Hospital, e Capitão da Cidade Tanger em Africa, e Mordomo mór que fora da casa d'ElRey Dom Manuel, e seu Alferes mór, pessoa das no-

ta-

taveis deste Reyno, assi pelo claro sangue de sua linhagem, como por sua cavallaria, e grandes qualidades. O qual D. Duarte não sómente tinha os meritos de seu pai, mas ainda os de sua pessoa, em honrados feitos que tinha acabado em Tanger, onde esteve por Capitão. Por os quaes respeitos, e qualidades que té então não concorrêram em quantos Governadores foram á India, ElRey D. Manuel o escolheo pera este governo, e conquista, e lhe deo maior ordenado do que tiveram os outros passados, e depois algum teve. E apercebida huma frota de doze vélas, partio deste Reyno a cinco de Abril de quinhentos e vinte e hum: os Capitães das quaes vélas eram elle, Dom Luiz de Menezes seu irmão Monteiro mór do Principe D. João, que logo reinou, (como ora dissemos,) D. João de Lima filho de Fernão de Lima Alcaide mór de Guimarães, que hia pera Capitão da fortaleza de Calecut, D. Diogo de Lima filho do Bisconde D. João de Lima pera Capitão de Cochij, João de Mello da Silva filho de Manuel de Mello Alcaide mór de Olivença pera Capitão de Coulão, Francisco Pereira Pestana filho de João Pestana pera Capitão de Goa, D. João da Silveira filho de D. Martinho da Silveira pera Capitão de Cananor, Diogo de Sepulveda filho de João

de

de Sepulveda pera Capitão de Sofala; Martim Affonso de Mello filho de Jorge de Mello Lageo de alcunha, que da India havia de partir com tres, ou quatro vélas pera ir assentar o trato da China, Gonçalo Rodrigues Correa de Almada Armádor da propria náo em que hia, e Vicente Gil filho de Duarte Tristão, que tambem era Armador da sua náo. E assi hia em companhia de Diogo de Sepulveda em hum navio Antonio Rico, que havia de servir de Alcaide mór, e Feitor de Sofala, e nelle havia de vir Sancho de Toar, que lá estava por Capitão. E apôs elle D. Duarte de Menezes partio Bastião de Sousa de Elvas, filho de Ruy d'Abreu Alcaide mór que fora de Elvas, por Capitão de duas vélas, elle em huma náo, e João de Faria, e Henrique Pereira Cavalleiros da casa d'ElRey em hum navio, hum pera servir de Alcaide mór, e outro de Feitor de huma fortaleza que ElRey D. Manuel mandava fazer per elle Bastião de Sousa, de que havia de ficar Capitão na Ilha de S. Lourenço em o porto Matatana por razão do gengivre que alli havia. Ao qual negocio já ElRey mandára a Luiz Figueira, que fez tão pouco, como escrevemos, quando Lopo Soares o anno de quinhentos e quinze indo pera á India o achou em Moçambique, e mui-

muito menos fez Baſtião de Souſa, (como em ſeu lugar ſe verá.) D. Duarte partido com ſua frota, e chegado a Goa, ſabendo como Diogo Lopes, a quem elle hia ſucceder na governança da India, eſtava na preſſa de fazer a fortaleza de Chaul, pola neceſſidade que tinha, e o tempo ſer chegado pera ſe elle vir pera eſte Reyno, não fez mais que eſpedir D. Luiz de Menezes ſeu irmão, como Capitão mór que era do mar, e de ſi metter os Capitães das fortalezas em poſſe, pera que tiveſſem tempo de ſe aperceber os que haviam de vir com Diogo Lopes de Sequeira. Entregue per Diogo Lopes da governança da India a vinte e dous de Janeiro, (como diſſemos,) e elle partido pera eſte Reyno, começou D. Duarte de Menezes entender no governo das couſas que ao preſente eram mais importantes acudir. E foi mandar algumas vélas a ſeu irmão D. Luiz a Chaul, onde eſtava, pera leixar em guarda da fortaleza, e que elle a grão preſſa ſoccorreſſe a Cidade Ormuz; por quanto viera o recado, eſtando ainda alli em Cochij Diogo Lopes, que ElRey ſe levantára contra os noſſos, e que a maior parte dos que pouſavam fóra da fortaleza eram mortos, e os outros poſtos em cerco. Ido eſte recado a Dom Luiz, porque D. Duarte ſoubera que todo

o da-

o damno que se recebêra de Aga Mahamud, fora por razão dos navios de remo leves que trazia, ordenou de mandar logo doze fustas, seis das quaes á sua custa fez Simão d'Andrade, a quem elle D. Duarte deo a capitanía da fortaleza Chaul, leixando Diogo Lopes nella Henrique de Menezes, (como atrás fica.) Alguns quizeram culpar D. Duarte, por tirar este sobrinho de Diogo Lopes, a quem elle com mais razão podia dar esta fortaleza que a Henrique de Menezes, por ter em todolos Governadores Provisão d'ElRey, que em qualquer fortaleza que fizessem de novo, pudessem prover de Capitáes, e Officiaes, té elle de cá do Reyno prover, o que D. Duarte não podia fazer, pois não vagára. E o porque se isto mais estranhou, foi por elle D. Duarte casar huma filha bastarda, que cá leixou no Reyno, com Simão d'Andrade, e parecia ser a fortaleza dada por dote, o que não houve effeito, por elle falecer sem vir a este Reyno. Ao que D. Duarte dava por desculpa, que o fizera por Simão d'Andrade ser hum homem mui antigo na India, e experimentado na guerra della, e que viera pouco havia da China muito rico, e logo de boa entrada á sua custa fizera seis fustas. E que os homens destas qualidades eram aquelles a que se deviam entregar as

for-

fortalezas d'ElRey, por terem substancia pera suster todo trabalho, principalmente naquella de Chaul ainda por acabar, e tão requestada dos Mouros, e affastada de Goa, de que não podia em breve receber ajudas. E que Henrique de Menezes, posto que fosse bom Fidalgo, e Cavalleiro, era mancebo, e novo da India, e sobre isso tão pobre, que não poderia soffrer os gastos de Capitão; e que segundo a fortaleza estava inquieta, primeiro ficaria de todo destruido, que houvesse algum proveito. Finalmente com estas, e outras razões, em que D. Duarte mostrou ser necessaria esta mudança pelo estado em que a fortaleza estava, Simão d'Andrade partio pera Chaul com regimento, que como fosse mettido de posse da fortaleza de Chaul, assi as fustas, como as outras vélas que levava, repartisse em tres capitanías pera guarda daquella costa. Hum dos quaes Capitães fosse Dom Vasco de Lima, outro Francisco de Sousa Tavares, e outro Martim Correa, porquanto seu irmão D. Luiz era ido ao levantamento de Ormuz a grão pressa, como logo veremos. Deste caminho foi Simão d'Andrade ter á barra de Dabul, onde soube que dentro no rio estavam duas galés de Rumes, que alli foram ter a caso vindo de Dio; sobre as quaes mandou hum recado

ao

ao Capitão da Cidade, que lhas mandasse entregar, por serem de gente nossa contraria. E posto que elle se defendia com razões de o não poder fazer, quando soube que Simão d'Andrade se apercebia pera as ir tomar á força de ferro, houve por melhor conselho mandallas entregar, temendo que não sómente daquella sahida, mas polo tempo em diante podia receber de Simão d'Andrade muito damno, pois vinha a ser seu vizinho na capitanía de Chaul. Com as quaes galés Simão d'Andrade não se contentou, mas ainda fez obrigar a Cidade que pagassem de páreas a ElRey de Portugal dous mil pardaos, pera ficarem em amizade, e paz com elles, por a vizinhança que haviam de ter, o que todolos moradores com o Tanadar concedêram. Chegado Simão d'Andrade com esta vitoria a Chaul, Martim Affonso de Mello lhe entregou a fortaleza, ao qual D. Luiz leixaria alli em guarda daquelle porto té elle Simão d'Andrade vir. E tambem pera se prover das cousas, que lhe convinha levar dalli pera o resgate da pimenta, que havia de tomar em Pedir, que era a principal mercadoria, que havia de levar á China, onde havia de ir. E esta foi a causa por que elle veio a Chaul com D. Luiz, haver alli muita cópia da mercadoria pera aquella parte de Çamatra.

E

E em quanto alli esteve, não recebeo aquelles commettimentos das fustas de Aga Mahamud, porque a chegada de D. Luiz assombrou muito a Meliqne Az. Porque como elle sempre viveo de cautelas, e artificios de prudencia, e malicia pera seus negocios, tanto que D. Luiz alli foi, soube quem era, e cujo filho, e irmão do Governador que novamente vinha, que era Cavalleiro, e mui usado na guerra dos Mouros, por estar muito tempo em a Cidade de Tanger em Africa, dos quaes tinha havido muitas vitorias. As quaes novas o enfreavam de maneira, que mandou cessar as fustas, e ordenou logo hum mensageiro a D. Duarte, e mandou-lhe de boa entrada huns Portuguezes cativos, que lá tinha, dos que foram tomados da náo de Pero da Silva, (como atrás fica.) Martim Affonso de Mello, tanto que se aviou, foi-se pera Goa, e alli se despedio de D. Duarte pera Cochij, donde partio pera a China; da viagem do qual adiante faremos relação, e assi de D. André Henriques, que tambem D. Duarte mandou a tomar posse da fortaleza de Pacem em a Ilha Çamatra. E antes destes dous Capitães tinha mandado tres náos caminho de Ormuz, que leváram João Rodrigues de Noronha pera Capitão da fortaleza; e tambem favorecerem a D. Luiz de

de Menezes, que era ido em soccorro do alevantamento da Cidade, do qual levantamento convem repetir-se a causa delle de longe pera melhor entendimento da historia.

CAPITULO II.

Das cousas que movêram a ElRey D. Manuel mandar que na Alfandega de Ormuz houvesse Officiaes Portuguezes: e o que sobre isso primeiro passou: e como ElRey de Ormuz se levantou por esse respeito.

DEpois que Affonso d'Alboquerque o anno de quinhentos e oito per força de armas fez que ElRey Ceifadim de Ormuz pagasse de tributo a ElRey D. Manuel em cada hum anno quinze mil xerafijs de ouro; e por as razões que atrás escrevemos, leixando a fortaleza por acabar, se partio pera a India, com que parecia que estas pareas não ficavam mui certas, todavia elle as mandava arrecadar. Verdade he, que quando lá mandou Diogo Fernandes de Béja, trouxe menos vinte mil xerafijs, do que devia. E no anno de quatorze, que lá foi Pero d'Alboquerque, quando descubrio Baharem, devia sessenta e cinco, e não pagou mais que dez mil, aqueixando-se render o seu Reyno tão pouco, que não era

poderoſo pera pagar tão grande tributo. Movido dos quaes queixumes o Viſo-Rey D. Franciſco d'Almeida, ante diſto lhe quitou cinco mil xerafijs, e outros tantos Duarte de Lemos, quando ſendo Capitão da coſta da Arabia foi ter a Ormuz. E como Affonſo d'Alboquerque ſabia, que os rendimentos daquelle Reyno eram mui grandes, e a maior parte era ſonegada a ElRey per os ſeus Governadores, quando o anno de quinhentos e quinze tornou a tomar poſſe daquelle Reyno, mandou fazer a diligencia que eſcrevemos, em ſaber particularmente quanto rendia o Reyno, e as deſpezas ordinarias que tinha, por ElRey não allegar pobreza. E tambem, porque como lhe entregava aquelle Reyno, que elle Affonſo d'Alboquerque tinha ganhado por armas, como Capitão geral que era d'ElRey Dom Manuel de Portugal; convinha que miudamente ſoubeſſe parte deſtas couſas, poſto que naquelle tempo pera quietação, e governo do meſmo Reyno, foi neceſſario tornallo a entregar ao proprio Rey, a que foi tomado, pera o governar em nome d'ElRey como vaſſallo ſeu, pela maneira que atrás eſcrevemos. Depois em todo o tempo de Lopo Soares, que ſuccedeo no governo da India a elle Affonſo d'Alboquerque, poſto que as pareas que ElRey de Ormuz pa-
ga-

gava, que eram quinze mil xerafijs, fossem tão pouca cousa, que levemente o podia fazer, sempre o pagamento se havia com trabalho, e clamor do mesmo Rey, dizendo, que o Reyno rendia pouco, porque os Mouros assi da costa da India, e Cambaya, como os da parte da Arabia, por nossa causa, não frequentavam tanto aquella Cidade Ormuz como sohiam, e isto com temor de nossas Armadas, em que se perdia muita parte do rendimento da entrada, e sahida das mercadorias, que era a maior renda que o Reyno tinha. E além disto, estava posto em tanto odio dos vizinhos, por ser nosso, que assi per mar, como per terra padecia muitas affrontas, pera que lhe convinha manter muita gente de armas, huma pera andar de Armada contra os Nautaques, e outra a defender as cafilas da Persia, que vinham aos lugares da terra firme, que o Reyno lá sustentava. E mais tinha outro novo trabalho muito importante, depois que tomáramos aquella Cidade, se viera levantar o Governador de Baharem com o tributo que era obrigado pagar a elle Rey de Ormuz, e pela mesma maneira o fazia o Guazil da villa de Calayate, de que El-Rey tinha muito rendimento, sem nossas Armadas acudirem a estas oppressões, e levantamentos, sendo o mesmo Reyno nosso.

Finalmente per este modo apontava muitas cousas, em que nos queria culpar, e desobrigar a si mesmo do que devia, não havendo outra mais verdadeira causa, que os roubos de seus Regedores, e Officiaes. E porque ElRey D. Manuel era informado destes roubos, quando Antonio de Saldanha o anno de quinhentos e dezesete foi deste Reyno, (como atrás escrevemos,) pera andar com huma grossa Armada, que havia de correr da costa de Cambaya té o Cabo Guardafu; levava em regimento que fosse a Ormuz, e tirasse, e pozesse Officiaes pera tudo andar em boa recadação. Sobre o qual caso escreveo a Lopo Soares, mandandolhe que fizesse esta Armada a Antonio de Saldanha de té dezesete vélas com mil homens, pera tolher a navegação aos Mouros do mar Roxo, e de toda a costa de Arabia: e os da India não pudessem navegar, senão com hum salvo conduto nosso, a que elles chamam cartaz, pera seguramente irem, e virem a nossas fortalezas té Ormuz por razão do rendimento. E assi lhe mandava que mettessem debaixo da obediencia d'ElRey de Ormuz qualquer seu Guazil, e Regedor, que contra elle estivesse levantado. Mas nenhuma destas cousas houve effeito com a ida de Lopo Soares ao estreito do mar Roxo; porque no inverno que veio ter

a Or-

a Ormuz, ſahindo deſte eſtreito, entendeo em álgumas couſas do rendimento daquelle Reyno, e houve por inconveniente ao ſerviço d'ElRey D. Manuel bolir com iſſo. E por eſta cauſa mandou elle Lopo Soares a Antonio de Saldanha, ao tempo que lhe fez a Armada pera andar na boca do eſtreito, da vez que elle deſtruio a Cidade Barbara, (como atrás eſcrevemos,) que quando ſe recolheſſe a invernar em Ormuz, não uſaſſe do regimento que lhe ElRey dera pera tirar os Officiaes da Alfandega, té elle informar a ElRey daquelle negocio, por ſer cauſa mui prejudicial a ſeu ſerviço então fazer aquella mudança. Todavia Antonio de Saldanha deſta vez que foi ter a Ormuz, poſto que não fez mudança, ſabendo ElRey de Ormuz que tinha elle poderes pera iſſo, levemente acceitou accreſcentarlhe mais dez mil xarafijs cada anno. Em recompensão deſte accreſcentamento fez com ElRey de Baharem que pagaſſe o que devia; e em pena das rebeliões que fez a ElRey de Ormuz, lhe pagaſſe mais em cada hum anno dous mil xarafijs, e a ElRey D. Manuel mil. Todas eſtas couſas eram paſſadas ante que Diogo Lopes de Sequeira foſſe por Governador á India, e outras de que ElRey era informado per os Capitães, e Officiaes que eſtiveram em Ormuz,

fa-

fazendo-lhe crer importar muito a seu serviço mandar pôr Officiaes seus na Alfandega, que tivessem conta com os rendimentos daquelle Reyno, por quanto era roubado per os Mouros, e que ElRey havia o menos, por ser homem que no governo era huma estatua. Finalmente com estes, e outros conselhos de homens, que querem comprazer os Principes, quando Diogo Lopes de Sequeira foi por Governador á India, ElRey lhe mandou que désse huma vista a Ormuz, e fizesse o que tinha mandado a Antonio de Saldanha. E porque ao tempo que elle Diogo Lopes sahio do estreito de Méca, quando veio invernar a Ormuz, como testemunha de vista, julgou ser mais serviço d'ElRey D. Manuel leixar correr as cousas do rendimento, e arrecadação delle per as mãos dos Mouros, que per nós, não quiz bolir na ordem que os Mouros nisso tinham. Porém porque achou na India cartas d'ElRey, em que lhe mandava estreitamente que puzesse aquella obra em effeito, se ainda tinha por fazer, não quiz tomar juizo sobre si, posto que outra cousa sentisse, e desta derradeira vez que invernou em Ormuz, fez o que lhe ElRey mandava, (como atrás escrevemos.) E o modo que teve neste caso foi dar primeiro a ElRey de Ormuz huma carta d'ElRey Dom

Ma-

Manuel, a ſubſtancia da qual era, ſer elle informado dos grandes roubos, que os ſeus Officiaes da fazenda faziam na arrecadação dos rendimentos do Reyno, principalmente na Alfandega, pela maneira que Diogo Lopes ſeu Governador lhe diria. ElRey, como já do tempo de Antonio de Saldanha andava aſſombrado diſto, pareceo-lhe que não conſentindo no que ElRey queria, o podiam tirar do Reyno, reſpondeo que elle era vaſſallo d'ElRey de Portugal, e aquelle Reyno de Ormuz era ſeu, que eſtava obediente ao que Sua Alteza mandaſſe. Porém como iſto era couſa mui nova, e que poderia dar algum eſcandalo aos ſeus Mires, e principalmente aos Officiaes da ſua fazenda, que traziam o maneio deſtas couſas, pedia a elle Diogo Lopes que ſobreviesse aſſi dous, ou tres dias, té elle o praticar com elles, e os levar brandamente, e da maneira que convinha pera ElRey de Portugal ſer melhor ſervido, ſem alvoroço algum. Paſſados eſtes dous dias, em que ElRey praticou com os ſeus, peró que os achou conformes ao ſeu proprio animo, que era perder ante a vida, que ficarem cativos, e atados das mãos per eſte modo, porque ao preſente aſſi lhe convinha, tornou a Diogo Lopes com reſpoſta. E por diſſimular com elle, propoz-lhe alguns fracos

cos inconvenientes ao que ElRey D. Manuel ordenava, os quaes elle Diogo Lopes lhe desfez, com que o negocio ficou concluido. Do qual succedeo metter-lhe na Alfandega estes Officiaes: Manuel Velho por Juiz, e Provedor das rendas della, Thesoureiro Ruy Varella, Escrivães Nuno de Castro, Vicente Dias, Miguel do Valle, Ruy Gonçalves, Diogo Vaz. E com estes quatro Escrivães eram outros quatro Mouros, que tambem faziam Livros per si, que respondiam aos nossos; e sobre os Mouros havia a modo de Feitor, hum per nome Coge Hamed, grande Official daquella Alfandega. E porque nesta prática, que Diogo Lopes teve com ElRey, e seus Governadores sobre este rendimento, e paga das pareas, clamavam que se não podiam fazer, por Cambaya estar de guerra comnosco, e ElRey Mocrim de Baharem levantado contra Ormuz, sem querer pagar o que devia; ordenou Diogo Lopes, polos satisfazer, de mandar Antonio Correa a Baharem, onde fez o que atrás escrevemos. Finalmente tanto que os Officiaes d'ElRey se víram enfreados com os nossos, e que não podiam usar dos roubos de que viviam, nem menos ElRey fazia as quitas dos direitos, que d'antes fazia a pessoas principaes da fazenda, que mandavam vir da India, que impor-

portava pera rendimento huma grande quantidade, e *outras graças*, e mercês que dava, por ser homem de boa condição, e de pouco governo; aqui se perdeo entre elles toda a paciencia, e determinação de se levantarem contra nós. Peró em quanto Diogo Lopes esteve em Ormuz, encubríram muito esta indignação, que na vontade d'ElRey não era tão grave, como nos seus. Porque elle Rey Tornuxá era homem moço de boa condição, e pouco saber, sujeito a qualquer conselho; e em quanto viveo seu pai, que os Mouros tinham cegado, sempre foi muito sujeito a nós. Porque este o aconselhava como homem experimentado, que se não fiasse dos Mouros, e todo se sobmettesse ao que ElRey D. Manuel lhe mandasse, porque em quanto lhe tivesse esta obediencia, sería Rey; e levantado, não teria Reyno, nem vida. Mas como lhe faleceo este conselho do pai, e teve á orelha hum Xeque seu sogro, e Mir Hamed Morado, homem manhoso, e tão acceito a elle Rey, que se hia creando nelle outro Raez Hamed, que Affonso d'Alboquerque matou, (como atrás escrevemos,) logo ficou sujeito ao conselho deste, esquecido dos que lhe dava seu pai. E posto que Diogo Lopes estando em Ormuz, foi avisado per algumas pessoas, como entre alguns Mouros an-

andava rumor desta vontade que os principaes tinham de se levantâr, e a principal pessoa que isto descubrio a elle Diogo Lopes era hum Raez Delamixar irmão de Raez Xarafo Guazil d'ElRey, o qual ficára em Baharem, (como escrevemos,) da ida que foi com Antonio Correa, e tinha paixões com estes dous acceitos a ElRey; parecia a elle Diogo Lopes que toda esta murmuração eram artificios delle Xarafo, pera ficar só no governo do Reyno, por ser homem prudente, e mui sagaz no enfiar dos negocios a seu proposito, ficando sempre de fóra, e livre de suspeitas que se delle pudessem ter. E ainda pera se Diogo Lopes melhor enganar, per conselho destes dous seus acceitos, ElRey lhe pedio quando se queria partir, que lhe leixasse alli huma náo, porque nella queria mandar a ElRey D. Manuel hum presente de joias, e peças ricas. E com ellas tambem hum seu Embaixador sobre a mudança dos Officiaes daquella Alfandega, porque lhe parecia que aquella ordem, que Sua Alteza mandava, fora per conselho de homens que mal entendiam o negocio, e que não podia muito durar. O qual requerimento Diogo Lopes lhe concedeo, e a este fim leixou Pero da Silva com a náo, em que foi morto pelas fustas de Melique Az, estando Diogo Lopes

pes em a barra de Chaul, (como atrás escrevemos.) E alguns dos nossos que sabiam bem das cousas d'ElRey Torunxá de Ormuz, quizeram dizer, e com verdade, que este petitorio da náo que elle fez a Diogo Lopes, sua tenção era mandar o presente a ElRey D. Manuel, e que pera isso tinha eleito alguns homens nobres pera Embaixadores, os quaes representassem a ElRey quanto mais damno havia de trazer esta novidade de mandar poer Officiaes Portuguezes na Alfandega, que proveito algum, e tambem a lhe dar conta de algumas oppressões, e máo tratamento que recebia de alguns Capitães que alli estavam, e outras cousas que elle não ousava dizer. E quanto a mandar o presente, D. Garcia Coutinho, que então estava por Capitão em Ormuz, lho impediria, dizendo, que pera o anno o mandaria per elle, por acabar o tempo que havia de estar na fortaleza, e que levaria comsigo os Embaixadores. Finalmente estas, e outras cousas, que leixamos de contar, por não macular fama de nobre gente, padeceo ElRey, e assi indignou a elle, e aos seus, que determináram de tirar o jugo, que lhe cativava o seu modo de vida, e uso, e condição. E o que elles mais sentíram, era tomarem-lhes parentas, e servidores; de que os nossos queriam ter uso,

mui-

muitos das quaes lhe faziam Christaõs a seu pezar. Partido Diogo Lopes, concorrêram algumas cousas pera em mais breve tempo os Mouros effeituarem seu desejo, que era levantarem-se contra nós. E a principal foi não leixar Diogo Lopes tanta Armada em guarda da fortaleza, como lhe ElRey Dom Manuel mandava, e assi pera guarda da costa de Arabia, e a entrada daquelle estreito de Ormuz, onde acudíram os Nautaques, póvos que habitam o maritimo das regiões Quermam, e Macram, que jazem entre o rio Indio, e boca do estreito de Ormuz. Os quaes póvos, posto que seu proprio nome seja Baloches, o officio que usam de ladrões lhe deo o de Nautaques, que quer dizer em sua lingua, o que nós dizemos per ladrões do mar, chamando-lhes cossairos. Os quaes Nautaques tinham por vida sahir de seus portos em navios pequenos, e leves; e como a náo passava per sua paragem, senão hia bem artilhada, e defensavel, a commettiam, e roubavam de maneira, que pera segurança dos que navegavam pera Ormuz, os Reys deste Reyno polo muito que lhe importava o rendimento da entrada, e sahida das mercadorias, que a elle concorriam, sempre no tempo da monção, com que aquelle mar se navegava, trazia naquella costa huma Armada pe-

ra

ra defensão dos navegantes. A qual Armada, assi pera este effeito, como pera guarda da fortaleza não leixou, porque como dalli partio com fundamento de fazer fortaleza em Dio, ou Chaul, como fez, tinha necessidade da gente, e vélas que levava, e pareceo-lhe que bastavam estas quatro que lhe leixou, hum navio redondo, huma galeota, huma fusta, e huma caravela; das quaes Manuel de Sousa Tavares era Capitão mór, e os outros Capitães eram Francisco de Sousa, de alcunha o Bravo, Fernando Alvares Cernache, e João de Meira. Concorreo tambem pera os Mouros pôrem em obra seu desejo, huma nova falsa que lançáram, dizendo que os Nautaques, que ora dissemos, eram lançados na costa de Arabia, e que faziam muito damno nas povoações, que ElRey de Ormuz alli tinha, a que convinha logo acudir. Com o qual fingimento ElRey pedio a D. Garcia Coutinho Capitão da fortaleza, que mandasse lá Manuel de Sousa em soccorro com os navios que alli tinha. Manuel de Sousa, como este era seu officio, o mais brevemente que se pode aviar, com parecer de Dom Garcia se partio, levando sómente o navio em que elle andava, e a galeota, de que Fernando Alvares Cernache era Capitão. E os outros dous navios ficáram pera serviço

da

da fortaleza, que não aprouve muito aos Mouros: cá seu desejo era ficarem os nossos sem soccorro algum. Neste tempo, porque a nossa fortaleza não era tão grande, como ora he, não se podia toda a gente agazalhar dentro, e pousavam na Cidade entre os Mouros muitos dos nossos, e o mais perto que podiam da fortaleza, principalmente Ignacio de Bulhões, que era Feitor, e os Officiaes da Feitoria, e assi Manuel Velho com os Officiaes da Alfandega, Ouvidor, e outras pessoas que haviam mister por causa de seus officios grande gazalhado. E ainda a Feitoria de industria a puzeram fóra, por razão dos muitos Mouros, que por causa do commettimento concorriam a elle. E estando dentro na fortaleza simulando que hiam a este negocio, sendo muitos, podiam commetter alguma traição. Finalmente como tiveram lugar pera isso, com a ausencia de Manuel de Sousa, que foi hum Domingo á noite, sendo passados os trinta dias do mez de Novembro, do anno de quinhentos e vinte e hum, na maior força do somno o Xabandar, que tem cargo das cousas do mar, a quem ElRey tinha commettido esta primeira obra, foi-se com oito terradas, navios leves, onde estava a nossa caravela, e galé, e repartidas as terradas em duas partes, em hum instan-
te

te as commettéram, nas quaes não havia mais gente, que alguns marinheiros. E porque a galé tinha menos que o navio, foi logo entrada, matando nella hum homem, e os outros se salváram a nado, acolhendo-se á fortaleza, quasi todos fréchados. Despejada a galé dos nossos, puzeram-lhe os Mouros fogo; e como foi sobre huma pouca de olla, que estava na coxia, materia por ser de folhas de palma, que dá muita claridade em labareda, foi vista de huma torre alta, onde estava posta huma atalaia pera dar signal. O qual signal foi tanger nella, e depois per todas as partes da Cidade muitas bacias de arame, ao modo que costumam em Hespanha os moços, quando lançam entrudo fóra. E ainda sobre esta motinada das bacias, este Mouro que estava por atalaia na torre, a que elles chamam Alcorão, feito o signal, bradava altas vozes: *Matallos, matallos.* Os que puzeram na galé este fogo, que deo o signal, com alvoroço das bacias, e desejo de acudir ás pousadas dos nossos, por roubar, como que leixavam já a galé posta em labareda, sahiram-se della. A qual labareda como era das palhas da olla que dissemos, foi logo apagada per hum moço grumete que se escondeo, quando sentio os Mouros dentro, que N. Senhor salvou pera este beneficio de

se

ſe não queimar a galé. O navio que foi commettido per as outras quatro, ferradas defendeo-ſe mui bem, por nelle dormir mais gente do mar que na galé, com que ſe os Mouros affaſtáram. E por diſſimular o caſo, e aſſocegar os noſſos, diſſeram que vinham da terra firme, e que lhes traziam agua, mas pois a não queriam receber, que lha não queriam dar, e foram-ſe tambem á Cidade com alvoroço de prear. E porém de ſete, ou oito homens que nelle havia, hum ficou morto, e outros feridos, o qual damno lhes deo certo ſignal ſer traição dos Mouros, e não a agua que diziam; porque ainda que per muitas vezes a tinham delles recebido, não era per aquelle modo de os ferir, ante ouvindo a revolta da Cidade eſtiveram mais á lerta. Os Mouros dado o ſignal da obra, que era feita no mar, e ouviam na terra, juntos em magotes huns per huma parte, outros per outra, foram buſcar onde a mais da noſſa gente pouſava, que era em humas caſas grandes, a que elles chamavam Madraçal, e aſſi a hum Hoſpital noſſo, e as caſas da Feitoria, que eram em outra parte. E muitos foram tomar a porta da fortaleza, porque quando os noſſos ſe vieſſem recolher, ſe eſcapaſſem das mãos de quem os hia buſcar, vieſſem cahir nas ſuas. E verdadeira-
men-

mente era tamanha a revolta, assi em os nossos por se salvar, como no commetter dos Mouros, que se não entendiam huns, nem outros, nem havia naquelle tempo mais certa cousa, que fogo, e sangue. Porque se os nossos se defendiam em seus apousentos, a poder de fogo os faziam sahir das casas, e saltar janellas; e se per ventura escapavam daqui, pelo caminho indo-se recolhendo á fortaleza eram mortos, e feridos. E os mais que escapavam eram aquelles, que levavam comsigo muita companhia, assi como o Feitor Ignacio de Bulhões com seus Officiaes, e Manuel Velho com os seus, e outra gente nobre, cuja familia lhe fazia corpo pera se defender, muitos dos quaes foram feridos primeiro que entrassem a pezar dos Mouros dentro na fortaleza. Finalmente este levantamento, (não fallando em perda de fazenda, porque neste tempo todos tinham mais tento em salvar a pessoa, que a ella,) custou mais de cento e vinte Portuguezes, a fóra escravos, e escravas Christãos que os serviam. E porém esta mortandade não foi toda em Ormuz, porque na Cidade morreriam té vinte e tantos, e cativos seriam té quarenta; os outros neste mesmo tempo foram sobresaltados em as villas de Mascate, Curiate, Soar, e em Baharem, que eram do Reyno de Ormuz,

onde nós tinhamos Feitoria com Officiaes do mesmo negocio, a fóra outros muitos que se lá salváram, que logo veremos. Porque como ElRey assentou de se levantar, a todos os Governadores destas partes escreveo que não déssem vida a Portuguez algum, e limitava-lhes o tempo, porque não houvesse espaço de se saber de hum lugar a outro. E entre estes que padecêram nesta traição dos Mouros, que se póde chamar martyr da Fé, foi Ruy Boto, que Antonio Correa leixou por Escrivão da Feitoria de Baharem. No qual por se não querer fazer Mouro, fizeram cruezas, e lhe deram taes tormentos, que não houvera homem que nelles vivêra, se o Deos não o deleitára nelles com o fogo da Fé, que o animava com tanta constancia, que segundo o que se vio em quanto nelles viveo, e depois nos signaes, e mysterios de sua morte, bem se póde contar entre os Martyres da Fé de Christo.

CAPITULO III.

Do mais que os nossos passáram passada aquella noite: e como mandáram nova á India deste caso, e foram soccorridos per Tristão Vaz da Veiga, e depois per Manuel de Sousa Capitão mór do mar.

PAssada em Ormuz aquella parte da noite, com tanto trabalho, e confusão de morte como a em que se os nossos víram, em rompendo Alva, porque no Madraçal, e Hospital, onde (como dissemos) pousavam muitos delles, que ainda não eram recolhidos, por a grande fumaça que nestas casas havia, mandou o Capitão D. Garcia vinte e cinco homens, que vissem se podiam salvar alguns que ainda lá podiam estar. E per outra parte mandou gente com Francisco de Mello, e João de Meira, que fossem trazer os seus navios, que ainda estavam sem damno algum, e os trouxessem ante a fortaleza, pera os defender com artilheria, ante que os Mouros os tornassem outra vez commetter; e tomada posse delles, fossem pôr fogo a certas náos, que estavam no porto. A qual obra Francisco de Mello, e João de Meira fizeram mais a seu salvo, que os outros que foram ao Madraçal; cá estes por salvarem alguns, que ainda

eram vivos, pelejáram tão cruamente, que de huma, e de outra parte houve mortos, e feridos, a fóra o Ouvidor, e outros, que morrêram affogados de fumo, e queimados do fogo, que havia nas casas, onde os nossos se tinham a noite passada acolhido. E as pessoas notaveis que vieram a salvar os que se salváram, foram: Manuel Velho, Ruy Varella, Manuel do Valle, Diogo Vaz, Diogo Fotjão, Gonçalo Vieira, Vicente Dias, Nuno de Castro, os mais delles Officiaes d'ElRey. Feita per elles esta obra, e pelos outros salvos os navios, e postos defronte da fortaleza, porque ficava ainda por salvarem huma náo, que era de Manuel Velho, carregada de tamaras, que estava pera partir pera a India, foi o mesmo Manuel Velho com gente per terra, e outra per mar, e a trouxeram com assás perigo, e custo de sangue de todos, e vida de hum Gonçalo Vieira, que pelejou como valente homem de sua pessoa que era. A qual náo lhe foi mui proveitosa a carga das tamaras pera mantimento, e a madeira pera repairos da fortaleza, em que depois servio no cerco que tiveram. Tanto que estas vélas foram seguras, ao segundo dia espedio D. Garcia, per conselho que sobre isso teve, a João de Meira na sua caravella com recado ao Governador da India Dom

Duar-

Duarte de Menezes, fazendo-lhe ſaber eſte levantamento, e o eſtado em que ficavam. E mandou a elle João de Meira que paſſaſſe per a coſta dos lugares Maſcate, Curiate, e Calayate té ſe ver com Manuel de Souſa, que lá era ido, (como diſſemos,) e lhe déſſe eſta nova, aſſi pera lhe acudir, como aviſar os noſſos, que eſtavam per aquelles lugares, não incorrerem em algum perigo ſe ElRey de Ormuz lá mandaſſe algum recado, como de feito mandou aos Guazijs delles. No qual tempo Triſtão Vaz da Veiga, que Diogo Lopes de Sequeira tinha leixado em Calayate pera fazer alguns negocios de ſerviço d'ElRey, acertou de vir a Maſcate ſobre o meſmo negocio, onde achou Manuel de Souſa. E ſahindo elle Triſtão Vaz em terra, como era amigo do Xeque, que governava a villa, deo-lhe aviſo que ſe ſalvaſſe, porque tinha recado d'ElRey de Ormuz que prendeſſe, e mataſſe quantos Portuguezes alli foſſem ter, dando-lhe conta do levantamento. O que Triſtão Vaz logo fez, acolhendo-ſe com grão trabalho ao navio de Manuel de Souſa, dando-lhe nova do que paſſava. E ante que fizeſſem mudança de ſi, veio João de Meira, que levava o recado que D. Garcia mandava ao Governador D. Duarte. E porque elle João de Meira não levava batel, e al-

algumas cousas necessarias pera o caminho, Manuel de Sousa o proveo de tudo, com que chegou á India, e deo a nova a Dom Duarte. O aviso que o Xeque deo a Tristão Vaz não foi tanto por ser seu amigo, quanto por ser Arabio, que naturalmente querem mal aos Parseos, e além disso por ser homem prudente, e entendeo que este levantamento d'ElRey era feito per conselho dos seus acceitos, e que per derradeiro nós haviamos de tornar a ser senhores de Ormuz, e tomar emenda do damno, e mal que nos fosse feito, e por isso naquelle tempo quiz-nos fazer esta amizade, descubrindo este negocio a Tristão Vaz. E ainda per exhortações que lhe o mesmo Tristão Vaz fez, levantou a voz por ElRey de Portugal, dizendo, que negava a vassallagem a ElRey de Ormuz pola traição que commettêra, do qual voto foram todolos homens honrados da terra, e atrás estes foi o povo. O Guazil, e Governador de Calayate, que era Parseo, com outro tal recado que teve, fez o contrario deste, prendendo obra de trinta e tantos Portuguezes que ahi estavam, delles da Armada de Manuel de Sousa, que com hum temporal que lhe deo sobre amarra se levantou, e os não pode recolher, e foi ter a Mascate, e os outros eram de Tristão Vaz. E pare-

rece que N. Senhor ordenou este temporal pera Manuel de Sousa se achar em Mascate com elle Tristão Vaz, pera fazerem a obra que fizeram com o Xeque, o qual os proveo de mantimentos, agua, e do necessario pera se partirem a soccorrer os de Ormuz. Partido Manuel de Sousa em o seu navio, e Fernão Vaz Cernache na fusta, acompanhou-os Tristão Vaz em hum paráo, em que viera de Calayate alli ter aos negocios, que (como dissemos,) lhe mandou Diogo Lopes, em o qual paráo levaria té quarenta homens. E porém esta companhia durou té meia noite seguinte, que lhe sobreveio hum temporal, do qual apartamento Manuel de Sousa se queixava depois, dizendo, que Tristão Vaz o fizera por não ir debaixo de sua bandeira, e não por o temporal. E se assi foi, que por esta causa Tristão Vaz o fez, elle se aventurou a maior perigo do que importava a injúria, que deste caso podia receber. Porque em huma aguada que fez no caminho, lhe matáram dous homens, e quasi milagrosamente escapou de não ser morto com toda a gente que levava per huma Armada que ElRey de Ormuz tinha posta sobre a Ilha. Mas parece que o quiz assi N. Senhor, polo estado em que os nossos estavam, que os mettia em grande confusão: cá o primeiro

tra-

trabalho em que se víram depois daquella furia da morte, foi queimarem-lhe a galeota que salváram, e assi huma náo carregada de mantimentos, que vinha de Chaul pera o Capitão D. Garcia, e isto ante os seus olhos. E o outro era que ElRey tinha té tres mil espingardeiros, que mandou vir da terra firme feitos lá secretamente pera este caso, a fóra os que na Cidade havia ordinarios pera as Armadas, e com estes fréchéiros, e artilheria, a que a nossa fortaleza ficava sujeita per sitio, nos fazia muito damno de maneira, que não lançava hum homem a cabeça per qualquer parte, que logo não fosse fréchado. Além deste perigo, que os muito afadigava, tinham hum grande temor, que era falta de mantimentos, e tão pouca agua, que se D. Garcia não fechára a cisterna, por não verem quão pouca era, esmorecêram de se ver mortos á sede. Mas como N. Senhor nos casos de maior temor acode com o animo, que da sua misericordia procede, permittio que a chegada de Tristão Vaz fosse estando todos com grande devoção ouvindo a Missa, que se diz de noite pela Nascença de Christo Jesus nossa redempção. A vinda do qual houveram ser milagre, porque o castello estava todo cercado per terra, e per mar tinha mais de cento e sessenta terradas, que foi

foi huma grande ousadia delle Tristão Vaz metter-se per meio delles, sem os Mouros o sentirem; porque haveriam ser cousa impossivel vir barco nosso alli, e ainda que o sentissem, como era de noite, cuidavam ser navio seu. A festa do Santo Nascimento foi com este prazer celebrada de novo, com tantas folias, e prazer, que os Mouros de fóra vieram a sentir que alguma cousa nova lhes era chegada, ainda que per outra parte per escravos Christãos cativos que tinham comsigo, cuidáram que procedia aquelle grande prazer da festa do Natal. Quando veio ao dia desta solemnidade, começáram os nossos a pôr os olhos no mar, olhando se apparecia Manuel de Sousa, de que Tristão Vaz dera nova, e que se apartára delle com o tempo que lhe deo; o qual Manuel de Sousa á terceira oitava de Natal amanheceo surto duas leguas da fortaleza da banda da Ilha Queixome. D. Garcia, porque tinha sabido per Tristão Vaz, que elle trazia mui pouca gente por razão da que lhe cativáram em Calayate, e tambem sentio logo grande rumor nas atalaias, como que mandava ElRey embarcar gente nellas pera irem contra Manuel de Sousa, teve logo conselho sobre o que fariam naquelle caso. E assentáram, que pois na salvação delle Manuel de Sousa estava a de to-

todos , e a delle nelles, pois corria tanto risco, era necessario acudir-lhes com gente no paráo de Tristão Vaz, por ahi não haver outra embarcação. Finalmente ante de se eleger quem havia de ir no paráo, Tristão Vaz se offereceo com a gente que com elle viera , dizendo , que pois N. Senhor lhe dera de noite entrada naquella fortaleza per meio das terradas, assi esperava que lhe daria caminho pera ir, e vir. Partido elle com esta gente que trouxe, e outra honrada, que com elle quiz ir, quando foi no mar á vista d'ElRey, a grande pressa mandou chamar Coge Mahamud seu Capitão, e disse-lhe: *Ou aquella gente he douda, ou desesperada, porque ousadia não póde ser: por amor de mim, que mos vades tomar ás mãos, e mandeis á gente que levais, que os não mate.* Este Capitão não pode tão prestes sahir do porto com oitenta terradas que levou, que quando se poz em caminho já Tristão Vaz hia bom pedaço; em vista do qual os nossos estavam encommendando-o a Deos, principalmente quando víram a força de remo ir trás elle aquelle grão número de terradas, as quaes hiam tão alvoroçadas por lhe chegar, e corriam tanto por isso, como que era algum paráo que haviam de ganhar na chegada. Tristão Vaz, como tambem remava seu remo igual,

e nun-

e nunca fez tiro ſenão depois que ellas foram tão perto, que lhe lançáram dentro huma chuva de fréchadas, então começou de a entreter que não chegaſſem a elle com artilheria miuda que levava. Com a qual elles tambem o ſerviam, e lhe atraveſſáram o leme, e outra peça lhe deo pelo coſtado do paráo, mas não lhe ferio peſſoa alguma. Indo aſſi todos ladrando, e fréchando nelle, ſem ouſarem de o abalroar, polo damno que tambem recebiam, ſendo já bem perto do navio de Manuel de Souſa, mandou-lhe bradar que eſtiveſſe preſtes pera o recolher, e affaſtar de ſi as terradas. Manuel de Souſa parecendo-lhe que o paráo era negaça, e que vinha nelle algum arrenegado, que fallava Portuguez, mandou-lhe tirar como a cada hum dos outros imigos, e com huma eſpingarda de outro tiro atraveſſáram a mão ao que governava. Quando Triſtão Vaz vio o perigo que corria, entendendo que de o não conhecer lhe mandava tirar, levantou-ſe em pé, e começou a bradar nomeando-ſe. E como era homem tão grande de corpo, que viſto em pé per quem o conheceſſe, diria logo ſer elle, e tambem não mudára o trajo com que poucos dias havia o víram; foi aqui mais conhecido pelo corpo, que pela voz, que naquelle tempo era tamanho eſtrondo;

que

que não podia ſer ouvido, quanto mais conhecido per ella. As terradas tanto que víram Triſtão Vaz recolhido dentro do navio, deſeſperáram de o tomar, e mais levando já morto o ſeu Capitão, e trinta e tantos homens, a maior parte dos quaes era gente nobre, e muitos outros feridos, porque como as terradas faziam grande cardume, não deſparava o paráo tiro que foſſe ſem damno dos imigos. E porque os mortos, por ſerem peſſoas notaveis, faziam mais receio aos outros, mandáram algumas terradas a terra com eſtes corpos, e recado a ElRey, que mandava que fizeſſem. Chegadas eſtas terradas á Cidade, foi logo poſta em tão grande pranto, que os noſſos ſentíram na fortaleza, onde eſtavam, terem recebido algum grande damno; e por lhes quebrar os corações, mandou D. Garcia tanger as trombetas, e fazer grande eſtrondo de folias, e prazer. ElRey tanto que ſoube o que era feito dos ſeus, começou de ſe indignar contra aquelles que lhe aconſelháram o levantamento, dizendo, que foram cauſa de perder ſeu eſtado, e que eſperança teria elle de combater a noſſa fortaleza, e de a tomar, pois em oitenta terradas não houve homem que ouſaſſe abalroar hum barco, o qual ſe fora cercado de todas, ſómente o bafo de tanta gente como nel-

nella hia, os affogára, quanto mais tanta mão. E com grande furia disse, que se fossem todos diante a embarcar nas outras terradas que ahi estavam, e que qualquer homem que abalroasse a nosso navio, que lhe promettia de lhe fazer muita mercé; e quem o não fizesse, que lhe havia de mandar pôr na cabeça hum toucado de mulher. E sahindo-se de suas casas meio doudo, foi-se á praia, e mandou pôr duas mezas, huma cheia de moeda de ouro, e prata, e outra de toucados de mulheres, a que elles chamam macana; e quando se põe na cabeça de hum homem, he por alguma grande fraqueza que fez, e fica inhabil pera toda sua vida, cousa entre os Parseos mui usada. Postas as mezas com estas duas differenças de premio, assi como andava doente, poz-se ElRey a cavallo, e com hum páo na mão fazia embarcar a todo homem, indignando-se muito contra os principaes, que os não via muito diligentes nisso. Raez Xabadim, homem principal nosso amigo, e por cujo respeito tinha recebido grandes offensas d'ElRey, e de seus privados, vendo-o assi indignado, disse-lhe: *Senhor, se os que vos aconselháram, que era leve cousa lançardes os Portuguezes daqui, amáram tanto vosso serviço, como eu amo, não estivereis agora posto neste trabalho, nem*

vos façāo crer que he gente que entregue logo o que tem na mão, senão entregando primeiro a vida. Eu irei aonde mandais a todos, e vos prometto de perder a vida, ou de vos trazer vossos imigos a esses vossos pés, se me Deos não decepar as mãos. Espedido este Raez Xabadim, metteo-se nas terradas com a gente que tinha, as quaes se ajuntáram com as outras, e fariam todas hum corpo de cento e trinta; nas quaes hiam todolos Capitães, e Mires d'ElRey, que são como cá dizemos os Fidalgos de limpo sangue. E ElRey escolheo outros que ficassem com elle, com os quaes se poz a cavallo, e sahindo da Cidade se foi pôr em hum lugar teso, donde podia ver o que os seus faziam com os nossos pera os obrigar a mais. D. Garcia, e a gente da fortaleza, que tambem estavam com os olhos no que havia de succeder naquelle caso, quando víram o grande número de terradas, e a furia que todos levavam por chegar, houveram que se N. Senhor milagrosamente os não salvasse, não havia outra esperança de suas vidas. Manuel de Sousa, porque té aquelle tempo não era vinda a viração, com a qual elle esperava de se fazer á véla, estava surto, ordenando-se pera entrar naquelle conflito de morte. E o modo que teve pera mais seguramente, (se alli ha-

havia ſeguridade,) poder chegar á fortaleza, foi eſte. Tomou a fuſta, e paráo de Triſtão Vaz, e pollos nas ilhargas do ſeu navio mui bem aterracados que ſe não pudeſſem alargar, e de maneira, que de hum em outro pudeſſem ſaltar, e acudir onde mais neceſſario foſſe. E porque a artilheria delles lhe ſerviſſe a toda a parte, poz as proas da fuſta, e paráo na popa do navio de maneira, que ficavam ao longo do coſtado delle, e da popa á prôa tudo fogo, com que ficavam hum baluarte de madeira com artilheria pera fóra, e per cima a mareagem das vélas do navio, pera que vindo o vento navegaſſem. Chegado aquelle grande cardume de barcos, onde Manuel de Souſa eſtava já poſto á véla, na primeira ſalva que lhe deram, foi juncarem os navios de fréchas de envolta com pelouros dos tiros de fogo que levavam, que fez huma fumaça, com que todo o circuito delles ficou ſem viſta huns dos outros, porque tambem a artilheria dos noſſos fez boa parte deſta eſcuridão. E porém neſta primeira chegada lhe encraváram muita gente da que eſtava na fuſta, por ſer raſa ſem amparo algum, com que o Capitão ficou ferido. E não ſómente lhe fizeram eſte damno, mas ainda como vinham com a furia das injúrias de ſeu Rey, de rondão entráram na

fuſ-

fusta pelo esporão della, sem temor da nossa artilheria. E em continente per o mesmo esporão Raez Xabadim com seis homens que pera isso escolheo, como homem offerecido á morte, e que queria fazer verdadeira a promessa, que fizera a ElRey, começou de trepar per o bordo do navio. O Capitão Fernão Vaz Cernache, peró que estava ferido com os outros de sua companhia, acudíram áquelle lugar; e assi Manuel de Sousa quando vio a ousadia dos Mouros, onde houve maior fervor de peleja, que em outra parte. No qual tempo Tristão Vaz da Veiga não se contentou com esta defensão de cima do navio, mas lançou-se dentro na fusta, e atrás elle Bastião Vaz, e Mendanha, e outros que com grande animo se mettêram ás cutiladas com os Mouros de maneira, que os enxutáram todos fóra da fusta. E porque hum bombardeiro que nella hia já não podia usar de seu officio pera cevar hum berço, por andarem todos mais pelejando a braços, que a pontaria de artilheria; com este alijamento que Tristão Vaz, e os outros fizeram, teve o bombardeiro braços pera fazer alguns tiros com hum berço, e fez tanto damno, que se alargáram os Mouros mais de pressa do que entráram. E entre algumas pessoas, que no commettimento, que os Mouros

ros fizeram, em querer subir per o bordo do navio, foi hum Framengo Condestabre dos bombardeiros do navio, porque este não achou outra arma mais prestes, que o marrão com que atacava sua artilheria, e com elle derribou cinco, ou seis Mouros, como que matava porcos. Finalmente como homens que andavam luitando travados hum em outro, sem se poderem derribar de bons luitadores, e assi travados correm todo o terreiro da luita té irem dar nos circumstantes que estam vendo, assi as terradas travadas em os nossos navios, e elles nellas, e huns, e outros servidos de fréchas, e pelouros da artilheria, já bem tarde, e todos bem cansados a maré os levou á fortaleza, onde os nossos foram favorecidos della, tirando com artilheria ás terradas pera lhes despejarem o porto onde surgiam, dos quaes trinta e tantos foram feridos; e hum só Grumete negro foi morto. E pelo que se depois soube, dos Mouros foram mais de oitenta mortos da artilheria, e muitos mais feridos. E segundo os nossos navios chegáram juncados de fréchas, e as vélas, enxarcea, mastos, costados, tudo encravado dellas; foi hum grande milagre não receberem maior damno, ante recebêram algum proveito, trazendo muita lenha pera casa, porque se affirma que muitos dias no fo-

 gão

gão dos navios á mingua de lenha ſe queimáram fréchas , e a maré quando encheo trouxe á praia grande número dellas.

CAPITULO IV.

Do que paſſáram os noſſos no cerco que tiveram ; e vendo ElRey de Ormuz quão pouco damno lhe podia fazer , deſpejou a Cidade , e ſe foi pera a Ilha Queixome , e depois a mandou queimar : e como com a vinda de hum navio , e huma náo foram provídos do neceſſario.

REcolhidos os noſſos a ſalvamento daquelle perigo , de que os N. Senhor livrou , quando veio ao outro dia teve Dom Garcia conſelho , propondo a todos quão desfalecidos eſtavam de tudo o que haviam miſter pera aquelle cerco , principalmente de mantimento , e agua , de que haviam de viver , e de polvora , e outras munições da guerra , com que ſe haviam de defender de todo combate ; que a elle lhe parecia bem deſpejarem a fortaleza de eſcravos , mulheres , moços , e gente ſem proveito , que lhe comia os mantimentos. Os quaes deviam mandar á India em aquelle navio de Manuel de Souſa , e tambem levaria nova a D. Duarte em que eſtado eſtavam , porque podia acontecer couſa a João de Meira ,

que

que o impedisse ir lá ter. E pela ida deste navio seguravam duas cousas, terem o soccorro certo, e em quanto não viesse, comeriam o que elles haviam de comer. O parecer de muitos foi contrario a este de D. Garcia; e depois de haver contradição de votos, assentáram, que logo armassem o navio, e fusta, e paráo, e fossem a pelejar com as atalaias d'ElRey, pois já tinham experiencia delles quão fracos eram, e o pouco damno que lhes podiam fazer. E dando-lhe N. Senhor vitoria, como tinha dado já duas vezes, ficavam mais senhores do mar, com que podiam haver á mão náos, ou navios, dos que ordinariamente vinham a Ormuz, dos quaes se podiam prover de muitas cousas, de que tinham necessidade. E per ventura neste tempo viria algum navio nosso alli ter, com as quaes ajudas ficariam provídos pera muitos dias. E feita esta obra, ahi lhe ficava tempo de mandarem á India o navio que dizia, e quando os Mouros o vissem ir antes delles fazerem esta mostra de si, diriam que hiam fugindo; e indo depois, entenderiam que o mandavam a pedir soccorro, já como gente confiada, e não temerosa. O qual voto, e conselho se poz logo em effeito; mas os Mouros tomáram outro, por causa do damno que tinham recebido, chegando suas

terradas tanto a terra, que ficava o noſſo navio muito ao mar, ſem lhe poder fazer algum mal, que mais não recebeſſe. E a fuſta, e paráo, que ſe mais chegavam, em ſuas barbas, (como dizem,) lhe tomáram hum paráo, que vinha de fóra carregado de mercadoria, couſa que elles muito ſentíram. Com a qual indignação per induſtria de hum Turco, homem a que ElRey dava grande credito, ordenou logo eſtancias com artilheria nos lugares onde nos podiam offender, e aſſi muros falſos pera entrarem per elles encubertos, com paredes de antes pera os noſſos não poderem ver a obra. O que tudo, poſto que nos dava muito trabalho, ſervio-lhes pouco pera ſeu intento; ante azo de receberem de nós maior damno. Té humas eſcadas que quizeram acoſtar á noſſa fortaleza, foram tantos delles queimados de panellas de polvora, que vendo-ſe ElRey deſeſperado de nos poder offender: creo que não tinha gente pera mais do que tinham feito, ſaltear-nos de noite como a gente deſcuidada, e não fraca pera defender as vidas, e que huma noſſa havia de cuſtar muitas dos ſeus. Finalmente como homem deſeſperado, e temeroſo, que vindo o Governador da India, elle havia de pagar todo o damno que nos fizera, ſenão com a vida, ao menos ſería tomar-lhe o go-

ver-

verno daquelle Reyno, determinou per conſelho dos que governavam leixar a Cidade deſerta, e ſe paſſar á Ilha de Queixome. E eſta Ilha eſtá pegada na terra firme da Perſia, e ſerá tres leguas de Ormuz á viſta della, corre ao longo deſta coſta da Perſia quaſi per comprimento de quinze leguas á maneira de huma faixa, por ſer mui eſtreita. A terra he fertil em ſi, mas muito doentia, por razão do máo ſitio em que eſtá, ſem ſer lavada dos ventos, que dam ſaude ao corpo humano. O fundamento d'ElRey, e de quem o mandava, que era o Xeque ſeu ſogro, e Mir Hamed Morado, com todolos mais em leixar aquella Cidade, era, que os noſſos leixariam a fortaleza. E ainda que ElRey, por razão daquella mudança a Queixome, perdeſſe hum par de annos as rendas que tinha na Alfandega, não vindo náos, melhor lhe vinha que ſer ſujeito, e tributario noſſo por tão pouca couſa, como era perder aquella Cidade. E tenteando eſtas, e outras razões, que todos davam a ElRey em ſeu favor, mandou-ſe lançar hum pregão, que toda peſſoa ſob' pena de morte embarcaſſe ſua peſſoa, familia, e fazenda pera a Ilha de Queixome, pera onde ſe ElRey paſſava a viver, pera o que mandava a todos dar embarcação nas terradas pera ſua paſſagem.

Quan-

Quando o povo ouvio o pregão, fez nelle hum tão grande eſpanto, que ſem temor algum todos a huma voz diziam mal d'ElRey, e de quem o aconſelhava, e iſto com tantas lagrimas, que os mettia a todos em grande confusão de maneira, que entre os principaes começou haver differenças, culpando huns aos outros, e quaſi todos deſculpavam a ElRey, por ſaberem ſer homem de boa condição, e entregue áquelles dous homens, que pera eſte effeito eram grandes amigos, e pera todo o mais comiam-ſe hum a outro. Ordenada a partida, ElRey ſe paſſou huma noite o mais caladamente que pode, e leixou na Cidade hum Capitão ſeu per nome Mir Corxet com mil e quinhentos frécheiros, e ſeſſenta terradas pera a gente ſe paſſar pouco, e pouco. O qual Capitão teve falla com D. Garcia, dizendo, que ElRey ſe fora não tanto por ſua vontade, quanto por ſeguir o conſelho de quem o governava, e que ſentira tanto o que era feito, que adoecêra de paixão, de que hia mal. Como em verdade ainda que era homem de pouco ſaber, e diſcurſo das couſas, achava-ſe cada dia mais deſacatado, que era ſignal de hum dia o deſporem, como os Governadores dos Reys paſſados o tinham feito; mas o negocio chegou a mais, como adiante veremos: parece que

que o ſeu eſpirito lhe revelava eſte mal. E ainda teve eſte Capitão Mir Corxet tanta prudencia pera encubrir a cauſa principal de ſua ficada alli, que deo a entender a D. Garcia, e ás principaes peſſoas da fortaleza, com que ás vezes eſtava á falla, que não era a outro fim ſenão pera tratar em negocio de paz, por quanto elle não fora no levantamento; e quando com elle não quizeſſem aſſentar eſta paz, que foſſe com ſeu cunhado Mir Cacero, que era homem de tanto credito ante ElRey, como elles ſabiam, e tambem fora contra o conſelho do levantamento, e ambos tinham commiſsão d'ElRey pera iſſo. Eſtes dous homens eram mui acreditados entre os noſſos, por ſe moſtrarem publicamente ſeus amigos, donde concebêram delles, principalmente do Mir Corxet que poderiam mover a ElRey, e aos principaes de ſeu conſelho pera ſe tornarem á Cidade. Nas quaes práticas detiveram o Capitão, em quanto fazia ſua obra, que era alijar o que haviam miſter, té que veio o Xabandar com recado d'ElRey, que puzeſſe fogo á Cidade, o qual era deſenganar os noſſos, que ſe hiam povoar a outra parte. Poſto eſte fogo a dezenove dias de Janeiro do anno de quinhentos e dous, ardeo a Cidade quatro dias com ſuas noites tão bravamente, que

noſ-

nossos temiam poder vir a elles. E entre temor, e piedade fazia-lhe grande admiração verem que per mãos dos proprios naturaes se punha fogo a huma tão nobre, e formosa Cidade em edificios, principalmente ás casas dos principaes, que todas eram cousa maravilhosa de ver seus lavores, e pinturas, por os Mouros serem mui deliciosos nisso. E com todo este estrago, que os nossos viam fazer, ainda este Mir Corxet fazia crer a D. Garcia que elle não era author daquella obra, nem consentia nella por sua vontade, sómente temia a Raez Xabadim, que o fazia por estar mui poderoso com mais gente que elle. E posto que a voz era que o fogo se poz acaso, e não per vontade, todavia diziam que Raez Xabadim o fizera por encubrir quantos roubos tinha feito nella, e tambem o fazia por se vingar d'ElRey, e de nós. Com estas, e outras palavras simuladas, estando D. Garcia apercebido pera ambos se verem em lugar conveniente pera assentarem a paz, neste dia que eram vinte e tres de Janeiro huma ante manhã mandou elle Mir Corxet pôr fogo a hum trabuco, que estava nas casas d'ElRey, com que nos elles tiravam, e tambem nas proprias casas. Porém nellas acertou de ser em parte, que logo se apagou, e com esta derradeira obra se embarcou

com

com toda a gente que comſigo tinha, ſem ficar na Cidade mais peſſoa, que té duzentas e cincoenta, ou trezentas almas, tudo gente velha, e tão pobre, que não tinham com que ſe embarcar. D. Garcia quando ſe achou aſſi enganado, ficou mui confuſo; e ſuſpeitando ainda que debaixo daquella cinza ficava na Cidade algum grande perigo, principalmente nas caſas nobres, por não ſerem queimadas, não quiz que eſte perigo correſſem os noſſos, e mandou alguns Malabares, que eſtavam em noſſa companhia, que foſſem ver per toda a Cidade ſe era toda deſpejada. Temendo huma de duas couſas, ou que neſtas caſas nobres ficava eſcondida muita gente de armas, e como os noſſos ſahiſſem, e ſe derramaſſem pelas caſas a roubar, dariam nelles; ou leixariam feitas algumas minas de polvora, a que poriam fogo, como os tiveſſem neſtas caſas grandes. Feita experiencia per eſtes Malabares como a Cidade era toda deſpejada, e que não havia nella ſenão aquella pouca gente meſquinha, e inutil, ſahíram então os noſſos, cada hum acudindo a ſua pouſada ver ſe achava alguma couſa das que leixára, e tudo era feito em carvões. Já as caſas nobres era a maior piedade ver a deſtruição dellas, que as queimadas, porque neſtas não havia couſa de que haver dó,

por

por tudo ſer carvões, e em as nobres não havia laço, pintura, nem portas, janellas, ou couſa que foſſe pera ver, humas levadas, outras arrincadas, e eſpedaçadas, por não nos aproveitarmos de alguma. Finalmente o deſpojo foi acharem algumas jarras eſcondidas de mantimento, e ciſternas particulares com agua, e lenha deſta deſtruição pera o fogo. E verdadeiramente o que queimou eſta tão nobre Cidade, (ao menos os dous terços della,) mais ſe póde dizer vir do Ceo, que da terra. Porque ainda que elle foi poſto per mão de ſeus proprios moradores, ſem ſerem conſtrangidos per nós, chegarem a tal eſtado que os obrigaſſe ſe leixar o berço, em que ſe creáram, e caſas de ſeu viver, e repouſo, Deos os indignou de ſi meſmo, com que os metteo em furia de fogo, e que foſſem algozes de ſuas torpezas, e nefandos vicios, vivendo tão publicamente nelles, que neſta permiſſão ficáram culpados alguns dos noſſos, os quaes per outro modo tambem ſe lhes queimou ſua fazenda, té pagarem com a vida; e ſe todos não pagáram lá, cá os vivos aſſignados do dedo de Deos: e permittio aſſi ſua juſtiça, porque ſaibam os homens, que peccados públicos, publicamente os caſtiga Deos diante dos olhos, que foram teſtemunha delles, por elle não ſer arguido per

per juizos de homens de pouca fé. E logo no meio daquelle fogo, por trazer os noſſos em conſideração deſtas couſas, os eſpertou Deos com a mais contraria que o fogo tem, que he agua, porque entendeſſem que o fogo abrazou as torpezas dos Mouros, e comnoſco queria uſar de lavatorio de ſua miſericordia com huma chuiva que mandou, com que enchêram muitas ciſternas de agua, de que tinham muita neceſſidade. Porque além de terem pouca, o grande número de gatos que havia na Cidade, vinham demandar as ciſternas a beber; e dos muitos que cahíram dentro, aſſi corrompêram a agua, que não ouſavam de beber ſenão cozida. E não ſómente com eſta agua que chovéo ficáram remediados do beber com algumas aguadas, que tambem depois foram fazer a terra firme, por beberem agua freſca, e ſem ſuſpeita de veneno, mas ainda do comer, com vinda de hum navio da India de Baſtião Ferreira com mantimento. Com as quaes proviſões, e ſaber per eſte navio de Baſtião Ferreira como já na India era a nova daquelle levantamento, D. Garcia tomou cauſa de mandar alguns recados a ElRey de Ormuz á Ilha de Queixome. E porque eſtes recados eram per hum Antonio Dias lingua criado delle D. Garcia, e iſto ſe continuava ſecreta-

men-

mente entre elles, ſem communicar eſte negocio com as peſſoas principaes, a que ſe devia pedir voto, ſe era bem do ſerviço d'ElRey de Portugal, houve preſumpção, (e depois o tempo o deſcubrio,) que Dom Garcia tratava couſa de ſeu intereſſe, querer que ElRey lhe pagaſſe alguma perda, que houvera naquelle levantamento. E pera obrigallo a iſſo, o mandava aconſelhar o modo que havia de ter com o Capitão da fortaleza, quando vieſſe, que era João Rodrigues de Noronha, que ſe eſperava cada dia por elle. E tambem que deſculpas havia de dar a D. Duarte, quando ahi foſſe ter, os quaes conſelhos, e modos, que Dom Garcia niſto teve, damnáram muito a ElRey em ſeus negocios, e aſſi ao que nos convinha, ſem elle entender que niſſo fazia tanto mal. E quem acabou de o damnar, foi D. Gonçalo Coutinho ſeu primo, filho de D. Diogo Coutinho, tambem cuidando que niſſo acertava, á volta de ſeu intereſſe, ao qual D. Luiz de Menezes que eſtava em Chaul, a grande preſſa, tanto que ſoube parte deſte levantamento, mandou em hum galeão bem armado com muitos mantimentos, e couſas neceſſarias pera proviſão daquelle accidente. E vindo ter a Calayate, tomou alli D. Gonçalo huma náo dos filhos de Alle Langerim, hum merca-

dor

dor dos principaes de Ormuz, que tratava em cavallos, e assi esbombardeou a villa, por lhe fazer sobrancerias. E passando per Mascate, achou Manuel de Sousa Capitão mór do mar, e Tristão Vaz da Veiga, aos quaes deo nova que D. Luiz de Menezes não tardaria, e que elle trazia recado das pazes, que logo havia de assentar com ElRey de Ormuz. E com voz destas pazes chegou a Ormuz, e dahi foi a Queixome, onde ElRey estava tão necessitado de mantimentos, que lhe deo a vida com os que lhe vendeo, e boa esperança de D. Luiz, que dahi a poucos dias sería com elle, e tudo se faria bem.

CAPITULO V.

Como Manuel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga tornáram á Costa de Mascate, e das cousas que alli fizeram té vir Dom Luiz de Menezes, e do que elle alli fez sobre a tomada da villa Soar: e do mais que passou té chegar a Ormuz.

Manuel de Sousa, e Tristão Vaz da Veiga, que D. Gonçalo achou em Mascate, eram alli vindos per mandado de D. Garcia Coutinho Capitão de Ormuz, a ver se poderiam tirar os Portuguezes do poder dos Mouros, os quaes ficáram em terra,

ra quando ambos ſe partíram a ſoccorrer Ormuz, como atrás fica. E vindo de caminho na paragem de Orfacam, o Guazil que alli eſtava deo a Triſtão Vaz, que chegára ao porto buſcar provimento, o que lhe pedio, como homem que eſtava em noſſa amizade, e mais hum Portuguez, e huma mulher, que alli eſtavam. E tambem neſte caminho tomou Manuel de Souſa duas terradas, huma que viera alli ter, em que tomou tres bombardas; e outra que eſtava quaſi deſcarregada do fato que trouxera de Mahamud Morado; e quando chegáram a Maſcate, acháram o lugar deſpejado, por ter o Xeque nova que Raez Delamixar irmão de Raez Xaraſo vinha pera Calayate a ſervir de Guazil; e receoſo de lhe deſtruir o lugar, por tomar voz por ElRey de Portugal, mandou pôr toda a gente, e fazenda na ſerra, e folgou muito com a chegada dos noſſos; o qual veio logo dar conta diſto a Manuel de Souſa, pedindolhe que o amparaſſe, e ſe leixaſſe alli eſtar pera o defender quando vieſſe eſte ſeu imigo, a qual detença não foi mais que quatro, ou cinco dias, e neſte tempo paſſou per alli D. Gonçalo Coutinho, que deo a nova de D. Luiz, como ora diſſemos. E porque em Calayate eſtavam os mais dos cativos, e tambem a elle acudiam mais na-

vios

vios pera as prezas que alli, paſſou-ſe lá, onde tiveram prática com o Guazil, provocando-o á entrega dos cativos, e fazer outro tanto como o Xeque de Calayate, o que elle não quiz. Dando em reſpoſta que havia de ſer leal a ElRey, que elle tinha alli huma carta ſua pera dar ao Capitão mór D. Luiz, quando vieſſe, e que nella eſtava toda a reſpoſta que elle podia dar. Triſtão Vaz, porque Manuel de Souſa ſe foi contra o Cabo de Roçalgate ás prezas, eſperando que vieſſe D. Luiz, leixou-ſe alli ficar, e com o ſeu paráo defendia que os peſcadores não vieſſem ao mar, porque não podia fazer maior guerra á villa, té que veio D. Luiz; o qual trazia tres galeões, e quatro fuſtas, e huma caravella, de que era Capitão elle, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Lemos, Nuno Fernandes de Macedo, Henrique de Macedo ſeu irmão, Duarte d'Ataíde, Pero Vaz Travaços. E alli ſe ajuntou com elle Manuel de Souſa, per os quaes elle ſoube o eſtado de Ormuz, e lugares daquella coſta. Ao qual veio logo hum Mouro dos honrados da terra, e trouxe-lhe da parte do Guazil Coge Zeinadim a carta que dizia ter d'ElRey de Ormuz pera elle, e aſſi lhe apreſentou algum refreſco da terra. E na carta não ſe continha mais que aggravos de Diogo Lopes de Sequei-

queira, e dos Capitães de Ormuz; e que eſtes eſcandalos indignáram tanto a gente, que fizeram o levantamento, em que elle não tinha culpa, e que com ſua vinda elle eſperava que tudo ſería remediado. D. Luiz teve alguns recados do Guazil em reſpoſta do que lhe elle mandava dizer, ſem tomar concluſão ſobre os Portuguezes cativos, que tinha em ſeu poder, nem ſuas fazendas que lhe pedia, e niſto acabou de ſe reſumir, que Raez Delamixar, que vinha por Guazil, ſería alli mui cedo, e poderia trazer algum recado ſobre a ſua entrega, que entretanto devia de ir fazer ſua aguada a Teive. O qual conſelho elle tomou, ſem querer tomar emenda do lugar, temendo que qualquer damno que lhe fizeſſe, ſería cauſar a morte aos cativos, que eram vinte e ſeis Portuguezes; e mais ſabendo que toda a gente, e fazenda era poſta em ſalvo, ſómente eſtavam alli huns poucos de homens de armas frécheiros, que haviam de leixar a villa, pois alli não tinham mulheres, filhos, nem fazenda. Chegado D. Luiz á aguada de Teive, porque os Arabes dalli lhe vinham fazer ſuas algazarras, e ſobrancerias, ſegundo ſeu coſtume, moſtrando que lhe queriam defender a aguada; mandou D. Luiz a Nuno Fernandes de Macedo que com ſua gente huma manhã os affugentaſſe,

dal-

dalli. Na qual sahida em terra cativou, e matou alguns, com que os Arabios ficáram tão açanhados, que os parentes dos mortos, e cativos saíram onde estavam sete, ou oito Portuguezes cativos pera os matar, e de feito foram mortos, se os não salváram as pessoas que os tinham em poder; e todavia per desastre houveram hum á mão, em que fizeram sua gazua. E estando ainda aqui D. Luiz esperando João Rodrigues de Noronha, que da India era partido pera entrar na capitanía de Ormuz, polo qual D. Duarte de Menezes mandava esperar naquella paragem, porque havia de vir com vélas, e gente, pera elle D. Luiz chegar a Ormuz mais poderoso, por não saber em que estado estava, chegou huma terrada do Xec de Mascate, que estava por nós. O qual Xec soube ser D. Luiz alli pera huma fusta de sua companhia, que se apartou delle com tempo no Cabo Rosçalgate, e foi ter a Mascate, per a qual terrada lhe fazia saber como elle estava por ElRey de Portugal, segundo já teria sabido per Manuel de Sousa, e Tristão Vaz; que lhe pedia que o favorecesse com algum soccorro, porquanto lhe fazia saber como Raez Delamixar vinha sobre elle com poder de gente. D. Luiz por estar já informado do que este Xec tinha feito, mandou lá em seu favor

a Henrique de Macedo Capitão da caravella, e que elle com a fuſta que lá foi ter deſſem todo favor que pudeſſem ao Xec; e porém que por nenhum caſo ſahiſſem em terra, nem homem algum. Chegado Henrique de Macedo a Maſcate nas oitavas da Paſcoa, ſoube do Xec como Raez Delamixar era chegado per terra dahi a tres leguas com té trezentos frecheiros, que lhe pedia que o ajudaſſem com alguma gente, porque elle determinava de o ir eſperar a hum certo paſſo de huma ſerra a lhe impedir a paſſagem, porque não tinha outro caminho. Henrique de Macedo como lhe era defezo lançar gente em terra, ſe eſcuſou com o regimento de D. Luiz, com que o Xec ficou muito deſconſolado. Mas como receava que paſſando o paſſo Raez Delamixar, ficava elle ſujeito a muito perigo por a pouca gente que tinha, e que lhe convinha partir-ſe logo ante que elle chegaſſe ao paſſo; tomou alguma gente Arabia que ahi eſtava de humas náos de Baſçorá, e cinco Portuguezes que eſtavam com elle, que por ſuas vontades o quizeram acompanhar, dous dos quaes eram criados de Triſtão Vaz da Veiga. Finalmente elle defendeo o paſſo, eſtando já desbaratado, e acolhido a hum alto, com matarem Raez Delamixar com huma eſpingarda dos noſſos,

que

que fez pôr em fugida a todolos Parseos com morte de dez, ou doze; e se houvera quem lhe seguíra o alcanço, alli ficáram todos. Dahi a dous dias que o Xec tinha havido esta vitoria, chegou D. Luiz, e quiz Deos que chegáram tambem duas terradas carregadas do fato de Raez Delamixal, que vinham tomar pousada per mar, e elle estava já enterrado. As quaes D. Luiz á mingua de seu damno mandou recolher, e fez honra, e agazalhado ao Xec, dando-lhe muitas peças, e mais leixou-lhe alli huma fusta com quarenta Portuguezes, vinte pera andarem nella, e vinte pera estarem em terra em seu favor. E havendo quatro dias que D. Luiz alli era chegado, veio João Rodrigues de Noronha em huma náo per nome S. Jorge, e com elle em outra náo chamada as Virtudes, Capitão da qual era Lopo d'Azevedo; e porque D. Luiz não esperava outra cousa, partio-se logo caminho de Ormuz. Neste caminho, treze, ou quatorze leguas de Mascate, está hum lugar chamado Soar, o qual posto que seja de pouco trato, e trafego, e não de muitos moradores, tem huma fortaleza; e como he mais perto de Ormuz que os outros, sempre he provído de gente de guarda, e fronteria por alguns imigos que tinham perto. Hum vizinho era Soltão Maçoude;

que vivia dentro no ſertão perto da ſerra, o qual ſe intitulava por Rey, como ſignifica eſte nome Soltão entre os Mouros; o poder do qual ſeria té duzentos e cincoenta de cavallo, e tres mil homens de pé. O outro vizinho era hum Xec Hocem Bençaide Capitão do grande Bengebra, que teria té trezentos de cavallo, e quatro mil de pé, o qual Bengebra he hum Alarve, que come mais de quinhentas leguas de terra. Porque elle he ſenhor quaſi de todo o ſertão, que ſe comprende da Ilha Baharem, correndo a coſta té Dofar, dando ſempre rebates nos povoados que eſtam neſta terra, a que os Arabios chamam Yaman. E os rebates são no tempo da novidade das tamaras, de que eſta terra he mui fertil, e aſſi de outros mantimentos, recolhendo o que hão miſter pera todo o anno, parte por rapina, parte por pacto em maneira de pareas, que lhe pagam eſtes vizinhos. Dom Luiz pola informação que teve deſtas duas peſſoas tão poderoſas, os quaes por ſerem Arabios ſempre eſtam em guerra com os Parſeos do Reyno de Ormuz com que vizinhavam, elle os mandou chamar, e teve prática com elles, dizendo, que ſua tenção era dar em Soar, onde ſabia eſtar hum Guazil d'ElRey de Ormuz com gente em guarda, que lhe queria entregar eſte lugar, por

ſa-

saber que os Arabios era gente mais fiel.; e por esta causa ElRey de Portugal seu Senhor havia muito de folgar ficarem os lugares daquella costa em seu poder, e não dos Parseos, e mais sendo elles pessoas de tanta qualidade. E que delles não queria mais que cercarem o lugar per parte da terra, e elle daria pelo mar, porque temia que o Guazil Raez Xabadim, que estava na fortaleza, se acolheria pera o sertão, quando pelo mar fosse entrado. Aos quaes elle deo algumas peças, ficando mui contentes do partido, porque nisso não mettiam cabedal algum, e ficavam senhores do que desejavam á custa alheia. Mas o caso não succedeo como D. Luiz desejava, porque o tempo foi hum pouco contrario a D. Luiz, e ante de chegar a Soar, surgio tanto avante como hum lugar do mesmo Soltão. E porque do mar no porto do lugar víram os nossos humas terradas, sem D. Luiz saber que havia alli povoação, mandou a ellas Antonio de Lemos no seu esquife, e com elle humas almadias. O qual sem licença de D. Luiz, queimou as terradas, e o lugarinho, cativando obra de vinte Mouros bem pobres, sem té então se saber o mal que fizeram, o que logo veremos. Chegando a Soar a onze de Março de quinhentos e vinte e dous, soube Dom

Luiz

Luiz que Raez Xabadim era já dalli partido, e que leixára em guarda da fortaleza té oitenta Parſeos, os quaes tinha cercado per terra Xec Hocem Bençaide, como ficára aſſentado. D. Luiz como ſoube pelo meſmo Xec Hocem eſte recado, e vio que ſua Armada vinha eſpalhada, e era tão tarde que não podia ſahir aquelle dia em terra, mandou a alguns dos Capitães, que já eram chegados, que com ſua gente foſſem guardar a praia, por ſe não irem os Parſeos, pois per terra os tinha ſeguros, ſegundo lhe mandára dizer o Xec Hocem, e pela manhã ſahiria elle com o corpo de toda a gente. Os Parſeos tanto que víram ſurta a noſſa frota, parece que peitáram os Arabios, e ante manhã per buracos do muro da fortaleza os leixáram fugir. Os Capitães que guardavam a praia, ſentindo o rumor deſta fugida, ſem D. Luiz ſer preſente, remettêram delles á fortaleza, outros a queimar huma náo, que eſtava no porto. E quando acháram a fortaleza deſpejada, deram na villa, e fizeram nella hum bom eſtrago, matando, e cativando quantos acháram, e per partes puzeram-lhe fogo. D. Luiz quando chegou a terra, e ſoube como os Parſeos eram fugidos, e o lugar entrado, e as duas partes delle queimado, ſem eſperarem por elle, ficou muito indi-

gna-

gnado contra os Capitães, e muito mais quando soube como o caso passava. Porque quanto ao lugarinho que Antonio de Lemos atrás destruíra, era de Soltão Maçoube, o qual vendo o damno que lhe os nossos fizeram, ficou tão aggravado de Dom Luiz, que não quiz ir ao cerco dos Parseos, como lhe promettêra. Tambem a povoação de fóra da fortaleza de Soar era toda povoada de Arabios, muitos dos quaes eram parentes dos Arabios, que andavam com Soltão Maçoude, e Xec Hocem, por cujo respeito ambos ficáram bem escandalizados, e houveram que não fallavamos verdade. D. Luiz vendo que no feito não havia remedio, quiz satisfazer a este escandalo, mandando entregar quantos cativos se alli tomáram, e toda a fazenda, ainda que era pouca, e elle per si mesmo as andou per todas as náos vendo se dos cativos os nossos escondiam algum. Finalmente elle leixou por Guazil, e Capitão daquella fortaleza a Xec Hocem Bençaide, e ao que d'antes alli estava leixou por Escrivão das rendas, e despeza do lugar, obrigando-se este Xec Hocem de o ter por ElRey de Portugal, e sobre isso fizeram seus contratos com toda obrigação que o caso requeria, com que Xec Hocem em alguma maneira ficou satisfeito. Ante que D. Luiz se partisse daqui,

qui, chegou a elle hum criado de D. Garcia Coutinho, per o qual lhe fazia saber como elle mandára o Alcaide mór de Ormuz em hum navio, e huma fusta a queimar o lugar de Lemma, que era d'ElRey de Ormuz, o qual estava áquem do Cabo Moçandam ante de entrar no estreito obra de dez leguas, e houveram na destruição deste lugar muitos cativos. E assi mandára dar alguns saltos derredor da Ilha Queixome, de que ElRey estava mui agastado, vendo que os seus não podiam navegar sem receber muito damno de nós, e morriam á fome, porque não tinham mantimentos, e não os podiam haver per outro modo senão per este de navegar. E tambem lhe fazia saber que ElRey desejava muito sua chegada; porque D. Gonçalo Coutinho lhe dissera que em o negocio da paz faria tudo o que ElRey quizesse, e com elle D. Garcia saber isto de D. Gonçalo, leixára de fazer a guerra a ElRey. E porém depois que estas cousas com a chegada de D. Gonçalo virem a este estado, succedêram outras, em que totalmente aquelle Reyno era perdido; porque entre os principaes que governavam ElRey Torunxá, houve estas differenças, Mir Corxet, e Cogelal feríram Mir Hamed Morado, aquelle grão privado d'ElRey, e se acolhêra a Ormuz, e tornára ou-

tra vez a Queixome, depois que soube que Raez Xarafo o Guazil mandára prender ao mesmo Mir Hamed Morado. E que elle Raez Xarafo, temendo que ElRey descubrisse a elle D. Luiz, e ao Governador Dom Duarte se alli viesse, quanto mais culpa elle Xarafo tinha neste levantamento, que pessoa alguma das outras, por ser homem que sabia tirar a pedra, e esconder a mão, elle fizera com Raez Xamixer, e Raez Gelal que matassem a ElRey Torunxá. Porque sobre elle morto lançaria todalas culpas dos males que eram feitos, visto que os mortos não se podem desculpar do que contra elles se diz. A qual morte houve effeito, e logo levantáram por Rey hum moço de té treze annos per nome Mahamud Xá, filho d'ElRey Ceifadim passado; e que Xarafo governava tudo absolutamente, e tinha este moço em seu poder, e todo o thesouro, e fazenda do Reyno. D. Luiz quando ouvio tanta revolta, ante que tudo se acabasse de todo, partio-se logo, e sendo tanto avante como o Cabo Moçandam, chégou a elle huma terrada, em que vinha hum Mouro honrado per nome Coge Mahamud Safuxá, per o qual o novo Rey Mahamud Xá o mandava visitar, e que sua vinda fosse muito boa, e assi lhe mandava hum pouco de refresco. D. Luiz ante desta visitação,

per

per o criado de D. Garcia tinha havido huma carta do Feitor Ignacio de Bulhões, o qual como fora criado do Conde Prior seu pai, com a mais liberdade que algum homem outro, o avisou do que lá passava. E entre muitas cousas lhe dizia, que os Governadores d'ElRey de Ormuz, e todolos seus acceitos estavam costumados a fazerem tudo o que queriam, e depois remiam as culpas com dinheiro, e que té então ainda não tinham visto quem lho engeitasse. E posto que elle o conhecia mui bem, e sabia que era filho de seu pai, e neto de seus avós, que nunca fizeram cousa com Mouros que a cubiça lhe fizesse perder a honra, todavia lhe fazia esta lembrança. Que se ante de se ver com ElRey o mandasse visitar, e lhe mandasse algum refresco, como elles costumavam mandar, no qual refresco vai envolta a brandura, com que elles amançam os animos dos furiosos, se houvesse de maneira com a visitação, que de fallar com elle sómente não se pudesse presumir cousa alguma. Porque ainda que em toda parte os homens que mandavam, e governavam, e não são mui cautelosos no modo de suas cousas, muitas vezes a juizo dos homens os condemnava por suspeita; na India corriam muito mais risco que em outra parte, por estarem acostuma-

dos

dos os Mouros, e Gentios a peitar grossamente, que este seu costume infamava á todo homem por justo que fosse. Por o qual respeito D. Luiz não quiz ouvir este mensajeiro, nem vello sómente, e mandou-lhe dizer per Tristão Vaz da Veiga, que elle estava tão perto de Ormuz como via, que lá o fosse esperar, e dahi lhe tomaria o recado d'ElRey, e assi o espedio.

CAPITULO VI.

Como D. Luiz de Menezes chegou a Ormuz, e dahi foi ter á Ilha de Queixome, onde ElRey estava: e os meios que teve pera assentar paz com elle, com as condições nella conteúdas.

TAnto que D. Luiz chegou a Ormuz, e se informou do que lhe convinha saber, não sómente de D. Garcia, mas de Ignacio de Bulhões, o qual polas razões que dissemos o podia informar de toda a verdade, e elle acceitar seu voto como de homem que tinha amor a sua honra, e mais qualidades pera isso de prudencia, e cavalleria, mandou vir publicamente o mensajeiro d'ElRey, e tomou-lhe seu recado, o qual era de visitações. Ao que D. Luiz respondeo graciosamente; e porém não lhe quiz acceitar o refresco, nem vello, sómen-

te

te tomou huma pouca de verdura, dizendo que era tão proprio dos homens, que andavam no mar, folgarem com ella, que por isso a acceitava, e mais por ser da mão de hum Rey innocente, como era elle Mahamud Xá, que não tinha culpa alguma em tão más cousas, como eram passadas em Ormuz. Partido este mensageiro, ao outro dia veio outro por nome Coge Ceidadim com duas cartas, huma d'ElRey, e outra de Raez Xarafo seu Regedor, e com muitas peças de seda, e outras cousas que elles usam mandar na chegada dos Capitães. Nas quaes cartas se continham culpas d'ElRey Torunxá morto, inventor, e urdidor de quanto mal té então era feito, e que a sua morte fora ordenada por Deos, por tirar daquelle lugar hum tão máo homem; porém elle Mahamud Xá sempre havia de obedecer aos mandados d'ElRey de Portugal, e que esta fora a primeira causa de acceitar a eleição de Rey de Ormuz, que os seus Mires nelle fizeram. Finalmente per este temor o morto era condemnado, e elles mereciam mercê, e favor pola vontade que tinham, sem nas cartas se tratar de outra cousa, tudo eram palavras geraes. E outro tanto fez este mesmo mensageiro, assi desta vez, como da outra que tornou, sem Dom Luiz lhe tomar de ambas cousa alguma das

que

que trouxe, e tambem lhe respondia com palavras geraes. Porém porque elle Coge Ceidadim nesta segunda vez como de seu apontou em prática a D. Luiz, que se lhe désse hum seguro pera a pessoa d'ElRey, e todolos seus, elle se tornaria á Cidade, respondeo D. Luiz, que elle não lhe respondia por o requerimento não ser da parte d'ElRey, senão prática delle Coge Ceidadim; e quando ElRey nisso mandasse fallar, então responderia, e com isto o espedio. Partido este Mouro, teve D. Luiz prática com os Capitães, e principaes pessoas que alli eram, dando-lhe conta destas visitações que lhe ElRey fazia, e do que lhe movêra este Mouro, que tudo isto lhe parecia artificio de Raez Xarafo. Tambem havia oito dias que eram chegados, e passava-se o tempo sem ter feito cousa alguma, que a elle lhe parecia que deviam ir a Queixome, pera qualquer cousa que succedesse tomarem logo lá conclusão nella, e não estar esperando, recado vai, recado vem, no qual parecer todos foram, e partio-se ao outro dia com a maré. Raez Xarafo como se vigiava de todolos autos que D. Luiz fazia, quando soube que hia pera Queixome, temendo que ElRey Mahamud Xá, que elle levantára, fosse deposto por lhe não pertencer, e que em seu lugar Dom

Luiz levantasse a hum moço de doze annos filho d'ElRey Torunxá morto; cegou este moço pelo modo que elles cegavam os de que se temiam, cousa mui costumada naquelle Reyno, como já escrevemos. A nova do qual caso deram a D. Luiz indo de caminho pera Queixome, a qual cousa não era verdade, mas artificio pera o mais indignar. E tanto que chegou, que foi o primeiro de Junho, vieram logo a elle Coge Abrahem Secretario d'ElRey, Coge Ceidadim, e outros homens nobres a visitallo de parte d'ElRey, e com algum refresco, aos quaes elle recebeo com gazalhado, e assi o refresco por ser fruita, e os não escandalizar, e com isto os espedio. A tenção de D. Luiz ácerca do castigo que queria dar a Raez Xarafo, e assi áquelles Mouros, que revolvêram as cousas que té alli eram passadas, era haver a seu poder a pessoa d'ElRey, e delles per algum modo. E a elles ter prezos té o fazer saber a seu irmão D. Duarte, pera determinar o que fariam, com que aquelle Reyno ficasse em poder de homens de menos suspeita do que elles eram. E com parecer de pessoas particulares, que eram poucas, por se o segredo não descubrir, determinou de buscar pera fazer isto a seu salvo, e sem perigo da nossa gente, pessoas que per terra o ajudassem,

ſem, e elle daria pelo mar. E achou dous homens poderoſos, que tinham ſeu eſtado na terra firme, os quaes davam obediencia a ElRey, e porém tinham odio mortal a Raez Xarafo, por a qual razão acceitariam qualquer partido que lhe fizeſſe. A hum delles chamáram Mir Carcero, cujos avôs foram muito tempo Governadores do Reyno Ormuz, e ao outro Mir Corxet ſeu cunhado. D. Luiz como ſoube particularmente de ſuas couſas, e poder que tinham, ſecretamente a Mir Carcero mandou Ruy Varella, e a Mir Corxet Antonio de Figueiredo, os quaes aſſentáram com elles ſerem contentes virem a hum certo tempo com gente dar nas caſas d'ElRey, e elle D. Luiz per outra parte, e o tomarem ás mãos, e áquelles que foram cauſa dos males paſſados. Ao Mir Carcero promettia D. Luiz a governança de Ormuz, e ao outro as couſas de que ſe elle contentava. Tendo aſſentado com eſtes dous homens eſte negocio, ſentio D. Luiz depois nelles huma frieza de maneira, que converteo eſte ardil o negocio corrente de contrato com o meſmo Rey Mahamud Xá, e com os ſeus Governadores. E ainda ſe metteo neſte negocio por concertador hum Embaixador do Xá Iſmael que alli era vindo, per meio do qual D. Luiz concedeo algumas couſas, moſtrando

do que o fazia por amor do Xá Ismael, e comprazer a elle Embaixador, sendo ellas taes que a necessidade o fazia conceder nellas, porque se lhe gastava o tempo, e os Mouros andavam mui vagarosos, e sobre isso moviam cousas novas de maneira, que havia D. Luiz que tornallos ao estado em que estavam, ante de lhe pôrem Officiaes na Alfandega, acabava grande cousa. E o que mais obrigou a elle D. Luiz a isto, foi mandar-lhe dizer Mir Carcero que elle não podia ser naquelle negocio, considerando os trabalhos que os Capitães da fortaleza davam aos Governadores, que elle queria viver em paz, e esta sómente tomava por a melhor honra que alguem podia desejar. Seu cunhado Mir Corxet tambem se escusou com dizer, que pois seu cunhado não entrava nisso, que elle não o podia fazer só. Além deste desengano houve ahi outra cousa mui principal, que fez concluir a D. Luiz: cá foi certificado que estava Raez Xarafo tão temeroso de sua vida, que determinava de tomar ElRey, e se ir com elle, e com o seu thesouro á Ilha Baharem, ou pera Chiláo huma villa na costa de Persia, de que elle Raez Xarafo era natural, e levar comsigo tambem os principaes mercadores. Finalmente D. Luiz se contentou com ElRey por esta maneira, que elle Rey

com

com todolos seus tornasse a povoar a Cidade Ormuz, e pagasse os vinte mil xerafijs que pagava, e livremente governaria o Reyno, sem os Capitães entenderem nas cousas de sua fazenda, nem justiça, e que tornariam todolos Portuguezes cativos, e fazenda que lhe tomáram, e tambem pagariam aos que eram vivos o que naquella revolta perdêram, constando por escritura, ou testemunhas dignas de fé, e pagariam as pareas que té o tempo do levantamento eram devidas. Acabado este concerto de pazes, depois que foi assignado per D. Luiz, e per ElRey, e seu Guazil Xarafo, como Governador do Reyno, mandou ElRey a elle D. Luiz pera enviar a Portugal a ElRey, e á Rainha perlas, e joias de ouro, e muitas peças de seda, e ouro, e outras pera elle mesmo D. Luiz, que elle acceitou, por não desprazer a ElRey; porém mandou-as entregar ao Feitor Ignacio de Bulhões pera as enviar com as outras a este Reyno pera ElRey. E porque as náos que João Rodrigues de Noronha levou comsigo haviam de vir pera este Reyno com especiaria, elle as despachou logo pera Cochij, mandando nellas estas peças que ElRey de Ormúz deo, e assi o dinheiro das pareas que pagou. Em huma das quaes vinha Lopo d'Azevedo, e Duarte d'Ataíde em outra, e na terceira Ma-

nüel Velho, por Pero Vaz Travaços Capitão della ficar doente em Ormuz. As quaes junto de Maſcate em huma aguada, que chamam de Coge Atar, tiveram hum temporal tão forte, e ſubito de noite [illegible]ndo ſobre ancora, que foi ter á coſta a [illegible]rte d'Ataíde, em que elle pereceo, e hum filho ſeu, e Vaſco Martins de Mello, João Rabello, e D. Garcia Coutinho Capitão que fora de Ormuz, e muita outra gente nobre. E ao tempo que foi ter á coſta com a furia que levava do temporal, deo pela náo de Lopo d'Azevedo que deſapparelhou, e houvera de ſe perder com ella, ſe lhe não acudíra Manuel Velho que a ſalvou. E aſſi ſe ſalvou a maior parte da fazenda perdida per induſtria, e ajuda do Xec de Maſcate, que mandou mergulhadores a iſſo. O qual beneficio ante que os noſſos ſe dalli partiſſem, foi pago a eſte Xec Raxit com lhe ſer dada a vida per eſta maneira. Como elle tinha morto Raez Delamixar irmão de Raez Xarafo no paſſo que lhe defendeo, ſegundo atrás eſcrevemos, tanto que Xarafo teve os concertos feitos com D. Luiz, ſem o guardar pera mais tarde, mandou hum ſeu criado em huma terrada com gente armada a matar eſte Xec Raxit em vingança de ſeu irmão. Sabida a qual vinda, Manuel Velho ſe metteo em o batel da ſua náo, e com

gen-

gente armada foi ter á aguada de Coge Atar, onde estava este criado de Raez Xarafo. E dando de subito nelle, o prendeo na propria terrada, sendo a gente de armas em terra, e o levou com os remeiros della á sua náo, onde mandou vir Xec Raxit, e os fez amigos, escrevendo sobre isso a D. Luiz, e a Raez Xarafo. Acabadas estas amizades, e as duas náos remediadas do damno que recebêram do temporal, partíram caminho da India, aonde chegáram a salvamento. D. Luiz tambem leixando as cousas de Ormuz no estado que dissemos, porque havia de ir esperar as náos de Méca á ponta de Dio, partio-se por ser já monção pera isso, levando comsigo cinco galeões, hum navio, e huma caravella. E sendo tanto avante como Dio, tomou huma náo, em que houve pouca preza, e por lhe vir hum temporal que o fez arribar a Chaul, a dezeseis de Setembro, e o tempo não ser já pera mais, daqui se partio pera Goa, onde achou seu irmão D. Duarte, o qual estava posto em toda tristeza, por a nova que tinham deste Reyno per huma das tres náos, que o anno de quinhentos e vinte e dous partio, como veremos neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VII.

Como per huma das nãos, que este anno partíram pera a India, D. Duarte soube do falecimento d'ElRey D. Manoel, e o que sobre isso fez, e as nãos que despachou pera diversas partes: e como D. Pedro de Castro Capitão de huma de duas nãos, que invernáram em Moçambique, destruio a Ilha Querimba, e como em Goa sobre amarra a sua não Nazareth se foi ao fundo.

ESTANDO D. Duarte de Menezes em Goa na Sé hum Domingo á Missa ouvindo a prégação do Bispo D. Fernando Religioso da Ordem de S. Francisco, chegou hum homem, e deo hum escrito a elle Dom Duarte, o qual era de D. Pedro de Castello-branco filho de D. Pedro de Castello-branco, que chegára á barra de Goa por Capitão de huma não, de tres que este anno de vinte e dous partíram deste Reyno pera a India, e os Capitães das outras duas eram Diogo de Mello, que hia pera Capitão de Ormuz na vagante de João Rodrigues de Noronha; e outro era D. Pedro de Castro filho de Estevão de Castro, os quaes, por não poderem passar á India, invernáram em Moçambique, de que adiante

te faremos mais relação. Acabando Dom Duarte de ler o eſcrito, foi tamanho o ſentimento, que não podendo diſſimular a dor, e triſteza da nova, que lhe D. Pedro dava, poz hum lenço no roſto, e ſentindo os que eſtavam junto delle o ſeu choro, cuidáram que no eſcrito vinha nova que era falecido ſeu pai o Conde Prior. Mas como pelo menſageiro da carta ſouberam ſer ElRey D. Manuel, aſſi a prégação como a Miſſa, foi huma contínua triſteza, e fez em todos grande confusão. E o que iſto mais accreſcentou, foi verem que de tres náos que ſómente aquelle anno partíram deſte Reyno, huma chegára á India, e parecia-lhe que com a morte do ſeu Rey tudo falecia; poſto que no Principe D. João ſeu filho, que era levantado por Rey, polo que delle tinham conhecido, cada hum em ſeu modo ſe confortava, não perdendo a eſperança de ſeus ſerviços. D. Duarte logo aquelle dia á tarde mandou lançar pregões, que todos tomaſſem dó, e o deſſem aos ſeus eſcravos, e que não ficaſſe Mouro, ou Gentio que o não tomaſſem, ſob graves penas. E logo na Sé mandou ordenar huma éça, e concertar todo o neceſſario, e com grande ſolemnidade ſe cantáram beſporas, e ao dia ſeguinte Miſſa, e prégação por a alma d'El-Rey, ao modo deſte Reyno. Tendo elle

D.

D. Duarte per ſua propria peſſoa feito os dous autos, aſſi o da triſteza denunciando o falecimento d'ElRey, como o do prazer, e feſta com toda ſolemnidade, que convinha ao levantamento d'ElRey D. João o Terceiro deſte nome. E parece que permittio Deos que elle fizeſſe eſte auto como filho de ſeu pai D. João de Menezes Conde da Taroúca, e Prior do Crato, que era Alferes mór deſte Reyno, a quem elle ſuccedia, o qual Conde o fez tambem neſte Reyno em Lisboa. E não ſómente em Goa ſe fizeram eſtes autos, mas em todas as fortalezas da India noſſas, e ElRey de Ormuz tomou dó como vaſſallo d'ElRey, e o de Cananor, e Cochij como amigos, e ſervidores. E no fim deſtes autos chegou, (como diſſemos,) D. Luiz de Menezes, que vinha de Ormuz, e de noite ſahio do mar, e ſe foi pera D. Duarte, que de novo entre ſi fizeram outro novo pranto. Porque além de perderem Rey, e Senhor, que os creou em grande mimo, por filhos de ſeu pai, o qual per ſuas qualidades ainda ficava naquella eſtima em que de todos era havido, ficava ſem o officio de Mordomo mór da Caſa d'ElRey, que he o mais principal della. O qual cargo elle já tivera do Principe D. Affonſo filho d'ElRey D. João o Segundo, não tendo ainda titulo

de

de Conde, nem o de Prior do Crato, que eſtes lhe deo ElRey D. Manuel sómente por ſua fidalguia, cavalleria, e qualidades. E no modo de lho dar ganhou elle ainda mais honra, e mercê, que o proprio officio, porque havendo naquelle tempo peſſoas muito nobres, e que tinham caſa, e herança, e não menos nobreza, em que o officio por eſtas razões parecia a muitos que lhe pertencia, diſſe ElRey publicamente, que dava aquelle cargo a D. João de Menezes, porque era homem que ſempre lhe fallára verdade, e nunca á vontade. Na qual palavra ElRey ſe moſtrou juſto, e verdadeiro, e imigo de liſongeiros, e louvou a D. João de Menezes das mais principaes partes que hum homem póde ter pera andar junto dos Reys, ſe elles são taes, que as palavras, e obras lhes dam eſte nome, e dignidade. Tornando a D. Duarte de Menezes, com eſta triſte nova ſe foi a Cochij dar carga ás náos, que eſte anno haviam de vir pera o Reyno; e por as outras duas da companhia de D. Pedro invernarem, vieram aquelle anno sómente eſtas náos, de que eram Capitães Garcia de Sá, Aires da Silva, Baſtião Ferreira, Diogo Calvo em huma náo de D. Nuno Manuel, a qual veio ter á Ilha de S. Thomé, onde foi roubada dos Francezes, Manuel Gil filho de Duar-

te

te Triſtão armador, e ſenhorio da náo em que vinha, e Sancho de Toar, que veio de Sofala, por ter acabado ſeu tempo de Capitão, e em ſeu lugar foi Diogo de Sepulveda. O qual quando daqui partio com D. Duarte de Menezes, foi ter á Ilha de S. Thomé, e dahi ſe partio pera Sofala. E aſſi deſpachou a Pero Lourenço de Mello pera ir fazer huma viagem á China, com o qual hia tambem Martim Affonſo de Mello Juſarte, o qual foi diante a Pedir fazer carga de pimenta; e Pero Lourenço com hum temporal que lhe deo foi ter ás Ilhas de Andramu adjacentes á coſta do Reyno Pegú, onde ſe perdeo, eſtando já no tempo de Diogo Lopes de Sequeira deſpachado pera partir, e parece que lhe foi dilatada aquella ida por então pera viver mais aquelle tempo té ſe perder neſte. E tambem deſpachou André de Brito pera Malaca em huma náo propria delle André de Brito, pera ir áquellas partes fazer ſeu proveito, onde paſſou o que adiante veremos. As outras duas náos que diſſemos invernáram em Moçambique, Capitães Diogo de Mello, e D. Pedro de Caſtro, quiz João da Mata, que alli era Capitão, e Feitor, aproveitar-ſe delles por a gente não eſtar ocioſa, e eſtando na terra aquelles mezes, podia adoecer; e a cauſa que o moveo a iſſo foi

es-

esta. Dous Mouros senhores de duas Ilhas Zenzibar, e Pemba, que estam naquella costa de Mombaça mui vizinhas a ella, fizerám-se vassallos d'ElRey de Portugal, e pagavam-lhe parcas. E a elles pagavam outras pareas as Ilhas de Querimba, as quaes por serem mui vizinhas a ElRey de Mombaça, com favor seu por ser nosso imigo negavam estas pareas, e mais faziam-lhe guerra, da qual cousa elles se mandáram queixar per vezes a João da Mata; e que esta era a causa por que lhe não podiam pagar as pareas. E vendo estes dous senhores de Pemba, e Zenzibar que invernavam alli aquellas duas náos, mandáram mensageiros a João da Mata com este requerimento; o qual foi dar conta aos Capitães do caso, levando comsigo os proprios. Dizendo-lhe quanto importava isto ao serviço d'ElRey, pedindo-lhe da sua parte quizessem ir dar hum castigo áquelles Mouros de Querimba, e metter debaixo da obediencia daquelles vassallos d'ElRey, pera delles haver as pareas, que por esta causa havia tempo que não pagavam. Diogo de Mello como hia ordenado pera servir a capitanía de Ormuz, dando algumas razões de o não poder fazer; acceitou D. Pedro de Castro a ida, e levou hum navio, em que andava Pero de Montarroio, que era Capitão daquella costa, e

o ba-

o batel grande da ſua náo, a que D. Pedro mandou levantar humas falcas pera poder agazalhar a gente; e aſſi levou mais o ſeu eſquife, e dous, ou tres zambucos da terra, em as quaes vaſilhas levaria té cem homens, em que entravam eſtes Fidalgos, que o quizeram acompanhar, D. Roque de Caſtro ſeu irmão, e D. Chriſtovão ſeu primo, D. Henrique d'Eça, Chriſtovão de Souſa, que hia pera Capitão de Chaul, Antonio Galvão, e outras peſſoas nobres. Chegados á Ilha Querimba, onde tinha huma boa povoação pegada no mar em hum eſcampado gracioſo, repartio D. Pedro a gente em duas partes, huma deo a Chriſtovão de Souſa por as qualidades de ſua peſſoa, e mandou-lhe, que leixando a praia foſſe encavalgando o lugar per cima dentro da terra, e elle com a outra parte da gente foi ao longo da praia. Indo neſta ordem ambos cada hum per ſua parte, foram recebidos de muita fréchada, de que os Mouros tambem levavam em retorno lançadas, e cutiladas com que os noſſos os ſangravam de morte. Em ajuda dos quaes Mouros por haverem ſentimento da ida dos noſſos, era ahi vindo com muita gente hum ſobrinho d'ElRey de Mombaça, o qual cahio na parte de Dom Pedro; mas elle não ſe havia muito de gloriar da honra que alli ganhou, porque aſſi aper-

apertáram os noſſos com elle, que começou logo de ſe pôr em ſalvo. Chriſtovão de Souſa por o grande rodeio, que fez per cima do lugar, levava já a gente tão canſada, que houvera miſter hum pouco de folego para repouſar, e não a furia dos Mouros que lhe ſahíram ao encontro, por lhe tirar a vida, por ſer tal a peleja que foi elle ferido, e Nuno Freire, Luiz Machado, e outros da ſua companhia. Finalmente poucos ficáram que pouco ou muito não foſſem magoados na carne, e não a honra que alli ganháram, porque á força do ſeu ferro deſpejáram o lugar, que era grande, e mui rico, ao qual depois que foi deſpejado, D. Pedro mandou pôr o fogo, com que de todo ſe queimou. E porque deſte feito os noſſos não ficaſſem com mais, que com a honra delle, quanto fato tinham carregado do esbulho, todo o mar comeo. Porque per deſcuido, e alvoroço da vitoria, e cubiça de carregar as vaſilhas, em que o embarcavam, ficáram com a muita carga em ſecco na vaſante da maré; e como eſtavam mais ſobre o coſtado, que ſobre a quilha, quando tornou a encher, com a mareſia emborcou as vaſilhas, e o fato ficou perdido; e ainda fez Deos mercê aos que já eſtavam recolhidos ſalvarem-ſe, e muito maior ſer ante aquelle damno alli no por-

porto, que depois que partíram delle, porque ſem dúvida de todo ſe perdêram com o grande trabalho que tiveram em ſe tornar, em tanto, que conveio a D. Pedro por ter o vento contrario pera Moçambique, mandar o navio que levava com a mais da gente a Melinde, fazendo fundamento de a ir tomar alli indo pera a India, como fez. E por razão deſte tempo contrario, ſe paſſou elle D. Pedro a hum barco da terra, e navegava ao longo della, não ouſando de a leixar. E como elle era quartanairo, eſtando com a febre ancorado, ſem o ſentir, ſahio-ſe D. Chriſtovão filho de Filippe de Caſtro, e outros a comer fruita do mato por a grande fome que paſſavam. Aos quaes ſahíram huns poucos de Negros da terra, e os vieram fréchando té a praia, a que acudio D. Pedro com a febre que tinha, quando ſoube do caſo, de que os ſalvou; porém ficou Dom Chriſtovão tão ferido, que ao outro dia morreo. Finalmente elle D. Pedro neſſe barco, e Chriſtovão de Souſa em outro, e Antonio Galvão no eſquife, cada hum per ſua parte, todos paſſáram mais perigos de fome, ſede, e trabalhos em chegar a Moçambique, do que foi o perigo da guerra de Querimba. Onde ante que partiſſem ás Ilhas circumſtantes, ſe vieram a D. Pedro,

temendo o castigo delle, e se mettêram debaixo da obediencia de Zenzibar, e Pemba, que foi o fim de sua ida, com que João da Mata arrecadou as pareas que deviam. E vindo o tempo, D. Pedro, e Diogo de Mello se partíram caminho da India; e a D. Pedro não lhe bastáram estes trabalhos, que nesta ida, e vinda de Querimba passou; mas ainda foi ver outro maior na barra de Goa, estando ancorado, por a sua náo chamada Nazareth ser mui velha, e das maiores que se fizeram neste Reyno, com hum tempo forte se perder.

CAPITULO VIII.

Como D. Duarte de Menezes partio pera Ormuz: e como no caminho per hum descuido os Mouros de huma náo rendida tomáram huma galé de duas que a tinham tomada: e do que em Ormuz se passou ante delle chegar.

Tornando a D. Duarte, que (como dissemos) veio despachar as náos, que haviam de vir pera este Reyno, e outras que espedio pera diversas partes, ordenou duas Armadas, huma pera elle ir dar vista a Ormuz, por acabar de assentar as cousas que D. Luiz seu irmão leixava no estado que vimos; e outra Armada pera o mesmo

D.

D. Luiz ir ao eſtreito do mar Roxo a trazer D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Sequeira enviou por Embaixador ao Preſte, como atrás eſcrevemos; e primeiro que elle partiſſe pera Ormuz, ſe partio Dom Luiz pera o eſtreito, da viagem do qual adiante faremos relação. Elle tanto que ſe apercebeo, partio com ſeis vélas, de que eram Capitães D. Vaſco de Lima, Franciſco de Mendoça, Franciſco de Souſa Tavares, Diniz Fernandes de Mello, e Baſtião de Noronha, e Luiz de Noronha, ambos irmãos, cada hum em ſua galé. Chegado a Chaul não ſe deteve mais que em quanto leixou algumas couſas ordenadas a Simão d'Andrade Capitão da fortaleza, e dahi atraveſſou a coſta de Dio hum pouco largo da terra. Na qual paſſagem indo as galés de Baſtião de Noronha, e Luiz de Noronha juntas, largas da Armada delle D. Duarte, foram encontrar com huma náo de Mouros, que vinha de Pegú mui rica de mercadorias, a qual era da Cidade Reiner, que eſtá dentro da enſeada de Cambaya. Elles deſejoſos de tomar a náo, logo no princípio tiveram boa cautela não a querendo abalroar, por ſer mui alteroſa, e elles tão raſos, como he huma galé, e começáram de a varejar com artilheria de maneira, que a náo hia toda traſpaſſada dos pelou-

louros; e como era ſobre a noite, por a não perderem, hum de huma parte, e outro da outra, leixáram-ſe eſtar eſperando a manhã. Os Mouros porque ſe viam ir ao fundo, por a náo eſtar mui rota, determináram de ſe aventurar, e perder as vidas, pois não podiam ſalvar a fazenda, e leixáram-ſe carregar ſobre huma das galés, que ſentíram mais quieta, como que dormia a gente. E como lhe o maſto da galé ficou ao longo do coſtado da náo, manſamente o reatáram ao maſto da meſma náo; e tanto que a tiveram ſegura, ás pedradas, e zarguncbadas fizeram acordar os que dormiam, e acordados do ſomno, e deſacordados na honra, lançáram-ſe ao mar, por fugir aos Mouros, que tomavam poſſe della, e acolhêram-ſe a nado á outra. A qual tambem teve tão pouco acordo, que não curou de ſeguir a galé, em que ſe os Mouros ſalváram, e a ſua náo ſe foi ao fundo no meſmo tempo, ſem della ſalvarem mais que as peſſoas, que foram ter a Reiner, onde logo Melique Saca filho do grande Melique Az, que havia pouco mais de anno e meio que era falecido, mandou comprar a galé, e a poz em Dio cuberta de telha, gloriando-ſe a quantos Rumes alli vinham, dizendo que as ſuas cotias a tomáram aos noſſos. Do qual feito quando os irmãos che-

chegáram a Maſcate, onde D. Duarte eſtava, houve grande paixão, não tanto da perda da galé, como por leixarem ir os Mouros em ſalvo, ſem os ſeguir com a outra. E primeiro que elle chegue a Ormuz queremos eſcrever o que paſſou depois que ſe D. Luiz partio, e o eſtado em que Dom Duarte achou aquella Cidade, que era mui differente do que elle cuidava. D. Luiz no tempo que eſteve em Ormuz todolos recados, e couſas que ſe paſſáram entre elle, e ElRey, té aſſentar que ſe vieſſe da Ilha Queixome povoar a Cidade Ormuz, bem ſabia que todalas cautelas, e artificios que niſſo paſſáram não procediam d'ElRey, que era moço de treze annos, nem dos ſeus Mires, e principaes da Cidade, ſómente de Raez Xarafo, de cuja vontade tudo pendia. Porque já neſte tempo o Xec ſogro d'El-Rey Torunxá morto, per quem elle era mandado, era lançado fóra de Queixome, e aſſi Mir Mahamed Morado, aos quaes elle tinha tomado ſua fazenda. E por elle D. Luiz ſer informado que em quanto Raez Xarafo foſſe vivo, as couſas de Ormuz não haviam de ſegurar, por ſer homem mui ſagaz, e que podia revolver tudo, e pera ſeus negocios tinha grande ajuda em Raez Xabadim ſeu cunhado, e elle D. Luiz o não poder acolher, commetteo a hum Raez

Xa-

Xamexir, (homem pera qualquer feito deſta qualidade, por ver nelle diſpoſição pera iſſo, por o mal que queria a Raez Xarafo,) que o mataſſe, e a Raez Xabadim ſeu cunhado, promettendo-lhe por eſte feito o Aguazilado do Reyno, e mais dez mil xarafijs, de que lhe deo hum aſſignado condicional, que havia de ſer dentro em quarenta dias; e mais lhe deo outro de perdão daquelle feito, pera poder moſtrar ao Capitão de Ormuz, ſendo-lhe neceſſario, polo muito que importava a ſerviço d'ElRey ſer iſto aſſi. Eſte Raez Xamexir depois de acceitar o caſo, vendo quão recatado, e guardado Xarafo andava, diſſe a D. Luiz, que eſte feito não podia ſer ſenão depois da partida delle pera a India, porque deſcuidar-ſe-hia Xarafo com ſua auſencia de andar tão acompanhado de tanta vigia como trazia ſobre ſi. Partido D. Luiz, ficou Xarafo deſabafado do temor que tinha delle, e pareceo-lhe que não havia em Queixome de quem ſe temer, e todo ſeu intento era buſcar modos de não ir a Ormuz, como tinha contratado com D. Luiz; mas elle o fez mais de preſſa do que cuidava. Porque Raez Xamexir como vio tempo, indo Raez Xabadim pera ver ElRey, mais ſeguro do que andava, ſaltou com elle no meio do terreiro das caſas d'ElRey, e alli

o matou, e quiz ir fazer outro tanto a Xarafo ás casas; mas elle fugio á furia deste, quando soube o que passava; e foi de huma casa em outra té se lançar de huma janella per huma touca. E porque no seu dinheiro tinha elle sua vida; assi com a corrida do temor que levava, foi-se a sua casa, e apanhando tres cofres, metteo-se em huma terrada com seus servidores, e deo comsigo em Ormuz. Chegado á praia, mandou pelos seus levar os cofres a sua casa, e elle foi-se á fortaleza apresentar ao Capitão. Ao qual disse como Raez Xamexir com alguns de sua valia matára seu cunhado, e quizera matar a elle, se o Deos não livrára; e tudo isto era porque queria cumprir o que assentára com D. Luiz, que era trazer ElRey pera a Cidade. O que elle com seus amigos, e aliados contrariavam; e pois se vinham abrigar ao poder daquella Cidade d'ElRey de Portugal, de que elle era Capitão, lhe pedia que o amparasse, e lhe desse licença pera se ir pera suas casas. João Rodrigues porque isto o tomou de subito, não se sabendo determinar no que faria, disse-lhe que repousasse hum pouco, que não se fosse logo metter nas suas casas, que mais seguro estava alli com elle, ou fizesse o que lhe mais aprouvesse, tudo pollo mais segurar. Partido elle Raez Xarafo,

te-

teve João Rodrigues prática com algumas pessoas principaes, e foi voto de todos que mandassem por elle, e o tivessem a bom recado té saber per outrem como isto passava. Trazido per Ignacio de Bulhões Feitor, per quem João Rodrigues o mandou chamar, foi apousentado em hum cubello, e por guarda Manuel de Vasconcellos. E não sería posto nesta custodia, e guarda; quando chegou hum recado d'ElRey de Ormuz a João Rodrigues, pedindo-lhe que mandasse prender aquelle trédor, e não lhe cresse cousa alguma de quantas dissesse, porque elle lhe mandaria dizer as causas per que merecia esta prizão: e outro tanto lhe mandou dizer Raez Xamexir. Xarafo como soube que era accusado per ElRey, e per seu imigo, per este, e outros recados que cada hora vinham, e que a elle attribuiam o levantamento de Ormuz, e que elle entretivera a ElRey té aquelle tempo, sem querer vir pera a Cidade, dobrou sobre estas culpas, dizendo a João Rodrigues, que soubesse certo que ElRey em nenhum tempo viria a Ormuz, porque todolos que ficavam com elle lhe aconselhavam que o não fizesse; e soubesse certo que de morto, ou desposto de Rey, não podia escapar. E que elle por serviço d'ElRey de Portugal queria fazer huma cousa, pera segurança da

qual leixava em Ormuz sua mulher, e filhos, e parte de sua fazenda, porque a outra havia mister pera ajuntar gente, e seus parentes. E era, que com ajuda de cem Portuguezes, que com elle fossem nas terradas, elle daria em Queixome, e o destruiria todo. E elle com seus parentes, e amigos se atrevia a povoar a Cidade Ormuz, e a tornar a tão prospero estado como estava ante do levantamento; e que as rendas todas daquelle Reyno seriam d'ElRey de Portugal, pois o Reyno era seu, e que não havia necessidade de haver Rey, que o Capitão seu abastava, e tudo isto queria ordenar, e fazer á sua custa. ElRey como foi avisado destas promessas de Xarafo, mandou pedir ao Capitão João Rodrigues que lho mandasse, pera fazer justiça de quantos males contra sua pessoa, e fazenda tinha commettido, da qual entrega João Rodrigues se escusou com boas razões. Ante em favor das que Xarafo dava, lhe mandou dizer, que se era verdade que elle impedia vir-se pera Ormuz, agora que estava fóra de seu poder como senão vinha? pois eram tantos dias passados do termo, que pera isso tomou. ElRey quando vio que João Rodrigues lhe não respondia a seu proposito, mas que o culpava por se não vir, e que daqui poderia tomar suspeita ser verdade quanto

lhe

lhe Xarafo diria, esta fé lhe daria favor pera o que promettia de destruir Queixome; determinou-se com esses que o aconselhávam, de se vir pera a Cidade como veio a vinte e cinco de Novembro do mesmo anno de quinhentos e vinte e dous. E posto que com elle se veio toda a gente nobre dos Mires, que he a sua Fidalguia, e os mercadores, nenhum delles trouxe sua mulher, filhos, nem fazenda, sómente as pessoas a modo de fronteiros, e naquelle primeiro dia ElRey dormio fóra da Cidade em tendas. Porque mais temiam ter Raez Xarafo ordenado alguma cousa, (que em chegando primeiro que o Capitão estivesse com elles, lhe fizesse algum mal,) que ao mesmo Capitão, e a nossa gente. Todavia já com mais seguridade passada aquella noite, ao seguinte dia ElRey se foi pera suas casas, onde João Rodrigues o foi ver, e aconselhou ácerca dos temores que tinha; e quanto ás cousas de Raez Xarafo, que elle estava a bom recado, té vir o Governador D. Duarte, a quem o entregaria. Passadas estas, e outras cousas entre ambos, dahi a cinco dias Raez Xamexir, author da morte de Raez Xabadim, foi visitar o Capitão João Rodrigues. No qual tempo não ficou Mouro que não olhasse pera as ameas da nossa fortaleza, quando o

ha-

haviam de ver enforcado em huma dellas; mas como elle levava as provisões, que lhe D. Luiz de Menezes dera, tornou pera casa d'ElRey com huma cabaia de seda vestida, que lhe João Rodrigues deo, e hum carapução dos que elles usam em signal de honra, e meritos de serviço, de que todos ficáram espantados, não sabendo a causa, e corria a gente a elle a lhe dar a prolfaça, como se o víram escapar de algum grande perigo. Depois destas primeiras visitações começáram de se mover queixumes de todos os principaes Mouros contra Raez Xarafo, dizendo ao Capitão que o mandasse prender em ferros, e que assi lho requeriam da parte d'ElRey de Portugal, porque os tinha todos roubados. Por quanto era hum homem mui manhoso, e que se poderia ir sem delle fazerem justiça, como esperavam de haver, tanto que viesse o Governador, a qual obra João Rodrigues importunado dos requerimentos mandou fazer. E tambem elle mandou requerer a ElRey que huns tres mil homens de armas frécheiros que tinha dentro na Cidade, que os mandasse sahir della, porque havendo entre elles paz, não parecia bem gente de guerra na terra. Ao que elle respondeo, que se os tinha, era por defender aquelle Reyno, que era d'ElRey de Portugal, por-

que

que bem ſabia elle que os Nautaques andavam roubando quantos navios vinham pera aquella Cidade; e tambem que alguns lugares da coſta da Arabia eſtavam levantados contra elle Rey, e em Julfar eſtavam todolos homens de armas de Raez Xarafo, e lá ſe acolhêram todos ſeus parentes com hum filho de Raez Xabadim. O qual com os homens de ſeu pai fizera hum corpo de gente, com que andava deſtruindo toda a terra, que pedia o mandaſſe prover com alguma embarcação pera nella mandar aquella gente ante que mais damno ſe fizeſſe.

CAPITULO IX.

Como o Governador D. Duarte de Menezes chegou a Ormuz, e tornou aſſentar as couſas daquelle Reyno, com accreſcentar ſobre os vinte e cinco mil xarafijs, que ElRey pagava, outros trinta e cinco mil: e como per conſelho de Raez Xarafo mandou hum Embaixador a Xá Iſmael: e do que D. Luiz de Menezes fez na ida do mar Roxo, e das náos que partíram deſte Reyno.

NEſte eſtado eſtavam as couſas de Ormuz quando o Governador D. Duarte chegou, o qual ſendo informado de tudo, e paſſados os primeiros dias das viſita-

çóes

çóes antre elle, e ElRey, começou a entender nas culpas das partes, que foram authores do levantamento, e dos males que té alli foram feitos. No modo que D. Duarte teve em pacificar todas aquellas revoltas, e tornar aquella Cidade ao estado de ser povoada como dantes era, entendem diversos juizos, huns havendo por bem tudo o que fez, pois o fim do caso ficou em ElRey de Portugal ter mais pareas das que antes tinha naquelle Reyno, e os culpados ficáram com seu castigo per diverso modo, e mais tirou alguma semente de escandalo. Outros seguem o contrario, té tocarem na limpeza da pessoa delle D. Duarte, em verem que pedindo-lhe ElRey justiça de Raez Xarafo, e muitas partes a que tinha offendido em casos de tyrannia per diverso modo, todalas trovoadas que nisso houve, foram, como são os libellos postos sobre algum malfeitor, que se livra com boas, ou más razões, cuja sentença neste caso foi esta. Ficar Raez Xarafo no officio de Guazil como era, e que ElRey casasse com huma filha de Raez Xarafo, pera lhe ter amor de filho, e elle de pai, por não haver mais odio entre ambos. E as culpas do levantamento se carregáram sobre ElRey Torunxá morto, e sobre seu sogro o Xec, e Mahamed Morado, e nos seus aceitos, que

que eram já passados á terra da Persia. E as culpas de Xarafo dizem que as remio elle per dinheiro, e as que tinha aquelle Rey innocente de treze annos, foram pagas com pagar cada anno mais trinta e cinco mil xarafijs, que com os vinte e cinco que dantes pagava, eram sessenta mil. E que da fazenda que roubáram ás partes, se fizeram dous livros, hum tal como o outro, e feita diligencia pera verdadeiramente per escrito, testemunhas, e juramento se saber o que cada hum perdeo, assi os presentes, como ausentes em todo o tempo haverem o seu, e assi se fez, hum dos quaes livros fez Ruy Gonçalves d'Acosta, e outro Coge Abraem, que era Escrivão da Alfandega de Ormuz. E o galeão que houve Raez Xamexir por matar Raez Xabadim, foi-lhe pago em ser desterrado do Reyno de Ormuz, por tirar este imigo mortal a Raez Xarafo, porque tambem houve caussas novas pera isso, e foram estas. Como elle vio o fim destes concertos, ou que fosse verdade entre favorecido polo que fizera, e temido de Xarafo, traziam muita gente comsigo, e hum dia se levantou hum arroido entre os Mouros, em que foram mortos alguns dos nossos, a qual morte foi attribuida a elle, e mais diziam que andava ordenando levantarem-se os Mouros contra

nós.

nós. E como eſte Mouro era aſſomado, e fallava muitas couſas hum pouco ſoltas, foram todas tão claros ſinaes de quão perigoſo ſería na terra, que o lançáram fóra de Ormuz, com que os animos de todos ficáram mais quietos por então. Mas como Xarafo era homem que ſempre urdia couſas a ſeus propoſitos, parece que no tempo do levantamento fez com ElRey de Ormuz, depois que eſteve em Queixome, que pera ſe valer de nós, convocaſſe ajuda do Xá Iſmael, offerecendo-ſe a couſas que elle mal poderia cumprir. Porque como D. Duarte acabou de aſſentar as couſas daquelle Reyno, e pareas que havia de pagar com tanto accreſcentamento, diſſe-lhe Raez Xarafo, que na terra firme da Perſia era chegado hum Capitão do Xá Iſmael, o qual não leixava vir as cafilas a Ormuz, e pedia que lhe deſſem as pareas, que lhe deviam de muitos annos. Que lhe parecia muito ſerviço d'ElRey de Portugal mandar hum Embaixador ao Xá Iſmael, declarando-lhe o que era paſſado do levantamento daquella Cidade, por ElRey Torunxá ſer homem de máo governo, e mui ſujeito a quatro, ou cinco homens que lhe fizeram mover não ſómente o que fez, mas mandar pedir ajudas contra os Portuguezes. E delle ſer homem que não merecia governar, os proprios

prios Mouros o matáram, por se não perder de todo a terra; e em seu lugar levantáram a Mahamud Xá, ao qual elle Dom Duarte por os poderes que tinha d'ElRey D. João de Portugal, como seu Governador confirmára em Rey per aprazimento de todolos principaes, com que a terra estava de todo assentada. E por quanto ao Bander de Angon, que hé hum porto da terra firme da Persia, onde vem ter todalas cafilas do interior dos seus Reynos, era vindo hum Capitão, que dizia ser seu, a impedir aquellas cafilas em modo de represaria, té lhe pagarem certas pareas, lhe pedia passasse seu formão, e patente a ElRey de Ormuz, que ora reinava, e aos que diante fossem, que nenhum Capitão seu impedisse a vinda, e ida das cafilas áquelle Reyno, pois era d'ElRey de Portugal, com quem tinha assentado amizade per meio de seu Embaixador em tempo de Affonso d'Alboquerque, que aquelle Reyno conquistou. D. Duarte ouvidas estas, e outras razões de Raez Xarafo, e praticado tudo em conselho, assentou de mandar a este negocio Embaixador. E por espedir o Capitão que estava no Bander, Raez Xarafo lhe mandou hum presente, e D. Duarte recado que leixasse o porto, e caminhos abertos pera virem as cafilas, por quanto elle mandava so-

ſobre o requerimento a que elle vinha hum Embaixador a Xá Iſmael, o qual Capitão com eſte recado, e preſente de Xarafo ſe partio. E daqui, e de outros ſinaes, que ſe víram neſte negocio, houve depois ſuſpeita que tudo iſto foram artificios de Xarafo, pera ſe deſculpar do pouco rendimento da Alfandega, donde ſe haviam de tirar os ſeſſenta mil xarafijs, que lhe D. Duarte puzera de tributo; e a peſſoa que o Governador mandou com eſte recado ao Xá Iſmael, foi hum cavalleiro da Caſa d'ElRey chamado Balthazar Peſſoa, com dezoito homens de cavallo, dos quaes João de Gouvea hia pera ficar em ſeu lugar, falecendo elle, e Vicente Correa Eſcrivão da embaixada, e Franciſco Calado Sacerdote por Capellão, e Antonio de Noronha por lingua. E levou tambem em ſua companhia hum Mouro per nome Abedalá, que era criado do Xá Iſmael, que elle enviára a certos negocios á India, e era aquelle a que D. Luiz de Menezes nos concertos que teve com ElRey de Ormuz, deo entender que por ſer criado do Xá Iſmael, com quem tinhamos amizade, e por ſua peſſoa, elle folgava de o comprazer. Com o Embaixador foi tambem hum preſente d'ElRey de Ormuz, e algumas peças do noſſo uſo, que reſpondiam ao requerimento; porque ainda que em toda-

dalas partes se negocea por dar, hão por estranho naquellas ir ante hum Principe com as mãos vazias. Foi tambem com Balthazar Pessoa Antonio Tenreiro, hum Cavalleiro morador em a Cidade de Coimbra, da qual viagem elle fez hum itinerario, que em alguma cousa nos deo lume á nossa Geografia, porque como sabia a lingua Parsca, de curioso de ver terras se leixou lá ficar, e foi dahi ao Cairo. E depois tornado elle a Ormuz, como homem cursado na terra, Christovão de Mendoça Capitão desta Cidade Ormuz, per mandado de Lopo Vaz de Sampaio, que era Governador, o mandou a este Reyno com recado a El-Rey de cousas de seu serviço. E peró que Balthazar Pessoa foi mui bem recebido do Xá Ismael, elle se tornou sem trazer recado do que hia requerer, porque da sua chegada a poucos dias faleceo o Xá Ismael, e foi levantado por Rey da Persia Xá Tamás seu filho maior, moço de quinze annos. O qual teve tanto que fazer com os levantamentos, e desassocegos pola morte de seu pai, que em outra cousa não entendia. D. Duarte como tinha assentado com seu irmão D. Luiz, que quando viesse do estreito, passasse per Ormuz pera se irem ambos, tanto que chegou poz em obra partir-se. Mas porque elle D. Luiz nesta ida

do

do eſtreito paſſou algumas couſas, primeiro que vamos mais adiante convem dar relação dellas. Elle D. Luiz quando partio pera eſte eſtreito do mar Roxo, levou nove vélas, de que eram Capitães elle, Francisco de Mendoça, Nuno Fernandes de Macedo, Ruy Vaz Pereira, Aires da Silva, Fernão Gomes de Lemos, Henrique de Macedo, e Lopo de Meſquita, e Coſmo Pinto em huma caravella. E chegado á Ilha Çocotorá, aqui com tempo ſe perdeo Aires da Silva, dando á coſta com tormenta; e feita ſua aguada, atraveſſou daqui á coſta de Arabia a dar huma viſta aos lugares della, e o primeiro foi á Cidade Xaer ſituada em coſta brava, e tinha no porto huma ſó náo varada em terra. Ao qual vieram receber ſeis, ou ſete Portuguezes, que alli eſtavam em hum navio fazendo ſeu commercio, e delles ſoube que áquelle porto viera hum Affonſo da Veiga com outro navio a fazer mercadoria, como elle vinha; o qual havia quatro, ou cinco mezes que era falecido, e o Rey da Cidade lançára mão da ſua fazenda, que valeria ſeis, ou ſete mil pardáos, e não a queria entregar, requerendo-a elles pera a levar, e entregar ao Provedor dos defuntos. O ſeu Regedor, e principaes da Cidade como viram aquella Armada ſobre o porto, por ElRey ſer fóra,

ra, mandáram logo visitar a D. Luiz com refresco da terra, o que elle não acceitou, e mandou dizer que não queria outro refresco, senão a fazenda de Affonso da Veiga, que alli falecêra, e ElRey tinha em seu poder. Ao que elles respondêram, que ElRey era dentro no sertão, que não sabiam parte disso, que viria elle, então saberiam responder ao que dizia. D. Luiz como era costumado a palavras de Arabios, e a suas dilações polo que já tinha visto delles, mandou-lhes dizer que aquella Cidade tinha em si a fazenda daquelles Portuguezes, que se determinassem de lha mandar logo, senão que elles a iriam buscar. E com este recado mandou aos Portuguezes que estavam em terra, que se recolhessem ao seu navio; e não o podendo fazer a seu salvo, que de noite se fizessem fortes onde pousavam, porque elle esperava sahirem em terra em rompendo Alva; e que nas casas onde se recolhessem, puzessem hum signal de huma touca branca em hum páo a modo de bandeira. A qual sahida D. Luiz fez com quatrocentos homens, quasi todos molhados por a costa ser brava; e como sua sahida foi mais prestes do que os Mouros cuidavam, e sempre lhe pareceo que as palavras de D. Luiz eram ameaças, posto que elles acudíram á praia, não fizeram muita

re-

resistencia, ante logo a desampararam, por se segurar dentro dos muros da Cidade. Mas como os nossos lhe levavam boa vontade, ás lançadas, cutiladas, e com espingardas os foram levando per essas ruas, e elles sem virarem rosto atrás, vasáram per as portas que tinham contra a terra firme de maneira, que maior trabalho tiveram os nossos em acarretar o movel que se achou na Cidade, de que estava bem chea, que de os lançar fóra. Mas deste trabalho houveram pouco fruto, por se erguer hum vento travessão, e embraveceo o mar de maneira, que ao primeiro batel que se atreveo a salvar alguma cousa, soçobrou, e a gente se salvou com trabalho, e ainda por encher comeo muito do fato que os homens tinham posto á borda da agua, por o ter mais prestes pera a embarcação. D. Luiz desesperado de poder embarcar, e vendo que lhe convinha dormir em terra, do mesmo fato, e trouxas delle mandou fazer hum cerco, á maneira de recolhimento com alguns berços que se tiráram dos bateis, e toda a noite passou em vigia temendo algum rebate. E tanto que rompeo a manhã, que o vento deo lugar, a grande pressa se recolheo, recolhendo os homens mui pouca cousa do que tinham na praia. E foi grande dita este seu recolhimento, porque a no-

a nova daquelle feito chegou ElRey, que eſtava perto, o qual a mata cavallo acudio com tanta gente, que cubria os campos, mas os noſſos hiam á véla, e houveram viſta delle, e elle da Armada. E daqui eſpedio D. Luiz a Coſmo Pinto Capitão da caravella pera Ormuz, por ſer navio mui máo de véla, e no caminho achou tres Portuguezes, que eſtavam em Mete em poder do Xeque dalli, vindo perdidos da companhia de hum Antonio Faleiro alevantado, que andava per aquella coſta roubando, e eſcandalizando os lugares della. Seguindo D. Luiz ſeu caminho, ante da noite chegou ao porto de hum lugar chamado Verruma, que era d'ElRey de Xaer, onde Franciſco de Mendoça eſtava ſobre huma náo, a que dera caça vindo com D. Luiz; e vendo-ſe mui acoſſada delle, varou em terra junto de outras tres, que já eſtavam deſcarregadas em Xaer, e por eſte ſer melhor porto ſe vieram alli. E de noite a que varou em terra tirou ſeu fato de maneira, que quando veio pela manhã, não ſe houve della mais que hum pouco de cobre, que trazia por laſtro, que D. Luiz mandou recolher, e a ellas queimar. Partido daqui foi ter a Adem, onde ſómente eſteve meio dia esbombardeando a Cidade ſem mais outra couſa, por não levar força pera iſſo; e paſſando per

Mocá, que está á de dentro das portas do estreito, atravessou a outra costa da parte Africa. A qual costa os Mouros chamam da Abassia por ser dos póvos Abassijs, estado do Preste, e com bom tempo chegou ao porto de Maçuá, onde Diogo Lopes de Sequeira leixou D. Rodrigo. O qual por muitos inconvenientes, posto que D. Luiz lhe mandou dalli recado á Corte do Preste, não pode vir ao termo que lhe elle limitou, por causa da monção com que lhe convinha sahir daquelle estreito, e não aventurar tanta gente a morrer, como era morta a tres Capitães, que naquelle estreito entráram, como atrás escrevemos. Assi que por esta causa D. Luiz se partio pera a India, leixando recado a D. Rodrigo da causa de sua partida, e que pera o anno se fizesse prestes, pera no tempo da monção virem por elle. E no tempo que alli esteve, quatro Portuguezes por sua doudice, e traição de certos Turcos que alli estavam, foram mortos, o que D. Luiz dissimulou, por aquelle lugar Arquico, onde os matáram, ser do Preste, e mais soube que o caso não era de castigo por a culpa que os mortos nisso tiveram. E todavia o fez saber ao Capitão, que o Preste alli tinha, pera judicialmente segundo seu costume castigar o delicto, dizendo, que se o lugar não fora do

Pres-

Preste, elle o leixára feito em cinza. Partido daqui D. Luiz, passou per a villa Dofar, que he na costa Arabia, além do Cabo Fartaqui; e por elle se despejar sem perigo algum, mandou saquear da pobreza, que os Mouros não puderam salvar. E seguindo a via de Ormuz, chegou a tempo, (como dissemos,) que D. Duarte seu irmão tinha assentado as cousas do Reyno, algumas não conforme ao que elle quizera, por onde se partio logo em Agosto desgostoso delle pera a India com fundamento de ir esperar as náos á ponta de Dio. Mas como o tempo era ainda verde, tornou a arribar, e depois foi com o mesmo D. Duarte pera a India, onde acháram de oito vélas que este anno deste Reyno partíram pera a India, duas sómente pera trazer carga de especiaria, Capitães Heitor da Silveira filho de Francisco da Silveira Coudel mór deste Reyno, e Antonio d'Abreu filho de João Fernandes do Arco da Ilha da Madeira, que partíram de Lisboa a tres de Maio. E D. Antonio d'Almeida filho do Conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida, e Pero d'Afonseca filho de Gonçalo d'Afonseca, e Diogo da Silveira filho de Martim da Silveira, invernáram em Moçambique partindo primeiro, e Aires da Cunha; outra náo se perdeo a través de Moçambique, e salvou-se

a gente. Manuel de Macedo, que hia em hum galeão pera andar na India, passou, e assi passou a Ormuz em hum navio Simão Sodré, e foi lá tomar D. Duarte primeiro que partisse. Estas são as fortunas do mar, que huns se perdem, outros invernam partindo primeiro, e os derradeiros chegam ao lugar que vam, cousa mui regular neste caminho da India em as náos que partem em hum dia, quanto mais em diversos tempos. E já aconteceo estarem duas náos neste porto de Lisboa pera partir pera Flandres, e por huma dellas não poder sahir na maré da outra, nunca mais lhe fez tempo pera partir, e tornou de Flandres primeiro que ella partisse. Porque as cousas do mar são as mais incertas que os homens podem esperar nesta vida, por não estarem na sua mão; e de alguns confiarem nelle mais do que deviam, chegáram a estado de muita pobreza, porque ás vezes pescam com anzollo de ouro, que Salamão defende.

CA-

CAPITULO X.

Como as terras firmes de Goa, que Ruy de Mello tomou sendo Capitão de Goa, os Mouros as vieram conquistar em tempo de Francisco Pereira Pestana Capitão de Goa: e algumas pelejas que foram sobre ellas, e por derradeiro se leixáram ao Hidalcão, cujas eram dantes, por causa da paz que tinham com elles.

ATrás escrevemos que Ruy de Mello Capitão de Goa teve modo como tomou as terras firmes della em tempo que Diogo Lopes de Sequeira era no estreito do mar Roxo; agora escrevemos o contrario, como os Mouros as cobráram de nós sendo Capitão de Goa Francisco Pereira Pestana: tanto poder tem conjunção das cousas. Porque no tempo de Ruy de Mello andava o Hidalcão occupado na guerra que tinha com ElRey de Narsinga, e neste que as tornou a tomar, estava ócioso, e porém em todolos tempos sempre as possuia com a lança na mão; porque o Gentio, cujas ellas foram, como viam tempo desciam da serra arrecadar dos Gançares o rendimento dellas, e de todos eram cubiçadas, por renderem mais de cem mil pardáos. E a força que nella tinhamos em tempo que estavam por

por noſſas, era ſómente com o favor da Cidade Goa, e tão pouca gente como abaixo veremos. E pera ſe eſta poſſe melhor entender, poſto que quando fallámos da fundação de Goa, alguma noticia démos diſſo, aqui convem tratar das tanadarias, pera ſe melhor entender o que diſſemos. Todas aquellas terras firmes de Goa, fóra da Ilha em que ella eſtá ſituada, pagavam ao ſenhor della certo rendimento, ſegundo ſe com elle concertáram per modo de contrato, e iſto antigamente, (como atrás eſcrevemos.) E pera ſe ſaber o que cada hum devia pagar, partíram eſtas terras em Comarcas, em cada huma das quaes fizeram huma cabeça, onde o rendimento de toda a Comarca ſe recolhia, a qual cabeça chamavam Tanadaria, como em Heſpanha chamamos Almoxarifado, e ſobre todas havia huma, onde as outras acudiam, ao qual direito, ou tributo elles chamavam cocivarado. E porque, (como diſſemos,) o Hidalcão por cauſa do Gentio, cujas ellas foram, ſempre hum Capitão ſeu andava no campo com gente de cavallo, e de pé, eſte defendia não virem a ellas, e tratarem mal os Gançares, que haviam de pagar aquelle tributo. A eſte modo tambem nós, depois que as Ruy de Mello tomou, as ſoſtinhamos. Das quaes havia hum Capitão, que

que andava no campo, a que por razão dellas chamavam Tanadar mór, que andava de humas em outras sabendo se havia alguns levantamentos, e favorecendo a terra, porque a gente não padecesse alguma força. Quem neste tempo servia este cargo era Fernão Rodrigues Barba, ao qual encarregou nisso Francisco Pereira Pestana Capitão de Goa por serem ambos parentes. E era Thesoureiro destas Tanadarias João Lobato, e Escrivão Alvaro Barradas, dous Cavalleiros da Casa d'ElRey. E na Tanadaria de Pondá, que tem huma fortaleza, estava por Tanadar Antonio Raposo, e na de Mardor, e em Cocora Ruy de Moraes, e na de Margam, que eram as principaes cabeças, as quaes Fernão Rodrigues Barba andava correndo; e porém o mais do tempo estava em Pondá, e trazia comsigo té vinte e cinco de cavallo, e de pé setenta, a fóra seiscentos peães da terra Canarijs, de que eram Capitães dous Gentios da terra, homens conhecidos por fieis a nós, e Cavalleiros de sua pessoa, a hum chamavam Raulú Branco, e ao outro Malú Nayque. Estando as Tanadarias neste estado, e correndo o rendimento por nós do tempo de Ruy de Mello, entrou hum Capitão Gentio chamado Temerseá, que era d'ElRey de Bisnaga, com té cem homens de cavallo,

lo, e quatro mil de pé per aquella parte donde estava a fortaleza Pondá. Antonio Raposo, porque a este tempo Fernão Rodrigues Barba andava apartado delle, mandou-lhe logo recado da entrada daquelle Gentio, e não tardou que se veio ver com este Capitão. O qual Gentio tinha tomado hum Portuguez, a que chamavam Francisco Fernandes, que andava á caça de veados com huma espingarda; e tendo-o atado ao pé de huma arvore pera o assetear, deram-lhe nova que vinha a nossa gente, e foi tamanho o medo, que leixando de torvação a Francisco Fernandes, escapou, e depois por razão daquelle caso chamavam-lhe por appellido Temerseá, que era o nome do Capitão Gentio. O qual posto que sabia ter gente pera pelejar com outra tanta da nossa, e ainda com vantage, todavia temendo Fernão Rodrigues, recolheo-se a hum passo entre humas penedias, como quem se queria segurar. A este tempo era ido João Lobato, e Alvaro Barradas a Goa buscar dinheiro pera fazer pagamento á gente que se devia seu soldo: e quiz Deos que chegassem já per humas encubertas, por os não tomarem estes Gentios ante que dessem batalha. Com a chegada dos quaes não sómente com suas pessoas ajudáram muito, como cavalleiros que eram, mas ainda deram

ram animo por levar a paga que toda a gente estava esperando. Posto Fernão Rodrigues em prática com elles, assentou de dar no Capitão; e porém não com a gente da cavallo, que seriam té vinte, por o lugar onde estavam ser fragoso, senão lançou-lhe diante os dous Capitães Gentios. E como os rompeo esta gente de pé, porque elles mesmos se revolviam mal em sua defensão, por o lugar ser estreito, descêram abaixo onde pagáram a vinda, porque os tratáram de maneira os nossos, que se puzeram em fugida, e porém á custa do seu sangue, ficando Fernão Rodrigues com o seu cavallo decepado a pé, mas em pagamento delle houve o do Capitão Temerseá. Finalmente os nossos ficáram senhores do campo, e Fernão Rodrigues com esta vitoria se veio a Goa, trazendo perto de duzentas almas cativas. E a causa de sua vinda foi, porque chegou a este tempo Fernão Annes de Souto-maior, a que o Governador D. Duarte mandava por Tanador mór. E passados dez, ou doze dias, foi logo visitado per outro Capitão d'ElRey de Bisnaga chamado Caro Ponaique, sobrinho d'ElRey de Garsopa, com titulo que a herança daquellas terras lhe pertenciam, e trazia tres mil homens de pé, e duzentos de cavallo, em que entravam vinte acubertados.

O

O qual começou fazer algum damno nas terras, que ainda eſtavam por nós, que era Pondá, e as a ella vizinhas; ao que Franciſco Pereira acudio, indo-ſe pôr no paſſo Agacim, e dalli mandou Alvaro Barrados, e Duarte Diniz de Carvoeiros com té cincoenta homens de pé, e dous de cavallo, quaſi por deſcubridores da terra, por não ter certa nova de quanta gente era; e ſendo ella muita, ſaltou tamanho temor nella, parecendo-lhe que os noſſos os hiam já ferindo, que ſem os ver, os noſſos ſe tornáram pera Goa, como ſouberam que fugiam. Paſſada eſta affronta, dahi a hum mez mandou o Hidalcão hum Capitão com quatrocentos de cavallo, e cinco mil de pé, no qual tempo acertou Fernão Annes andar naquella parte do Sul onde chamam Salſete, cujas Tanadarias são mais vizinhas ao mar; e eſte Capitão entrava pela parte de Pondá. E como ſoube que Fernão Annes andava naquellas partes, confiado na muita gente que trazia ſeus paſſos vagaroſos foi atraveſſando as terras de Antrux, e recolhendo dos Gançares quaſi per força o rendimento do primeiro pagamento daquelle anno. E achando em huma daquellas Tanadarias Antonio Pinto, hum dos Tanadares pequenos, o matou, e a cinco Portuguezes que com elle eſtavam. E dahi ſe foi contra Cocorá,

de

de que era Tanadar Ruy de Moraes, ao qual matáram cinco, ou ſeis peães da terra; e vindo-ſe elle recolhendo pera Mardor, onde eſtava Fernão Annes de Souto-maior, acertáram de eſtar Duarte Diniz, e Pero Gomes dous Cavalleiros, e a Aldea Vernam, que ajudáram a ſalvar té chegarem todos em ſalvo onde eſtava Souto-maior. O qual pola nova que lhe eſtes deram da muita gente que vinha, por não ter comſigo mais que vinte e cinco de cavallo, e té ſetecentos peães do Gentio, em que entravam dos noſſos cincoenta; quiz ante uſar aqui de officio de Capitão, que de cavalleiro que elle era. Porque o Gentio ſe poz logo dalli em ſalvo, com que lhe conveio ſoffrer o cerco, que lhe eſte Capitão poz, onde já Fernão Annes pela gente da terra tinha ſabido do que eſte Mouro leixava feito. E como era Cavalleiro coſtumado aos repiques dos Mouros de Africa, ſahio eſperar a eſtes com té trinta de cavallo, e quando ſe achou com tão pouca gente, e que os de pé principalmente os Canarijs eram acolhidos, temendo a multidão dos imigos, deo viſta de ſi, e em voltas foi pelejando com elles té ſe recolher no Templo de Mardor, o qual he feito a modo de hüma fortaleza, e alli o tiveram os Mouros cercado dous dias té que Franciſco Pe-

rei-

reira Capitão da Cidade, sabida esta nova, a grão pressa mandou Antonio Correa com fustas per o rio de Goa a velha com soccorro. Com o qual foi Malú hum Gentio, que era Mocadam dos Marinheiros das fustas de Antonio Correa, o qual sahio tambem em terra com elle. E como homem de guerra, levou huma bandeira de Christo das fustas, e tres, ou quatro camaras de berço carregadas de polvora; e tanto que sahio do rio, indo diante de Antonio Correa, por saber bem a terra, chegando a huma somada donde pode ser visto dos imigos, levantou sua bandeira, e tirou com as camaras. Os que tinham cercado Soutomaior, tanto que lhes foi dado esta mostra, entendêram que era soccorro, e receando que levavam artilheria, que elles muito temem, leixáram Mardor, e foram-se mais abaixo, como gente vitoriosa, e que tinha o campo por seu. Fernão Annes por se elles não irem gloriando que o tiveram cercado, levando a gente que Antonio Correa trazia, seguindo sua trilha guiado por a gente da terra, que o encaminhava, foi-os achar junto de hum rio contra o mar, a que os nossos chamam do Sul, que he hum estreito que vai do mar, e entra pela terra; os quaes como gente descançada jaziam em folga estendidos pela herva verde, com que

to-

tomavam tanto campo, que quando de huma aſſomada os noſſos os víram jazer, houveram ſer dobrada gente da que partíra de Mardor; em tanto que os mais dos noſſos eram em parecer, que não convinha pelejar com elles. Mas acudio-lhes Deos, que veio João Lobato com té ſeſſenta béſteiros, e eſpingardeiros, e cinco de cavallo, com a chegada do qual ficáram todos tão contentes, e aſſi os esforçou Fernão Annes, que determináram de dar nelles, como de feito deram. A qual ouſadia, e animo Deos ajudou, porque ſegundo os Mouros eram muitos, e os noſſos ſómente trinta de cavallo, ſe elle não entreviera com a ſua ajuda, todos alli perecêram. Porque no primeiro rompimento da batalha, os Canarijs, e toda aquella gente civil da India, como não tem por injúria fugir, ſe puzeram em ſalvo, tornando porém depois ao deſpejo, por eſte ſer ſeu coſtume. Finalmente neſta batalha logo no primeiro rompimento morrêram dos noſſos cinco de cavallo, de que os principaes foi Paio Correa Alcaide mór de Pondá, e Ruy de Moraes foi morrer a Goa, e outros tres. E feridos foram, o Capitão Fernão Annes de Souto-maior, Duarte Diniz; e da gente de pé foram quatro mortos, e muitos feridos; e dos Mouros logo ficáram mais de vinte, a fóra outros

que

que foram morrer entre os ſeus. E quem naquella peleja ſe moſtrou tomar grande parte do vencimento ſobre ſi, foi João Lobato, no que fez de ſua peſſoa, mas todos ficáram taes, que foi neceſſario virem-ſe curar a Goa. E aſſi pouco, e pouco ſe foi diſſimulando com eſtas terras firmes, que por não quebrar as pazes que tinham com o Hidalcão, como elle entendeo niſſo, as leixáram.

CAPITULO XI.

Das couſas, que em diverſos tempos os noſſos pudéram ſaber por mandado d'ElRey, do Corpo do Bemaventurado S. Thomé, que prégou, e converteo a gente do Malabar, e terra de Choromandel, onde eſtava ſua ſepultura.

HUma das couſas que ElRey D. Manuel muito encommendava aos Governadores da India, era, que mui particularmente ſoubeſſem o que tinha aquella Chriſtandade do Oriente da vida do Apoſtolo S. Thomé, e ſe era verdade que o ſeu corpo jazia naquellas partes; e outro tanto mandou ElRey D. João ſeu filho depois que reinou. E porque atrás promettemos de dar razão das couſas que eſta Chriſtandade tinha deſte Apoſtolo Santo, Padroeiro noſſo naquel-

quellas partes da India, como Sant-Iago he da Christandade de Hespanha, aqui o queremos fazer, por D. Duarte de Menezes ser o primeiro que nisso fez a diligencia que veremos. Posto que Nuno da Cunha o anno de quinhentos e trinta e tres, sendo Governador da India, por cumprir o mandado d'ElRey, mandou tirar huma inquirição em Paleacate per Miguel Ferreira, que lá estava por Capitão. A qual elle tirou per huns apontamentos que lhe ElRey de cá mandou, em que hia escrita a vida de S. Thomé, segundo a tem a Igreja Romana, pera ver se a Christandade daquellas partes tinha alguma conveniencia com ella. E primeiro que venhamos ao que esta gente disto tem, diremos o que os nossos, ante de D. Duarte mandar a isso, tinham per si sabido, e o mais que per elle, e Nuno da Cunha se soube, e de si diremos o que os desta Christandade contam de algumas cousas do Apostolo. A primeira noticia que os nossos tiveram de sua sepultura, foi o anno de quinhentos e dezesete per Diogo Fernandes, e Bastião Fernandes, com outros Portuguezes que vinham de Malaca, e com elles hum Armenio per nome Coje Escander, e outros seus companheiros tambem Armenios. O qual Armenio como já estava na Cidade de Palea-

lea-

leacate, que he na Provincia Choromandel do Reyno Bisnagá na volta do Cabo Comorij, indo pera Bengala, e tinha noticia do lugar onde diziam estar o Corpo de São Thomé, chegando ao porto Paleacate com tempo contrario a sua viagem, e sahidos em terra, disse este Armenio aos nossos, se queriam ir ao lugar, onde diziam jazer o corpo de S. Thomé, que os levaria lá, com que elles muito folgáram. Chegados ao lugar onde os levou o Armenio, acháram hum grande sitio, que occupava muito espaço de terra, tudo edificios, a maior parte delles arruinados, e entre elles alguns pyrames, torres, columnas, e outras peças tambem lavradas de folhagem, figuras humanas, alimarias, e aves, tudo tão subtil, e perfeito, que de prata não se podia fazer melhor obra, sendo a maior parte de pedra negra, e mui rija pera lavrar, e outra branca, parda, e de outras cores, em que mostrava a sumptuosidade da povoação que alli fora. Em meio das quaes antigualhas estava hum templo tambem mui mal tratado, sómente tinha huma pequena capella em pé, que era de aboboda de pedra, e cal, e tijolo, o qual tinha a feição das nossas na situação, com esta capella pera o Oriente, e sobre ella hum corucheo. E assi per elle, como per muitas partes per dentro, e per

fó-

fóra do templo, tudo eram cruzes, da feição que são as dos Commendadores da Ordem de Avís em Portugal. E alli achâram hum Mouro homem de sessenta annos, que havia poucos dias que cegára, e (segundo contou) viera alli encommendar-se ao Apostolo, e cobrára a vista que tinha perdida; e que seu pai, e seu avô, sendo Gentios, tinham cuidado de alumiar aquella casa, e elle havia dez annos que se fizera Mouro, dando a entender que vinha da linhagem dos Christãos, que em outro tempo alli houvera. E perguntando-lhe os nossos que noticia tinha do Santo, e daquella casa, disse, que a casa diziam ser feita per aquelle Santo homem, que alli prégára a Fé dos Christãos, e sua sepultura era fama estar alli naquella que sempre estivera em pé por reverencia sua. E o mais do corpo da Igreja fora destruido, e tambem diziam estarem alli sepultados dous discipulos do Santo, e o Rey que elle convertêra á Fé de Christo, e disto não sabia mais. Partidos estes nossos pera a India, passados dous annos, vieram alli ter Antonio Lobo Falcão, João Falcão, e João Moreno, que tambem andáram vendo aquella Igreja, e souberam, que havia pouco tempo que fora alli enterrado hum homem Fidalgo de nação Ungaro chamado Jorge, que partíra de sua terra com de-

ſejò de vir a eſta caſa do Apoſtolo. E no anno de quinhentos e vinte e dous Dom Duarte de Menezes per eſtas noticias precedentes, e pelo mandado d'ElRey, que lho encommendava, mandou Manuel de Frias por Capitão daquella coſta de Choromandel, e com elle hum Clerigo per nome Alvaro Penteado pera concertarem eſta caſa, e a ordenar pera nella celebrar o Culto Divino. E como o demonio nas couſas do louvor de Deos ſempre dá deſvios pera ſe não pôrem em obra, ſobre o fazer della ſe vieram a deſconcertar, que Alvaro Penteado ſe veio pera eſte Reyno, e todavia daquella vez Manuel de Frias leixou na caſa hum Pero Fernandes Clerigo homem de idade, e boa vida pera Capellão da caſa, té que D. Duarte proveſſe. O qual no anno ſeguinte tornou a mandar o meſmo Manuel de Frias, e com elle hum Sacerdote chamado Antonio Gil pera provedor da obra, e Vicente Fernandes pedreiro, e dinheiro neceſſario pera reformar o que eſtava cahido da Capella. E de ſi fariam o mais como foſſe favorecida da gente da terra, porque ſegundo o Gentio he cioſo, vendo começar maior obra, parecer-lhe-hia que faziam alguma fortaleza. E começando a cavar em hum cunhal da Capella, onde o corucheo ſe affirmava pera fazer hum alicerce,

ce, e reformar huma parede delle, por estar mui perigosa pera cahir, aos cinco palmos foram dar com huma sepultura, e na pedra que era cuberta della, na face de baixo, acháram humas letras na lingua Badegá, que he a da terra. As quaes diziam, que no tempo que o Apostolo fundára aquella Igreja, o Rey da Cidade Meliapor lhe dera os direitos das mercadorias que a ella viessem por mar, que era de dez hum, encommendando a seus successores que lhos não tirassem. E indo mais abaixo, deram com a ossada de hum homem, e per a fama que havia na gente da terra, aquelle era o corpo do Rey, que o Apostolo converteo á Fé de Christo. Manuel de Frias, porque lhe convinha tornar-se ao porto de Paleacate, que era dalli sete leguas, foi-se, e ficou o Padre Antonio Gil com o outro Pero Fernandes, que era Capellão, fazendo na obra. E porque convinha ir mais adiante com o alicerce, foram dar com outra Capellinha; onde era fama entre a gente da terra que estava o Corpo do Apostolo, pera abrir a qual cova, por não ser per mão de Gentios, que traziam a cavar, chamou Antonio Gil a Diogo Fernandes, que foi o primeiro que alli veio, e assi hum Braz Dias; os quaes se fizeram alli moradores. Mas elles não quizeram poer mão na obra,

dizendo, que não ſe achavam dignos té ſe confeſſarem, e tomarem a Communhão, como fizeram. E depois com muita devoção foram cavando em huma cova de quatro paredes de tijolo, e cal mui bem guarnecidas, que teria de altura té quinze palmos, e hia té baixo em laſtros de tres em tres palmos huma de terra ſolta, e outra de tijolo, e o derradeiro foi de argamaſſa, que á força de picão não podiam romper. Debaixo da qual deram em duas pedras grandes, que eſtavam ſobre outras á maneira de tumba, tudo cheio de arêa, e cal, e oſſada de corpo de homem, e o ferro de huma lança, e hum pequeno de páo mettido no alvado delle, e mais hum pedaço de páo com hum conto de ferro, que parecia ſervir de bordão. E aos pés deſte corpo eſtava hum vaſo de barro, que levaria hum alqueire, todo cheio de terra ſem mais outra couſa. E per opinião commum da gente, e ferro da lança, pareceo ſer aquelle Corpo do Apoſtolo; porque além deſta oſſada ſer alva, o que não era a do Rey, e outra que depois acháram de hum diſcipulo ſeu, que tinham côr de terra, pelo que a gente contava de como elle fora morto com huma lança, crêram ſer aquelle o Corpo de S. Thomé. Antonio Gil achado o que tanto deſejava, mandou logo chamar Manuel

de

de Frias, notificando-lhe que não haviam de bolir mais com aquella ossada té elle não vir, pedindo-lhe que trouxesse algum cofre onde a recolhesse, o que elle fez com muita diligencia, trazendo dous cofres, hum da China guarnecido de prata, em que foi mettida a ossada do Apostolo, e no outro as duas do seu discipulo, e a do Rey. E feita huma solemne Procissão de todolos nossos, que alli vieram com Manuel de Frias, foram postos no Altar té se ordenar algum lugar onde os encerrassem, e a chave dos cofres levou Manuel de Frias, que se partio pera a India com esta nova a Dom Duarte, a quem as entregou. Passados dous annos, foi deste Reyno o Padre Alvaro Penteado com provisão pera ter cargo daquella casa, o qual metteo esta ossada em hum caixão de páo, e depois encerrou dentro no Altar em parte que ninguem sabia parte delles, senão elle, e hum Rodrigo Alvares, que depois em tempo de Nuno da Cunha, quando mandou tirar inquirição per Miguel Ferreira, (como dissemos,) deo testemunho do que disto sabia, sendo já cá no Reyno Alvaro Penteado. No qual tempo alli estava hum Francez, e alguns Christãos da terra, e per elles, e per Gentios, e Mouros antigos vieram a testemunhar o que tinham ouvido a homens mui antigos
das

das cousas de S. Thomé, dizendo, que haveria mais de mil e quinhentos annos que alli viera ter aquelle Santo, estando aquella Cidade arruinada em pé em tanta prosperidade, que por sua formosura lhe chamavam Meliapor, que he nome que tem os pavões, por ser a mais formosa das aves. Porque além da sua Comarca ser mui fertil, e abastada de todas as cousas, por razão do commercio concorriam alli todas nações assi do Oriente, como do Ponente, cada huma das quaes nações por ser mui frequentada delles tinham muitos templos de sua adoração. E dizem haver nella tres mil e trezentos Templos, de que ainda se mostravam suas ruinas lavradas, como se viam, de obra tão subtil, que de prata se não podia mais fazer. A qual Cidade naquelle tempo estava do mar seis gráos medida de caminho naquellas partes, que farão doze leguas das nossas, e o mar per tanto tempo comeo té estar daquella casa hum tiro de pedra. E que este Santo dissera, que quando o mar chegasse a sua casa, gentes da parte do Ponente, que professaria a Fé do Deos que elle prégava, viriam alli honrar o mesmo Deos em seus Sacrificios. O qual Santo convertêra o Rey daquella Cidade a honrar este seu Deos, e se fizera Christão com toda sua familia, e isto fo-

fora por dúas grandes couſas, que fez de muita admiração. A primeira foi, que acertou de vir á coſta do mar hum grandiſſimo páo; e deſejando ElRey de o tirar em terra pera delle fazer huma pouca de obra em huns ſeus paços, ajuntou muita gente, té vir grande número de Elefantes, e nunca o pode mover do lugar onde eſtava. E vendo o Santo o que era paſſado, pedio ao Rey que lho deſſe, e permittiſſe que no lugar onde o elle levaſſe, fizeſſe com elle hum Templo pera o Deos que elle prégava, o que lhe ElRey concedeo em modo de zombaria, por haver iſto por impoſſivel; mas o Santo deſatado hum cordão, com que ſe cingia, o atou em hum eſgalho do páo, e fazendo o ſignal da Cruz, o levou a rojões té aquelle lugar, onde fez a caſa. E a ſegunda couſa, que confirmou de todo ſua Santidade, foi, que hum Brammane, que era Sacerdote maior d'ElRey, de inveja das obras que o Santo fazia, matou hum proprio filho ſeu, e foi fazer queixume a ElRey, que Thomé lho matára, por lhe querer grande mal, e per eſte modo lhe ordenaria que o mataſſem. Chamado o Santo diante d'ElRey, e indignando-ſe contra elle, como ſe fora culpado niſſo, veio o caſo a tanto, que diſſe o Apoſtolo, que trouxeſſem o moço morto, e que elle diria

quem

quem o matára, e assi se fez. O qual perguntado, que da parte de Deos, que elle prégava, dissesse quem o matára, respondeo, que seu pai com odio que tinha a elle Apostolo de Christo Deos verdadeiro. A qual cousa fez tão grande admiração, que ElRey se converteo, e com elle se baptizou muita gente; e o Brammane que isto fez, foi per ElRey dalli degredado. Nesta inquirição, que Nuno da Cunha mandou tirar particularmente, tambem testemunhou hum Bispo Armenio, o qual jurou per suas Ordens, que havia vinte annos que era vindo áquella terra, e que andava visitando per dentro da terra firme alguma gente da Christã do Apostolo, a qual habitava nas terras abaixo de Coulam. E o que sabia do Santo Apostolo, segundo o tinham per escritura, era, que quando os Apostolos se partíram pelo Mundo a prégar o Evangelho, juntamente partíram tres, S. Thomé, S. Bartholomeu, e S. Judas Thaddeo, os quaes vieram ter a Babylonia, e alli se apartáram: S. Judas pera huma terra contra o Norte, que se chamava Cabeçada despons, onde converteo muita gente, e fez Igrejas, que tudo era em poder de Mouros; e São Bartholomeu fora contra a Persia, onde tambem fizera outro tanto, e jazia sepultado em hum lugar chamado Taron, em hum

Mos-

Mosteiro de Frades Armenios, que he á través da Cidade Tabris; e que o Apostolo S. Thomé embarcára na Cidade Barçora situada junto do rio Eufrates, e navegára pelo mar Parseo, fora á Ilha Çocotorá, onde prégára o Evangelho; e feitos muitos Christãos, dahi foi á India áquella Cidade Meliapor, que naquelle tempo era das mais notaveis da India. E feita alli muita Christandade, embarcára pera a China em navios de Chijs, e foi a huma Cidade per nome Cambalia, onde convertêra muita gente, e fez templos pera honrar a Christo, e se tornou a esta mesma Cidade Meliapor, onde fizera aquelles dous celebrados milagres, que a gente da terra muito celebrava do páo, e vida que dera ao filho do Brammane, e per derradeiro padeceo martyrio per esta maneira. Estando hum dia prégando ao povo junto de hum tanque, que ainda alli estava, era tão avorrecido dos Brammanes da terra pelo credito que perdiam em seus errores, que ordenáram hum arroido per alguns de sua opinião, na revolta do qual o Santo foi apedrejado. E jazendo no chão quasi morto de pedradas, per derradeiro veio hum daquelles Brammanes, e com huma lança o atravessou, com que o Apóstolo ficou morto de todo, e foi logo enterrado per seus discipulos naquella casa.

Pos-

Posto que toda a Christandade da India tinha que o Apostolo morreo aqui, e que elle fez esta casa, ao tempo que nós entrámos na India, mais gente desta Christã vivia no Malabar na terra de Cranganor, e onde chamam Diamper vizinhas a Cochij, que em Palcacate, ainda que lá estava o Corpo de S. Thomé. E a causa era por serem os Christãos de lá lançados per guerra ao tempo que a Cidade Meliapor se destruio; e nestas terras de Cranganor, e Diamper eram mais favorecidos por os muitos Christãos que nellas havia, ante de serem de lá degredados, donde, quasi como dito commum, chamam a este Senhor de Diamper Rey dos Christãos, e a ElRey de Cochij dos Judeos, e ao de Calecut dos Mouros, por a muita gente destas tres nações, que ha em cada hum destes Reynos. E a causa de haver muita Christandade em Cranganor, e Diamper, e per todas aquellas terras do Malabar vizinhas a Coulam, he por nellas haver Igrejas feitas no tempo do Apostolo per esta maneira. A este Reyno veio hum destes Christãos aprender Latim, ao qual ElRey D. João mandou ensinar as Letras Sagradas pera poder doutrinar a gente per meio da lingua Malabar que tinha. E praticando muitas vezes com elle pera nos informar das cousas do Santo Apostolo pera este

fim

fim de eſcrever, elle nos diſſe, que em Cranganor, que ſerá de Cochij eſpaço de cinco leguas, eſtava huma caſa feita, e outra em Coulam, onde eſtá a noſſa Feitoria, feitas per dous diſcipulos do Apoſtolo, as quaes entre elles eram tidas em mais veneração, que as outras que eſtam per dentro do ſertão, as quaes fizeram os Chriſtãos da propria terra, depois que multiplicáram em grande número. Os quaes diſcipulos o Apoſtolo leixou alli pera eſte effeito, indo de paſſagem pera Choromandel, e ambos jazem nellas enterrados, o de Cranganor debaixo de huma torre, que os noſſos fizeram na fortaleza que ora alli eſtá. E porque o Patriarca de Armenia de tempo antigo ſempre mandava viſitar eſta Chriſtandade do Malabar, por o número grande que aqui havia della, tinha mais noticia das couſas de Chriſto, que os outros. E porém havia tanta avaricia neſtes Biſpos Armenios, que vinham a eſta viſitação mais por cubiça, que por ſervir a Deos: cá té por fazer a gente Chriſtã levavam dinheiro. E por a gente ſer pobre, poucos tinham agua de Baptiſmo, não queriam ordenar algum pera Sacerdote ſem grande cópia delle, e ainda mui poucos habilitavam pera rezar as Horas na Igreja, o qual rezar era na lingua Chaldea. E ante que nós entraſſemos na India poucos

cos annos, o Patriarca Armenio mandára quatro Bispos pera se repartirem pela terra por a Christandade ser muita, de que logo em chegando falecêram dous, os quaes repartíram a terra em duas Comarcas, ao mais moço coube de Coulam pera baixo contra o Cabo Comorij, e o mais velho residia em Cranganor. E este por ser homem virtuoso tirou aquella tyrannia fazer Christãos por dinheiro. E Nuno da Cunha sendo Governador o favoreceo sempre por a virtude que achava nelle, porque tambem era elle mui inclinado ácerca da ordem do sacerdocio, e ceremonias da Igreja do nosso costume Romano. Contou-nos mais este Christão, que na casa de Coulam, que fora feita per outro discipulo do Apostolo S. Thomé, estava huma sepultura da Sibylla que chamavam Indica, e que esta Igreja fora hum seu oratorio. E que por amoestação sua denunciando o Nascimento de Christo Jesus, hum Rey da Ilha Ceilam, chamado Pirimal, fora em huma náo á costa de Mascate a se ajuntar com dous Reys, que foram adorar o Senhor a Bethleem, e elle fôra o terceiro; o qual a rogo della Sibylla lhe trouxera a Imagem de N. Senhora pintada em hum retavolo, que estava mettido em sua propria sepultura. Da viagem dos quaes Reys, e onde habitavam os dous,

em

em cuja companhia elle foi, eſcrevemos em noſſa Geografia, quando tratamos das Cidades Nazua, e Balla, que eſtam detrás das coſtas da ſerrania, que correm per a coſta de Maſcate, á qual Provincia os Mouros chamam Yman. Iſto baſte quanto á noticia das couſas do Bemaventurado Apoſtolo São Thomé Patrão noſſo nas partes da India; mas quanto á Chriſtandade da terra, he gente a maior onzeneira, e de mais falſidades em pezos, e medidas, e em todo engano de comprar, e vender de todo o Malabar, e niſſo não dam a vantagem aos Indios delle. Parece que o demonio na terra mais fraca de ſeu patrimonio, neſtas trabalha por eſtercar com ſuas maldades, e malicias, pera que quando produzirem fruito, lhe reſpondam a mil por hum. Depois pelo tempo todas eſtas caſas de S. Thomé, principalmente no que Nuno da Cunha governou, foram creſcendo em mais policia Chriſtã, e (como já diſſemos em outra parte,) os moradores Portuguezes, que foram viver a Paleacate, por memoria deſte Bemaventurado Apoſtolo fizeram huma grande povoação com caſas de pedra, e cal, ao modo da Heſpanha, a que chamáram São Thomé, com que fica huma nobre Cidade, Colonia, e habitação de muitos Portuguezes. Quizemos eſcrever todas eſtas cou-

ſas,

ſas, poſto que muitas ſe fizeram depois do tempo do Governador D. Duarte de Menezes, porque como elle foi o primeiro author que abrio os fundamentos deſte ſanto Templo do Apoſtolo, foi couſa juſta no ſeu tempo recontarmos o que delle, e de ſuas obras temos ſabido, ſegundo anda na memoria daquella barbara gente.

DE-

DECADA TERCEIRA.
LIVRO VIII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se fizeram em quanto governou D. Duarte de Menezes.

CAPITULO I.

Em que se descreve parte da Ilha Çamatra, e os Reynos que tinha por vizinhos nossa fortaleza Pacem, onde D. André Henriques estava por Capitão: e as differenças que entre os Reys barbaros delles houve, donde procedeo leixar D. André a fortaleza.

O Descubrimento, conquista, e commercio deste Oriente, de que escrevemos, a que chamamos Asia, assi estam estas tres cousas travadas entre si, e nos havemos na obra, e uso dellas, que quasi as fizemos correlativas, e respondentes humas das outras de maneira, que per este modo ha sessenta annos que as conser-

va-

vamos, ſendo tão remotas em lugar, como ſão as fortalezas que naquelle Oriente temos. Porque começando da fortaleza de Sofala, que he a primeira quanto a nós, e mais occidental, e acabando na de Maluco, que está ao Oriente, (de doze que temos naquellas partes ao tempo que compunha eſta eſcritura,) haverá neſta diſtancia, ſegundo a navegação dos mareantes, pouco mais, ou menos mil e quatrocentas leguas, a fóra outras fortalezas que entre eſtes dous extremos leixamos, como a hiſtoria o relata, por caſos, e couſas, como veremos neſta de Pacem, de que queremos eſcrever. E porque tamanha diſtancia de mares que navegamos, e fortalezas que poſſuimos, e ſuſtemos, ſe em hum meſmo tempo que os caſos nelles aquecidos quizeſſemos ajuntar em curſo de hiſtoria, ſería eſte curſo de diverſos remendos, (por ſe não enxergar eſte defeito,) faremos dous curſos de hiſtoria, porque aſſi ſerá melhor retida da memoria dos lentes. Da fortaleza de Sofala té a enſeada de Bengala ſerá hum curſo, enfiando todolos feitos deſta diſtancia nelle; e da Ilha Çamatra té fortaleza de Maluco faremos em outro, ajuntando eſte oriental ao da India, por cauſa do Governador daquellas partes ſempre nella aſſiſtir, donde todolos feitos dependem,

co-

como de ſua cabeça. E como a fortaleza de Pacem ſituada na Ilha Çamatra neſte anno de quinhentos e vinte e dous eſtava em pé, e neſta repartição de curſo de hiſtoria he o principio da parte Oriental, começamos eſte octavo Livro nella, eſcrevendo o que os noſſos paſſáram depois de Jorge d'Alboquerque a leixar entregue a Antonio de Miranda d'Azevedo, (como atrás eſcrevemos,) e de ſi iremos adiante té o fim do outro extremo. Porém, porque eſta fortaleza de Pacem foi a primeira que té hoje temos leixada contra noſſa vontade, por os combates que os da terra nos deram, ſerá neceſſario primeiro mais particularmente do que temos feito, tratar dos Reys, e Senhores, que tinha por vizinhos, e aſſi as differenças que entre elles houve, por cujo reſpeito a nós leixámos, e amizade que tinhamos com todos, ſe converteo em odio de hum ſó. O qual ao preſente he feito Senhor de todos aquelles eſtados, e tão poderoſo com noſſo damno, que com noſſas Armadas commette a noſſa Cidade Malaca, como veremos em ſeu lugar: tanta mudança tem os eſtados, que de hum ſervo eſcravo ſe faz hum Rey poderoſo, como ſe eſte fez á noſſa cuſta. Na parte mais Occidental, e maritima da Ilha Çamatra eſtam eſtes Reynos, Daya, Achem, Lambrij, Biar, Piri-

da, Lide, Prida, Pacem, Bata, e Darum, na costa das quaes poderá haver pouco mais, ou menos cem leguas. E per dentro do sertão vam vizinhar com o Gentio da terra, que não sómente he bruto, e salvage, mas cruel, e guerreiro; algum do qual assi como Alifares, e Bates comem carne humana, e estoutro povo que habita o maritimo segue a secta de Mahamed. Os principaes da qual gente maritima eram Parseos, Arabios, e de Mouros do Reyno Guzarate, da India, e Bengala, que por causa do commercio vieram áquelles portos. E vista a disposição da terra, e sua grossura, e o Gentio sem lei, e inclinado a receber sua secta, com esta inclinação, e avaricia das cousas que lhe os Mouros davam, e casamentos com as da terra, que he hum vinculo com que elles atam o animo dos naturaes, honrando-lhes as filhas em seu modo de estado, convertêram muito Gentio, e mais fizeram-se senhores da terra, intitulando-se pelo tempo em diante deste nome Rey. Porém ao tempo que nós entrámos na India, sómente o de Pacem, e o de Pedir se intitulavam per este nome Soltão, que ácerca dos Arabios quer dizer Rey, os quaes quando Diogo Lopes de Sequeira descubrio Malaca, e depois quando Affonso d'Alboquerque a foi tomar, ambos achá-

ram

ram neſtes Reys o agazalhado, e offertas, que de ſuas peſſoas, e eſtado fizeram, como atrás eſcrevemos. A mais commum opinião daquellas partes, ſegundo a relação geral que já fizemos daquella Ilha Çamatra, o Reyno Pedir foi o maior, e mais celebrado de todos em tanto, que alguns deſtes, que acima nomeámos, eram ſeus vaſſallos, e depois per varios caſos, que o tempo traz, ſe fizeram livres delle. E quando nós tomámos a Cidade Malaca, ainda o ſenhor de Daya, e Achem eram eſcravos deſte Rey de Pedir, e regiam por elle, ſendo porém já caſados com duas ſobrinhas ſuas. E porque não ſeja eſtranho nas orelhas de alguem eſcravos virem a eſte eſtado, queremos dar razão do uſo daquellas partes, poſto que tenhamos grande exemplo nas Leis dos Romanos, que permittiam que hum homem livre, paſſando de idade de vinte annos, ſe podia vender, pera participar do preço per que ſe vendia. E não ſómente os que ſe faziam ſervos per eſte modo, mas os ganhados per titulo de guerra, ou havidos per qualquer outra lei civil, muitas vezes eram adoptados per filhos, e livres per teſtamento, e per outro modo de liberdade, com que depois vieram a grandes dignidades. Aſſi naquellas partes da India geralmente pai, e mãi vendem os

 fi-

filhos, e ás vezes he per tão pouco preço, como he huma tanga, que val da nossa moeda tres vintães, hum dos quaes comprados per este preço de nação Guzarate, eu já tive em minha casa vendido per sua mãi. Outros já em idade de homem, por participar do preço se vendem, muitos dos quaes em seu modo são dos nobres da terra; e são os senhores tão gloriosos de ter escravos nobres, que dam per elles muito preço. O qual preço he ás vezes tanto, que tem elle que gastar hum anno, tratando-se tão honradamente, que depois de gastado o preço, o mesmo senhor os trata da maneira que o elles faziam, e ainda os casam com parentas, e filhas suas quando elles tem qualidades pera isso, principalmente de fieldade, e cavalleria. As quaes qualidades achando ElRey de Pedir nestes dous seus escravos, que dissemos, casou com duas sobrinhas filhas de seu irmão, e a hum deo as terras de Daya, e a outro as de Achem. Porém tinha este modo com elles: quando havia necessidade de seu serviço, vinham a elle, e tornados a sua casa leixavam-lhes seus filhos de maneira, que vinham estes herdar o que seus pais tinham per proprios serviços de sua pessoa, assi na paz, como na guerra. E aconteceo que andando em casa d'ElRey dous filhos do Senhor de Achem,

o ma-

o maior dos quaes havia nome Raja Abraemo, e o segundo Raja Lila, os quaes tinham bem merecido per serviço o que seu pai tinha; a requerimento delle, por ser já mui velho, ElRey houve por bem dar aquelle estado de Achem ao maior. Posto elle Raja Abraemo em posse delle, quiz executar o que trazia no peito havia tempo, que era vingar-se do Senhor de Daya, por razão de humas differenças sobre pontos de honra, que tiveram, andando ambos em casa d'ElRey de Pedir. E como ElRey favoreceo mais ao outro, que a elle Raja Abraemo, ficou-lhe daqui não sómente desejo de vingar-se delle, mas ainda odio contra ElRey, a qual vingança começou tomar, entrando-lhe pela terra, por serem vizinhos. E peró ElRey mandou amoestar disso a elle Raja Abraem, e mandou algumas ajudas ao outro de Daya, teve elle pouca conta com tudo. A este escandalo que ElRey lhe teve, succedêram outros havidos por nossa causa, que elle mais sentio, donde Abraem descubertamente lhe levantou a obediencia. E ainda porque seu pai já mui velho o quiz reprender, trazendo-lhe á memoria ser escravo d'ElRey, do qual tinha recebido tanta honra como elle sabia, e a mais ser seu tio, contra o qual não devia de levantar olhos, elle Raja

Abraem

Abraem o mandou prender em ferros em huma gaiola, onde morreo; e o escandalo que ElRey por nossa causa teve delle, foi este. Atrás contámos como naquella parte de Achem se perdeo Gaspar d'Acosta irmão de Affonso Lopes d'Acosta Capitão de Malaca, e os que escapáram foram cativos pelas lancharas deste Senhor de Achem, os quaes foram resgatados a requerimento d'ElRey de Pacem per meio de Nina Cunapam Xabandar do mesmo Rey de Pacem. Estes cativos quando foram tomados, já Raja Abraem tinha passado com ElRey de Pedir o que acima dissemos; e por elle Rey ser muito nosso amigo, e desejar per meritos de boas obras ter-nos obrigados pera algum tempo de sua necessidade, mandou pedir estes cativos a Raja Abraemo, como a hum seu escravo, com fundamento de os mandar de presente ao Capitão de Malaca; mas elle não lhos quiz dar, e os deo a ElRey de Pacem, como dissemos. A qual cousa ElRey sentio em tanta maneira, que ajuntando a isto a desobediencia de fazer guerra a ElRey de Daya, e a prender seu pai por as amoestações que lhe fazia, lhe mandára per mar e terra fazer a guerra. Neste meio tempo succedeo ir lá ter huma náo nossa com mercadoria, a qual andando em calmaria, mandou este

Abrae-

Abraemo ſuas lancharas a ella, e a tomáram matando ſeis Portuguezes, que nella hiam. Depois foi ter Jorge de Brito áquelle porto deſte Senhor de Achem, onde o matáram pela maneira que atrás eſcrevemos. Com a qual vitoria elle Raja Abraemo ficou tão ſoberbo, e abaſtado de artilheria, e munições de guerra, que não ſómente ſe defendia d'ElRey ſeu Senhor, mas ainda lhe fazia quanto damno podia. Finalmente tanto o favoreceo a fortuna neſta empreza, que tomou de ſe querer fazer Rey de todos aquelles eſtados, que em menos de tres annos, per artes de guerra, e traições, que os proprios naturaes commettêram contra ſeus ſenhores, os houve a ſeu poder, té fazer fugir ElRey de Pedir ſeu Senhor pera a noſſa fortaleza de Pacem, eſtando já nella D. André Henriques, de que ſe cauſou a perdição della, como veremos neſte ſeguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO II.

Como D. André Henriques, por ajudar a ElRey de Pedir nosso amigo, que se recolheo á nossa fortaleza, em que elle estava, mandou com elle seu irmão D. Manuel Henriques, que morreo naquella ida per huma traição que os Mouros tinham ordenado, e o mesmo Rey escapou: e do que passou Domingos de Seixas com huns alevantados Portuguezes, onde foi prezo, e cativo.

DOm André Henriques filho de D. Henrique Henriques senhor da villa das Alcaçovas, foi na Armada de D. Duarte de Menezes provído por ElRey D. Manuel desta fortaleza de Pacem, ao qual Dom André, tanto que D. Duarte chegou á India, enviou a tomar posse della. A qual Antonio de Miranda d'Azevedo lhe entregou a vinte e tres de Maio do anno de quinhentos e vinte e dous, e se foi pera Malaca, té vir o tempo da monção pera se vir á India. Tendo já neste tempo que a entregou recebido muitas oppressões deste Raja Abraemo, assi per terra como com suas lancharas per mar, de que sempre os nossos houveram vitoria de maneira, que começando este Abraemo a guerra connos-

co

co por respeito do odio que lhe nós tinhamos por causa do damno que os nossos recebêram em seu porto, (como atrás escrevemos,) depois que os da nossa fortaleza ferírams, e matáram muitos da sua gente, que queriam fazer entradas em nosso damno, converteo a guerra em causa de vingança. Posto que tudo isto elle soffrêra, senão fora ElRey de Pedir seu Senhor, o qual era tanto nosso amigo, que se poz em não querer casar com huma filha do Rey passado de Pacem, importando-lhe este casamento muito, senão com condição que havia de ser nosso amigo. E pera isso assi ser, mandou hum seu Embaixador a Malaca, estando nella por Capitão Jorge de Brito com outro Embaixador do mesmo Rey de Pacem, a fazer estes concertos de pazes, por estar este Rey então em odio comnosco, como atrás escrevemos. E quando Abraemo vio que se acolhia elle a nós, e que havia muito tempo que era nosso amigo, e nos tinha obrigado com boas obras, pareceo-lhe que com nossa ajuda vindo outra Armada, como a de Jorge d'Alboquerque, o poderia restituir no seu Reyno, e elle Raja Abraemo corria risco de perder o estado, e vida, como tinha por exemplo no caso de Soltão Geinal Rey de Pacem, que Jorge d'Alboquerque matou.

Pe-

Pera evitar èste caso, como era homem manhoso, e de grandes artificios, e que as mais das vitorias que tinha havido foram per astucias de traições, e por corromper com dinheiro assi aos principaes Capitães de Daya, como d'ElRey de Pedir seu Senhor; ordenou com estes mesmos Capitães, e principaes da Cidade Pedir, onde elle estava, que escrevessem a ElRey, que estava em a Cidade Pacem acolhido á nossa sombra. A fórma da qual carta foi desculparem-se de acolherem Raja Abraemo dentro na Cidade, dando algumas fracas razões, pedindo-lhe que com ajuda dos Portuguezes se viesse logo a Pedir, por quanto elles lhe entregariam a Cidade. Pera effeito do qual caso elles o tinham já lançado della, e nenhuma outra cousa esperavam senão sua ajuda, por tanto que se apressasse ante que recebessem mais damno, por quanto os tinha cercados. O qual lançamento elles ante desta carta, tres, ou quatro dias tinham feito, simulado este levantamento, havendo que tinham feito grande erro contra seu Rey, e soffriam hum seu escravo, que os tyrannizava. ElRey de Pedir ao tempo que se acolheo pera Pacem por se abrigar a nós, levou comsigo o sobrinho Senhor de Daya, que tambem era per este tyranno despojado do seu, e teriam comsigo

go té duzentos homens , que os quizeram ſeguir. E vendo ElRey a carta dos ſeus, e ſabendo como Abraemo era lançado da Cidade , fallou a D. André , pedindo-lhe que por não perder tão boa conjunção , o quizeſſe ajudar per mar com alguma gente, e elle iria com a ſua, e outra que lhe tambem dava de ajuda ElRey de Pacem. Dom André movido dos rogos deſte Rey , per as couſas precedentes de noſſa amizade , e que noſſo coſtume era favorecer , e ajudar noſſos amigos , e que aquella fortaleza de Pacem por cauſa de ajudar hum moço orfão contra hum tyranno ſe fizera , pareceo-lhe couſa juſta , e conveniente dar-lhe eſta ajuda que pedia. Quanto mais que já convinha tanto a nós , como a ElRey de Pedir atalhar ao poder daquelle tyranno, o qual com damno , e morte dos noſſos ſe tinha feito poderoſo, e que aquella conjunção era a melhor que podia ſer pera totalmente o deſtruir. Finalmente elle D. André mandou per mar em ajuda d'ElRey de Pedir ſeu irmão D. Manuel em huma fuſta, e algumas lancharas da terra com té oitenta Portuguezes, e duzentos Mouros entre gente de armas, e remadores. E a ordenança que ElRey deo foi , que D. Manuel foſſe per mar de vagar tomando todolos portos por dalli té Pedir, que ſerá obra

de

de dez leguas, e elle iria sempre ao longo da costa, donde dariam vista hum ao outro nos portos do mar. Seguindo ElRey esta ordem com té mil homens de pé, e quinze elefantes de peleja, porque lá não ha cavallos, acertou de vir hum tempo, que os tirou desta ordenança, com que a fusta foi ter a huma parte, e as lancharas de sua companhia foram ter ao porto de Pedir, havendo dous dias que era chegado. Porém depois que todos foram juntos, e ElRey recebido dos seus com grande festa, assentáram em conselho, que ao seguinte dia ante manhã, assi os seus, como os nossos que estavam no mar, sahissem a dar no arraial de Abraemo. Parece que entre tantos máos houve algum bom, e fiel, que aquella ante manhã se foi a ElRey, e lhe disse: *Senhor, ponde-vos em salvo, porque nesta sahida vos hão de prender, e entregar a este vosso escravo: cá tem assentado de o fazer quem vos mandou chamar, e o caso passa desta maneira*, contando-lhe tudo miudamente. E que lhe fazia saber que logo a noite que chegou se o não tinham feito, fora porque queriam acolher em terra os Portuguezes, onde esperavam de os tomar todos á mão; e pera tomar suas embarcações, per o rio acima estavam escondidas muitas lancharas do trédor, que haviam

viam de vir ſobre ellas, tanto que lhe foſſe dado ſignal. Quando ſe ElRey vio no perigo em que eſtava, o mais manhoſa, e diſſimuladamente que pode, em dous elefantes pera ſi, e ſeus ſobrinhos ſe ſahio da Cidade, e poz em ſalvo com té duzentos homens, que o seguíram. Os noſſos pelo aviſo que lhe ElRey mandou, querendo ſahir do rio, a maré que era vazia, os decepou ſem o poderem fazer; e em quanto ella não veio, eſtiveram por barreira das fréchas, e zargunchos, e outras armas de arremeſſo, que os imigos de huma parte, e da outra margem do rio lhes tiravam, por ſer mui eſtreito, e amparado de barreiras, que os defendia da artilheria das lancharas. E quando veio, por as ſuas ſerem mais leves, e bem rebocadas, deſcêram de cima, e aſſi ſe vingáram dos noſſos, que ficou alli Dom Manuel morto com té trinta e cinco Portuguezes, porque os mais ſe ſalváram. Com a qual perda D. André ſe houve logo por perdido naquella fortaleza, aſſi por lhe ficarem té oitenta homens, e ella ſer de madeira já podre das chuivas, e reſcaldo do Sol, por ſer vizinha á Equinocial com cinco gráos pouco mais, ou menos, em que eſtá da parte do Norte. E o que elle mais ſentia que tudo, era a neceſſidade dos mantimentos, que já ante deſte deſaſtre da

mor-

morte de ſeu irmão os da terra lhe começavam a negar, ſem os da Cidade conſentirem que a gente miuda da terra os trouxeſſem, ſendo coſtumada tres vezes na ſemana vir com elles a huma feira que faziam, com que a fortaleza ſe provia do neceſſario. E temendo-ſe que eſta neceſſidade delles os puzeſſe em maior affronta, que pelejar com os imigos, em huma náo que alli eſtava de Bengala, que veio carregar áquelle porto de Pacem, mandou hum Portuguez por nome Jeronymo de Sorande com cartas a Rafael Pereſtrello, que eſtava em Chatigam principal porto de Bengala; pedindo-lhe hum junco carregado de mantimentos pola neceſſidade que tinha. Rafael Pereſtrello como ainda alli eſtava do tempo que ſe eſpedio de Jorge d'Alboquerque, (de que atrás fizemos menção,) mandou a eſte negocio dos mantimentos Domingos de Seixas Eſcrivão da ſua náo em hum navio de hum Gaſpar Ferraz da Cidade do Porto de Portugal, o qual viera alli fazer ſua fazenda, e havia de paſſar per o porto da Cidade Tenaçarij, que he na coſta de Malaca, onde havia muitos mantimentos, e alli fretaſſe hum par de navios da terra, e os levaſſe carregados a Pacem. Poſto elle Domingos de Seixas em Tenaçarij, e tendo comprados mantimentos, com que podia

dia carregar dous navios que tinha fretado, aconteceo que andava per aquella coſta hum navio dos noſſos ás prezas, (como elles dizem,) que he ſerem coſſairos alevantados da obediencia do Governador, a roubar os Mouros que navegavam. Os quaes alevantados ſeriam té cincoenta homens, de que era Capitão hum Diogo Gago, filho baſtardo de Foão Gago, e de huma Mouriſca; e dos outros eram Balthazar Veloſo, João Barbudo, Simão de Brito filho baſtardo de João Patalim, João Carregueiro, João Botelho, Antão da Fraga, e outros que ſe contentavam de andar neſte fadairo, ſendo os mais delles de bom ſangue. Os quaes ſe armáram em Choromandel, e vinham já de Chatigam, onde eſtava Rafael Pereſtrello, que trabalhou por os recolher a ſi, e tirar daquelle máo officio. E ante que chegaſſem a Tenaçarij, ſobre paixões que Balthazar Veloſo houve com o Capitão Diogo Gago, jazendo elle dormindo no regaço de huma ſua eſcrava, o matou ás punhaladas com favor de João Barbudo: feito eſte caſo digno dos que andam naquelle officio, per concerto de paz, elegêram por Capitão Simão de Brito. A vinda dos quaes determinadamente áquelle porto de Tenaçarij, era terem ſabido que eſtavam alli quatro náos de Mouros Guzarates do Reyno de Cam-

Cambaya, e vinham a fazer preza dellas; mas ellas se acolhêram ante que elles effeituassem seu proposito. E commettêram outro peior feito, pois causou tanto mal a Domingos de Seixas, e dezesete Portuguezes que alli estavam com elle; e o caso foi este. Hum Mouro per nome Rete Cam servio a ElRey de Bengala nove annos de Governador de duas Cidades, cada huma per si, Naomaluco, e Chatigam, no qual tempo roubou o que pode na terra, a ElRey, e com sete náos carregadas de muita roupa, e grossa fazenda, partio de Chatigam pera Malaca, com fundamento de viver naquella Cidade amparado do nosso favor. O qual ante de chegar a Tenaçarij teve tão grande temporal, que quatro das náos tornáram arribar a Chatigam, donde partíram, e com as tres chegou a Tenaçarij, fazendo fundamento de negociar dalli as náos arribadas, e de si fazer sua ida a Malaca; e porque temeo que em quanto alli estivesse, a gente da terra o podia roubar, pedio ao Governador de Tenaçarij lhe désse hum pedaço de cotovelo, que a terra fazia em a volta do rio, pera se fortalecer alli. Dada a terra, e cortada de maneira, que ficava em Ilha lavada da agua, e feita huma fortaleza de madeira, em que se queria recolher com duzentos homens, ou

que

que foi per artificio do mesmo Governador da Cidade Tenaçarij, que era d'ElRey de Sião, ou que o povo o moveo com voz, que este Rate Cam se queria alli fazer forte, como tyranno da terra com favor dos nossos, e de outra gente estrangeira, que alli estava fazendo commercio, saltáram com elle, e os roubáram huma ante manhã. E levando os ministros daquelle negocio huma champana grande carregada da melhor fazenda que elle tinha, a qual diziam ser do Governador da Cidade; Simão de Brito Capitão dos alevantados que dissemos, tomáram a champana, e acolhêram-se com ella, sem lhes lembrar que Domingos de Seixas com a outra nossa gente estava em terra. Sabida a qual tomadia, o Governador lançou mão de quantos mantimentos Domingos de Seixas tinha comprado, e mais da sua fazenda, e dos nossos que com elle estavam em terra, que (como dissemos) eram dezesete homens, que cativos per terra foram levados a ElRey de Sião. Com a qual obra D. André não foi provído de mantimentos, e os nossos levantados do roubo não houveram bom fim. Do qual Domingos de Seixas, que naquelle Reyno de Sião esteve cativo vinte e cinco annos, soubemos a maior parte das cousas delle, e isto não tão cegamente, como hum cativo pó-

de ſaber de hum Reyno, onde eſtá ſujeito ás leis do cativeiro de quem o tem; mas como de hum Capitão de gente de armas, que elle foi do meſmo Rey. Porque depois que alguns annos eſteve prezo, e tratado como cativo com os outros, que foram prezos com elle, a maior parte dos quaes falecêram lá, nas guerras que ElRey teve com ſeus vizinhos, pola amoſtra que elle deo de ſua peſſoa, lhe deo liberdade, e o fez Capitão da gente, e com eſte mando teve informação mui particular daquelle Reyno. E em verdade que foi hum dos homens de mais particular memoria com que fallámos, principalmente em as couſas da Geografia, que nos deo grão lume ao que eſcrevemos daquelle Reyno. Porque como ElRey quaſi com todolos vizinhos teve guerra, e elle atraveſſou com os exercitos d'ElRey muitas terras, viemos per elle verificar outras informações, que daquella Provincia tinhamos. Fizemos aqui eſta lembrança de Domingos de Seixas, porque pois lhe não aproveitou o ſerviço que naquellas partes fez, nem o cativeiro que paſſou pera lhe darem de comer, ſendo homem de boa linhagem, não vir a morrer no Hoſpital de Lisboa, onde morreo, ao menos neſte noſſo trabalho terá memoria do que paſſou naquelle Oriente, pois eſte he o regiſto daquel-

quelles, que nelle algum bem tem recebido. E verdadeiramente que maior deleitação temos na relação dos meritos dos homens, a que o Mundo desamparou em seu galardão, que naquelles que foram bem pagos delle. Porque como o Mundo não tem mais que temporalidades, quem fica bem herdado nellas, já em alguma maneira he satisfeito; mas a quem elle as nega, parece que lhe devemos esta lembrança, pois não tem outro galardão.

CAPITULO III.

Como por algumas differenças que Dom André teve com Lopo d'Azevedo, que o Governador mandava pera Capitão daquella fortaleza de Pacem a requerimento delle D. André, Lopo d'Azevedo se foi pera Malaca: e do mais que passou té D. André entregar a fortaleza a seu cunhado Aires Coelho, e se ir pera a India.

TOrnando a D. André, que estava bem necessitado de tudo o que havia mister pera sustentar aquella fortaleza, e principalmente saude, por a terra ser mui doentia aos nossos, duas cousas fez: a primeira enviar á India recado per hum navio ao Governador D. Duarte de Menezes, fazendo-lhe saber o estado em que ficava a fortale-

za, e elle tão doente que se não achava em dispoſição pera a poder defender, pedindo-lhe, que o mais em breve que pudeſſe ser, mandaſſe algum Capitão a ella com as couſas neceſſarias pera ſegurança della, dando-lhe particularmente conta do eſtado em que eſtavam as couſas daquelles Reynos, por as guerras daquelles tyrannos, que eram levantados contra ſeu Rey. E a outra couſa que atrás eſta fez, foi eſcrever a ElRey de Arú, que era noſſo amigo, pela amizade que com elle aſſentou Jorge d'Alboquerque na tomada de Pacem. O qual além deſta obra de nos ajudar, (como atrás eſcrevemos,) todo navio noſſo, ora per fortuna, ora por razão de commercio que hia ter á coſta do ſeu Reyno, recebia com gazalhado, e bom tratamento; e naquelle tempo em grandeza da terra, e número de gente era o mais poderoſo daquella Ilha. Sómente era pobre de dinheiro, por o ſeu Reyno não ter tanta cópia de mercadorias, como o de Pacem, de que era vizinho; porque a mais principal couſa que faz hum Reyno rico, e politico, he o acto do commercio, ora ſeja per mercadorias naturaes que a terra produz, ora per artificio de mecanica, o que eſte não tinha, como os outros que ficam atrás delle contra o Ponente, e Sul. O qual Rey não ſómente pela amiza-

zade que comnosco tinha, mas ainda por estar mui indignado contra Raja Abraemo, por a guerra que fazia a seu senhor, quando D. André mandou este recado, porque o apercebia que o viesse ajudar a defender aquelle Reyno de Pacem, quando quer que Raja Abraemo quizesse entrar nelle; mandou-lhe dizer que elle se faria prestes pera o tempo que fosse necessario ser presente, e isto com muitas palavras do contentamento que tinha poder elle fazer alguma cousa, de que ElRey de Portugal fosse servido. D. Duarte de Menezes tanto que teve o recado de D. André, mandou logo Lopo d'Azevedo em hum navio com algumas cousas necessarias pera provimento da fortaleza, e provisões pera elle D. André a entregar a Lopo d'Azevedo, o qual chegou a Pacem em Junho de quinhentos e vinte e tres. D. André quando vio Lopo d'Azevedo, peró que elle muito desejava de se vir pera a India, por a monção, e tempo, com que havia de partir ser dahi a dous mezes, não quiz entregar a fortaleza, dizendo a Lopo d'Azevedo, que em quanto elle estivesse esperando pelo tempo, não lha havia de entregar, senão o dia que se embarcasse, o que elle concedeo por lhe assi parecer bem. E porque D. André, como homem que se havia de partir, não provía as

cou-

cousas á vontade de Lopo d'Azevedo ; e elle pelo que lhe cumpria era necessario acudir a isso, apercebeo-se de mantimentos. E vendo que o Xabandar d'ElRey de Pacem abria grandes alicerces, e cavas, e ajuntava madeira pera fazer huma força junto da nossa fortaleza, e fazia outras cousas, como homem favorecido de D. André, as quaes obras eram mui prejudiciaes á mesma fortaleza, disse a D. André, que toda aquella obra do Xabandar elle a havia por mui suspeitosa, e contra o bem, e segurança da fortaleza : que se elle, por ser amigo do Xabandar, tivesse pejo de lhe ir á mão, que elle o faria, e mais que havia de tomar quanta madeira elle alli tinha junta, e com ella havia de repairar a fortaleza ; e que pera recolhimento do Xabandar elle lhe daria outro mais seguro a sua pessoa, e menos prejudicial. D. André era cavalleiro, e assi o tinha mostrado todo o tempo que viveo em Tanger, onde era casado; e quanto tinha de animo pera esta guerra de Africa, tanto lhe falecia na pessoa, por ser mui pequeno de corpo, e tão esmagado como homem aleijado, e por esta causa era mui desconfiado, e por outra parte pouco cauteloso nas cousas da honra, por ser sujeito aos proveitos que aquella terra dava; e sobre isso cria a homens que tinham pou-

pouca conta com a sua. E tanto que lhe Lopo d'Azevedo tocou em mandar, lá se trastornou de maneira, que lhe mandou logo dizer que se fosse embora caminho de Malaca, por quanto lhe não havia de entregar a fortaleza. Sobre o qual caso houve tantos estromentos de parte a parte, mostrando cada hum os poderes que tinha, que cessando elles, houvera de vir o caso a força, se Lopo d'Azevedo se não embarcára, e fora pera Malaca, onde chegou. Alguns quizeram dizer que a ida de D. André pera a India, e leixar a fortaleza não procedia tanto de sua enfermidade, quanto porque não queria experimentar a fortuna do successo da guerra, que esperavam daquelle tyranno, e queria ir lograr alguns vinte mil pardáos, que poderia haver da náo que tomou de preza, indo da India pera aquella fortaleza. A qual náo era de Mouros, e elle os mandou todos passar em huma champana, por não ficar nella cousa viva. Outros dizem que os mesmos Mouros a desampararam com temor, sendo obra de cento e noventa homens todos mercadores, e não gente de guerra. Os quaes na champana foram ter á Cidade Tenaçarij a tempo que estava em terra Diogo Pereira com muita gente Portugueza que alli ficára da companhia de Antonio de Brito, que fora

a Ben-

a Bengala com huma Armada. E vendo a gente de Tenaçarij estes mercadores, por serem na terra conhecidos, indo, e vindo áquelle porto com mercadorias, sabendo serem postos naquelle estado per os nossos, correo Diogo Pereira, e os da sua companhia grande risco de os matarem; mas a poder de peitas que deram ao Regedor, e Officiaes, abrandáram tudo, partindo-se logo caminho da India. E tornando a esta náo que D. André tomou, foi vendida em Pacem, e sendo mui rica na conta das prezas das partes, houveram mui pequena parte, e ElRey muito menos, e quasi tudo ficou na sua mão, e dos Officiaes ministros da venda. E o não querer entregar a fortaleza a Lopo d'Azevedo foi temor do Xabandar, se elle houvesse de ficar na fortaleza, vendo que lhe hia á mão aquella obra que elle quiz fazer, o qual além de corromper a muitos, que eram acceitos a elle D. André, com dadivas, e grandes esperanças; tambem elle D. André se contentou com elle Xabandar lhe prometter de o fazer mui rico, não se indo pera a India. E confirmou acceitar D. André estas esperanças, ou que quer que fosse; porque partido Lopo d'Azevedo pera Malaca, tornou elle Xabandar á sua obra. A qual tanto que foi acabada, dahi a trinta dias partio Raja

Abraç-

Abraemo com todo ſeu exercito, e muitos elefantes a nos vir cercar, ſendo ſabedor per meio do Xabandar dos movimentos de D. André, e differenças que houve entre elle, e Lopo d'Azevedo. Verdade he que o Xabandar não ſe determinou a eſta ſua traição, ſenão depois que vio o Reyno de Pacem tomado, ſem ficar mais que a Cidade vizinha á noſſa fortaleza. Porque Raja Abraemo como tomou a Cidade Pedir, e ficou abſoluto ſenhor della, mandou ſeu irmão Raja Lalyla com grande exercito, que tomaſſe todalas povoações, notaveis lugares de Pacem, e per derradeiro ſe vieſſe lançar ſobre a Cidade Pacem, e elle leixou-ſe ficar em Pedir por ſegurar as couſas daquelle Reyno. Raja Lalyla conquiſtado todo o Reyno de Pacem por eſpaço de tres mezes, veio aſſentar ſeu arraial meia legoa da Cidade Pacem, e mandou aviſo a ſeu irmão como já eſtava alli. E entre muitas couſas que eſte Mouro teve de em tão breve tempo ſe fazer ſenhor daquelle Reyno, foi ſer morta a maior parte da gente nobre delle com Soltão Geinal, que Jorge d'Alboquerque matou, como atrás eſcrevemos. E tambem foi tão apreſſado em combater á Cidade, ſabendo que eſperavamos ajuda d'ElRey de Arú, que quando elle veio, já era (como dizem) ao atar das

feridas, e assi ter por olheiro de quanto entre nós se fazia o Xabandar. O qual quando vio que todo o Reyno era conquistado, e nossas necessidades, e differenças, simulando que por temor de Raja Lalyla lhe convinha fortalecer-se, commetteo D. André que lhe promettesse fazer aquella força, a qual elle já fazia com alguma intelligencia que tinha com Raja Lalyla. Chegado Raja Abraemo onde estava seu irmão, a primeira cousa que fez, foi mandar lançar hum pregão per todo seu arraial pera ser notorio na Cidade, que quem se quizesse vir a sua obediencia, elle o segurava com toda sua familia, e fazenda; e esta palavra manteria da notificação della a seis dias, passado o qual termo não haveria misericordia, ainda que a pedissem. A gente da Cidade atemorizada desta notificação, e assi das cruezas que elle, e seu irmão tinham feito naquelles, que se defendiam em tudo o que tinham conquistado, e tambem por ser gente, que como lhe hum Rey enfadava, faziam logo outro com morte deste avorrecido, (como já contámos,) começou cada hum de noite, e de dia como tinha lugar de se ir pera o arraial do imigo. Finalmente nos primeiros tres combates elle tomou a Cidade per força de armas, e já com elle entrou mais gente da

que

que era ſahida della, da que eſtava dentro de maneira, que cada hum tornou povoar ſua propria caſa que tinha leixado; e alguns que eſcapáram daquella primeira furia na entrada da Cidade, acolhêram-ſe á ſerra do ſertão, e matos mui eſpeſſos, que tem por vizinhos. Em quanto eſte Raja Abraemo eſteve em cerco ſobre a Cidade, que foram poucos dias, mandou alguns recados a D. André, em que lhe fazia ſaber, que elle tinha tomado todo aquelle Reyno de Pacem, e sómente lhe ficava por tomar poſſe daquella Cidade, metropoli, e cabeça delle, que lhe aconſelhava que entretanto ſe foſſe embora, e levaſſe tudô o que tinha na fortaleza, porque elle não vinha a pelejar com elle por odio que tiveſſe aos Portuguezes, nem o havia de fazer em quanto foſſe ſenhor da Cidade. Porém tomada ella, duas acções lhe ficavam pera o ir lançar daquella fortaleza: a primeira, eſtar em terra ſua, pois ficava ſenhor do Reyno, como o foſſe da Cidade, e não havia de conſentir que alguem metteſſe nella huma eſtaca, quanto mais ter huma força; e a ſegunda, tinha comſigo dous mortaes ſeus imigos, o Senhor que fora de Daya, e o de Pedir, e que ambos havia de perſeguir onde quer que os achaſſe. D. André não lhe faleceo a eſte recado reſpoſta; peró depois

pois que vio tres combates na fortaleza, como era homem doente, e hum pouco vário em ſeus propoſitos, teve mais conta com a vida, e fazenda que alli tinha acquirido, que com outros primores de cavallaria, e parecia-lhe que baſtava o que tinha feito em Tanger na guerra dos Mouros, e por iſſo entregou a fortaleza a Aires Coelho ſeu cunhado irmão de ſua mulher, que ſervia de Alcaide mór. O qual Aires Coelho como filho de Gonçalo Coelho Alcaide mór de Tanger, era naſcido, e criado na guerra de Africa, e mais era cavalleiro de ſua peſſoa, não receou tomar a ſeu cargo a defensão daquella fortaleza em tal eſtado.

CAPITULO IV.

Como Baſtião de Souſa, e Martim Correa chegáram a Pacem, depois que partíram da India, e Baſtião de Souſa ter paſſado muito trabalho na Ilha de S. Lourenço: e como D. André tornou arribar a Pacem, e não podendo defender a fortaleza, a leixáram, e ſe foram pera Malaca.

PArtido D. André caminho da India, ſendo na paragem da coſta do Reyno Pedir, encontrou duas náos, de que eram Capitães Baſtião de Souſa, e Martim Correa,

rea, que hiam pera a Ilha Banda carregar de nóz, e maça. E porque atrás delle Basſtião de Souſa fazemos menção como o anno de vinte e hum partio deſte Reyno a fazer huma fortaleza em a Ilha S. Lourenço, e ora o achamos aqui em fim de Setembro do anno de vinte e tres, junto de outra Ilha que he Çamatra, tão grande como a de S. Lourenço, mas mui oriental em ſitio, ante que vamos mais adiante, queremos dar razão do que fez té aqui, pois havemos de continuar com elle os trabalhos da fortaleza de Pacem, a que D. André tambem foi preſente. Baſtião de Souſa partido deſte Reyno pera fazer a fortaleza em o porto Matatana, porque a outra náo da ſua companhia, em que hia por Capitão João de Faria, ſe apartou delle com hum temporal, quando chegou ao porto, onde eſperava que podia ir ter, não o achou, de que ficou mui deſcontente, porque naquella náo levava todalas couſas, e Officiaes que haviam de fazer a fortaleza, e ſem ella ſua chegada não ſervia pera effeito que lhe ElRey mandava: depois que alli eſteve alguns dias eſperando por ella, partio-ſe pera Moçambique, parecendo-lhe que podia a náo ſer lá. E como a não achou, e o tempo por razão do inverno lhe não dava mais lugar, invernou em Moçam-

çambique; e como veio a monção já no annó de vinte e dous, fez-ſe á véla caminho da India com fundamento que o Governador D. Duárte de Menezes o proveria pera tornar fazer a fortaleza. E ſendo já mui perto da coſta da India, topou a propria náo que buſcava, a qual tambem andava em ſua buſca, por chegar depois que ſe elle partio do porto de Matatana dez dias; e quando ſoube que ſe fora, tambem por razão do inverno, invernou na Ilha, e vindo o tempo hia-ſe pera a India dar razão de ſi ao Governador. Chegado Baſtião de Souſa a Goa a vinte d'Agoſto, dahi a dez, ou doze dias chegáram tambem as náos, que deſte Reyno partíram o anno de vinte e dous, de que atrás eſcrevemos, como leváram nova ElRey D. Manuel ſer falecido, e era levantado por Rey o Principe D. João ſeu filho. O qual por aſſi o haver por mais ſeu ſerviço, eſcreveo ao Governador D. Duarte, que as fortalezas, que ElRey ſeu pai novamente mandou fazer naquellas partes, que ſe não fizeſſem, e ſe alguma era feita, que ſe ſuſtentaſſe té lhe mandar recado, e elle prover como lhe pareceſſe bem. Com o qual mandado Baſtião de Souſa ficou ſuſpenſo do ſeu negocio; mas D. Duarte, por elle ſer hum Fidalgo honrado, e de ſerviço, aſſi naquel-

las

las partes, como cá no Reyno, lhe deo aquella viagem que hia fazer a Banda, e com elle Martim Correa por Capitão de outra náo, os quaes partíram de Cochij a vinte de Setembro do anno de vinte e tres, e vieram-se alli encontrar com D. André, o qual esteve em prática com Bastião de Sousa, dando-lhe conta como hia, e o estado em que leixava a fortaleza. E o espaço que se com elle deteve, se adiantou Martim Correa, e foi tomar primeiro o pouso do porto de Pacem obra de huma legua a la mar, por alli haver muito parcel, e Bastião de Sousa tres leguas delle, por lhe acalmar o vento. Quando veio a noite, Martim Correa ouvio muitos tiros de artilheria, não que fizessem signal, mas como que havia algum combate na fortaleza; e no quarto da Alva sentio derredor da sua náo dez, ou doze lancharas dos Mouros, que a rodeavam. E como os mandou salvar com hum par de berços, vendo que eram sentidos, e tambem magoados dos pelouros, com huma grande grita apertáram o remo acolhendo-se. Vindo o dia, chegou á náo de Martim Correa huma almadia com recado dos nossos, em que lhe faziam saber que aquella noite vendo os Mouros a elle, e a outra náo, conhecendo que vinha da India, e que podiam

vir

vir á ſeu ſoccorro, os apertáram aquella noite com hum forte combate de maneira, que lhe tomáram hum baluarte com quanta artilheria nelle eſtava. Que lhe pedia o Capitão Aires Coelho, e todolos moradores, que em toda maneira deſembarcaſſem aos ajudar a defender aquella fortaleza, e aſſi lho requeriam da parte d'ElRey ſeu Senhor; porque não o fazendo aquelle dia, ſegundo a fortaleza eſtava desbaratada, e os homens maltratados, e doentes, não ſería muito, dando-lhe a noite ſeguinte outro tal combate, ſerem entrados. Martim Correa com eſperança de ſua ajuda os mandou a Baſtião de Souſa, o qual mandou dizer a Martim Correa por os da almadia, que ſe apercebeſſe, que elle ſe vinha logo pera ambos ſahirem em terra. Entrados na fortaleza em ſeus bateis com a mais gente que pudéram levar, leixando boa guarda em as náos, que já ficavam juntas, foram recebidos como remidores de ſua vida, ſegundo o mal que eſperavam, e damno que havia na fortaleza. E logo por moſtrarem aos Mouros que tinham animo pola ajuda que lhes viera de os ir commetter ás ſuas eſtancias, onde eſtavam alojados ao longo do rio, eſpaço que podiam receber damno, Martim Correa, que vinha de freſco, e outros da fortaleza nos bateis com alguns berços,

ços, e gente de eſpingardas lhe foram dar hum varejo, que com morte de muitos os fizeram affaſtar do rio. E dos noſſos vieram feridos dous, ou tres de ſetas de herva, que elles muito uſam; mas não perigáram, por já terem ſua mézinha contra ella. Havendo oito dias que os noſſos andavam neſte trabalho de tapar humas minas, que os Mouros tinham feito pera entrar na fortaleza, e repairar muita parte do damno que tinham feito nella, e algumas vezes ſahindo fóra, dando moſtra que queriam pelejar com elles; chegou D. André, que não pode fazer ſeu caminho com tempo contrario por já ſer paſſada a monção. Os Mouros com eſta chegada delle affaſtáramſe tanto da fortaleza, que não pudeſſem ſer viſtos della, moſtrando que temiam a vinda daquella náo, em que deſeſperavam de a poder tomar com tanto ſoccorro. Poſta eſta mudança em prática entre os noſſos, huma das peſſoas, que ſentio ſer iſto mais ardil que temor, foi Martim Correa; porque vendo que os Mouros, ſegundo a eſtimação de todos, ſeriam quinze mil, e os noſſos té trezentos e cincoenta homens, a maior parte doentes, e feridos, e bem canſados do trabalho, e continuada vigia, da qual couſa os Mouros eram ſabedores per aviſo que tinham, fez que aquella noite eſti-

tivessem mais á lerta, e apercebidos pera combate, como de feito assi foi. Vindo duas horas ante manhã tão calados, como se foram dez homens, sendo mais de oito mil, e cercada toda a fortaleza em torno, começáram de arrimar mais de setecentas escadas de cana, que a seu modo são mui leves, e prestes pera subir per ellas; e tanto que sentíram serem sentidos, acudíram com huma grita per todalas partes, que parecia vir o Ceo abaixo, com que mettêram os nossos em grande confusão, posto que já estavam esperando aquella hora. Mas naquelles taes casos muito vai de esperar a experimentar. Porque a gente desta Ilha, principalmente a nós, por causa de temerem a artilheria, e armas de arremesso, por não fazerem ponteria de dia, sempre commettem de noite. E quanto ella he mais escura, então mais ousados; e se chove, muito mais, porque sabem que neste tempo não lavrá a polvora, que elles muito temem. Nos quatro lanços do muro estavam repartidos em quatro capitanías, huma tinha Aires Coelho, outra Bastião de Sousa, outra Martim Correa, e a quarta de Manuel Mendes de Vasconcellos Capitão mór do mar, com muitas estancias repartidas per as principaes pessoas da fortaleza. E no primeiro impeto dos Mouros houve tanta pres-

sa

ſa em todalas partes, que ninguem leixava a ſua, porque áquella hora todalas eſcadas que traziam foram arvoradas ſem algum temor; e de muito ouſados ſem ſaber o que faziam, por razão do eſcuro, os pés vinham a metter per as bocas das bombardas, querendo trepar per ellas. Havendo já huma grande hora que de ambalas partes ſe contendia animoſamente, os noſſos por os lançar a baixo, e os Mouros por ſubir, vieram ſete elefantes ao lanço que tinha Aires Coelho, e com as teſtas ſem temor das lanças que os feríram, a hum tempo, como ſe foram homens do mar, que çalameam pera a hum tempo pôrem toda a força, aſſi a puzeram elles em o lanço da eſcada de maneira, com que a inclináram pera dentro, como ſe fora huma ſebe, e cahíram tódolos homens, que eſtavam em cima. E porque a revolta foi alli grande, acudio Baſtião de Souſa, e Martim Correa, e acháram Aires Coelho com huma chuça na mão, e outros com lanças a dar nas trombas dos elefantes, de que faziam pouca conta, ante por ſerem afiados de quem os mandava, hiam por diante. Ao qual trabalho acudíram eſtes dous Capitães com gente, e panellas de polvora, de que os elefantes aſſi foram eſcaldados, e aſſombrados, que fazendo volta atrás, foram trilhando, e eſ-

magando té lançarem a vida a muita gente do arraial, e não paráram dahi a duas leguas, sem ao outro dia os poderem trazer ao arraial. Desapressados os nossos hum pouco com muito damno, que os Mouros recebiam em toda a parte, como gente que se queria vingar, foram-se a huns tanques de madeira do tamanho de cubas de ter vinho, que naquellas partes servem em as náos em lugar de pipas de trazer agua, aos quaes puzeram fogo, e assi a huns navios, que estavam postos em estaleiro. O qual fogo foi a elles causa de maior destruição com a muita claridade, porque começou Martim Correa com hum camelo a fazer alguns tiros, e matou-lhes dous elefantes, e nos Mouros fez rostolhada de corpos mortos. Finalmente a noite ainda que pera os nossos foi de muito trabalho, sómente huma mulher prenhe, de huma seta de herva, que a foi caçar onde estava, morreo, e muita gente foi ferida, e a principal pessoa era Manuel Mendes, que tinha huma das quadras, com huma lançada que houve pelo pescoço. Porém a elles a noite lhes custou mui caro por ficarem estendidos per derredor da fortaleza bem dous mil corpos mortos, e mais de trezentas escadas das que traziam, que servíram pera o fogo da fortaleza. E assi acháram os nossos grande nú-

número de feixes de lenha untados com hum oleo da terra, a que os Medicos chamam Napta, o qual se dá em huma fonte, que está naquelle Reyno de Pedir, cousa muito pera temer o fogo della por arder debaixo da agua, os quaes feixes foram logo queimados, por ser cousa de muito perigo estarem alli. A noite deste trabalho D. André estava ainda em a náo, e ao outro dia leixando nella Antonio Coelho de Sousa, que era o Capitão, e dante servia de Capitão mór do mar, e tambem per doente hia com D. André a se curar, em elle chegando á fortaleza, Aires Coelho seu cunhado lhe entregou a capitanía. E passados os primeiros dias de sua chegada, em que se concertou o damno que os elefantes tinham feito, e repairáram outras cousas pera sua defensão, porque já mais entendiam em se defender, que offender, ajuntáram-se estas pessoas, que eram as principaes: D. André, Aires Coelho Alcaide mór, Bastião de Sousa, Francisco de Sousa, e João de Sousa seus sobrinhos, Martim Correa, Manuel Mendes de Vasconcellos, Antonio Coelho de Sousa, Simão Toscano, Manuel de Faria, Manuel Lobato, Francisco Velho, todos pessoas nobres, e Officiaes daquella fortaleza, e consultáram se era cousa que podia ser sustentar aquella

la fortaleza. E postos todolos inconvenientes assi de não poderem esperar soccorro a menos tempo que a seis mezes, o qual havia de vir da India, que por razão da monção não podia ser mais cedo, com a má disposição da gente que cada dia adoecia, e tambem falta de mantimentos, era certa cousa correrem grande risco. Finalmente praticado este negocio entre as pessoas principaes, veio a que fosse a mais da gente neste conselho, do qual sahio que leixassem a fortaleza. E porque os Mouros não sentissem que se embarcavam a este fim, ordenáram que a artilheria miuda se enfardelasse, e como cousa de mercadoria a metessem nos bateis; e quanto a grossa, que a carregassem tanto, que quando lhe puzessem fogo, arrebentasse. Porque como os Mouros estavam dalém do rio, e elle era estreito, não podiam embarcar peças tão grossas, senão á vista sua. E pera effeito deste recolhimento ordenáram que Martim Correa ficasse na trazeira com doze homens, e os bombardeiros, e depois de toda a gente recolhida, puzesse fogo á fortaleza, e artilheria. O qual se foi a Igreja, e tirados os retavolos, e postos no chão, foram cubertos de polvora, e posta ella per caminhos, e partes que corresse o fogo per todo, té ir dar na artilheria grossa, veio-se

re-

recolhendo, e hum bombardeiro de trás com hum murrão na mão, com que poz o fogo eſtando já na praia. A polvora tanto que lhe tocou o fogo, fez obra de tanto terror, que té os meſmos authores ficáram aſſombrados; mas não que os Mouros leixaſſem de acudir, aſſi a impedir os que ſe embarcavam, como á fortaleza. E deram tanto trabalho aos que ſe embarcavam, que foi dando-lhes a agua pelo peſcoço, leixando muita fazenda na praia, de que logo foram ſenhores, e aſſi da que ficou na fortaleza, vindo dar moſtra a ſeus donos como não era queimada. Porque paſſada a trovoada primeira, acudíram mui preſtes apagar o fogo, que ſe começava atear na folhada das caſas, e madeira; e o que peior foi, não chegou a muitas peças da artilheria, com que agora nos fazem bem de guerra. E com ella, e outra, que ante, e depois, (como ſe adiante verá,) eſte Mouro houve de nós com damno noſſo, he feito o mais poderoſo tyranno que ha naquellas partes, ſem té hoje lhe termos dado caſtigo notavel. E verdadeiramente o modo que ſe teve neſte recolhimento foi tão deſordenado, que quanta honra os noſſos tinham ganhado na defensão deſta fortaleza, tanta perdêram no modo de a leixar: tanto vai de defender a vida a deſamparar fazenda alheia,

allicia, porque eſta foi a primeira couſa, que os noſſos leixáram naquellas partes com o temor no roſto, e vergonha nas coſtas. E o que fez eſte caſo mais deſaſtrado foi, que ſahindo da barra daquelle rio os noſſos em tres navios, e huma náo, em que hiam aquelles principaes deſpoſſados do ſeu, acháram trinta lancharas carregadas de mantimento com muita gente, que mandava ElRey de Arú em ſoccorro a D. André, que lhe elle mandára havia dias pedir, (como eſcrevemos,) e elle vinha per terra com mais de quatro mil homens. E quando as lancharas víram o desbarate dos noſſos, tornáram-ſe recolher, e elles ſeguíram ſeu caminho té chegarem a Malaca, onde tambem acháram embarcados com gente, e munições Antonio de Miranda, e Lopo d'Azevedo, que hiam ſoccorrer aquella fortaleza, não lho merecendo D. André, o qual ſe veio pera a India, e Baſtião de Souſa ſeguio ſua viagem de Banda. E o remedio que houveram aquelles principaes, que foram buſcar o amparo de noſſa fortaleza em huma náo de mercadóres, que eſtava no porto de Pacem, ſe embarcáram, e foram em companhia dos noſſos té Malaca. ElRey de Pacem ficou com ſua mãi em Malaca: ElRey de Pedir, e o de Daya ſe foram pera ElRey de Arú, e huma irmã deſ-

deste de Daya, que foi mulher deste tyranno que os roubou, e desterrou, pelo odio que lhe tinha, por causa do irmão, ella o matou com peçonha no anno de quinhentos e vinte e oito, como veremos em seu lugar.

CAPITULO V.

Como Martim Affonso de Mello Coutinho foi á China pera fazer huma fortaleza, e assentar paz: e como a Armada dos Chijs pelejou com elle, com que lhe conveio tornar-se.

POis estamos nesta parte da India além do Gange, por seguir a ordem da historia, que no principio deste oitavo Livro dissemos, convem tratar do que se fez, depois que D. Duarte começou governar, té que entregou a governança da India ao Conde Almirante, que o succedeo, como veremos. E a primeira cousa será o que fez Martim Affonso de Mello Coutinho na viagem que fez pera a China, que elle Governador despachou, depois que D. André Henriques era partido pera esta fortaleza de Pacem, onde elle Martim Affonso veio ter; e aqui com as mercadorias que fez em Chaul, como escrevemos, e outras de que se provêo em Cochij, fez sua carga de pimenta. Feita a qual, se partio pera Mala-

ça,

ca, onde chegou com quatro vélas, de que elle era Capitão mór, e das outras Vaſco Fernandes Coutinho, Diogo de Mello ambos ſeus irmãos, e Pedro Homem filho de Pedro Homem Eſtribeiro mór que fora d'ElRey D. Manuel. E o regimento que levava d'ElRey D. Manuel, era ir aſſentar amizade com o Rey da China, parecendo-lhe que a tinha a terra comnoſco por razão da ida de Thomé Pires, que Fernão Peres d'Andrade lá enviára com nome de Embaixador, (como atrás eſcrevemos,) ſem ſaber em que eſtado viera ter eſta ſua ida. E que trabalhaſſe muito no porto de Tamou, ou onde foſſe mais proveitoſo, e ſeguro pera noſſas couſas, fazer huma fortaleza, onde elle ficaſſe por Capitão com os Officiaes, e gente que levava, e ordenaſſe tudo como as couſas do commercio ficaſſem em negocio corrente; eſta era a ſubſtancia da ſua ida. E porque Duarte Coelho, que a eſte tempo eſtava em Malaca, por as vezes que fora á China, ſabia bem do negocio daquellas partes, e aſſi Ambroſio do Rego, que o anno paſſado viera de lá a requerimento delle Martim Affonſo, e de Jorge d'Alboquerque Capitão de Malaca, foram ambos com elle, mais por comprazer a elles, que por ſua vontade, porque ſabiam que a terra não eſtava tão aſſentada

co-

como elles cuidavam, polo que com elles tinha passado, e assi succedeo. Porque partindo de Malaca com seis vélas, as quatro que elle Martim Affonso levava da India, e as de Duarte Coelho, e Ambrosio do Rego, a dez de Julho de quinhentos e vinte e dous chegáram ao porto de Tamou em Agosto do mesmo anno, a tempo que os Officiaes d'ElRey estavam encarniçados na prea, e roubo, que fizeram na fazenda dos nossos, principalmente de Thomé Pires, como atrás escrevemos. Duarte Coelho como homem que tinha offendido aquella gente, ou que fosse de cautela, ou que o seu navio por ser junco não era tão companheiro como os outros, não entrou com Martim Affonso dentro no porto, e ficou fóra obra de sete leguas. Neste tempo, porque era o da monção, que os navios de Malaca, do Patane, e Sião vam demandar aquelle porto pera fazerem seus commercios, andava o Capitão mór da Armada d'ElRey da China per aquella costa, e entrada da Cidade Cantam. E como vio que os nossos navios foram tomar porto, como gente confiada, e que tinha pouca conta com o que tinham feito, leixou-se estar, e o fez logo saber aos Officiaes de Cantam; os quaes temendo que com sua vinda houvesse alguma concordia de paz, e elles tor-

tornassem o que tinham tomado, mandáram-lhe dizer, que em nenhum modo os consentisse, por serem havidos por ladrões espreitadores das terras, e que ElRey assi o mandava; mas que tivesse modo de romper com elles, posto que pedissem paz, porque tudo era fingido. O qual recado mandáram secretamente sem o saber o Ceuhij, que então chegára, e não sabia parte do que elles tinham feito; e por ser Official superior delles, temiam que commettendo os nossos paz, e elle lha concedesse, poderia fazer justiça delles. Finalmente assi como o ordenáram, aconteceo; porque Martim Affonso sem fazer algum mal, nem damno, posto que fosse provocado a pelejar, tirando-lhe artilheria, com que entendeo que o não queriam receber na terra, determinou de haver lingua della, tomando duas linguas de hum barco, a que vestio, e deo dadivas, e per elles mandou recado ao Capitão mór da Armada. Mas estes não tornáram, nem menos outros que foram os segundos, ante estes lhe disseram como a terra toda estavá contra elles polos damnos, e males que os outros Capitães tinham feito naquelle porto; e que ElRey mandava que não os consentissem alli, e per ventura esta era a causa porque o Capitão mór queria guerra com elles. Neste tem-

tempo mandou elle Martim Affonſo dous bateis noſſos fazer aguada a terra, os quaes foram commettidos dos Chijs de maneira, que vieram com ſangue, e ſem agua, e ainda houveram que lhes fizera Deos mercê tornarem-ſe a recolher com a vida ás náos. Duarte Coelho como ſabia que eſta Armada tinha tomada a entrada per onde ſe elle havia de ir ajuntar com Martim Affonſo, não ouſando de romper tão groſſa couſa, mandou de noite huma manchua bem eſquipada de remos ſaber o que fazia Martim Affonſo, e dizer-lhe, que ſeu voto era que ſe deviam todos ajuntar. Mas a manchua, ou que não pode, ou como quer que foſſe, tornou dahi a dous dias, e o recado que trouxe, foi dizer que ſómente houvera viſta dos noſſos, e que os via eſtár como gente mais ſegura, do que o tempo requeria, e que com os muitos navios pequenos da Armada dos Chijs não ſe atrevêra chegar a elle. Martim Affonſo polo que tinha ſabido dos da terra, e por ter peior ſignal não haver reſpoſta do Capitão dos Chijs, que vir a pelejar com elle, quizſe fazer á véla, e tirar daquelle lugar ao mar largo, porque melhor lhe vinha acharſe no largo, que mettido naquelle eſtreito. E ante que deſcubriſſe huma ponta, onde ſe elles haviam de determinar, indo diante

ſeu

ſeu irmão Diogo de Mello, e Pero Homem, por trazerem os navios mais pequenos, quaſi como deſcubridores; como os Chijs eſtavam em olho do que elles faziam, vieram demandar os dous navios, e começáram de os esbombardear, ao que elles tambem reſpondiam. Mas como aquella hora não era dos noſſos, o primeiro ſignal que deram de vitoria aos imigos foi accenderſe fogo na polvora, que trazia Diogo de Mello, com que as cubertas do navio foram poſtas no ar, e elle, e o caſco ſe foi ao fundo. Pedro Homem poſto que tinha bem que fazer em ſi, todavia mandou alguns marinheiros, que com o batel recolheſſem alguns dos noſſos, que andavam nadando, parecendo-lhe que algum poderia ſer Diogo de Mello; e iſto foi azo de mais preſtes os Chijs lhe entrarem o navio polo achar com aquella gente menos. Poſto que lhe cuſtou a entrada mui caro, porque Pero-Homem aſſi como era no corpo hum dos maiores homens de Portugal, aſſi a valentia de ſeu animo, e forças corporaes eram differentes do commum dos outros, o que poucas vezes ſe achá nos de ſua eſtatura. E foi o ſeu pelejar de maneira, que ſenão foram os tiros da artilheria, nunca morrêra: tamanho temor tinham os Chijs de chegar a elle. Mas como eſta não perdoa

doa a pessoa alguma, quando anda entre ella, ella o matou, e muitos que o ajudavam. E porque os Chijs quasi todos acudíram á entrada deste navio, teve Martim Affonso lugar de escapulir daquella multidão, e veio-se depois achar com Duarte Coelho na costa de Choampa. O qual tambem teve que contar de como escapou de duas Armadas dos Chijs; mas parece que tinha melhor fortuna só com elles, que acompanhado. Os Chijs, (como já atrás contámos,) não quizeram mais pera abonar suas razões, que este desastre, e levarám muita da nossa gente preza, tudo por mostrarem ao Ceuhij que nós eramos os culpados, e tão soberbos, que commettêramos a Armada d'ElRey. Com o qual feito acabáram de matar Thomé Pires, e assi os que com elle foram prezos, e ficou total guerra entre nós, e elles. E segundo alguns dos nossos depois escrevêram, mais morrêram na cadeia de fome, e máo tratamento, que lhe nella davam, que per justiça. Porque esta de morte, como ha de ser confirmada per ElRey, e com pregão, não se fez a execução nelles, senão depois de vir recado d'ElRey, que foi em Setembro do anno de vinte e tres. E segundo seu modo, vinte e tres pessoas foram feitas em pedaços, cortando-lhes pés, e mãos, cabeça,

e a fóra a outra parte com pregão de ladrões, roubadores das terras, e outros foram mortos á bésta, celebrando muito esta justiça por tirarem a opinião que o povo tinha concebido de nós, assi em valentia, como em proveitosos no commercio ás terras, onde o fizemos. Martim Affonso como não se deteve na China mais que quatorze dias, em que passou este trabalho, chegou a Malaca meado de Outubro de quinhentos e vinte e dous, e na monção de Janeiro de vinte e tres se veio pera a India, e dahi perá este Reyno o anno de quinhentos e vinte e cinco, aonde chegou a salvamento.

CAPITULO VI.

Como com o favor do damno que Jorge d'Alboquerque recebeo em Bintam, o Rey desta Ilha mandou hum Capitão com grande frota sobre Malaca: e mandando Jorge d'Alboquerque sobre elle ao rio de Muar, seu cunhado D. Sancho Henriques, por saber que estava elle dentro, por huma trovoada que veio, se veio desbaratado pera Malaca com perda de muita gente, que lhe os Mouros matáram, e se afogou.

ATrás, tratando dos feitos, que se fizeram em Malaca, escrevemos o que acontceo a Jorge d'Aboquerque Capitão del-

della, na ida que fez a Bintam, e por lhe succeder de maneira, que foi mais em favor dos Mouros; que nosso, cobrou ElRey de Bintam tanto animo, que logo nas costas de Jorge d'Alboquerque mandou o seu Capitão mór do mar com algumas lancharas ladrando trás elle a ver se lhe podia derramar algum navio manco. Mas como desta sua vinda não levou muita gloria, viremos a enfiar as cousas que elle mais fez no tempo de Jorge d'Alboquerque té hum grande curso, em que se passáram muitas naquella Cidade. E a primeira que este Mouro commetteo a seu salvo passada esta de Bintam, sabendo que Antonio de Brito era partido pera Maluco, e levava muita gente, e na Cidade havia pouca, e mais della enferma, e a outra fora morta naquella ida, veio com suas lancharas, que são huns navios de remo mui ligeiros, de que elles usam pera a guerra do mar. E em se Jorge d'Alboquerque recolhendo á Cidade, nas costas delle chegou a Malaca, e queimou dous juncos, que estavam surtos no porto, que eram de mercadores, e estavam por descarregar de muita mercadoria. Ao qual atrevimento querendo acudir Gil Simões Capitão de hum bargantim, foi morto com quantos levava. Porque como andava mascabado na honra de hum feito, em que elle

moſtrou fraqueza, quiz-ſe neſte moſtrar tão cavalleiro, que ſe foi metter no meio das lancharas. E por não poderem remar tanto como elle as outras que levava em ſua companhia, vendo que era tomado, e as vélas de Lacſamana muitas, não o quizeram ſeguir, com o qual bocado elle ſe foi em ſalvo. Depois deſte deſaſtre acontecêram outros, que favorecêram a ElRey de Bintam pera mais ouſadamente mandar fazer guerra a Malaca; porque como elle vio que a Cidade eſtava desfalecida de gente, eſtendeo-ſe com ſuas lancharas a mais que andarem derredor de Bintam, mandando hum ſeu Capitão per nome Perduca Raja com quarenta lancharas todas a ponto pera commetter qualquer feito. O qual trazia por ardil vir dar huma viſta a Malaca de noite, ou ante manhã, e tornar logo ao outro dia, recolhendo-ſe ao rio de Muar, que são ſete leguas de Malaca, e com eſtes ſaltos a miudo nos canſar, e tambem fazia prêa em os navios, que a elle vinham com ſuas mercadorias. Vindo eſte Perduca Raja no fim de Abril de quinhentos e vinte e tres com eſtas quarenta lancharas, em ſe recolhendo pera dentro do rio de Muar quaſi ſobre a noite, houve viſta delles Duarte Coelho, o qual hia em hum navio ſeu deſcubrir a enſeada de Cochinchina per manda-

dado d'ElRey D. Manuel, por ter ſabido ſer aquella enſeada couſa de que ſahiam mercadorias ricas. A qual terra os Chijs chamam Reyno de Cacho, e os Siames, e Malayos Cochinchina, á differença do Cochij do Malabar. Mas deſta feita o não fez pelo que topou no caminho, como logo veremos, e depois deſcubrio eſta enſeada ſem aſſentar pazes com o Rey por ſer morto, e dous filhos contendiam ſobre a herança, com a qual differença Duarte Coelho eſcapou da furia da guerra, que então andava entre elles, e o mais que fez foi metter os padrões de ſeu deſcubrimento. E o que topou no caminho que per eſta vez o tornou a Malaca foi a ver viſta das lanchàras de Perduca Raja, e ſuſpeitando ao que vinham, veio dar nova a Jorge d'Alboquerque. E primeiro que dalli ſahiſſem, ordenou de dar ſobre elles, mandando Dom Sancho Henriques ſeu cunhado a grão preſſa com dez vélas, elle em hum galeão por Capitão mór, Duarte Coelho em ſua naveta, Henrique Leme em huma galeota, Manuel de Berredo em outra, e Diogo Lourenço, Franciſco Fogaça, João de Soria, Affonſo Luiz, e Fernando Alvares, cada hum em ſua lanchara, nos quaes navios iriam té duzentos homens. E porque foſſem mais diſſimulados, mandou D. Sancho a

Henrique Leme, que elle com as lancharas ſe foſſe cozendo com a terra pera tomarem a boca do rio, e elle com Duarte Coelho, e Manuel de Berredo iriam largos ao mar; porque tendo os imigos viſta delles, parecer-lhes-hia que eram navios de mercadores, e perderiam o tento da terra, com que os poderiam commetter mais a ſeu ſalvo. E tambem ſe elles quizeſſem vir dar em Malaca, havia de ſer cozendo-ſe com a terra, e encontrallos-hiam, e como os acolheſſem em mar largo, ſeriam mais ſenhores delles. Henrique Leme chegado á boca do rio Muar, deſejoſo de ganhar ſó aquella honra, mandou huma manchua, que he hum pequeno barco, que entraſſe dentro no rio, e lhe foſſe deſcubrir o que faziam as lancharas dos imigos. A qual manchua deo com outra eſpia delles, que tambem vinha deſcubrir a boca do rio; e com a meſma cubiça de Henrique Leme de ganhar honra, o da noſſa manchua deo na outra; e a tomou, em que houve tirarem de ambas as partes eſpingardas. Henrique Leme quando ouvio os tiros, parecendo-lhe que a ſua manchua era tomada das lancharas dos imigos, entrou dentro no rio com aquelle impeto, ſem eſperar por ſeu Capitão; no qual inſtante huma trovoada que eſtava prenhe de vento, em elle entran-

do

do rompeo tão fortemente, que ante de ver as lancharas dos imigos, soçobráram logo algumas nossas, e outras; e a galeota de Henrique Leme, com a furia do vento, foram dar entre a Armada dos Mouros, que os cercáram logo; e no meio do grande murulho do mar foram a maior parte mortos, e alguns escapáram em huma lanchara de Francisco Fogaça, que veio de noite; e o mais que pode fazer com seus companheiros, foi desalagar a galeota da agua, e salvar alguns. Vinda a manhã, quatro lancharas das dos imigos os vieram demandar, e como gente vitoriosa pelejando foram ter ao galeão de D. Sancho pera mal de outros, que estavam em salvo. Porque D. Sancho com desejo de vingança mandou Manuel de Berredo em a sua galeota, e Francisco Fogaça com a sua lanchara por ter gente fresca, que a outra que escapou não estava pera isso, cuidando que podiam entreter os imigos a não sahirem do rio, e foram a morrer a poder delles por serem já muitos. E a elle D. Sancho, e Duarte Coelho, que estavam largos ao mar, fezlhes Deos mercê em virem em salvo pera Malaca; porque com a occupação de peleja destes dous não os víram, nem se vieram a elles, leixando lá sessenta e tantos homens afogados, e mortos a ferro.

CA-

CAPITULO VII.

Como estando D. Sancho Henriques no Reyno de Pacem a buscar mantimentos, foi morto das lancharas de Bintam: e de outros desastres, que os nossos tiveram com esta guerra, que elles faziam a Malaca.

TOdo o damno que os nossos recebiam nesta guerra era favor a ElRey de Bintam, e dava-lhe tanto credito, e estima, que começou a cobrar entre os Mouros vizinhos a authoridade que tinha perdida de maneira, que sendo os mais destes nossos amigos, e contrarios delle, mudou-se-lhe esta vontade com a mudança de sua fortuna, fazendo que ElRey de Pam da costa de Malaca, sendo nosso amigo, viesse a casar com huma filha sua em odio nosso, e tiveram este casamento encuberto té ElRey de Bintam fazer alguma boa preza, como fez. Porque como estas lancharas d'ElRey de Bintam não leixavam vir mantimentos a Malaca, ordenou Jorge d'Alboquerque de os mandar buscar per todalas partes. E por chegar então da India André de Brito, a quem o Governador D. Duarte de Menezes dera licença que fosse áquellas partes fazer seu proveito, e elle trazia pera isso huma

ma não sua bem concertada, mandou Jorge d'Alboquerque em sua companhia dous juncos, que fossem todos tres a Sião, por ser hum Reyno mui abastado de arroz, e de todo mantimento. Tanto que estas tres vélas foram partidas, com a mesma necessidade mandou D. Sancho no galeão em que andava, e outros dous navios em sua companhia, de que eram Capitães Ambrosio do Rego, e Antonio de Pina, ao porto do Reyno de Pam, que he na mesma costa de Malaca caminho de Sião, por ser Rey nosso amigo, e que té então nos vinha do seu Reyno tudo o que nelle havia, sem saber como elle estava aparentado em nosso damno com ElRey de Bintam. D. Sancho pola necessidade em que leixava Malaca, e se aviar mais prestes, tanto que carregou o navio de Ambrosio do Rego, mandou que se sahisse do rio de Pam, e o fosse esperar a huma Ilha, a que chamam a Pedra branca; e como o navio de Antonio de Pina foi tambem carregado, mandou-lhe que se sahisse do rio, e o esperasse na barra. E parece que assi havia de ser, que espedisse de si as ajudas de sua vida, porque ainda este navio não era posto na barra, quando sahíram trinta e cinco lancharas d'ElRey de Bintam, que estavam pelo rio dentro postas em cilada. E assi se houveram com

D.

D. Sancho, que matárem a elle, e a seu irmão D. Antonio, ambos filhos de D. Affonso Henriques Senhor de Barbácena, e com elles trinta Portuguezes, sómente dous grumetes que leváram por signal de vitória a Bintam a quinze de Novembro de quinhentos e vinte e tres. E querendo vir fazer outro tanto a Antonio de Pina, que era já em mar largo, posto que o seu navio era zorreiro, por ser junco, elle a poder de véla lhe escapou com grande perigo: cá vendo que as lancharas lhe hiam tomar a boca do estreito, per onde havia de entrar, que he de travessa pouco mais de hum tiro de bésta, navegou per cima das Ilhas de Çuria Raja, mais por escapar ás lancharas, que por ter a navegação segura. E foi dar comsigo na Jaua no porto da Cidade Agaçum, com que tinhamos commercio, de que adiante veremos o fim de sua fortuna, por contar outro tal desastre, que aconteceo a André de Brito. O qual estando no porto do rio Sião carregado de mantimentos, e assi os dous juncos, que dissemos, que foram em sua companhia, foi ter com elles Duarte Coelho, que hia da enseada de Cochinchina, quando foi descubrir correndo a costa do Reyno Choampa. E como era pessoa conhecida no Reyno Sião, polas vezes que lá fora, (segundo já es-

escrevemos,) achando André de Brito, e os juncos quasi retidos pelos Officiaes d'ElRey, per maldades, e cousas que Mouros nossos imigos tinham ordenado, elle os desimpedio, e se veio com elles pera Malaca. E por o seu navio ser veleiro, veio esperallos á Ilha a que chamam Pulo Timam, onde lhes tinha dito que os havia de esperar. Peró como elles tardàvam, e elle soube alli da morte de D. Sancho, e a necessidade em que Malaca estava, por lhe acudir, partio-se pera lá, onde chegou a salvamento. Os juncos apartados da náo de André de Brito, chegando donde Duarte Coelho se partíra com a nova que lhe deram da morte de D. Sancho, e tambem que as mesmas lancharas tinham tomado a André de Brito em Abril de quinhentos e vinte e quatro, e mortos todos á espada, como era verdade, por se ir alli metter em Pam com desejo de fazer algum proveito, não ousáram de ir caminho de Malaca, e tornáram-se a Sião, aonde depois o mesmo Duarte Coelho per mandado de Jorge d'Alboquerque os foi buscar, leixando já outro desastre feito em Malaca, que foi virem as lancharas com o favor destas vitorias huma noite, e matarem a Simão d'Abreu parente de Antonio de Brito, que estava por Capitão em Maluco, o qual com

as

as neceſſidades que tinha o mandou em hum navio. E paſſando muitos trabalhos, e perigos naquella viagem que fez, por não vir per o caminho ordinario, mas per hum novo que elle deſcubrio per via da Ilha de Borneo, que he ora mui navegado pelos noſſos, vieram as lancharas huma noite ter com elle á ilheta das náos, que he defronte da Cidade de Malaca obra de mil e quinhentos paſſos. E poſto que elle com treze homens que tinha em o navio ſe defendeo á força de ferro, não ſe pode defender ao fogo, que os Mouros puzeram a hum junco, que eſtava deſpejado, que foram trazer do porto da Cidade, por ſer alteroſo. E tanto que o ajuntáram ao coſtado do navio, puzeram-lhe o fogo, e o entretiveram té que ambos foram queimados, ſem haver na fortaleza quem lhe pudeſſe valer. Porque naquelle tempo não havia navio noſſo, que lhe pudeſſe acudir, por todos ſerem fóra a buſcar mantimentos pela coſta por a grande fome que havia na Cidade. E Dom Garcia Henriques neſte tempo tambem era ido a Bintam a tolher os mantimentos, e fazer a guerra que pudeſſe; e elle veio de lá com dous navios perdidos, e a gente delles morta per hum ardil que teve Lacſamana Capitão mór do mar d'ElRey de Malaca; e foi per eſta maneira. Havendo pouco

co tempo que D. Garcia Henriques cunhado de Jorge d'Alboquerque era chegado de Maluco; da viagem do qual áquellas partes adiante daremos conta, pola muita guerra que ElRey de Bintam mandava fazer a Malaca, e não lhe leixar vir mantimentos, que era a maior guerra que lhe podia fazer, quiz elle Jorge d'Alboquerque per o mesmo modo fazer-lhe a guerra. E mandou D. Garcia a Bintam com sete vélas, tres navios de gavea, dous caravelões, huma lanchara, e hum calaluz, de que eram Capitães elle D. Garcia, Roque Coelho de Tanger, Garcia Queimado, João Monteiro, Lucas Rodrigues, João Esteves, e Vasco Lourenço, em que iriam té duzentos homens, em que entravam muitas pessoas nobres. Chegado D. Garcia á boca do rio de Bintam, leixou-se estar esperando que sahisse Lacsamana Capitão d'ElRey pera pelejar com elle de fóra, como lhe mandava Jorge d'Alboquerque, porque dentro no rio era cousa impossivel pola experiencia que tinha das estacas, com que estava tapado, e retrocido, sem navio de quilha poder entrar. E quando Lacsamana não sahisse, que se leixasse estar no porto, como elle fazia no estreito de Cingapura, e lhe tolhesse os mantimentos, e tomassem os que viessem demandar o porto. Laçsamana era afadigado

do d'ElRey, que vieſſe pelejar com Dom Garcia; ao que elle reſpondeo: *Senhor, com Portuguezes, e navios de alto bordo não ſe póde pelejar com as lancharas raſas como eu trago, leixe-me, que eu conheço eſta gente, por me ter cuſtado ſangue, a boa fortuna anda ora comtigo, eu te vingarei delles*, e aſſi o fez. Porque logo na entrada do rio em hum cotovelo que o encubria, mandou ajuntar as ſuas lancharas, e cubrio-as tanto de rama, que pareciam arvores do mato, a quem as viſſe de longe; e feita eſta encuberta, mandou duas manchuas, que vieſſem esbombardear os noſſos. D. Garcia quando as vio tão atrevidas, mandou os dous caravelões trás ellas, as quaes fingindo temor, ſe foram recolhendo pera dentro, e os caravelões com açodamento de as tomar não ouviam os ſignaes dos tiros, que lhe D. Garcia mandou tirar por ſignal que ſe recolheſſem. Mas parece que aquelle era o ſeu derradeiro dia, porque ſahio Lacſamana tão preſtes, e vivo no remo, que primeiro que ellas fizeſſem volta, as tomou. D. Garcia quando as vio traſpôr da viſta pelo rio dentro, mandou a Roque Coelho, e a Garcia Queimado que foſſem trás elles; mas não fizeram tão pouco em eſcaparem, porque como o rio todo eſtava cheio de tranquia, e impedimento pera na-

vios

vios grandes não entrarem, foram dar em secco, e houveram de ficar alli, se a maré não viera tão açodada, que os salvou. Vendo D. Garcia este máo princípio, e que não era esta a sua hora, tornou-se pera Malaca.

CAPITULO VIII.

De algumas cousas, que os nossos passáram na Ilha da Jaua, em que alguns perecêram per traições de Mouros: e do que Simão de Sousa, e Martim Correa fizeram na Ilha de Banda, onde acháram Martim Affonso de Mello Jusarte em guerra com os naturaes: e como depois cada hum se partio a fazer suas viagens por razão de seu proveito.

PRimeiro que entremos nas cousas de Maluco, de caminho iremos contando algumas que passáram os nossos, que lá eram, e assi em Banda a fazer commercio da maça, e nóz, que ella tem, e começaremos no, que aqueceo a Antonio de Pina, que ainda he parte dos desastres de Malaca. O qual escapando das lancharas de Laccsamana, e atravessando per cima das Ilhas de Curia Raja, (como atrás escrevemos,) veio dar comsigo na Jaua no porto da Cidade Agacim, que he das mais célebres que ella tem, onde com elle veio ter Simão de Sou-

Sousa, e Martim Correa, que hum caminho de Banda, per o qual souberam a morte de D. Sancho, e os trabalhos que elle passou. Havendo sete, ou oito dias que Antonio de Pina chegára, e como os Jáos he gente atreiçoada, quizeram fazer outro tanto á náo de Martim Correa; vindo ante manhã seis lancharas, tres de huma parte, e tres da outra, e commettêram entrar nella. Mas quando acudio Martim Correa, que ás lançadas os fez apartar, lançáram o feito á zombaria, dizendo que mal recebiam a gente, que lhe trazia mantimentos. O que Martim Correa dissimulou, e disse, que comprar, e vender não se fazia ante manhã, que se alevantaria mais o Sol, então o faria, e assi o fez, não consentindo que entrassem dentro, sómente a bordo. Partidos elles, chegou hum homem Portuguez em hum parão com huma carta a elle Martim Correa, de Manuel Botelho Escrivão de hum navio, que estava mais abaixo em outra Cidade per nome Surubaya. O qual navio era de duas pessoas, de Jorge Soares de Brito, e de Christovão Soares vindos de Malaca fazer alli seu proveito. Na qual carta elle Manuel Botelho lhe dizia como per huma escrava sua soubera que se armavam certas lancharas pera ir dar sobre elles, por isso que tivessem tento em

si,

si, ou se partissem, se já estavam prestes. Com o qual recado Martim Correa se foi logo á Simão de Sousa, e por já estarem apercebidos, e não se pôrem em risco do que podia succeder, se partíram ao outro dia pera Banda, aonde era sua viagem. Ao seguinte dia, ou seríam estas do aviso, ou outras, tanto que víram partidos os nossos navios, como gente magoada, que perdêra aquella preza, saltáram com Antonio de Pina, que estava apousentado em terra, e o matáram, com dez, ou doze Portuguezes, e depois vieram tomar o seu navio com quanto tinha, assi que fugindo de tantos perigos, não pode fugir áquelle da morte, que lhe estava limitada na Jaüa. E Manuel Botelho dando aviso aos outros, não o teve comsigo, ou ao menos os senhorios delle, que andavam em terra muito descançados em Surubaya, onde tambem foram mortos, e em sua companhia hum Fidalgo per nome Fernão da Silva, com outros seis, ou sete Portuguezes. E querendo alguns paráos nesta revolta vir ao navio polo tomarem, os que ficáram nelle se defendêram mui bem, e fazendo-se á véla pera Malaca, chegáram a salvamento. Tornando á viagem de Simão de Sousa, e Martim Correa, que partíram de Agacim, temendo estas traições, chegáram á Ilha Banda a tem-

po

po que deram a vida a Martim Affonso de Mello Jusarte. O qual estava de fogo, e sangue com os moradores do lugar Lantor, que he da Ilha Banda, onde se faz commercio da maça, e nóz. Porque sobre differenças que tiveram, tinham queimado hum junco que alli fora ter, e elle estava acolheito em huma tranqueira em terra, que fizéra de palmeiras que cortára, com as quaes accrescentou maior odio, por ellas serem arvores de seu mantimento. E sobre isso fez tambem hum junco da madeira de arvores que davam noz, e de outras dos seus pomares de fruito, o qual mandou a Maluco carregar de cravo. E além disso veió a sua gente a tanta soltura, que tomavam o mantimento na praça, sem os querer castigar, necessitados de os não quererem vender. Com o que estava em tanto rompimento, que se recolheo áquella tranqueira sómente com sete Portuguezes, que tinha comsigo, e setenta Mouros Malayos, que vieram pera amarinhar o junco que lhe queimáram; os quaes Mouros estavam já confederados com os da terra pera os matarem, posto que eram casados em Malaca. E quem alli levou Martim Affonso, foi partir elle diante de Pero Lourenço de Mello, e o foi esperar em Pedir a fazer carga de pimenta, pera ambos dalli irem á China

e Pe-

e Pero Lourenço foi-se perder nas Ilhas, que já atrás dissemos. E vendo Martim Affonso que o tempo da monção pera a China se passava, pareceo-lhe que Pero Lourenço escorrêra, e sería em Malaca, onde o elle não achou., esteve alli perto de hum anno. No qual tempo Jorge d'Alboquerque mandou a D. Rodrigo da Silva filho de D. Henrique Henriques com hum navio pera ir a Banda, e a Maluco; e Garcia Cainho, que era Feitor de Malaca, armou hum junco, e fez huma armação com elle Martim Affonso pera ir carregar de maça, e noz. Chegados elles a Banda, veio alli ter D. Garcia Henriques, que vinha de Maluco, e por a necessidade com que ficava Antonio de Brito, D. Rodrigo se partio pera Maluco, aonde foi morrer de febres. E Martim Affonso ficou alli posto em odio com a gente, e havia mais de oito mezes que isto era passado, quando Simão de Sousa, e Martim Correa chegáram. Os Mouros da terra, que o tinham posto em cerco, vendo os dous navios de Simão de Sousa, temendo que os havia de castigar polo que fizeram, primeiro que elle tomasse o pouso da ancoragem, vieram-se a elle, e fizeram-lhe queixume de Martim Affonso dos males que tinham recebido; e elle tambem depois deo suas razões, por o

não terem por author daquellas differenças. Porém como cada hum queria seguir seu parecer, depois as tiveram ambos por duas causas; a primeira por elle Martim Affonso querer que Simão de Sousa com a sua gente tomasse emenda dos males, que os Mouros lhe tinham feito, o que elle não concedeo, porque vinha a fazer commercio, e não guerra. E por esta causa depois de elle Simão de Sousa estar alli, per desordens de alguns de sua companhia os Mouros lhe matáram sete Portuguezes em Lutatam, onde elle estava, em que entravam estas pessoas nobres: Martim de Lemos mui especial cavalleiro, Francisco Veloso, João Vaz, e Thomé Dias Escrivães dos juncos dos armadores, e Martim Correa, o que elle dissimulou, por saber que a soberba dos nossos o merecia, e cumpria-lhe ter a terra em paz, e não de guerra. E a outra causa da desavença entre elles, e Martim Affonso foi, que Antonio de Brito, que estava por Capitão em Maluco, por a muita necessidade em que estava, mandou Gaspar Gallo em hum navio, que fora de D. Rodrigo da Silva já falecido, como dissemos: pedindo a elle Martim Affonso, que lhe mandasse todolos mantimentos, que pudesse haver de quaesquer navios, e juncos, que alli estivessem de mercadores de Mala-

ca,

ca, e iſto pola muita neceſſidade em que eſtava, mandando-lhe apreſentar os poderes que tinha d'ElRey de Capitão daquella Ilha Banda. O qual Gaſpar Gallo falleceo de febres em chegando, com que o navio ficou vago ſem Capitão; Martim Affonſo lançou mão delle, dizendo, que vinha a elle dirigido. Simão de Souſa como tambem trazia provisões do Governador D. Duarte de Menezes, porque mandava que elle foſſe Capitão mór de todolos juncos, náos, navios, que foſſem ter a Banda, em quanto elle nella eſtiveſſe, e aos Capitães delles que lhe obedeceſſem; quizera tomar eſte navio pera o dar a ſeu ſobrinho Franciſco de Souſa, dizendo, que elle Martim Affonſo podia ir a Maluco em hum junço, que com a vinda delle começou a fazer. Finalmente Martim Affonſo de Mello como o navio vinha dirigido a elle, por Antonio de Brito ſaber que eſtava elle alli havia tempo, ficou o navio com elle, e feita cada hum ſua fazenda, Baſtião de Souſa ſe veio pera Malaca. Em companhia do qual ſe vieram eſtes juncos, que lá foram ter, hum de Martim Correa, que elle em Banda comprou por vir nelle, e a ſua náo por deſgoſtos que teve a vendeo a Troilo de Souſa ſobrinho de Simão de Souſa, e outro junco era de Martim Affonſo de Mel-

 lo,

lo, que elle alli fez em lugar do que lhe queimáram. E mandou nelle Antonio Pessoa, que era Feitor da armação que elle tinha feito com Garcia Cainho, e nos outros dous vieram Martim Pegado de Elvas, e Bastião Pegado. E Martim Affonso de Mello polo que lhe escreveo Antonio de Brito da necessidade em que estava, e proveito que se lá poderia fazer, por a grande novidade que havia de cravo, se foi pera elle em o navio em que veio Gaspar Gallo; e estoutros se tiveram paixões na carga, muito móres trabalhos foram os do caminho. Porque o junco de Martim Pegado, por ser pequeno, e muito carregado, com o primeiro tempo se alagou, e sómente escapáram na champana, que levavam per popa tres, ou quatro Portuguezes, que nella foram ter á Ilha Bacham, os quaes ElRey mandou a Antonio de Brito Capitão de Maluco. E o junco em que hia Antonio Pessoa chegou primeiro que os outros á Cidade de Agacim; e como os Jáos estavam levantados pola morte de Antonio de Pina, que contámos, por emendar este mal, fizeram outro tanto a elle, e tomáram o junco assi como hia carregado, e outro tanto quizeram fazer ao de Bastião Pegado, quando alli chegou em companhia de Simão de Sousa, e valeo-lhe cortar as amarras. Assi

que

que dos navios que partíram em ſua companhia, o ſeu, e eſte com outro foram ter a Malaca, e o de Martim Correa deo-lhe hum temporal no dia da partida, e foi ter a tres Ilhas de Banda, onde houvera de ſer morto pola gente da terra; e por evitar eſte perigo ſe diſpoz a navegar bem mal concertado, e foi ter á Ilha Amboino, onde achou Martim Affonſo. E como os Mouros, que elle levava, entendêram que não hiam pera Malaca, os mais delles lhe fugíram, e os outros que ficáram, arrombáram o junco; mas Martim Correa lhe acudio. E partidos dalli, chegáram a Maluco a doze do mez de Setembro do anno de quinhentos e vinte e quatro, onde logo foram juſtiçados os Mouros, que arrombáram o junco, e outros ficáram cativos. Contamos eſta revolta, que foi a primeira que os noſſos tiveram naquella Ilha de Banda, por moſtra de outras peiores couſas que entre os noſſos paſſáram, mais cauſadas da cubiça do fruito que ella dá, que todos pertendem trazer, que da deſordem dos temporaes. E ás vezes permitte Deos que da ſemente da cubiça ſe colhem os deſaſtres do perdimento dos juncos, e da fazenda que nelles vai, e o dono em cima.

CA-

CAPITULO IX.

Como Cachil Mamolle irmão baſtardo de Cachil Daroez, que andava degredado em vida d'ElRey ſeu pai, porque ſeu irmão o não conſentia na terra, determinou de o matar, e elle cahio no laço: e do odio que ElRey Almançor teve a Cachil Daroez polo favor que tinha noſſo.

PEra enfiarmos as couſas de Maluco, em quanto D. Duarte governou a India, ſerá neceſſario tornar ao eſtado em que leixámos Antonio de Brito Capitão da fortaleza de S. João de Ternate, e quando a elle começou a fazer, que foi o anno de quinhentos e vinte e hum, (como fica atrás no fim do ſetimo Capitulo do quinto Livro deſta Decada.) A qual foi fundada com tanto prazer, como depois proſeguindo a obra, deo de trabalho aos noſſos, por ſer officio do demonio urdir, e receber couſas pera ſe não effeituar alguma obra em ſerviço de Deos; e a primeira foi eſta. Em vida d'ElRey Boleiſe defunto, pai do Rey Ayallo menino, que então vivia, andava deſterrado hum Cachil Mamolle ſeu filho baſtardo, irmão de Cachil Daroez, por traveſſuras, e couſas, per que ſeu pai o lançára fóra de ſi, e a eſte tempo eſtava na Ilha Geilolo.

O

O qual vendo que ſeu irmão Cachil Daroez o não queria recolher, e que por razão do governo que lhe a Rainha entregára, (como atrás eſcrevemos,) e muito favor que tinha de Antonio de Brito, eſtava tão izento, que fazia pouca conta delle, e de outros homens principaes, começou ordenar com elles, e com a Rainha, per meios que pera iſſo teve, que não deviam conſentir que mais governaſſe, porque hia tomando tanta poſſe do governo, que ſe levantaria com o Reyno. E iſto tambem teceo com ElRey de Tidore pai da Rainha, que nenhuma outra couſa deſejava ſenão deſtruir Cachil Daroez, quanto mais via creſcer a obra da noſſa fortaleza. E feita a torre da menage com muros, e baluartes de pedra, e cal, e defensões que elle não era coſtumado ver, via nelles a meſma morte. A Rainha tambem aconſelhada por ſeu pai, e arrependida do poder que tinha dado a Cachil Daroez, pareceo-lhe que eſte ſeu poder havia de matar ſeu filho, e deſtruir a ella. Finalmente foi o demonio tecendo huns odios, e ſuſpeitas deſte Cachil Daroez, que o irmão Cachil Mamolle determinou de o matar, e não ſem favor, e conſelho deſtas principaes peſſoas, que lhe queriam mal. Mas porque elle iſto não podia fazer á face deſcuberta, veio a Ternate de noite mui-

tas

tas vezes, huma das quaes elle mesmo foi morto mui perto da nossa fortaleza. A fama da sua morte teve duas culpas na opinião da gente: os que queriam mal a Cachil Daroez, a davam a elle, dizendo que soubera vir elle áquella Ilha de noite, que o mandára fazer; outros diziam que as guardas que vigiavam, cuidando ser alguma escuita, o fizeram, sem saber quem era. A morte do qual causou maior indignação contra Cachil Daroez. E como elles sabiam que todo seu poder, e valia procedia de Antonio de Brito, determináram de o matar a ferro, ou com peçonha, como melhor pudessem. E pera isso ElRey de Tidore ordenou hum banquete, o qual queria dar por honra de seu neto em Ternate em suas casas, que eram perto da nossa fortaleza, onde Antonio de Brito havia de ser convidado, da qual cousa elle foi avisado per Cachil Daroez. Vindo o dia do banquete, pera o qual era chamado, ElRey de Geilolo, e todolos principaes destas Ilhas, em que se ajuntou grande número de gente, quando vieram chamar Antonio de Brito, estava elle lançado na cama com mostra de hum accidente que lhe dera. E per os mensageiros d'ElRey, e da Rainha se mandou desculpar, mandando em seu lugar o Feitor Ruy Gago pera receber aquella hon-

honra , com que ElRey de Tidore ficou em vão de seu proposito. Passado o dia da festa , em que a mais da gente se foi pera suas casas, leixou-se ficar ElRey de Tidore , dizendo que queria folgar alguns dias com sua filha, e seu neto, e ás vezes o hia visitar Antonio de Brito com mostras de amizade. No qual tempo elle tinha boa guarda na fortaleza, e tudo estava a recado, dissimulando com o Rey, té que se foi bem triste por ver que a obra crescia em mais fortaleza. Porém este trabalho custou a vida a muitos , adoecendo a gente com elle, e com a variedade dos mantimentos, e mais estando debaixo da linha Equinocial. Entre as pessoas que daquella enfermidade morrêram , as principaes foram Ruy Gago o Feitor, e ficou no seu officio Duarte de Rezende, que era Escrivão da Feitoria. Estando as cousas neste estado entre Antonio de Brito, e ElRey Almançor de Tidore, crescia o odio cada vez mais , e o credito de Cachil Daroez, porque elle era o que sustentava nossas cousas, com que recebia muita honra delle Antonio de Brito, que pera todos seus imigos era huma dor sem paciencia , a qual se convertia em damnarem a nós no que podiam de maneira, que começáram de lhe fazer guerra a mais dissimulada que pudéram, com mandar que a gente

te

te coſtumada trazer mantimentos á praça, não os trouxeſſem. Além diſto aconteceo neſte tempo virem alguns juncos da Ilha Banda á Ilha Tidore a buſcar cravo, couſa que não podiam fazer. Porque como eſta Ilha Banda eſtava debaixo do ſenhorio d'ElRey de Ternate, eram elles obrigados a vir a ella, e não a outra parte; e aſſi eſtava aſſentado com ElRey Almançor que os não havia de receber na ſua Ilha, e elle, e elles em odio da noſſa fortaleza hiam lá vender, e comprar. Antonio de Brito mandou-ſe per vezes queixar a ElRey Almançor; mas elle deo tão pouco por iſſo, que ordenou Antonio de Brito de mandar lá huma fuſta pera dar cata a alguns juncos que alli eſtavam, e que achando-lhes cravo, que o tomaſſe; ao qual feito foi Antonio Tavares, e por lingua Antonio Cabral. Na qual falla parece que ſe deſmandou muito, com que ElRey ficou eſcandalizado, e muito mais por irem dar cata a hum junco, que tinha tomado hum pouco de cravo em tempo que a gente delle era em terra. E aconteceo que com hum tempo que veio ſubito, a fuſta foi ter á coſta, e os Mouros como víram os noſſos em terra, matáram todos, e aſſi alguns eſcravos que remavam, o qual feito diſſeram a Antonio de Brito que fora per mardado d'ElRey.
E

E mandou-se queixar a elle da morte daquelles homens, e que devia mandar castigar os que tal obra fizeram; ao que ElRey respondeo com palavras, mostrando ter disso muito pezar, e que quanto aos authores de tal obra, que alli os mandava pera delles tomar emenda. O que Antonio de Brito houve per hum grande desprezo, por serem estes homens que mandava muitos cives, e que elle por outros delictos tinha condemnados á morte. Finalmente daqui se moveo que Antonio de Brito assentou com Cachil Daroez, que era melhor fazer descubertamente a guerra a ElRey de Tidore, porque ella faria que não proseguisse em taes obras com titulo de amigo, as quaes havia de usar por ser mui manhoso, em quanto não fosse castigado. E pera se esta guerra fazer com melhor côr, fez Antonio de Brito per meio de Cachil Daroez ajuntar ElRey, e a Rainha com todolos principaes do Reyno, e lhe propoz esta injúria, e damno que tinha recebido d'ElRey Almançor, e assi outras cousas, que todas eram signaes de imigo. Dadas per elle muitas razões, e taes que a Rainha, e todolos seus não tendo que responder em contrario, disseram que a guerra se movia justamente, pois ElRey Almançor taes cousas consentia. E porém disse a Rainha, que ella, e

seu

ſeu filho queriam ir eſtar primeiro á prática com ſeu pai, per ventura ceſſariam eſtes movimentos de guerra. A qual viſta foi no mar, onde Almançor veio, e em lugar de paz, conſultáram como fariam guerra á fortaleza, do que Cachil Daroez, como homem que trazia eſcuitas nas couſas que ſe moviam contra nós, foi logo ſabedor. E o que mais affirmou ſer iſto verdade, foi tolherem totalmente os mantimentos, que vinham á praça, de que a fortaleza ſe mantinha, e não ſe podia haver huma gallinha pera hum doente a pezo de ouro. Cachil Daroez, a quem Antonio de Brito fazia queixumes deſtas couſas, reſpondeo-lhe, que ante que o negocio vieſſe a mais mal, ſeu conſelho era que lançaſſe mão da Rainha, e d'ElRey, e os trouxeſſe á fortaleza, e os tiveſſe nella em modo de refens, em quanto a não tinha acabada, e eſtava tão pobre de gente, como havia nella, e iſto foſſe logo ante que a Rainha ſe acolheſſe pera a ſerra, onde tinha ſabido que ſe queria ir com todolos filhos. Antonio de Brito dando conta aos principaes da fortaleza, poſto que houve muitas dúvidas ſobre o caſo, aſſentáram per derradeiro eſte ſer o remedio mais ſeguro por não morrerem todos á fome. Ordenado o dia que iſto havia de ſer, eſcolheo Antonio de Brito quarenta, ou cin-

co-

coenta homens, aos quaes mandou rodear as cafas d'ElRey, e que lá achariam Cachil Daroez, que daria ordem como haviam de trazer a Rainha, e ElRey, e elle hia logo trás elles. Chegando os noffos onde eftava ElRey, fentindo a Rainha a gente, como mulher culpada, e que receava alguma coufa, fe poz em falvo, leixando os filhos, ElRey, e Cachil Dayalo, e Cachil Tabarija, que era o menor. Aos quaes Cachil Daroez não confentio tocar algum dos noffos, dizendo, que as peffoas Reaes haviam de fer levantadas pelos de fua linhagem; e chegando a ElRey, com muita veneração o tomou nos braços, e mandou a dous homens Fidalgos, que tomaffem a feus irmãos, e os levàram todos tres ao collo. O rebate foi logo dado na Cidade; e fahindo com elles já fóra dos feus Paços, chegou Antonio de Brito, e os levou com aquella mefma honra, e acatamento. Poftos em cima em hum apoufentamento da torre onde lhe eftava ordenada, como a feu modo, e como Rey que era, foi tanta gente derredor da fortaleza, que foi neceffario a Antonio de Brito chegar a huma janella, e per meio de Cachil Daroez lhe fez hum razoamento, todo fundado no ferviço d'ElRey feu Senhor, e fegurança de fua peffoa, e por affocegar o ani-

animo de algumas pessoas, que queriam metter aquelle Reyno em revolta. E que lhe lembrasse quanto ElRey Boleife tinha encommendado a todos a amizade dos Portuguezes, e quanto procurára aquella fortaleza, que alli viam feita, a qual estava toda offerecida com quantos Portuguezes nella houvesse ao serviço d'ElRey, pera lhe defender seu Reyno, e estado de seus imigos. E que soubessem certo que ElRey estava tão contente, como nos braços de sua mãi, e assi seus irmãos. Per este modo Cachil Daroez como homem prudente lhe disse taes cousas, com que todos se tornáram pera suas casas contentes do que era feito. E por mostra de mais segurança da pessoa d'ElRey, Cachil Daroez ordenou que tres, ou quatro pessoas nobres do serviço d'ElRey se viessem pera o servirem, e que nos seus Paços lhe fizessem o comer, e pera seus irmãos, e de lá o traziam feito pera as pessoas que o acostumavam fazer. Como Antonio de Brito teve este penhor, per conselho de Cachil Daroez, com trombetas mandou denunciar guerra contra ElRey de Tidore, e prometter a qualquer homem que lhe apresentasse a cabeça de hum dos seus moradores, que lhe daria hum tanto. E como aquella gente he belicosa, e cubiçosa, foi tamanho o alvoroço nelles de prazer,

qu-

que os mantimentos pera os nossos vieram logo á praça, e eram tantos os saltos que se faziam na Ilha por ganhar o premio, que em poucos dias mandou pagar Antonio de Brito mais de seiscentos pannos. E além desta guerra, que fazia a gente commũm em seus paráos, mandou Antonio de Brito armar hum navio pera ir sobre o porto da Cidade Tidóre, e lhe defender todolos mantimentos, e cousas que lhe hiam de fóra, a capitanía do qual deo a Jorge Pinto da Silva. O qual estando prestes pera partir, chegáram Martim Affonso de Mello Jusarte, e Martim Correa, que (como atrás escrevemos) ambos se ajuntáram em companhia pera vir áquella parte. Com a qual chegada Antonio de Brito deteve Jorge Pinto té ver o que faria, por não ir só, esperando que com estes dous Capitães, e gente que traziam poderia fazer a guerra a Ternate mais poderosamente. Passados os primeiros dias que estes novos hospedes descançáram, teve Antonio de Brito conselho com elles, e com Cachil Daroez. Porque como era homem fiel a nós, e cavalleiro de sua pessoa, e de grão conselho pera aquelle negocio da guerra, convinha ser presente. E assentáram que fossem chamados todolos principaes, e amigos, e vassallos d'ElRey de Ternate de todolas Ilhas

a el-

a elle vizinhas, que o viessem ajudar com todo seu poder, os quaes neste ajuntamento, por ser muita gente, se detiveram mez e meio. No qual tempo, porque quando fossem tomassem a ElRey Almançor mais necessitado, mandou Antonio de Brito ao mesmo Antonio Pinto, que em o navio que tinha armado se fosse lançar sobre o porto da Cidade Tidore, e com elle foi Lionel de Lima hum Fidalgo mancebo em hum zambuco, os quaes atormentáram bem a Cidade huns dias que alli estiveram em lhe tolher os mantimentos. E como os Mouros víram que o modo delles era em apparecendo o navio, ou barco que se vinha pera a Cidade, logo hiam a elle, ordenáram de os acolher per este seu modo, mandando de noite huma coracóra, que são navios leves de remo, que a outro dia apparecesse ao mar, como que vinha com algum mantimento da Ilha Geilolo, que está defronte. E tanto que os nossos navios fossem a elle, se fizesse em outra volta, como que se acolhia a hum seio, que a mesma Ilha Tidore fazia, onde estava huma calheta, a de dentro dá qual haviam de estar certos paráos em cilada. E na entrada da calheta estava hum recife de pedras, que a agua lavava de maneira, que se não viam, e per cima podia entrar barco leve, fazendo

do conta que este recife sería huma rede, em que elles esperavam caçar, e assi foi. Porque tanto que amanheceo, vista esta coracóra, Jorge Pinto por lhe cahir mais á mão, se foi a ella. E como hia alvoroçado com o remo teso quasi a prôa sobre a popa delle, como galgo sobre as ancas da lebre, entrando na calheta, encalhou, por ser navio pezado, e de quilha. Ao qual logo sahíram os paráos; e posto que Jorge Pinto pelejou como cavalleiro que era, todavia elle ficou alli morto com seis Portuguezes, e quarenta remeiros que hiam com elle. Lionel de Lima quando de longe vio a peleja de Jorge Pinto, acudio-lhe; mas não ousou de entrar no recife, por não ficar da mesma maneira encalhado, e mais era já tão tarde este seu chegar, que não aproveitára. Os Mouros dos paráos não se contentáram com este feito, que lhe succedeo segundo cuidáram, mas ainda por mostrar a seus vizinhos a vitoria, cortáram as cabeças aos nossos, e foram-se a huma Ilha chamada Moutel, meia legua de Tidore, (por esta Moutel ser do senhorio de Ternate,) e com grande festa em seus paráos embandeirados do mar mostráram as cabeças dos nossos aos da terra, perguntando-lhes se as conheciam, e que levassem esta nova ao Capitão Antonio de Brito. O qual co-

como isto soube per estes moradores de Moutel, mandou logo vir Lionel de Lima pera prover ao diante nesta guerra, que teve tão máo princípio.

CAPITULO X.

Como ateada a guerra entre os nossos, e ElRey Almançor de Tidore, ainda que no principio della acontecêram desastres com morte, e feridas de alguns dos nossos, por fim de alguns grandes damnos que ElRey recebeo, veio pedir paz a Antonio de Brito, que lhe elle não concedeo.

AO tempo que aconteceo este desastre eram perto de mil e quinhentos homens juntos na Cidade de Ternate, todos convocados pera esta guerra contra ElRey Almançor. E tendo Antonio de Brito conselho sobre este caso aquecido, e proseguimento da guerra com os Capitães, que vieram de Banda, Cachil Daroez, e outros mandarijs principaes, propostas muitas cousas de huma, e de outra parte, assentou-se que era mui bem proseguir na guerra; porque era a melhor conjunção que podia ser, por ser junta tanta gente pera servirem El-Rey, com animo de morrerem por elle, e mais por não parecer fraqueza nossa, que com o primeiro damno perdiamos o fervor

dá

daquella guerra. E ordenou-se assi, que Martim Affonso de Mello como principal pessoa se partisse logo em hum navio, e com elle Lionel de Lima, e Martim Correa em outros, e se fosse lançar sobre a calheta, onde matáram Antonio Pinto, e alli esperassem Cachil Daroez, o qual havia de partir com huma frota de cem paráos, com toda a gente da terra que era junta, e assi se fez. Chegado Martim Affonso ao lugar ordenado, porque estava ocioso esperando Cachil Daroez, e hum Gaspar d'Almeida, que hia em sua companhia saber huma Aldea junto da agua huma legua donde estavam, disse, que lhe parecia bem que aquella noite a fossem queimar, o que Martim Affonso approvou, e apercebeo pera isso dous paráos, e dous bateis com té quarenta homens. E porque determinou dar nella ante manhã, partio-se de noite por não ser visto da Cidade Tidore, porque havia de passar ao longo della pera ir á Aldea que estava além. E por mais que elle Martim Affonso se despachou, por lhe ser contrario o vento, era já alto dia quando passáram per ante a Cidade. O porto da qual estava cheio de paráos de guerra; e quando víram que os nossos não eram mais que quatro vasilhas tão pequenas, entendêram que hiam dar no lugar,

e foram-se trás elles, com proposito, que como elles saltassem em terra, de lhe tomar a embarcação. E porque Martim Affonso chegando ao lugar, cahio no ardil que elles levavam, fez huma volta sobre elles, e com os berços, e artilheria os enxutou longe ao mar, e tornou-se a huma calheta que o lugar tinha. Os moradores do qual com o temor da guerra que com elles tinhamos, leixáram a povoação de baixo, que seriam algumas dez, ou doze casas, por ser de pescadores, com huma mesquita, e subíram-se em cima de huma rocha de pedra viva, que estava em hum teso pouco affastado da Aldea. Martim Affonso por não ir de balde, determinou de sahir em terra; e chegando ao pé da fraga da penedia, não achàram outro caminho senão huma vareda entaliscada com os penedos de huma parte, e da outra, que hum homem despejado teria bem que fazer em ir per elle acima. E no meio desta subida, onde era mais estreita, estava hum paráo atravessado como defensão da passagem, pera no tempo da necessidade, vindo os imigos a elles, o lançarem sobre elles, e mais acima outro polo mesmo modo. Martim Correa como hia diante, e vio cousa tão difficultosa, começou de bradar com Gaspar d'Almeida porque os enganára,

ra. Ao que elle reſpondeo : *Ao tempo que eu vim a eſte lugar , não ſabia que tinha eſte minhoto o ninho tão alto.* Martim Correa em modo de graça diſſe : *Pois eu hei de ver eſtes minhotos como eſtam aninhados* ; e começou de ir adiante té chegar aos paráos ; e achando ir diante ſi hum Gomes Botelho Clerigo , perguntou-lhe onde hia ? reſpondeo : *Vou lançar aquelle paráo donde eſtá , pera termos lugar de ir , e ſubirmos acima. Pois aſſi he* , diſſe Martim Correa , *eu vos quero por companheiro* , e ambos o foram lançar. Vendo iſto Franciſco Lopes Bulhão , que eſtava em baixo com Martim Affonſo , que Martim Correa achára caminho , como era cavalleiro , e tinha grandes pontos niſſo , foi-ſe pela vereda acima ajudar a lançar o outro ſegundo , e aſſi o fizeram , que fez tamanho eſtrondo , vindo pelos penedos abaixo , que acudíram os Mouros de cima. E vendo que os noſſos encaminhavam a elles , começáram ás pedradas , e com galgas de pedra tão furioſas a defender irem adiante , que conveio a Martim Correa , e aos outros metterem-ſe debaixo de huma lapa , que fazia huns penedos , té que Martim Affonſo chegou com a gente , e começáram com as eſpingardas apartar os Mouros de cima por não tirarem mais. Na qual chegada da gente como

mo o lugar era estreito, e huns queriam ir por cima dos outros, acertou hum dos nossos espingardeiros fazer hum tiro, e não lhe querendo a polvora tomar fogo, abaixou-se pera a concertar. E estando nisso, parece que lhe ficou alguma faisca na escorva, com que desparou a espingarda, e foi dar pelo hombro direito a Martim Affonso, passando-lhe os bocetes da malha, té entrar dentro no corpo. Ao qual desastre acudio logo Martim Correa, e tirados os bocetes, que víram bufar o sangue, porque parecia a ferida mortal pelo lugar onde foi, o trouxeram a hum batel, apertando-lhe a ferida com huma touca do mesmo Martim Correa, que lhe servia de capacete. E foram-se com esta empreza tão mal acabada, que se rematou em queimarem a mesma mesquita, e casas que alli estavam. Tornados todos á calheta onde estavam os navios, foi mandado Martim Affonso em hum paráo á fortaleza a se curar, e Martim Correa se leixou ficar com os navios na guarda da Cidade té vir Cachil Daroez com a gente que ficava ordenada. Mas Antonio de Brito sentio tanto este desastre, que entreteve Cachil Daroez, e logo ao outro dia mandou vir Martim Correa com determinação de totalmente leixar a guerra, temendo que com aquelles de-

desastres viesse a perder tanta gente, que não tivesse quem lhe defendesse a fortaleza, porque não tinha per todolos Portuguezes que eram juntos, mais de cento, e vinte. Porém como Cachil Daroez tinha mettido neste negocio muito cabedal, e junto muita gente, e tambem mostravamos grande fraqueza por causa de dous desastres desistir logo da guerra, concedeo-lhe Antonio de Brito ir elle com toda a gente da terra tomar hum lugar chamado Mariaco, situado no meio da Ilha em hum teso, que parecia de todalas partes, principalmente da face que estava contra a Ilha Ternate, onde tinhamos a fortaleza. E a razão que o moveo a dar neste lugar, foi por ser o mais nobre, e o melhor da Ilha, onde antigamente os Reys della estavam; mas depois por causa do commercio dos navios que alli hiam buscar o cravo, se desceo ElRey á fralda do mar, fazendo novamente a Cidade em que estava. Na qual viagem logo no commettimento do caso aconteceo outro tal desastre a Francisco de Sousa, que hia por Capitão dos Portuguezes, per esta maneira. Cachil Daroez como levava muita gente, tanto que chegáram ao porto, encaminhou a Francisco de Sousa per hum caminho mais breve pera o lugar Mariaco, e disse-lhe, que com o corpo da sua

gen-

gente havia de rodear per outra parte, pera encavalgar a ſerra onde elle eſtava aſſentado, e que viria dar nelle; como déſſe, que daria huma grita, a que elle Franciſco de Souſa acudiſſe. Aſſentado eſte modo, fazendo Franciſco de Souſa de vagar ſeu caminho direitamente ao lugar, como os Mouros ſe vigiavam, e ſentíram que vinha per o caminho ordinario, deſcêram ao encontro delle com huma grande grita. Franciſco de Souſa parecendo-lhe que era Cachil Daroez, que entrava já no lugar, apreſſadamente foi dar nos contrarios. Na qual revolta foi elle ferido em huma perna com a eſpingarda do meſmo eſpingardeiro, que ferio a Martim Affonſo, por ſer hum homem hum pouco embaraçado quando vinha ao uſar de ſeu officio. Parece que o temor o tornava no que devia de fazer; e ſe Cachil Daroez não acudíra, houvera-ſe de fazer mais mal, que ferirem quantos feríram dos noſſos. E por ſalvar a peſſoa delle Franciſco de Souſa, tornou-ſe aos batéis, mandando elle, e os feridos a Antonio de Brito, aqueixando-ſe delle guardar tão mal a ordem que lhe dera: que lhe pedia que ſe não agaſtaſſe, que elle ſómente com os ſeus queria proſeguir naquella couſa, e que não ſe havia de ir dalli té lhe ſua mercê mandar Martim Correa;

rea;

rea, por ſer homem mais maduro, e uſado na guerra que Franciſco de Souſa, por ſer ainda mancebo, e novo nella, e com Martim Correa vieſſem de quinze té vinte Portuguezes, e que não queria mais. Antonio de Brito totalmente com eſte terceiro deſaſtre poz-ſe em não querer mais proſeguir na guerra, e aſſi o mandou dizer a Cachil Daroez, e que eſpediſſe a gente; mas elle como era homem cavalleiro, e por não perder ſeu credito, e tambem não dar gloria a ſeus imigos, leixou a ſua gente onde eſtava encommendada a hum ſeu Capitão; e tanto pode com ſuas razões, que houve Antonio de Brito por bem que foſſe com elle Martim Correa com té vinte homens. E eſcreveo a Lionel de Lima, que eſtava ſobre o porto de Tidore pera lhe tolher os mantimentos, que ſe foſſe pera Martim Correa com alguns homens, leixando o navio a bom recado, o que elle fez, levando comſigo quinze homens. Eſte lugar de Mariaco, como diſſemos, eſtava em hum alto todo cercado de madeira mui groſſa, e baſta, com traveſſas de outros páos per dentro pregados com prégos groſſos, e ſuas guaritas em cima em partes pera defender a ſubida, e por cauſa do rebate que lhe deram, eſtavam com dobrada artilheria, e gente. E poſta toda em cima

aſſi

aſſi a de Cachil Daroez, como a noſſa, quiz Martim Correa dar huma viſta ao aſſento do lugar, e tomou logo poſſe de duas ſerventias, onde poz homens. E na que hia contra Tidore, poz hum berço de metal, e com elle Lionel de Lima, donde podia fazer muito damno ao lugar, por lhe ficar ao ſob pé, e mais defenderia ſe algum ſoccorro lhe vieſſe per aquella parte. E depois que andou notando, e per onde era mais facil entrada, primeiro que começaſſe a fazer alguma obra, foi-ſe a hum valle ahi perto, onde Cachil Daroez eſtava lançado com ſua gente logrando a freſcura de huma ribeira, que corria mui gracioſa, por deſencalmar da calma grande que fazia. E entrando Martim Correa per entre a gente, que eſtava toda bem deſcançada, como quem queria primeiro ter a féſta, e vinha de vagar a cercar o lugar, começoulhe a dizer: *Sus, ſus, he tempo, vamos a fazer noſſa obra.* Ao que elles reſponděram: *Ainda não nos chegou a vontade*; porque elles em quanto lhes não vem aquelle furor de pelejar, ninguem os move. Cachil Daroez vendo Martim Correa como vinha apreſſado, diſſe-lhe: *Logo me vou trás elle, porque eſta gente eu ſei como ſe quer, e não ſe move ſenão a ſeu modo.* Martim Correa como vio o ſeu vagar, tornou-

ſe

ſe, e levando comſigo ſete, ou oito mandarijs delles, homens ſeus amigos, que ſe prezavam de cavalleiros, e com outros tantos que o quizeram ſeguir, foi-ſe pôr em huma parte da cerca, que tinha os páos mais ralos, e não tão fortes, por ter de dentro huma parede de huma caſa comprida, que encubria aquella entrada, a qual Martim Correa tomava por mais ſegura, porque entrando na caſa, ficava já além da cerca dentro na povoação, e defendido com as paredes da caſa. E determinando-ſe de entrar por aquella parte, mandou chamar Lionel de Lima, que eſtava em guarda do berço, e trouxe comſigo alguma gente; ao qual deo conta de ſua determinação, e elle reſpondeo que tal não fizeſſe, por ſer couſa mui perigoſa, e que elle tinha huma carta de Antonio de Brito, em que lhe mandava, que commettendo elle Martim Correa couſa de tanto perigo, que lhe requereſſe de ſua parte que tal não fizeſſe. E ſobre iſſo tirou huma carta, e começou de a ler diante da gente em alta voz que ouviſſem todos, amoeſtando-lhe que obedeceſſem a ſeu Capitão mór. Ao que Martim Correa reſpondeo: *Senhor Lionel de Lima, Antonio de Brito me dava hum regimento, quando determinou de eu vir a eſte negocio, e eu lhe reſpondi que não tinha já ida-*

idade pera ler regimentos, que o leixasse em mim, e não me atasse o entendimento, e as mãos; vossa mercê se vá embora guardar o berço com a gente que lá tendes, leixai-me esses homens que trazeis, se comigo quizerem ficar. Peró como elles queriam mais obedecer ás palavras da carta de Antonio de Brito, que ás de Martim Correa, seguíram a Lionel de Lima. Sómente Joanne Mendes hum cavalleiro, (como o era de sua pessoa,) disse a Martim Correa: *Eu, senhor, não tenho mais companhia comigo, que esta chuça, e adarga, que trago nas mãos; se vos eu contento com ellas, vamos aonde quizerdes, que eu vos acompanharei té morte.* Martim Correa dando publicamente a Joanne Mendes os agradecimentos de tão honradas palavras, chegou-se a elle passo, e disse-lhe o que havia de fazer. E porque desta banda de fóra ao longo dos páos, per onde elle esperava entrar, estava huma caniçada, disse Martim Correa aos mandarijs que com os seus criados a derribassem, e vissem se tinham os Mouros mettidos per alli alguns estrepes de peçonha, cousa entre elles mui usada. Derribada a caniçada, e o lugar seguro da suspeita dos estrepes, chegou-se Martim Correa, e per hum canto abalou hum páo daquelles com tanta força, que o moveo per

huma parte per onde entrou de ilharga, e trás elle dous criados ſeus com eſpingardas. Joanne' Mendes, que também andava buſcando entrada per alguma parte, como vio Martim Correa entrar, foi-ſe trás elle, e aſſi hum dos mandarijs que o ſeguiam. Os Mouros como ſentíram ſua entrada, aſſi das guaritas, como de dentro, a pedradas, fréchadas, e zarguncho offendiam bem; e o primeiro ſignal que tiveram de boa ventura, foi que andando entre elles hum Mouro honrado parente d'ElRey de Tidore, muito aſſignado, governando os outros, fez tão boa ponteria hum dos eſpingardeiros, com que o derribou. Sobre o qual caſo Lionel de Lima, do lugar onde eſtava por ſer alto, vendo o trabalho em que Martim Correa andava, acudio com ſua gente, e juntos todos em hum corpo, começáram a ferir os Mouros de maneira, que fizeram huma boa praça. A eſte tempo foi dado nova a Cachil Daroez como o lugar era entrado dos noſſos, e com alvoroço, bem como huma banda de eſtorninhos deſce a huma arvore onde ſe quer pouſar, aſſi a ſua gente foi em hum avoo ſobre as tranqueiras, e dahi entráram na povoação, fazendo maravilhas nos Mouros que eſtavam dentro, ſendo todos homens de peleja. Porque as mulheres, e filhos tinham poſ-

postos em suas fazendas lá por dentro da serra, receando està entrada nossa; alguns dos quaes, que seriam té cento e tantos homens, cuidando que podiam segurar a vida, subiram-se em humas arvores altas de fruito da terra, que os moradores tinham postas nas portas pera sombra. Os contrarios, que era a gente de Cachil Daroez, não faziam senão derribar nelles ás fréchadas, como se foram aves de caça, sem lhes aproveitar entregarem-se por cativos. A este tempo estava Martim Correa assentado sobre hum assento a huma porta, que se não podia bem affirmar sobre huma perna, que tinha ferida, de hum arremesso, que lhe fizeram á entrada; e quando soube a crueza que os debaixo usavam com os de cima da arvore, chegou lá, e não havia remedio com Cachil Daroez que quizesse dar vida áquella gente, que se entregava, dizendo ser antigo costume, e quasi antre elles religião, que não podiam quebrar; que quando algum Rey, ou pessoa em seu nome era em guerra, e os imigos ante de virem a pelejar se não entregavam, depois não lhe davam vida. Nesta prática parece que hum dos de cima desesperou da vida, e por se vingar leixa-se cahir da arvore, e tanto que foi no chão, arremetteo a hum dos nossos com hum criz, que he arma como

mo as nossas adagas, e metteo-lho pelos peitos; mas elle foi logo feito em selada, sem lhe ficar membro inteiro, a qual cousa azedou mais Cachil Daroez. Todavia Martim Correa não podendo ver a carniceria que os Mouros faziam em descabeçar, e andar ás rebatinhas a quem levaria huma cabeça delles, como se fora huma fruita muito golosa, que se lançava da arvore, moveo a Cachil Daroez com esta razão, dizendo ser aquella guerra feita em nome d'ElRey D. João de Portugal, e não d'ElRey de Ternate, com que elle concedeo recebellos com seguro das vidas. E pera isto foi necessario fazer huma certa ceremonia, segundo seu uso, quando concedem tal cousa, que foi mandar trazer huma pouca de agua, e lançada pelo punho da espada, a bebeo pela ponta. Martim Correa acabada a sua ceremonia, tornou-se assentar onde estava, em quanto os Ternates andavam a descabeçar os corpos mortaes dos Tidores, por não haver já mais que fazer; mas primeiro que se elle fosse dalli, se vio em maior perigo, e trabalho, que em todo aquelle feito; e o caso foi este. Tem o demonio tanto poder, que tem semeada per todalas gentes huma opinião de honra de cavalleria; e quanto elles são mais barbaros, mais barbaramente usam no venci-

men-

mento de ſeus imigos. Das quaes opiniões vem que naquellas partes o maior ſignal que hum homem póde levar de guerra pera ſer eſtimado de cavalleiro, e receber acreſcentamento de ſeu Rey, he levar muitas cabeças de ſeus imigos, e não ſe tem em conta ſe os matou elle, ou não, levé-as huma vez, que iſto baſta pera ſer tido por cavalleiro. Com a qual gloria de honra vinha hum Mouro dos Ternates com duas cabeças atadas huma na outra ao peſcoço, correndo-lhe o ſangue pelos peitos, mais contente, que ſe trouxera hum fio de perlas com duas joias muito ricas. Trás o qual Mouro vinha outro, e de quando em quando tirava-lhe de huma das cabeças que lhe queria tomar, e o que era ſenhor dellas, arremettia a elle com grande furia, defendia-ſe delle com as mãos, e doeſtos da lingua. Chegados com eſte entremez onde eſtava Martim Correa, começou o velho com grande paixão dizer: *Senhor, valei-me aqui; dizei a eſte homem que me dê huma cabeça deſtas, porque ſou ſenhor de hum paráo, e não tenho nenhuma pera levar nelle pera minha honra, e elle leva duas ſem ter paráo.* Martim Correa cuidou que não fazia tanto mal, começou de rogar ao das cabeças que déſſe áquelle homem honrado huma das que levava; ao que

que elle respondeo, que não dormíra elle a sésta no valle onde os fora buscar, e houvera cabeça; mas sem suor, e seu sangue querer ganhar honra, que não estava em razão, porque a honra era filha do trabalho, e a preguiça madre da baixeza. O outro dava desculpas, e matava-se, pedindo a Martim Correa que em toda maneira lhe houvesse huma daquellas cabeças; o qual querendo lançar mão do senhor dellas, pera lhe tomar huma, deo dous pullos pera trás, bradando como se fora hum homem só, que o querem roubar ladrões; a que logo acudíram alguns tão indignados, como que queriam defender aquella força de maneira, que os leixou Martim Correa litigar em sua honra. Acabado de se desembaraçar delles, em que se mais detiveram, que no vencimento, mandou per parte poer fogo ao lugar. O qual como era de madeira, e bem secca, começou de lavrar de maneira, e fez tamanha luz, que vinda a noite, parecia huma serra de labareda, que foi vista da nossa fortaleza, e deo signal aos nossos da vitoria que tinha havida Martim Correa. O qual embarcado com toda a gente a requerimento de Cachil Daroez, passou pela Ilha Maquiem, á metade da qual era d'ElRey Almançor de Tidore, e a outra d'ElRey de Ternate. E

chegando a hum lugar dos de Tidore, que estava á borda da agua, mandou Cachil Daroez chamar alguns dos moradores, amostrando-lhe as cabeças que levavam dos Tidores, dizendo que se fizessem vassallos d'ElRey de Ternate, e não curassem d'ElRey Almançor, e senão, que sahiriam logo em terra a lhe fazer outro tanto. Finalmente estes com trazerem logo presentes, e outros que tambem se deram, e outros que foram conquistados a ferro, sahindo os nossos em terra, não se foram daquella Ilha sem toda ficar por d'ElRey de Ternate. E não tardou muitos dias depois que Martim Correa chegou a Ternate, onde foi recebido com muito prazer, e honra, que per ordem de Cachil Daroez elle Martim Correa foi á Ilha Batochina, hum lugar chamado o Gáne, que era d'ElRey de Tidore, sessenta leguas de Ternate, o qual destruio, e assi houve muitas vitorias dos Tidores no mar, servindo já neste tempo de Capitão mór do mar, e Alcaide mór da fortaleza, que lhe Antonio de Brito deo pelos serviços que alli fez. Com as quaes vitorias ElRey Almançor se vio tão perdido, e atribulado, que mandou pedir pazes a Antonio de Brito, que lhe elle não concedeo, porque o temor deste assombrasse os outros vizinhos a não quebrarem a nossa amizade,

co-

como eſte quebrou. E porque eſtas couſas já foram feitas no fim do anno de quinhentos e vinte e quatro, e na entrada de vinte e cinco, em que na India eſtava o Conde da Vidigueira Almirante dos mares della, de que veio por Viſo-Rey pera a governar, leixaremos ás mais deſte Oriente pera ſeu tempo, por eſcrever as que elle paſſou depois que partio do Reyno de Portugal, e nellas começaremos o Livro nono deſta terceira Decada.

DECADA TERCEIR
LIVRO IX.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém as cousas, que se nella fizeram, em quanto o Almirante Conde da Vidigueira foi Viso-Rey naquellas partes: e assi do tempo que D. Henrique de Menezes as governou.

CAPITULO I.

Em que se escreve o modo que se tem na eleição da pessoa do Governador da India: e quando falece, como o succede a pessoa que lá está: e como o anno de quinhentos e vinte e quatro ElRey D. João mandou o Conde da Vidigueira por Viso-Rey á India: e do que passou no caminho té chegar a Goa.

MUitas cousas leixam de escrever os Escritores da historia por serem mui sabidas, e notas aos vivos daquelle Reyno, e tempo, em que elles escrevêram, donde se segue ficarem elles sepultados no decurso do tempo, cuja memo-

moria he mui fraca, senão he ajudada da escritura. Porém quando em alguma particular achamos cousa do que elles não fizeram menção, ora seja de caso aquecido, ora de costume, e governo da nossa propria patria, deleitamo-nos muito com esta tal novidade, e ás vezes tomamos a mesma cousa passada pera exemplo do presente governo. E porque a principal que a India tem he a pessoa do Governador, e Capitão geral della, diremos aqui o modo de como he eleito quando daqui parte, e o juramento que lhe dam, e quando acaba o seu tempo, o que faz na entrega do proprio cargo áquelle que deste Reyno vai provído em seu lugar, e tambem per que modo succedeo o que lá está, quando algum falece. Porque ainda que estas cousas a nós os presentes sejam communas, podem ser conhecimento aos estranhos de como governamos aquelles estados do Oriente, e os nossos que depois vierem, saibam como se conservou per bom conselho; pois muitas das cousas per que se elle descubrio, e conquistou, que foram obras de seus avôs, esta nossa escritura os tem feito herdeiros da honra, que vertendo seu sangue elles ganháram. O Governador que deste Reyno he enviado, sempre na eleição delle se tem esta consideração, que seja homem de limpo

po ſangue, natural, e não eſtrangeiro, prudente, cavalleiro, bem coſtumado, e que ſe tenha delle experiencia em caſos ſemelhantes de mandar gente na guerra. E por evitar os artificios que ſempre ha neſtas eleições ácerca dos Officiaes, e peſſoas do conſelho d'ElRey, com os quaes elle conſulta eſtas couſas, donde ſe póde preverter eſta ſua ordem de eleger, além das couſas que eſte eleito pera Governador jura de guardar, e cumprir, pondo corporalmente as mãos nos Evangelhos, he que per ſi, nem per outrem pedio, nem requereo o tal cargo. Porque quer ElRey que huma tão grande couſa, como he ſer Governador da India, não ſeja havida per requerimento, ſómente per eleição. E as outras couſas que jura ácerca de fazer, e guardar juſtiça, cumprir os regimentos d'ElRey que lhe forem dados, e não receber ſerviços, e peitas de todo genero de homem, e que proveja os cargos, e officios aos criados d'ElRey, e não aos ſeus, e outras couſas que ha de guardar; he hum temor ouvillas, quanto mais confiar hum homem que as póde inteiramente cumprir. E não dá S. Paulo tantas partes a hum Sacerdote, que ha de acceitar a Dignidade Epiſcopal pera ſer acceito a Deos; quantas em ſeu modo hum Governador da India jura primeiro que entra

tra esta religião, que geralmente dura pouco mais de tres annos. E prouvesse a Deos que no primeiro anno de seu noviciado guardassem alguns a meia parte do que os obriga o juramento; porque se assi fosse, não veriamos em elles chegando a este Reyno os libellos, que contra os taes faz o Procurador d'ElRey. Peró como a cubiça he raiz de todolos males, quando ella entra em o peito de hum homem, e elle a tem abonada per este proverbio do Mundo: *Dos nescios leaes se enchem os Hospitaes*; e per experiencia tem visto que ácerca do mesmo Mundo, em melhor estado ficam os culpados, que os sem culpa; fazem conta que quem passou tantas trovoadas dos mares daquelle Oriente, que assi passaráõ as trovoadas, e relampagos seccos dos libellos cá na terra do Ponente, a qual he patria, e mui piedosa de quem tem, e esquiva a quem se mal aproveitou, pois não podem aproveitar com a fazenda, que não trouxeram, que da pessoa poucas vezes tem seus amigos necessidade della, pois, louvado Deos, vivemos em terra, em que não ha bandos pera se haverem mister armas. Quanto á entrega que o Governador faz na India a quem o succede, as mais vezes costuma ser feita em alguma Igreja das que temos fundadas naquelle Oriente.

E

E alli per virtude das patentes que leva o outro que de cá vai, que he apresentada, e lida por o Secretario, sendo presentes os Capitães, e principaes Fidalgos, que se alli acham, e assi os Officiaes da justiça, e fazenda, elle faz a entrega, pedindo logo hum instrumento de como a entregou, nomeando as fortalezas que lá temos, e em que estado a entrega. E além deste instrumento pera mais sua abonação, pede certidões aos Officiaes de fazenda de cada huma das fortalezas, de como as leixou providas do necessario pera sua defensão, e de todo o mais necessario; e quando algum Governador lá falece, tem-se estoutro modo. Em poder do Veador da fazenda da India, que he a segunda pessoa no governo da fazenda depois do Governador, está hum cofre com tres, ou quatro Patentes d'ElRey, fechadas, e asselladas, as quaes chamam succesões, e tem per cima esta escritura: *Succesão de João*, e isto nomeando ao que então governa, que nos outros por se não saber quaes são os que estam por vir, chamam ás taes, segunda, terceira, quarta succesão, e aqui assigna ElRey. E na escritura que tem dentro declara ElRey haver por bem que elle succeda a João quando falecer, &c. onde ElRey tem assignado. Este he o modo que se tem no prover dos Go-

Governadores da India, e damos esta noticia por as razões acima ditas ; e tambem porque daqui em diante veremos huns aos outros succeder per obito , o que té ora não vimos, e o perigo em que a India esteve por se não guardar este modo de abrir as succèssões. E porque este anno de mil e quinhentos e vinte e quatro D. Duarte de Menezes acabava de servir de Governador em aquellas partes os tres annos ordenados a ella, e aos outros officios; ElRey Dom João o Terceiro deste nome, por haver pouco que reinava, não tinha de cá do Reyno enviado ainda algum, quiz que este primeiro, que elle elegia, fosse o primeiro que descubrio a mesma India, o qual era o Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama Almirante do mar Indico. Porque além de nelle concorrerem as qualidades que acima dissemos , haverem de ter os eleitos pera este officio , como elle no descubrimento della padecêra tantos trabalhos, ter-lhe-hia amor pera a governar, e trazer ao estado do jugo da servidão , de que os infieis della se queriam livrar, e pera accrescentamento do seu nome lhe deo o titulo de Viso-Rey. Pera a qual ida, estando ElRey na Cidade Evora, se apercebeo em Lisboa huma frota de quatorze vélas, de que as nove eram náos grossas de carga, e as cinco caravellas

la-

latinas, a qual partio de Lisboa a nove de Abril do mesmo anno vinte e quatro. Os Capitães das quaes náos eram, D. Henrique de Menezes filho de D. Fernando de Menezes de alcunha Roxo, que havia de servir de Capitão de Ormuz, Pero Mascarenhas filho de João Mascarenhas, que havia de servir de Capitão de Malaca, Lopo Vaz de Sampaio filho de Diogo de Sampaio, que hia por Capitão de Cochij, Francisco de Sá Veador da fazenda do Porto, filho de João Rodrigues de Sá Alcaide mór da mesma Cidade, e Senhor de Matosinhos, e das terras de Sever, Baltar, e Paiva, o qual com huma Armada havia de ir á Jaüa fazer huma fortaleza onde chamam Sunda. D. Simão de Menezes filho de Dom Rodrigo de Menezes, provído pera Capitão de Cananor, e D. Jorge de Menezes, que fez aquelle honrado feito em Chaul, quando matáram Diogo Fernandes de Béja; e Antonio da Silveira de Menezes filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes, o qual hia provído de Capitão de Sofala: e D. Fernando de Monroy, filho de D. Affonso de Monroy, Craveiro que foi de Alcantara em Castella, que tambem hia provído de Capitão de Goa, e da ultima náo era Capitão Francisco de Brito filho de Simão de Brito, que havia de andar

dar por Capitão mór das náos da carreira da India pera Ormuz. E os Capitães das caravellas eram Lopo Lobo, Pero Velho, Christovão Rosado, Ruy Gonçalves, e Mosem Gaspar Malorquim, que na India havia de servir de Condestabre mór dos bombardeiros. Em a qual Armada iriam té tres mil homens, muita parte dos quaes eram Fidalgos, Cavalleiros, e moradores da casa d'ElRey, e outra gente limpa, e de boa creação. E além da gente mareante ordenada á navegação, levava outra muita sobreselente, e bombardeiros pera prover as outras vélas da India. Partida esta frota, (como dissemos,) a nove de Abril, com bons tempos que lhe cursáram, chegou a Moçambique a quatorze de Agosto, onde se deteve em quanto se provêo de agua, e repairou de huma verga, que quebrou á sua propria náo. E partido dalli, primeiro que se espedisse daquella costa, que sempre he perigosa, por causa das muitas Ilhas que a ella são adjacentes, perdeo-se a náo, Capitão Francisco de Brito, sem della parecer cousa alguma, e assi se perdeo o galeão de D. Francisco de Monroy em os baixos de Melinde, mas salvou-se a gente. E das caravellas se perdeo a de Christovão Rosado; e a gente da de Mosem Gaspar, por ser homem estrangeiro, o matáram sobre pai-

paixões de mandar, e o fim que os authores deste feito houveram, adiante se verá. O Almirante seguindo sua viagem com estas vélas menos, por levar per regimento que fizesse seu caminho pela costa de Cambaya, por ir dando vista a toda a costa da India, poz a prôa naquella parte, leixando a derrota do Malabar. E porque com as grandes calmarias não podia tomar esta costa que hia demandar, na paragem da qual elle hia sem os Pilotos o saberem, por não ter tão cursada esta navegação, como a que levavam caminho da India, huma quarta feira vespera de N. Senhora de Setembro ás oito horas da noite, saltou tamanho tremor em todalas náos, que cada huma se houve por perdida, parecendo-lhe que ella só padecia este tremor, sem entender a causa. Tudo era com as bombardas fazerem signaes humas ás outras, cuidando serem aguages sobre alguns baixos, tudo era posto em revolta, huns acudindo ao lume que não podiam ter, outros á bomba, á sonda, e muitos a barrijs, e a tavoas, em que esperavam de se salvar, não podendo entender huns aos outros de confusos deste perigo, té que o mesmo Almirante veio em conhecimento do que era, dizendo: *Amigos, prazer, e alegria, o mar treme de nós, não hajais medo, que isto he tremor da ter-*

terra. Finalmente como isto era assi na verdade, todo o temor, e tristeza deste novo caso ficou no pezar que houveram de hum homem que se lançou ao mar, cuidando que a náo dava em algum baixo; e o prazer além de ficar em todos, por se verem fóra daquelle perigo, particularmente ficou em muitos enfermos da náo, que houveram saude. Cá o temor daquelle subito caso, que durou hum quarto de hora, assi deo animo a todos pera se levantar donde jaziam com sua febre, buscando modo de se salvar, que ficou a natureza sobresaltada. E recolhendo-se a quentura das partes exteriores per que andava derramada a seu proprio centro, e vaso, ficáram sem a febre accidental que tinham. Posto que passado este temor sobreveio outro caso de não menos admiração, e foi, que sem vento, e outros signaes precedentes veio huma chuva de agua tão grossa, que parecia algum diluvio; mas como isto durou pouco, ficou a gente com algum espirito daquelles dous casos nunca vistos de quantos homens andavam naquella navegação da India. E pera leixarem a prática delles, sobreveio outro todo de seu prazer, que foi haverem vista de huma náo de Mouros, que hia do estreito de Méca pera Cambaya, sobre a qual todos arribáram; e por lhe cahir mais em

em lanço, o primeiro que chegou a ella com o seu galeão, foi D. Jorge de Menezes, que a fez amainar. O Almirante depois que o Capitão, Mestre, e Piloto vieram ante elle, e delles soube da viagem, e fazenda que levavam, mandou metter nella Tristão d'Ataíde seu cunhado, e Fernão Martins Evangelho, e levalla a Chaul, valeo lá a fazenda, que veio a boa recadação, mais de sessenta mil cruzados. E por o Piloto desta náo soube o Almirante que se fazia elle per sua conta perto da costa de Dio; e que o tremor que as nossas náos tiveram, tambem deo na sua, com a qual nova elle Almirante mandou seguir outro rumo por dar huma vista á Cidade Dio. E como per espaço de seis dias cortáram as náos sem darem com terra, dizendo o Mouro Piloto ao Almirante que dahi a tres dias a veria, saltou na gente commum outro maior temor, dizendo que a terra com aquelle tremor se alagaria. E a causa de darem algum credito a isto era huma opinião que de cá do Reyno levavam authorizada per muitos Astrologos da Europa; os quaes affirmavam que neste anno de quinhentos e vinte e quatro se fazia huma conjunção de todolos planetas na casa de Piscis, que prognosticava quasi diluvio geral, ou ao menos de muita parte da terra,

prin-

principalmente da costa maritima. E chegou esta opinião a tanto, que houve pessoas nobres neste Reyno, que mandáram fazer gazalhado em serras altas, e biscouto. E segundo Alberto Pighio Campense conta em hum tratado, que doutamente escreveo contra esta opinião, alguns na sua patria, pola fé que tinham nella, leixáram de fazer negocios de grande importancia. Porém com toda esta fé não sabemos o que fariam estes que Alberto diz, e sabemos que os nossos não leixavam de vingar a seu prazer, e nos viços que tinham. Parece que como estes Profetas da Astrologia não eram mandados per Deos, como o Profeta Jonas aos Ninivitas, que fizeram penitencia por temerem a Deos, e estoutros temiám mais a morte, que a elle: cá huns vestiam-se de cilicio, orando, jejuando tres dias toda a alma, pedindo a Deos perdão de seus peccados; e os Ninivitas do nosso tempo tendo baptismo, apercebiam-se de biscouto, e de outras provisões pera segurar a vida, sem preparar sua alma pera o que Deos quizesse fazer delles. Assi que desta geral opinião que a gente da nossa Armada levava, ou (por melhor dizer) fabula de ignorantes Astrologos, pois o anno peccou mais de secco, que de invernoso; hiam tão assombrados com os signaes precedentes,

tes, que conveio ao Almirante tornar outra vez perguntar ao Piloto Mouro, porque o enganára no termo que lhe poz que veria terra; ao que elle respondeo, que se sua Senhoria mandára governar pera onde dizia, já tivera visto a costa de Dio; mas como puzera a prôa em Chaul, tinha escorrido a outra costa; e que quanto á sua conta, por aquelle caminho que fazia ao outro dia veriam Chaul. E posto que não foi assi, víram Baçaim, que he acima de Chaul contra o Norte na mesma costa seis leguas; e ao outro dia, que eram cinco de Setembro, foi o Almirante surgir com sua Armada no porto de Chaul. Na qual fortaleza estava por Capitão Christovão de Sousa filho de Diogo Lopes de Sousa, e achou alli duas náos que deste Reyno partíram o anno passado, Capitães D. Antonio d'Almeida, e Pero d'Afonseca, como atrás escrevemos. Os quaes por não poderem tomar a costa da India, invernáram alli, e assi achou hum navio, Capitão Nuno Vaz de Castello-branco, que andava na costa de Sofala no resgate do ouro, e viera alli buscar roupa. Ao qual o Almirante leixou pera fazer seu negocio, e levou as outras duas náos, e aqui tomou o titulo de Viso-Rey, por o levar assi ordenado per ElRey, que o tomasse na primeira fortaleza da India

que

que chegasse. Imitando nisto o modo que ElRey D. Manuel seu pai teve, quando mandou D. Francisco d'Almeida áquellas partes, que não se intitulou deste nome, senão depois que lá foi, e ora he esta dignidade mais corrente, e barata na India. A qual não medrou Affonso d'Alboquerque andando nella nove annos, com leixar a este Reyno tres fortalezas feitas, as mais importantes daquellas partes, nem menos Nuno da Cunha que fez outras tres, e governou aquelle Oriente dez annos; e se o merecêram, ou não, esta nossa historia, e quantos nella vam nomeados, são testemunha. Tornando ao Viso-Rey Conde Almirante, partido de Chaul a doze de Setembro além de Dabul, achou Antonio Correa morador em Goa por Capitão de tres navios per mandado de Francisco Pereira Pestana Capitão da Cidade, a fazer arribar as náos a Goa, que vinham do estreito de Ormuz com cavallos, por andar alli hum ladrão de Dabul, que as fazia entrar dentro; e já Antonio Correa dalli levára huma com cavallos, e tornava á mesma cousa, e esperar se vinha alli ter alguma náo deste Reyno, por ser já tempo, temendo que deste ladrão pudesse receber algum damno. Ao qual Antonio Correa o Viso-Rey leixou a fim de impedir este ladrão que

não fizesse entrar as náos em Dabul, com limitação do tempo que alli havia de andar, e depois que se fosse a Goa. Á qual Cidade o Viso-Rey chegou no fim de Setembro, onde foi recebido com grande solemnidade, leixando por Capitão das náos, que ficavam na barra, a D. Jorge de Menezes, porque os mais dos Capitães dellas foram com elle em navios de remo.

CAPITULO II.

Do que o Viso-Rey fez em Goa, e no caminho dahi té Cochij, onde chegou: e as Armadas que ordenou pera diversas partes, estando doente da enfermidade de que faleceo.

AO tempo que o Viso-Rey chegou á India, era D. Duarte de Menezes em Ormuz, e D. Luiz seu irmão em Cochij, dando ordem á carga das especiarias, que este anno haviam de vir pera cá. E como o Viso-Rey levava per regimento que desfizesse as fortalezas de Coulam, de Ceilam, de Calecut, e a de Pacem, e fizesse huma em Sunda, e além disto, convinha em breve prover muitas cousas; deo-se elle Viso-Rey grande pressa logo em Goa a prover algumas. E a principal foi entender nas de Francisco Pereira Pestana Capitão da Cida-

de,

de, do qual o Viso-Rey teve alguns queixumes, por ser homem forte de condição; e foram taes, que o tirou da capitanía, e proveo della a D. Henrique de Menezes, em quanto elle hia a Cochij ordenar as cousas da carga, por não ser vindo D. Fernando de Monroy, que se perdêra, (como atrás dissemos.) E mandou o Viso-Rey a D. Henrique, que se alli viesse ter Dom Duarte de Menezes, que o não consentisse sahir em terra, e lhe dissesse da sua parte, que logo se partisse pera Cochij, onde o esperava pera o despachar, e partir cedo pera o Reyno. Partido o Viso-Rey com sua frota via de Cochij, passou pera Cananor, e metteo de posse da fortaleza D. Simão de Menezes em lugar de D. João da Silveira, que acabava seu tempo. ElRey de Cananor por comprazer ao Viso-Rey, logo de boa chegada lhe mandou entregar hum Mouro principal da terra chamado Balá Hácem, o qual era feito cossairo com grande damno dos que navegavam per aquella costa, e assi pera as Ilhas de Maldiva, intitulando-se por Capitão mór do mar; o qual o Viso-Rey mandou entregar a D. Simão que o tivesse a bom recado prezo, té elle mandar recado de Cochij que se faria delle. Partido o Viso-Rey daqui, foi ter a Calecut, onde estava por Capitão D. João

de Lima, quaſi em rompimento de guerra com os Mouros, e de maneira, que foi neceſſario leixar provídas algumas couſas té elle de Cochij prover mais. E a cauſa principal deſte rompimento, (poſto que entre D. João, e os Mouros havia particulares eſcandalos,) era por o Camorij Rey de Calecut paſſado ſer morto, e reinar outro mui ſujeito á vontade dos Mouros. E no tempo que o Viſo-Rey aqui chegou, eſtava elle mettido pelo ſertão ao pé da ſerra em guerra com hum Senhor, que per aquella parte lhe fazia algumas entradas no ſeu Reyno; e por cauſa deſta auſencia tomou o Regedor mais licença pera damnar a noſſa fortaleza; em tanto, que mandando Dom João fazer-lhe queixume de alguns eſcandalos que recebia dos Mouros per hum Gonçalo Tavares Feitor da noſſa fortaleza, com dous homens que o acompanhavam, os Mouros os matáram a todos tres em hum arruido feitiço. Finalmente por eſte caſo, e por inconvenientes de a traição quererem matar a D. João, e elle que ás vezes não ſe moſtrava muito paciente, azedou o animo a todos na rotura em que eſtavam, quando o Viſo-Rey chegou. E como elle tinha grande nome entre os Mouros, e o temiam muito polo que alli tinha feito, por ſer homem que lhe não perdoava os peccados

dos

dos do penſamento, quanto mais os da obra, em elle chegando, ſoube de D. João que diziam os Mouros, que não era verdade ſer elle vindo á India, e que tudo era artificio noſſo por temorizar o Gentio ignorante. Por a qual cauſa quiz dar aos Mouros huma moſtra de ſi, ſahindo em terra, e rodeou a fortaleza, dando entender que da tornada de Cochij havia de pôr mãos nella pera ſer mais forte. E tambem mandou notificar ao Çamorij ſua chegada, e que folgára de o achar alli pera algumas couſas que tinha que praticar com elle, as quaes leixava pera quando tornaſſe invernar a Goa. Partido o Viſo-Rey deſta fortaleza, ſendo já á viſta de Cochij, veio D. Luiz de Menezes ao receber, e em terra foi recebido com tanta pompa, e ſolemnidade como a ſeu titulo requeria. E peró que de paſſada não diſſemos o que lhe neſte caminho de Goa té Cochij aconteceo, por não decepar o curſo da jornada; aqui o queremos fazer, que tudo foram affrontas, que pera ſua condição eram tão grandes, que lhe deram preſſa ao que logo ordenou em chegando a Cochij. Elle achou neſte caminho que fez a Franciſco de Mendoça com oito vélas, que andava guardando aquella coſta, do qual os Mouros faziam pouca conta; porque como elles traziam navios

mui

mui leves de remo, e os nossos grandes, e pezados, haviam-se com elles como ginetes com os homens de armas. Por a qual razão andavam tão ousados, que per todo aquelle caminho, huns aqui, outros alli appareciam diante do Viso-Rey, mostrando que o não tinham em conta, e chegou a tanto, que mandou elle com seu filho Dom Estevão, Antonio da Silva, Tristão d'Ataíde, e outros Fidalgos com batéis aos assombrar, té que alguns pagáram por outros; porque abaixo de Cananor corrêram trás oito tão apertadamente, que os fizeram varar em terra, onde houve alguns mortos, e muitos feridos; e junto de Panane houve outra remettida já mais perigosa de doze paráos. Os quaes vendo-se mui apertados dos nossos, varáram em terra, e por os defender, acudio gente da mesma terra, em que morrêram muitos delles, e dos nossos foram feridos Antonio da Silva de Menezes, Manuel da Silva de alcunha o Gallego, e João de Cordova, ambos Capitães de fustas, e mortos foram dous. O Viso-Rey como hia escandalizado deste desacatamento de o não estimarem, e pouco temor, chegando a Cochij, a primeira cousa em que entendeo, foi mandar duas galés, e huma galeota, e huma caravella com provisão de polvora, e outras cousas

de

de que a fortaleza de Calecut tinha neceſſidade, e que as tres vélas de remo andaſſem per aquella coſta caſtigando os paráos dos Mouros da ſoltura que traziam. Das quaes eram Capitães Franciſco de Mendoça o velho, Antonio da Silva de Menezes, e Jeronymo de Souſa, que era Capitão mór. Entregue á caravella o que levava, ſahíram-ſe eſtes Capitães do porto; e por a galé de Antonio da Silva ſer pezada no remo, ficou atrás, ſobre a qual como que a tinham em olho, ſahíram a elle cincoenta paráos de Calecut, com que pelejou obra de tres horas, em que lhe feríram muitos homens, e matáram tres. E totalmente elle fora de todo desbaratado, ſe lhe não acudíram ſeus companheiros, que fizeram fugir os catures, fazendo varar alguns em terra. Além deſtas duas vélas, que o Viſo-Rey ordenou que por então eſtiveſſem no porto de Calecut pera andarem na coſta, mandou huma Armada de outras ſeis todas de remo, a capitanía mór das quaes deo a Jeronymo de Souſa pera caſtigar os Mouros daquelle Malabar, como elle fez, deſtruindo mais de quarenta paráos; o Capitão dos quaes era hum Mouro chamado Cutiálla, que ſe armou em Coulete per mandado do Çamorij pera tolher os mantimentos, que de Cananor ſe levavam á

noſ-

noſſa fortaleza de Calecut. E aſſi mandou recado a Fernão Gomes de Lemos, que eſtava por Capitão da fortaleza da Ilha Ceilão, que a derribaſſe, por ElRey mandar que ſe fizeſſe, e ſe vieſſe em os navios que ſeu irmão Antonio de Lemos trazia em guarda daquelle porto, de que era Capitão mór do mar, o que elle fez. Tambem das primeiras couſas que ordenou, foi mandar Simão Sodré com quatro vélas ás Ilhas de Maldiva ſobre alguns Mouros que faziam guerra aos noſſos amigos, e impediam muitas couſas de que ſe proviam noſſas Armadas, principalmente cairo, ſem o qual ellas não podem navegar. E deſta ida desbaratou Simão Sodré ſeis fuſtas, de que era Capitão hum Mouro dos principaes de Cananor, das quaes lhe ficáram duas na mão, achando-ſe com elle Simão Sodré eſtes Capitães, Palos Nunes Eſtaço, Pero Velho, e Pedralvares. E porque determinou de perſeguir eſte Mouro, que eſcapou á força de remo, té lhe tomar todalas vélas, leixou pera ſi huma caravella, e huma fuſta, e as outras entregou a Palos Nunes, que as carregaſſe de cairo, e ſe vieſſe a Cochij, e elle invernou lá de balde por não poder entre tantas Ilhas topar com o Mouro. Neſte meſmo tempo deſpachou a Fernão Martins de Souſa com hum navio, e huma fuſ-

ta

ta pera a coſta de Melinde, o qual levava deſte Reyno a capitanía mór do mar de Malaca em lugar de ſeu irmão Martim Affonſo de Souſa, que morreo das feridas que houve no desbarato das fuſtas de Lacſamana, como adiante veremos; e por ainda não ſer falecido, acceitou eſta ida que lhe o Viſo-Rey deo pera lá ir morrer, onde ſe perdeo junto de Melinde, ſalvando-ſe alguma gente. E aſſi ordenava o Viſo-Rey huma groſſa Armada pera ir ao mar Roxo ſeu filho D. Eſtevão; mas leixou de ir, porque no fervor deſtas couſas adoeceo ſeu pai. E porque os navios que Jeronymo de Souſa trazia eram poucos, e por ſerem galés pezadas não podiam fazer muito damno aos paráos dos Mouros que eram leves, e muitos, deo-lhe mais duas galeotas pera andar na paragem de Calecut. Com as quaes vélas no rio de Bracelor pelejou com oitenta paráos, que hiam carregados de eſpeciaria pera Cambaya, de que tomou doze, aſſi como hiam carregados, e os outros ſe ſalváram por ſer já ſobre noite. Na qual peleja morrêram dos noſſos quatro homens, e foram muitos feridos, e leixáram-ſe alli eſtar, porque os paráos ſe tornáram recolher ao rio de Bracelor, e tinha-os alli encerrados por não navegarem a eſpeciaria. Neſte tempo como a enfermidade do Viſo-

Rey hia muito em creſcimento, vendo-ſe já mui quebrado de ſuas forças, mandou chamar algumas peſſoas principaes, e repreſentando-lhe o eſtado em que eſtava, e moſtrando os poderes que tinha, diſſe que elle per virtude daquelles poderes havia por ſerviço d'ElRey ſeu Senhor que Lopo Vaz de Sampayo Capitão daquella fortaleza mandaſſe o que elle podia mandar; e levando-o Deos, ſerviſſe de Governador da India, por quanto a peſſoa, que ſuccedia a elle Viſo-Rey, podia ſer auſente, té vir receber a entrega da India. E diſto mandou fazer hum aſſento, e deo juramento ao Védor da fazenda Affonſo Mexia, e ás outras peſſoas, que pera eſta notificação eram chamadas, que aſſi o guardaſſem, e elle lho mandava da parte d'ElRey ſeu Senhor, e aſſignáram todos no auto. Todas eſtas couſas o Viſo-Rey ordenou ante que D. Duarte de Menezes vieſſe de Ormuz pera lhe entregar a governança da India, o que fazia algum eſcrupulo aos Fidalgos uſar elle deſte officio, ſem receber a entrega, ſegundo a ordem que niſto havia de ter. E porque no principio deſte noveno Livro quizemos dar noticia da ordem que ElRey tinha na eleição dos Governadores da India, e o modo de ſuccederem huns aos outros, porque no futuro tempo, e aſſi aos eſtranhos ſe ve-

ja

ja a fórma da Provisão d'ElRey, per que hum Governador entrega a India a outro; queremos aqui trasladar a que levou o Viso-Rey pera receber a entrega de D. Duarte de Menezes, e tambem dar razão porque usou deste officio ante da vinda delle D. Duarte: *D. João por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém, e além mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. Fazemos saber a vós D. Duarte de Menezes Capitão, e Governador da nossa Cidade de Tanger, e nosso Capitão mór, e Governador nas partes da India, que Nós vos escrevemos per outra carta, que havemos por bem que vos venhais embora pera estes Reynos nesta Armada. Porém vos mandamos, que tanto que vos esta for apresentada, entregueis a dita capitanía mór, e governança a D. Vasco da Gama Conde da Vidiguceira, e Almirante do mar Indico, que enviamos por nosso Viso-Rey a essas partes da India. E não usareis mais da dita capitanía mór, e governança, nem das cousas da justiça, e de nossa fazenda, nem d'outra alguma de qualquer qualidade, e condição que seja, que ao dito cargo toque, e pertença, e de que d'antes usaveis, por virtude do poder, e jurdição, e al-*

alçada que tinheis. Por quanto havemos por bem, e noſſo ſerviço, como per outra carta vos eſcrevemos, que o dito Viſo-Rey ſeja logo mettido de poſſe de tudo, e uſe logo do poder, jurdição, e alçada que leva por noſſa Carta Patente, ſem mais vós entenderdes em couſa alguma. Porém declaramos que o tempo que eſtiverdes na India té vos embarcardes, poſſais eſtar em Cochij, ou em Cananor, qual vos mais aprouver: e que ácerca de voſſos criados, e peſſoas de voſſa caſa, e dos criados do Conde voſſo pai, que comnoſco foram, e dos criados de D. Luiz voſſo irmão, e voſſos cunhados, e peſſoas ſuas, que o dito Conde não entenda com elles em maneira alguma, nem tenha ſobre elles, nem ſobre cada hum delles mando, nem jurdição, e alçada, que tinheis pela carta de voſſo poder, e alçada. Reſalvando porém, que ſe vós, ou os taes per algumas peſſoas aſſi noſſos naturaes, como dos mercadores da terra, e quaeſquer outros de qualquer qualidade, eſtado, e condição que ſejam, que lá houverem de ficar, e não houverem de vir neſta Armada em que vos haveis de vir, fordes requeridos, e citados, e demandados, aſſi em caſos civeis, como em crimes, vos poſſam a vós, e a elles demandar per ante o dito Conde, e Ouvidor, que

com

com elle ha de ficar, e não per ante vós pera se fazer cumprimento de justiça. E sendo caso que quando o dito Conde chegar á India vos não ache nella, por serdes fóra della a prover algumas cousas de nosso serviço, neste caso havemos por bem que elle dito Conde use logo inteiramente de todo poder, jurdição, e alçada, que de nós leva, como faria se vos achasse, e vos apresentasse esta carta pera lhe entregar a capitanía mór, e governança, porque assi o havemos por nosso serviço. E sendo caso que por impedimento de doença, vós dito D. Duarte vos não possais embarcar, e vir nesta Armada, e ficasseis na India, neste caso havemos por bem que vos fiqueis, e vos recolhais com todos vossos criados, e pessoas da vossa casa, e criados dos sobreditos vosso irmão, e cunhados, que ficarem comvosco em a nossa fortaleza de Cananor. E que esteis nella té a vossa partida da India; e useis de todo o poder, jurdição, e alçada que tendes de Capitão mór, e Governador da India sobre elles, e sobre o Capitão, Alcaide mór, Feitor, e Escrivães da feitoria da fortaleza. E de todos seus casos civeis, e crimes conhecereis, e os julgareis como vos parecer justiça, sem sobre os ditos, nem sobre cousa sua que lhe toque, que seja dantre partes

o di-

o dito Conde poder usar do dito officio de Viso-Rey, nem poder, jurdição, e alçada que lhe temos dada, porque queremos que tudo fique a vós D. Duarte té vossa partida da India. E mandamos ao Capitão, e Alcaide mór, Feitor, e Escrivães da feitoria, e a todas as pessoas que temos ordenadas na dita fortaleza de Cananor, que vos obedeçam, e cumpram vossos requerimentos, e mandados, como a nosso Capitão mór, e Governador, sobre as penas que lhe puzerdes, assi nos córpos, como nas fazendas. As quaes havemos por bem que deis á execução naquelles que nellas concorrerem, segundo fórma do poder, jurdição, e alçada que vos temos dada, e he conteúda na carta do poder della. E assi havemos por bem que se entenda, e o façais no caso que vos fosseis fóra da India por nosso serviço, e viesse a ella depois da partida das náos pera estes Reynos desta Armada que leva o Viso-Rey pera trazerem as especiarias, na qual vos haveis de vir. Resalvando porém que o dito poder, e alçada que vos damos sobre todos os acima declarados, se não entenderáõ em cousa que toque á nossa fazenda, e tratos da India. Porque no que a estas cousas tocar, não haveis de entender, nem usar da dita alçada, e poder que vos leixamos nos ca-

sos

sos sobreditos, porque isto ha de ficar ao dito Viso-Rey, pera nelles fazer como vir que he justiça, e nosso serviço, e usar de todo seu poder, e alçada. E da entrega que ao dito Viso-Rey fizerdes da dita capitanía mór, e governança, como por esta vos mandamos, cobrareis estromento público, em que se declare as náos, e navios que lhe entregastes, e artilheria, e armas que andam nelles, e assi as fortalezas, e armas, e artilheria, e mantimentos que nellas havia, e gente que andava nessas partes; e declarando a sorte, e qualidade della, e todas as outras cousas que ao cargo de Capitão mór, e Governador tocarem pera todo podermos ver. E como assi entregardes a dita capitanía mór, e governança, e cobrardes o estromento da dita entrega no modo que dito he, vos havemos por bem desobrigado de toda a obrigação em que nos sejais pela dita capitanía mór, e governança, e vos damos por quite, e livre de agora pera em todolos tempos. E esta carta per nós assignada, e sellada do sello redondo de nossas Armas, com o dito estromento, tereis pera vossa guarda. Dada em a nossa Cidade de Evora a vinte e cinco dias de Fevereiro. Bartholomeu Fernandes a fez, anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e qui-

nhen-

nhentos e vinte quatro. Per virtude da qual carta D. Duarte fez a entrega da governança da India, e della houve este Conhecimento público de como a entregou : *Saibam quantos este estromento de Conhecimento virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte quatro annos, aos quatro dias do mez de Dezembro do dito anno, em a Cidade de Santa Cruz de Cochij, em a fortaleza d'ElRey Nosso Senhor, estando ahi D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira Almirante do mar Indico, e Viso-Rey das Indias, disse que recebia de D. Duarte de Menezes, Governador que foi nellas ante delle Viso-Rey, a governança das ditas Indias do tempo que a ellas chegou, e as começou de governar, segundo per suas Provisões, e Patentes lhe era mandado por ElRey Nosso Senhor que as recebesse, e governasse. As quaes Indias elle recebeo, e disse ter recebidas assi, e da maneira que as achou, e ellas ora estam, e se houve por obrigado de dar conta dellas a Sua Alteza, e houve por desobrigado ao dito Dom Duarte da obrigação que tinha de dar conta dellas. E em testemunho de verdade lhe mandou dello ser feito este estromento do recebimento dellas, testemunhas que estavam presentes, Lopo Vaz de Sampayo Capitão*

des-

desta fortaleza, Fernão Martins de Sousa, D. Pedro de Castello-branco, Affonso Mexia Veador da fazenda da India, Pero Mascarenhas, e o Licenciado João do Souro Ouvidor geral da India. E eu João Nunes Escrivão público na dita Cidade por especial mandado do dito Senhor Viso-Rey, que este escrevi, e aqui meu signal público fiz. Per este estromento ficou D. Duarte desobrigado da governança das Indias; e quanto ao mais que a Carta d'ElRey manda, da entrega das náos, navios, &c. de fóra deste estromento trouxe certidões de todalas fortalezas assignadas pelos Officiaes da fazenda, e feitorias d'ElRey, e com isto se partio pera este Reyno, como no fim do Livro oitavo escrevemos. O Viso-Rey neste tempo, assi da força da enfermidade, como do trabalho do espirito que teve sobre algumas cousas do governo, e entrega que lhe D. Duarte fez, veio a tal estado, que chegou a sua hora limitada de viver, que foi té vespera da festa do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte e cinco, em que faleceo. Assi lhe durou a vida do Conde Almirante na India tres mezes e vinte dias, contando de cinco de Setembro, que chegou a Chaul, té vinte e cinco dias de Dezembro que faleceo em Cochij, onde foi enterrado no

Mosteiro de S. Francisco dos Frades desta Ordem. E depois foi trazida sua ossada a este Reyno, e posta em seu jazigo na Villa da Vidigueira, de que foi intitulado Conde. Este Conde D. Vasco da Gama Almirante do mar da India filho de Estevão da Gama, era homem de meia estatura, hum pouco envolto em carne, Cavalleiro de sua pessoa, ousado em commetter qualquer feito, no mandar áspero, e muito pera temer em sua paixão, soffredor de trabalhos, e grande executor no castigo de qualquer culpa por bem de justiça.

CAPITULO III.

Como aberta a succesão do Conde Almirante, se achou que havia de governar a India D. Henrique de Menezes, que ficára por Capitão em Goa: e o que fez neste tempo té lhe ir recado da succesão; e partido de Goa pera Cochij, fez algumas cousas no caminho.

SEpultado o Viso-Rey Conde da Vidigueira, foi aberta a sua succesão com aquella solemnidade que atrás escrevemos, na qual se achou por Governador D. Henrique de Menezes, que estava por Capitão em Goa. Lopo Vaz, a quem ficou o cargo de Governador, mandou logo fazer pres-

tes

tes cinco vélas, a capitanía mór das quaes deo a Francisco de Sá, que fosse a Goa pera D. Henrique com as Provisões da sua succeſsão de Governador. E passou per Bacanor, e deo recado a Jeronymo de Sousa de Lopo Vaz, que se fosse pera D. Henrique; mas quando Francisco de Sá chegou, já elle sabia a nova do falecimento do Viso-Rey per recado de D. Simão de Menezes Capitão de Cananor. E havendo respeito ás qualidades de Francisco de Sá, em quanto não hia fazer a fortaleza de Sunda, que ElRey mandava, o proveo da capitanía de Goa, e elle embarcou-se em os navios, que pera elle levava, e partio a oito dias de Janeiro, e ao caminho o veio receber Jeronymo de Sousa com as cinco vélas que tinha sobre Mangalor. E a razão porque elle D. Henrique partio de Goa tão desacompanhado de vélas, foi por não haver mais que aquellas que vieram por elle, porque não sómente o Viso-Rey, quando per alli passou, levou comsigo Luiz Machado Capitão mór do mar daquella costa de Goa, com quatro navios que trazia, mas ainda elle D. Henrique humas que ordenou na partida do Viso-Rey tinha-as mandado fóra ao que ora veremos. Partido elle Viso-Rey de Goa pera Cochij, quando no caminho achou aquelle grande número de

paráos que escrevemos, desta sua passagem, e entrada na India, não faziam os Mouros senão o que faz quem vê vir de longe nuvem carregada de agua, que a grão pressa apanha, e recolhe sua roupa, que tem estendida no campo: e o que estes Mouros queriam salvar, era pimenta que da costa do Malabar levavam pera Cambaya. E como a entrada do Viso-Rey na India pera elles era huma nuvem carregada de muitos trabalhos, que esperavam ter polo nome que nella tinha, ferviam debaixo pera cima, passando cada dia muitos á vista de Goa, onde D. Henrique estava; as novas da qual passagem era pera elle huma grande dor, e nisso recebia muita affronta. E querendo atalhar esta passagem, andou olhando pela ribeira, onde achou dous paráos, que traziam sal pera a Cidade, que comprou a seus donos, e mandou concertar a grão pressa. E a este seu desejo favoreceo Deos com vida de Antonio Correa, que vinha de Dabul, onde o Viso-Rey o leixára, como escrevemos, e trazia tres paráos, e huma galeota, que foi pera Dom Henrique grande prazer. Os quaes cinco paráos repartio per estes Capitães, Antonio Correa, Payo Rodrigues d'Araujo, Alvaro d'Araujo seu irmão, João Caldeira de Tanger, Duarte Diniz de C[illegible]s, e a ga-

leo-

lota deo a ſeu ſobrinho D. Jorge Tello filho de D. João Tello de Menezes, e a capitanía mór de todos; e com a gente neceſſaria o mandou ſahir de Goa dia do Apoſtòlo S. Thomé. E como elle he noſſo Padroeiro naquellas partes, aſſi guiou Dom Jorge, que onde chamam os Ilheos queimados junto de Goa, lhe deparou trinta e oito paráos, que debaixo da coſta Malabar pera Cambaya hiam carregados de eſpeciaria, e era Capitão delles hum Mouro de Calecut per nome China Cutialle. Com os quaes D. Jorge pelejou, e aſſi o fez elle, e os outros Capitães com ſua gente, que os desbaratáram, dando com a maior parte delles á coſta, e tomáram quatro. E os que não quizeram fazer experiencia do noſſo ferro, ſe ſalváram, e dos mortos ſe acháram depois na praia, que o mar lançou fóra, mais de ſeſſenta. E as bandeiras com que entráram por o rio de Goa deſta vitoria dous dias ante Natal, foram corpos de Mouros enforcados dos paráos que houveram á mão, porque os Canarijs de Goa foſſem teſtemunha daquelle caſo aos outros das terras firmes. E os proprios Canarijs remeiros dos noſſos paráos, por gloria do que fizeram, leváram trinta cabeças cortadas, e doze Mouros vivos, que ſe entregáram aos moços de Goa pera os matarem ás pe-

dra-

dradas; e isto permittio D. Henrique, porque andavam os Mouros tão soltos, e atrevidos, que convinha mostras de temor pera os tornar a encolher. Dahi a tres dias o tornou D. Henrique a mandar, e desta vez achou huma náo de Calecut, que tambem hia pera Cambaya, á qual davam guarda nove paráos, de que tambem houve vitoria, tomando alguns delles, e com a náo deo á costa, e tornou-se a recolher a Goa. D. Henrique por ter já recado da governança da India que succedêra, e levava comsigo D. Jorge Tello, leixou ordenado que Christovão de Brito Alcaide mór de Goa filho de Ruy Mendes de Brito fosse com huma Armada pera andar naquella costa de Goa té Dabul por causa dos Mouros que alli andavam, e deo o cuidado desta Armada a Francisco de Sá Capitão de Goa, o qual a fez prestes de sete navios, huma galeota, e seis fustas, e catures, de que eram Capitães Payo Rodrigues d'Araujo, Alvaro d'Araujo seu irmão, Duarte Diniz de Carvoeiros, Jurdão Fidalgo, Bartholomeu Bispo, João Caldeira de Tanger, a qual frota levava cento e tantos homens, e com ella foi correndo toda aquella costa té o rio Zenguizar, que está áquem de Dabul cinco leguas, sempre havendo encontros com navios de Mouros, que castiga-

gava. O qual havendo dous dias que estava dentro no rio, por ser dos formosos daquella costa, fazendo-lhe os da terra todo serviço que podiam nos mantimentos que lhe davam, parece que per terra foi a nova a Dabul. O Tanadar da qual Cidade, por ser nosso imigo, armou logo duas galeotas, e sete fustas com mais de trezentos homens de gente limpa, e vieram buscar os nossos. Vendo que os tinham tomados, por saberem quão pequenas vasilhas tinham, e quão pouca gente, e por já a este tempo Christovão de Brito ser sahido dentro do rio, pelejáram fóra no mar largo, onde no primeiro rompimento Christovão de Brito foi morto de duas settas, que lhe atravessáram a garganta, falsando-lhe hum gorjal que levava. Os nossos vendo seu Capitão morto, assi se houveram animosamente com os Mouros, pelejando de pela manhã té ás nove horas, com que a maior parte dos Mouros morrêram a ferro, e afogados no mar, e alguns foram cativos, entre os quaes foi o seu Capitão, e dos nossos morrêram dezesete, e a maior parte foram feridos, porque a peleja foi muito cruel. Finalmente os nossos partíram com o seu Capitão morto; e o dos Mouros, que era Turco, chegando a Goa, se fez Christão, e logo morreo das feridas que levava, o qual foi en-

enterrado no Mosteiro de S. Francisco junto com a sepultura de Christovão de Brito. Francisco de Sá em lugar delle fez Capitão a Manuel de Magalhães, e o mandou com os Mouros cativos apresentar a Dom Henrique, que neste tempo já estava em Cochij, da viagem do qual aqui daremos conta. Elle partio de Goa a dezesete de Janeiro, em companhia do qual hia hum Mouro per nome Cide Alle, que era vindo de Dio per mandado de Melique Aliaz a visitar o Viso-Rey da sua parte, e trazia-lhe de presente humas cubertas de cavallos com todos seus comprimentos ao seu modo. E quando achou o Viso-Rey morto, todavia fez a visitação a D. Henrique; mas elle não quiz acceitar o presente, dizendo serem peças que vinham pera o Viso-Rey: que quanto á visitação, e amizade, que Melique queria ter com elle, que folgava muito, e porque elle estava embarcado pera Cochij, que fosse com elle, e lá o despacharia. Em companhia do qual Cide Alle veio Alvaro Mendes, que estava em Dio por Escrivão de Gaspar Paes, que lá servia de Feitor, com o qual D. Henrique em segredo praticou muitas cousas de Dio. E elle lhe deo aviso que no porto de Dio estavam duas náos carregadas de madeira de Baçaim, que levavam pera corregimento das galés

dos

dos Rumes, que eſtavam em Gidá, ou Judá, como lhe nós chamamos. Pera tomar as quaes D. Henrique, ante que partiſſe de Goa, mandou duas caravellas com recado a Manuel de Macedo, que eſtava em Chaul com hum galeão, e huma caravella, que ſe foſſe eſperallas na paſſagem, onde havia de ir ter Antonio de Miranda, que partio de Cochij com huma Armada pera o cabo Guardafu, e ſe ajuntaſſe com elle. Eſte Cide Alle indo com D. Henrique com ſeis atalaias, com que veio acompanhado, ſendo tanto avante como Baticalá, de noite fugio, por levar nova a Melique Aliaz da morte do Viſo-Rey. E quando veio pela manhã da noite que eſte Mouro ſe acolheo, vieram dar com D. Henrique trinta e ſeis paráos, a tempo que vinha quaſi nas coſtas delles D. Jorge de Menezes de Cochij em hum galeão, que foi grande conjunção pera mais cedo os desbaratar, tomando dezeſete, e alguns deram comſigo á coſta, e outros ſe ſalváram. Chegado D. Henrique a Cananor a vinte e ſeis de Janeiro do anno de quinhentos e vinte e cinco, ElRey o mandou logo viſitar; e porque D. Henrique ſe receou que lhe mandaſſe elle logo pedir o Mouro Bala Hacem, que o Viſo-Rey alli entregára, e ter ſabido ſer elle hum grande coſſairo com muito damno noſſo, o ſen-

ſentenceou logo á morte, ſem querer trinta mil pardáos, que elle dava por ſi. E quando o recado d'ElRey de Cananor chegou ſobre a vida deſte Mouro, eſtava já enforcado em huma palmeira á viſta dos Mouros, muitos dos quaes eram ſeus parentes, e os mais honrados da terra, de que ficáram tão injuriados, que muitos em odio d'ElRey de Cananor, (dizendo ter elle muita parte na ſua morte, na entrega que delle fez ao Viſo-Rey,) ſe paſſáram da banda dalém do rio, que eſtá junto de Cananor, e foram viver a huma povoação chamada Tramapatam, onde viviam os mais dos coſſairos, que alli ſahiam. Sobre a qual paſſagem ElRey mandou recado a D. Henrique, pedindo que lha mandaſſe defender, porque temia que indo elle, elles iriam povoar as povoações, que eſtavam dentro pelo rio, e fariam dalli muito damno, por a vizinhança que tinha ElRey de Calecut noſſo imigo declarado. D. Henrique com eſte recado d'ElRey folgou muito, por ter azo de caſtigar os moradores daquelle rio, e por ſer hum formigueiro de ladrões, e eſpedio logo Heitor da Silveira, que foſſe ao rio Tramapatam, que são duas leguas abaixo de Cananor contra Calecut, e com duas galés, e hum bergantim queimou o lugar, e quantos navios ahi eſtavam. E foi

pe-

pelo rio acima a queimar tres lugares, que eram dos povoadores, de que ElRey se queixava, que custáram bem de trabalho, e sangue dos nossos. Porque os Mouros tinham feito suas tranqueiras, e forças com artilheria; mas por derradeiro foram entrados, e lhe foi tomada com morte, e feridas de muitos, e isto fez Heitor da Silveira em espaço de dous dias que lá andou. E porque D. Simão de Menezes era primo do Governador D. Henrique, quiz ante andar em sua companhia, por servir de Capitão mór do mar, que da fortaleza de Cananor, da qual elle proveo a Heitor da Silveira. E primeiro que se daqui partisse, mandou a Fernão Gomes de Lemos em hum galeão, e duas galeotas, Capitães Gomes Martins de Lemos seu irmão, e Antonio da Silva de Menezes, que se fosse lançar sobre a barra do rio de Mangalor, que ficava atrás, e tivesse encerrados mais de cento e tantos paráos, que estavam carregados de especiaria pera partir caminho de Cambaya, segundo alli soube. Acabadas estas cousas, mandou-se espedir d'ElRey, e sem se verem, partio pera Cochij, no qual caminho veio ter com elle Antonio de Miranda, que Lopo Vaz despachára com huma Armada, que o Viso-Rey tinha ordenado pera mandar ao estreito do Méca com

com ſeu filho D. Eſtevão. E peró que Antonio de Miranda não levava tantas vélas como eſtavam ordenadas, ainda deſſas lhe tirou D. Henrique algumas, porque o intento ſeu era hum, e o de Lopo Vaz era outro, que era alimpar aquella coſta do Malabar daquelle fervor que os Mouros tinham de levar eſpeciaria. E diſſe a Antonio de Miranda que elle mandára a Chaul duas caravellas pera Antonio de Macedo, que tinha hum galeão, que ſe foſſem ajuntar com elle Antonio de Miranda, e lhe havia de obedecer; e dando-lhe regimento do que havia de fazer, o eſpedio. E elle D. Henrique ſeguio ſeu caminho, e de paſſagem deo huma viſta a Calecut, e ſoube de D. João como eſtava em treguas com o Regedor de Calecut té aſſentarem a paz, por entre elles haver rompimento de guerra. E deo-lhe conta como havia poucos dias que per vezes viera commetter queimar-lhe a caſa da feitoria, e armazens que tinham fóra da fortaleza, e iſto com favor de tres Capitães do Çamorij, que eram vindos a eſſa obra. Com que lhe conveio ſahir da fortaleza a lha defender com té cincoenta homens ſómente, de que deo vinte e cinco a D. Vaſco de Lima, e elle outros vinte e cinco; e N. Senhor lhe fez tanta mercê, ſendo grande número de Mouros, e Nai-

res,

les, que lhe matáram hum dos principaes Capitães, com que os puzeram todos em fugida, e não tornáram mais. No qual feito se acháram estes Fidalgos, D. Vasco de Lima Capitão de vinte e cinco homens, Jorge de Lima, Fernão de Lima, Miguel de Lima, Lionel de Mello, Ruy de Mello, Antonio de Sá seu irmão, Diogo de Sá, e outros, que por ser gente nobre, fizeram maravilhas; e as que alli fez Jorge de Lima, lhe custou ser muito mais ferido que todos, por o feito ser tão furioso, que foi huma grande mercê de Deos não morrer algum destes nomeados, segundo cada hum se offerecia ao ferro dos imigos. Finalmente com estas, e outras cousas que D. João contou ao Governador do estado em que estava com os Mouros, e que o Governador da Cidade não tardaria sem lhe logo mandar fallar na paz, D. Henrique por lhe não dar azo a ser alli commettido, se partio provendo D. João de alguma cousa pera sua defensão. E ante que D. Henrique chegasse a Cochij, mandou diante hum catur com recado ao Capitão, e Veador da fazenda que o não recebessem com festa por causa do falecimento do Viso-Rey, e tambem que não lhe fallassem por Senhoria, que não se contentava com cousas emprestadas: que prazeria a Deos que el-

elle faria taes ſerviços a ElRey ſeu Senhor, porque lhe ficaſſe em vida; e mais que ácerca dos homens honrados, mais ſe eſtimavam os meritos da honra, que os vocabulos della.

CAPITULO IV.

Como D. Henrique ſe apercebeo em Cochij de huma Armada que fez de cincoenta vélas, e foi ſobre o lugar de Panane d'ElRey de Calecut, o qual deſtruio; e paſſando per Calecut, lhe deo hum caſtigo, e dahi foi ter ao lugar de Coulete.

DOm Henrique de Menezes quando a quatro de Fevereiro chegou a Cochij, era já partido D. Duarte de Menezes pera eſte Reyno; e alguns quizeram dizer, e aſſi foi na verdade, que a cauſa delle D. Henrique não vir mais cedo a Cochij, e vir fazendo as demoras do caminho, pois logo havia de tornar dar viſta á coſta, fora por amor de D. Duarte, porque como eram parentes, e tinha ſabido que não hiam muito contentes do Viſo-Rey elle, e ſeu irmão D. Luiz polo modo que ſe teve com elles no deſpacho de ſua embarcação, e elle era Official a que competia juſtiça mais que parenteſco, e todo o favor havia-ſe de attribuir ao ſangue, por evitar eſcandalos das

par-

partes, e mais ſendo couſa, em que o Viſo-Rey puzera a mão, veio fazendo a demora que vimos, que não foi ocioſa; e as cartas, que havia de eſcrever a ElRey de Portugal, do caminho as mandou. E porque a principal couſa que o trouxe a Cochij foi fazer huma Armada para tornar a dar huma viſta á coſta Malabar, começou logo entender niſſo; e em quanto trabalhavam no corregimento dos navios, mandou fazer tres, ou quatro alardos de apuração da gente que havia miſter. Ao derradeiro dos quaes veio ElRey de Cochij, por comprazer a D. Henrique, e tambem dar moſtra da ſua gente, que eſtava preſtes pera ſe elle aproveitar della em ſerviço d'ElRey de Portugal, nos quaes alardos houve tirar com eſpingardas, e as outras moſtras que a gente de armas faz. E porque hum peão dos noſſos tirou com huma béſta com hum farpão, e paſſou o braço de hum Naire d'ElRey de Cochij, que he a ſua gente mais nobre, houve ahi reboliço delles, ao que D. Henrique acudio, e mandava enforcar o peão por não ſer da eſſencia do alardo tirar com farpão, e parecia ſer malicia mais, que deſcuido. Ao que ElRey logo acudio, pedindo a vida do homem; com que não houve effeito a juſtiça, de que elle ficou mui contente, vendo que Dom Hen-

Henrique dava tal caſtigo por tocarem em couſa ſua, e elle D. Henrique a eſſe fim moſtrava fazer aquella juſtiça. ElRey de Calecut como trazia eſpias no que D. Henrique fazia, ſabendo deſta apuração de gente, e Armada que ſe ordenava, como homem que tinha merecido caſtigo de ſuas culpas ácerca de nós, eſcreveo a D. Henrique ſobre negocio de paz; e que folgaria de mandar entender niſſo, ao que reſpondeo, que elle eſperava de ſer lá cedo, e então poderia de mais perto mandar fallar niſſo. Partido eſte, per artificio do meſmo Çamorij, por elle ſer ſeu vaſſallo, veio hum menſageiro do Governador de Panane, o qual lhe mandava dizer, que ſeu Senhor o Çamorij queria que lhe foſſem entregues certos paráos, que eſtavam no ſeu rio, que os mandaſſe receber, que elle os entregaria logo. Ao que D. Henrique reſpondeo, que elle eſtava de caminho pera lá, que entre tanto que o foſſe elle fazer preſtes, e foſſe de preſſa: cá poderia ſer que o acharia já lá mais occupado do que então eſtava; e com eſta reſpoſta o eſpedio ſem os mais querer ouvir. A eſte tempo eſtava já D. Henrique tão apercebido, que ſe embarcou logo, e partio a dezoito de Fevereiro com huma Armada de cincoenta vélas, entre galeões, galés, galeotas, fuſtas, bargantijs,

e ca-

e catures, de que estes eram os principaes Capitães, Pero Mascarenhas, D. Simão de Menezes, D. Affonso de Menezes, D. Jorge de Menezes, D. Jorge Tello de Menezes, Simão de Mello, Jorge Cabral, João de Mello da Silva, Ruy Vaz Pereira, Jeronymo de Sousa, Antonio da Silva de Menezes, Francisco de Mendoça o velho, Francisco de Mendoça o mancebo, D. Jorge de Noronha, Aires da Cunha, Francisco de Vasconcellos, Nuno Fernandes Freire, Diogo da Silveira, Antonio d'Azevedo, Gomes de Souto-maior, Antonio Pessoa, Rodrigo Aranha, Aires Cabral, e alguns moradores de Cochij, e o Arel de Porcá com vinte e sete catures. O qual era vassallo d'ElRey de Cochij, e vivia na povoação de Porcá, que he abaixo de Cochij nove leguas, com o qual D. Luiz de Menezes tinha assentado quasi per contrato, que cada vez que fosse chamado pera servir ElRey de Portugal com os seus catures, que fosse; e não querendo elle metter nisso sua pessoa, que desse os catures esquipados de remeiros; e por esta obrigação quiz elle pessoalmente ir com D. Henrique: assi que com os seus catures faziam o número das cincoenta vélas, em que iriam té dous mil homens. Com a qual Armada chegou a Panane a vinte e cinco de Feve-

teiro, que he huma povoação d'ElRey de Calecut das principaes que elle tem, ſituada toda ao longo do rio que tem. E peró, que não era cercada de muro, por em todo aquelle Malabar todalas povoações o não ſerem, eſtava em lugar delle entre o rio, e as caſas feita huma defensão de palmeiras, e madeira replenada de terra tão taipada, que ſuppria por hum forte muro. E vinha torneando eſta defensão toda a povoação pela parte do mar de maneira, que não ſe podia chegar ás caſas, que grão parte dellas eram de pedra, e cal, ſenão per cima de muita artilheria, que os Mouros tinham poſta naquella força. Da qual artilheria, (como ſe depois ſoube,) era Condeſtabre hum Portuguez arrenegado, que a governava, e dentro no rio havia muitos navios de toda ſorte de carga, e remo, tambem poſtos em ordem de pelejar, ſe alguem os foſſe commetter. D. Henrique primeiro que alguma couſa commetteſſe, mandou hum recado ao Governador, dizendo, que elle paſſava per alli, que bem lhe poderia mandar os paráos, que lhe mandára dizer, que o Çamorij havia por bem que lhe foſſem entregues. E em quanto hia eſte recado, mandou certos bargantijs que entraſſem pelo rio acima, moſtrando que queriam fazer aguada, por elle ſer de agua do-

ce,

ce, e que o fossem sondando. Aos quaes bargantijs, os Mouros que estavam em guarda dos navios, e assi na força ao longo do rio, começáram de esbombardear. D. Henrique quando vio que bombardas não respondiam á entrega dos paráos, nem o seu recado com a furia da artilheria não foi ouvido, nem respondido, e tudo eram mentiras, e manhas do Çamorij, governado per Mouros que eram contra a paz, feito conselho com os Capitães, a sahida em terra foi pola informação que lhe os bargantijs deram daquelle pouco que do rio puderam alcançar; mas não houve effeito a sahida aquelle dia que elle ordenou; e a causa foi esta. Querendo-se D. Henrique, (a manhã que haviam de saltar em terra,) passar de huma galé em que hia a hum batel, lançou pelo ombro o braço de seu lugar, que causou anteparar a sahida, e tornou-se elle á galé, onde lhe concertáram o braço, e posto hum emprasto nelle, sahio a outro dia contra vontade de muitos, por não crer em agoiros. E ainda disse a hum homem seu familiar, que o muito apertava nisso: *Se este agoiro fora baterem-me hum çapato, como a meu tio D. João de Menezes, per ventura me provocareis a não sahir; mas isto he lançar-me ombro fóra, que eu tomo por muito bom prognosti-*

 co,

co, que não tenho necessidade delle pelejar, sómente pôr os pés em terra. E o negocio do çapato de D. João de Menezes era huma cousa, que andava muito na boca dos Capitães da guerra, quando commettiam algum feito, a qual historia contámos no Livro terceiro da segunda Decada no fim do Capitulo decimo, quando matáram o Viso-Rey D. Francisco, fallando elle neste çapato de D. João de Menezes. D. Henrique leixando os agoiros, sahio nesta ordem como tinha assentado com os Capitães: Pero Mascarenhas acima, mettido mais dentro no rio com trezentos homens, e D. Simão com outros trezentos abaixo na praia do mar, em companhia do qual hia Dom Jorge seu irmão; e elle D. Henrique entre ambos com todo o mais corpo da gente, pera dalli acudir abaixo, ou acima, onde necessario fosse. A qual sahida, ainda que ella foi bem festejada dos nossos com trombetas, e gritas, que rompiam os ares daquella manhã, tiveram por resposta outro tom mui differente, que foram muitas bombardas, que encubriam as gritas nossas, e suas, e de envolta muita espingardaria, de que os Mouros estavam bem provídos. E per todalas partes houve tanta furia, que huns não entendiam os outros naquella primeira chegada, que os nossos chegáram a querer en-

entrar per cima da força, que os Mouros tinham feito; e porém tiveram tempo que na parte da praia, per que D. Simão vinha, por ser hum pouco longe, e affastado dos outros dous corpos da gente, acudíram muitos a elle. Pero Mascarenhas tambem como na parte que lhe coube havia mais defensão, teve assás trabalho em chegar lá; elles com tudo a seu pezar tomáram entrada, e vindo já a bote de lança, e fios da espada, assi cortavam nos Mouros de morte, que começáram a desamparar a defensão. D. Henrique por trazer o sentido em todalas partes pera acudir onde fosse necessario, vendo que sobre D. Simão acudiam muitos Mouros pola razão que acima dissemos, mandou alguma gente que lhe leixou tomar folego. E porém foi já a tempo que os Mouros se punham em fugida, e ao pé das bombardas achâram o Condestabre arrenegado morto, e o rosto todo retalhado em cutiladas: parece que quando se vio na agunia da morte, como homem desesperado de viver, assi polas feridas que tinha, como porque vindo a nosso poder padeceria o que tinha merecido com sua infidelidade, por não ser conhecido, mandou a algum Mouro que lhe retalhasse o rosto. D. Henrique como vio que a sua gente entrava per cima da artilheria, e que começa-

vam

vam a correr trás os Mouros, por se não espalhar pelas ruas da povoação per toda andar derramada, mandou aos Capitães que entretivessem a gente, té que o temor que os Mouros levavam os fez não parar nas casas, e acolhiam-se aos palmares. E posto que a povoação estava despejada de todo, todavia por dar huma cevadura ao Gentio que comsigo levava, deo-lhe lugar que fossem recolher alguma pouquidade que podia ficar, e ao mais mandou poer o fogo per muitas partes da povoação, e cortar palmeiras, que he o maior mal que lhe pode fazer. E tambem mandou entrar navios de remo per o rio, que foram queimar os que nelle estavam, com que este lugar ficou destruido, e castigado por huns dias. E entre muito grande número de peças de artilheria que mandou recolher, achou alguma nossa que os Mouros em diversos lugares, e tempos tinham tomado a navios nossos. Todavia não custou este feito tão barato, que não morressem nelle nove homens de armas, e feridos passáram de quarenta, de que os principaes foram Jorge de Lima, Simão de Miranda, Payo Rodrigues d'Araujo. Partido D. Henrique, ao outro dia foi dar hum açoute a Calecut, mandandolhe queimar dez, ou doze vélas, que estavam no porto. E em quanto no mar faziam es-

esta obra, D. João de Lima tambem com sua gente foi á Cidade a lhe pôr fogo per partes nos arrabaldes della; e por os imigos acudirem, e elle se metter mais do necessario no corpo della, correo grande risco té se recolher. Daqui tambem mandou D. Henrique a Coulete, onde era seu principal intento, a João de Mello da Silva, com o Piloto mór da Armada, que lhe fosse sondar a estancia dos navios, que ancoravam no porto, pera saber o que havia de fazer quando chegasse. O qual lugar era seis leguas de Calecut contra o Norte, assentado em huma praia curvada á maneira de meia Lua tudo raso, que com qualquer tiro podia offender a ambas as partes, e sómente pegado na povoação tinham hum estreito pequeno. Defronte da qual povoação ficava a praia hum pouco ingreme, e sobre ella por defensão tinham feito outro muro de madeira replenado de terra á maneira de Panane, e das ilhargas tinha outro tál amparo, ficando-lhe tudo em lugar de muro. E ao sob pé tinham todolos seus navios em ordem com as popas quasi em secco, assi dispostos que das tranqueiras de cima os podiam defender com artilheria de maneira, que quem houvesse de ir ao lugar per esta fronteria do mar, lhe convinha passar per estas duas estancias, a dos navios,

e dos

e dos replenos, tudo com muita artilheria. D. Henrique tanto que mandou João de Mello da Silva a ſondar eſte porto com té dezoito bargantijs, e catures, foi-ſe logo nas coſtas delle, e em deſcubrindo huma ponta, vio que ſe vinha João de Mello recolhendo de cincoenta e ſeis paráos, que lhe ſahíram ante que chegaſſe ao porto, que como gente que corre pareo, vinham a elle com grandes apupadas. Aos quaes João de Mello leixava, porque não hia a pelejar, ſómente a ſondar o porto, e mais primeiro a elle o leixáram doze dos catures, que levava do Arel de Porcá, todos eſquipados de Negros Malabares, que corriam, fugindo melhor que os outros, que perſeguiam a elle João de Mello. Porém quando os Mouros víram apparecer diante da ponta, que os deſcubria a D. Henrique, e entendêram ſer elle o Governador, já ſurdos de ſuas apupadas foram-ſe pôr no lugar de ſeu abrigo, que era ao ſob pé da artilheria, que eſtava nas eſtancias, que diſſemos, havendo nelles, e nos outros grande revolta, buſcando cada hum o lugar mais ſeguro a ſeu parecer, querendo o Governador commettellos, de que tinham grande temor polo feito de Panane, que já entre elles era ſabido.

ÇA-

CAPITULO V.

Como D. Henrique determinou de ſahir em Coulète, o qual com huma grande vitoria que houve dos Mouros, o queimou, e aſſi grande número de navios, que eſtavam no porto: e dahi ſe tornou a Cananor, e eſpedio D. Simão de Menezes com huma Armada pera aquella coſta de Malabar.

SAbendo D. Henrique de Menezes de João de Mello o que paſſára, e que ſe hia recolhendo pera elle polas razões que diſſemos, foi ſurgir com toda ſua frota hum quarto de legua deſviado da fronteria do lugar, pera alli aſſentar o modo que haviam de ter pera ſahir em terra. E como toda a frota foi ſurta, fez ſignal que vieſſem a conſelho á galé onde elle vinha, no qual houve mui differentes votos, e todos pareceram que o negocio era de muito perigo. E que a ſahida naquelle lugar não era couſa de tanta ſubſtancia, que por iſſo aventuraſſe tanta gente; e toda a vitoria do caſo eſtava em queimar humas poucas de caſas palhaças, e aquelles paráos que tinham diante, o que eſtava mui bem defendido per vinte mil homens de peleja, que diziam eſtarem em terra. E correndo a prática

mais,

mais, huns eram, que já que haviam de pelejar, fosse no mar, pera tomarem aquelles navios, e paráos, ou os queimarem, e não sahissem em terra; outros que sahissem nella, e não commettessem os paráos; alguns em que parte deviam pelejar, por sentirem D. Henrique inclinado a isso, e desejavam de o comprazer, e tambem por ter animo differente. D. Henrique quando se vio entre tão varios pareceres, quiz alargar o seu com algumas razões, dizendo, que a principal cousa que o movêra a partir de Cochij, fora castigar ElRey de Calecut, o qual (como elles sabiam) simulava estar occupado em guerra, e tinha em Calecut hum Governador, que como de si fazia guerra á nossa fortaleza, em que D. João tinha recebido muita affronta. E como elle o não podia castigar na pessoa, nem em lugar onde estivesse, queria-o castigar nas partes em que tinha mais olho, e elle não sabia outras mais importantes a seu estado, que Panane, e Coulete, onde elles estavam. E este Coulete desejava elle mais destruir, que outro algum, por quantos navios delle partiam pera Méca, e isto o trouxera alli, e não pera andar á caça de paráos, por este ser officio de hum Capitão da costa, e não da pessoa do Governador. E se isto era verdade, que conta daria elle de si a todolos

Mou-

Mouros da India, chegar alli com tal Armada, e não sahir em terra, e assolar tudo com tanta, e tão nobre gente como alli vinha? que a elle lhe parecia, que leixando de o fazer, fazia os Mouros verdadeiros, com huma palavra com que ameaçam aos Portuguezes, dizendo: *Uxar Coulete*, que quer dizer guarda de Coulete. Verdade era, (como elles diziam,) ser perigosa cousa quasi á escala vista commetter aquella entrada, onde se aventurava tanta Fidalguia, porque estes por honra de seu sangue sempre eram os primeiros, e não tendo elle este respeito, commettia dous erros; o primeiro não fazer o que lhe ElRey mandava em seu regimento, que no commetter de qualquer feito sempre tivesse muito resguardo á vida dos homens; o segundo erro era, não ter lei, nem amizade com muitos parentes, e amigos que alli vinham, todos tão cavalleiros, que elle já na fantasia os estavam vendo avoar per cima daquellas tranqueiras. Porém por se conformar com o que ElRey mandava, e com o parecer de todos, e tambem com o seu, que não queria aventurar tanta gente, e elle queria tomar sómente trezentos homens que levaria per huma parte D. Simão de Menezes seu primo, e elle pera si queria sómente cento e cincoenta, pera dar per outra

tra parte, que sería per ambas as ilhargas. E a mais gente lhe parecia bem ficar na Armada, pera commetter os cento e cincoenta navios, que tinham diante dos Mouros. Os quaes quando vissem de terra abalar tanta gente per diversas partes, como não sabiam a quantia que havia de ficar no mar, e quanta poiar em terra, esta dúvida os faria não se determinarem á parte principal, e o temor do feito de Panane, que tinha outra defensa semelhante, os metteria em fugida. Porque (louvado Deos) des que a nação Portuguez contendia com Mouros da India, ainda estava por ver recolheremse ás embarcações fugindo, e esta só razão naquelle tempo queria ter por si contra todalas outras, que algum desconfiado de si mesmo podia dar. Por isso esta mercê pedia a todos, que cada hum confiasse de si quanto elle confiava nelles, porque a desconfiança era o mais forte imigo que podiam ter contra si. E bastava para daquelle feito terem vitoria, a outra que havia poucos dias que tinham havido, de que ainda não tinham limpas as espadas do sangue de outros taes Mouros. Finalmente com estas, e outras razões, que lhe D. Henrique propoz, todos se conformáram com seu voto só, pera o outro dia pela manhã pôrem o peito per mar, e em terra ao perigo. Vinda a ho-

hora da maré, começáram os navios, que haviam de pelejar, ir demandar os paráos dos Mouros, que (como dissemos) estavam abrigados aos seus repairos, e defensão da terra. No qual tempo D. Simão com a sua gente em vasilhas pequenas tomáram huma parte da terra, que era á esquerda, e Dom Henrique á direita, em companhia do qual hia Pero Mascarenhas, ficando os paráos entre elles, e levava diante Jorge Cabral em huma fusta, que lhe hia sondando o caminho. Postas estas tres alas, cada hum teve tanto cuidado de si, como tinham de animo; e posto que o lugar era bem perigoso, o fumo da artilheria os fez mais seguros, porque não havia apontar a huma, e outra parte, com que se chegáram ao lugar de tomar terra, e virem a bote de lança, e (como dizem) mão por mão. Porque os Mouros todos estavam offerecidos a morrer, e assi o fizeram, que logo na primeira chegada dos nossos estiveram tão firmes, e constantes, que custou a vida de Diogo Pereira de alcunha o Malabar, que como era Capitão mór dos catures do Arel de Porcá, por cada hum acudir melhor a seu lugar, repartio-os per estes Capitães, per João de Cerqueira, Manuel da Gama, e outros, e querendo fazer vantage á honra em querer sahir primeiro em terra, não a fez á vi-

da,

da, porque o matáram alli. E Manuel da Gama pela garganta houve huma fréchada mui perigoſa, e aſſi recebêram outros ſignaes de honra, ficando bem feridos. No commetter dos quaes navios aſſi da ſua parte, como da noſſa foi huma nuvem que cubrio a todos, cheia dos foguetes da luz de tanta artilheria, a qual nuvem foi aos noſſos, (como diſſemos,) mui proveitoſa, porque primeiro os Mouros ſentíram o ferro em ſi, que entendeſſem que ſaltavam nos ſeus navios: tão cégo andava o ar, que a todos cubria. E a primeira couſa que começou prometter a vitoria aos noſſos, foi ſentirem-ſe os Mouros do mar tão apertados delles, que por ſe ſalvar ſaltavam em terra, e hiam-ſe abrigar á eſtancia que tinham feita, em que eſtava a ſua artilheria. E quem neſte abalroar dos paráos ſe houve animoſamente, por ſer o primeiro que abalroou, e enxotou os Mouros em terra do paráo que afferrou, foi Rodrigo Aranha, no qual tempo houve grande trabalho em todos; porque como os Mouros começáram a ſaltar, acudíram D. Affonſo de Menezes, D. Jorge de Noronha, Dom Triſtão de Noronha, Jeronymo de Souſa, Antonio Peſſoa, e outra gente nobre, que começáram levar os Mouros ante ſi. Dom Henrique como trazia os olhos em todalas

par-

partes pera ſaber onde havia de acudir, e mandar, vendo que o Arel de Porcá neſta entrada dos noſſos ſe leixava eſtar com alguns dos ſeus catures, como homem que ſe não queria metter em perigo, depois de lhe mandar bradar, e fazer muitos ſignaes que ſahiſſe com os ſeus, mandou-lhe tirar com hum berço, e foi elle tão mofino, que lhe quebrou huma perna. E ſobre iſſo mandou-lhe dizer D. Henrique que ſe foſſe, que não tinha neceſſidade de homens, que vinham á guerra por razão de apanhar o deſpojo, como os ſeus Malabares faziam, e não pera pelejar. No qual tempo andava já D. Henrique contente, por ver que muitos dos noſſos tinham já, além da força, que aos Mouros ſervia de muro, arvorado ſeus guiões, porque os primeiros neſta ſubida foram os mais ditoſos: cá o fumo os cubria de maneira, e a luz da eſcorva lhe dizia onde eſtava a bombarda, por cima da qual ſubiam ſem perigo; e paſſados da parte de dentro, por acudirem muitos Mouros, fizeram maravilhas. A eſte tempo Dom Henrique pela parte per onde entrou, por ſer onde eſtava o Capitão mór daquellas eſtancias, como levava gente mui nobre, faziam maravilhas, e era já morto eſte Capitão com outros tres aos ſeus pés, que tinham jurado no ſeu Alcorão de acabarem

al-

alli por defensão de sua pessoa. Da outra parte de D. Simão, por o seu caminho ser hum pouco longe, deteve-se pera encavalgar per cima da estancia da sua ilharga, que tomou, onde acudio grande pezo de gente, por cuidarem os Mouros que alli hia o Governador, vendo que a gente era dobrada. Mas como todos já andavam travados, tanto que a gente dos navios tomáram terra, foi elle mui bem ajudado, principalmente destes Fidalgos, e Cavalleiros, Jorge Cabral, João de Mello, João de Betancor, Manuel da Gama, Fernão de Moraes, Ruy d'Acosta, com que acabou de rematar neste grande conflito a vitoria, pondo-se os Mouros em fugida. No qual ficou morto Diogo Pereira, e outros quatorze em este feito, e todolos acima nomeados feridos, a fóra outros em outras partes, que por todos seriam quarenta e oito. Acabada esta vitoria, foram recolhidas trezentas e sessenta peças de artilheria de toda sorte, e grande número de espingardas, e tomados cincoenta e tres navios, muita parte delles carregados de especiaria, que estavam pera fazer viagem; e os mais por serem velhos, e não pera uso nosso, foram queimados, e por derradeiro foi queimado todo o lugar. Com esta vitoria se tornou Dom Henrique a Cananor a onze de Março; onde

de ſe vio com ElRey em terra, com aquelle apparato, (ſegundo ſeu uſo, de que já eſcrevemos.) E entre algumas couſas que lhe ElRey requereo, foi a entrega de certas Ilhas das chamadas de Maldiva, de que lhe apreſentou huma Proviſão d'ElRey. A qual como vinha com huma clauſula, que pagaria dellas o que bem pareceſſe ao Governador, e elle Rey não ſe quiz obrigar a pagar a quantidade do cairo, que lhe D. Henrique pedia, ficou ſem as Ilhas, e aſſi ſem huns paráos com a artilheria de certos ladrões, que ſe acolhiam no ſeu Reyno; porém concedeo-lhe outras couſas levemente, com que ambos ficáram contentes hum do outro, e ſe deram peças; ElRey hum colar de ouro, e pedraria a D. Henrique, que elle mandou a eſte Reyno a ElRey, e com eſta condição o tomou, por elle ſe haver por injuriado em o não tomar D. Henrique, e elle em retorno lhe deo outras peças. E daqui mandou D. Henrique a D. Simão de Menezes com vinte navios, em que iriam té quinhentos homens pera correr aquella coſta té Bracelor, e primeiro que ſe recolheſſe invernar a Cochij, foſſe carregar de arroz a Baticalá; e leixando alguns em Calecut, o reſto levaſſe a Cochij. E aſſi deſpedio a hum menſageiro d'ElRey de Ormuz, que com aggravos que dizia

ter do tempo de D. Duarte de Menezes, e de Diogo de Mello Capitão, escrevia ao Viso-Rey Conde da Vidigueira; e vendo que era falecido, apresentou as cartas a D. Henrique, e assi hum fio de perlas, e alguns pannos de seda, que lhe mandava de presente. As quaes peças D. Henrique lhe acceitou, polo não escandalizar, e as mandou a este Reyno a ElRey com o colar que lhe deo ElRey de Cananor, e escreveo a ElRey, e a Raez Xarafo as palavras que haviam mister queixumes, que eram de consolação, e justiça em seus aggravos; e outra a Diogo de Mello, encommendando-lhe o bom tratamento d'ElRey, e seu Governador, por não terem causa de se queixar. E daqui se partio pera Cochij a ordenar as cousas pera o fundamento que elle trazia.

CAPITULO VI.

Do que passou Antonio de Miranda d'Azevedo com a Armada que foi ao estreito e assi a D. Simão de Menezes na costa de Malabar té se recolher a invernar.

POr o recado que D. Henrique mandou a Manuel de Macedo a Chaul sobre as náos de madeira que hiam pera Méca,

de

de que lhe Alvaro Mendes deo conta, como atrás fica, elle partio de Chaül meado Janeiro em hum galeão, e levou duas caravellas, de huma era Capitão Ruy Vaz, e da outra Ruy Gonçalves. E porque elle foi primeiro que Antonio de Miranda, o qual partio de Goa a cinco de Fevereiro, em chegando a Çocotorá, achou alli nova como no Cabo de Guardafú andava huma caravella dos nossos ás prezas, a qual elle foi tomar, e era da Armada do Conde Almirante Capitão Mosem Gaspar, de que atrás fizemos menção. O qual como era estrangeiro, sobre palavras de querer mandar, que alguns dos nossos mal soffrêram, elle foi morto; e temendo o castigo que por isso haviam de haver os authores de sua morte, determináram de se fazer per alli ricos, andando ás prezas, fazendo seu Capitão hum Antonio Lopes, que não durou muito tempo no officio. E em seu lugar fizeram outro de appellido Aguiar, author da morte de Mosem Gaspar, que depois foi degollado em Cochij por este feito; e dos outros delles foram enforcados em Chaul, e outros degredados pera diversas partes, segundo suas culpas. Feita esta preza de prezos, ajuntou-se Manoel de Macedo com Antonio de Miranda pera andar alli de Armada, já desesperado das náos de madeira,

por ſerem paſſadas daquella paragem. O qual vinha em huma galeaça, e com elles eſtes Capitães, Ruy Mendes de Meſquita em hum galeão, Franciſco de Vaſconcellos, Ruy Vaz Pereira, e ſería a gente que levou té trezentos e cincoenta homens. E o modo que tem as noſſas Armadas de andar guardando a boca daquelle eſtreito, por não paſſar alguma véla de Mouros que lhe não caia na mão, he o que fazem os peſcadores na ſua peſcaria, atraveſſando o rio de terra a terra com ſua rede; e por eſta ſer a ordem de todalas Armadas que vam alli, a eſte fim o eſcrevemos aqui, por a não repetir muitas vèzes. Do Cabo de Guardafú, que he a mais Auſtral, e Oriental terra da parte Africa, ao Cabo de Fartaque, que lhe fica ao Oriente na terra de Arabia, ſe faz huma garganta do mar, que vai fazer o eſtreito do mar Roxo. Eſta garganta ſerá pouco mais de cincoenta leguas pelas cartas de marear, e neſta diſtancia as noſſas Armadas com ſeus navios ſe vam eſtender quaſi huns á viſta de outros, porque não paſſe véla, que per elles não ſeja viſta. E per eſte modo ſe ordenou Antonio de Miranda, e deo a caravella dos alevantados a Payo Rodrigues d'Araujo, e neſta peſcaria a pouco cuſto de peleja houveram dos zambucos carregados de ruiva, couſa de pouco pre-

preço, e tres náos. Das quaes a mais rica tomou Ruy Mendes de Mesquita, e por o terem assi por regimento, por não andarem com náos carregadas trás si, Ruy Mendes por andar da banda da costa de Arabia, a mandou por Francisco Borges a Chaul por ordenança de Antonio de Miranda, da qual fazenda elle não deo boa conta. E a Manuel de Macedo em seu lanço lhe coube hum paráo carregado de pimenta, que pelejou tão furiosamente, que perecêram todos sem se querer entregar, e ficáram sómente dous vivos. E vindo o tempo em que já não podiam andar naquella pescaria, Antonio de Miranda foi dar huma vista a Xael, onde D. Henrique lhe mandou que fosse pedir alguma artilheria, que Dom Luiz de Menezes não pode recolher com o tempo do mar, quando saqueou aquella Cidade. E assi que houvesse outra artilheria de huma náo, que indo pera Ormuz, com tempo se foi alli perder; mas os Mouros como estavam escandalizados do feito de D. Luiz, o não quizeram fazer. E converteo Antonio de Miranda a furia em pôr fogo a humas poucas de náos, porque acudindo elles a ellas, os castigasse, como fez, onde corrêram muitos sem sahir em terra, e das náos foram queimadas sete, e cinco foram tomadas, em que houve bom esbulho.

lho. E porque o tempo não ſoffria andar mais naquella coſta, e o galeão de Manuel de Macedo fazia muita agua, Antonio de Miranda o eſpedio que vieſſe a Chaul, como veio, e elle invernou em Maſcate, e depois veio ter com D. Henrique a tempo que elle eſtava ſobre Calecut, como ſe verá adiante. D. Simão tambem neſte tempo com a Armada que levou pera andar na coſta, foi correndo todolos rios té chegar a Mangalor, onde elle cuidou achar Fernão Gomes de Lemos, por levar recado de D. Henrique que o tomaſſe debaixo de ſua bandeira, e alimpaſſe aquella coſta de ladrões, por D. Henrique ter ſabido o que alli lhe tinha acontecido, de que eſtava deſcontente, e Fernão Gomes muito mais; e o caſo foi eſte. Dentro deſte rio eſtava grande número de paráos carregados de pimenta; e como elle não tinha navios pequenos pera poder entrar, por o ſeu navio ſer hum galeão, e as outras duas peças de ſeu irmão Gomes Martins de Lemos, e de Antonio da Silva ſerem galeotas, eſtavam mais em guarda que não ſahiſſem, que em auto de poder ir a elles. Os paráos como eſtavam alli encarcerados ſem poderem ſahir, parece que deram aviſo por terra a Calecut do eſtado em que ficavam, e ordenáram eſte ardil, que vieſſem de mar em fóra muitos pa-

paráos de lá a esbombardear Fernão Gomes. Porque como elle não tinha navios leves, e elles o podiam provocar a se mudar da boca do rio, pera no mar largo vir pelejar com elles, e só nesta mudança ficavam elles de dentro despejados pera sahirem com sua carga, pera o qual negocio estavam prestes. O qual ardil foi como elles o cuidáram, vindo hum grande número de paráos todos a ponto de pelejar, e commettendo a Fernão Gomes, foi tanta bombardada nelles, que lhe conveio sahir-se do lugar ao mar largo com as galeotas. E sahindo os paráos, começáram de se espalhar, e como eram leves, não lhes podiam os nossos fazer damno senão com alguns pelouros da artilheria, se os acertavam. No qual tempo os que estavam dentro, como preza de agua que lhe tiram o impedimento que tem, sahíram os que estavam carregados, e outros de pequeno porte vasios. E em Fernão Gomes fazendo volta, como que queria acudir aos entreter, se mettêram pelo rio dentro, e por este modo os carregados foram sua via de Cambaya, e Fernão Gomes ficou mui descontente, e muito mais quando soube que os de dentro não tinham carga alguma; com que determinou de se ir dalli quasi em busca dos outros que o fizeram mover, té que D. Simão veio

dar

dar com elle, e com indignação do caſo elle D. Simão foi dar em Mangalor, e o queimou, e dez, ou doze navios que ahi eſtavam; e os outros de menos porte ſe mettêram por eſſes eſteiros, onde os noſſos lhe não podiam fazer damno. Partio daqui, foi correndo a coſta já acompanhado de Fernão Gomes, e pelejou tres, ou quatro vezes com paráos. E a maior peleja que teve, foi dia de Paſcoa com té ſetenta paráos, de que tomou vinte, e com outros deo á coſta. Após quaes perſeguiam Antonio Peſſoa, e Domingos Fernandes por levarem catures de remo, que são navios mui leves, chegando-ſe tanto a elles, que vinham ao bote da lança, onde matáram muitos Mouros. E vendo os outros que não tinham ſalvação, lançáram-ſe ao mar, e outros foram tomar por abrigo o rio Marabea dentro do cabo de Cananor. Seguindo os quaes foi D. Simão, Antonio da Silva, Gomes Martins de Lemos; os Mouros do qual lugar vendo ir os noſſos com grande grita trás os paráos, como quem os queria defender, começáram offender os noſſos. E quem niſto ſe ventajou de entrar pelo rio acima, foi Domingos Fernandes, por ter leve navio, confiado na vitoria que houvera dos outros paráos. D. Simão quando o vio ir aſſi com aquelle alvoroço deſ-

at-

atenttadamente, e só, mandou a Gomes Martins de Lemos filho de João Gomes de Lemos, que hia em hum batel, que lhe acudisse; e elle em lugar de ir salvar a vida do outro, perdeo a sua, por dar em secco com o alvoroço de chegar, onde os Mouros de Marabea o matáram ás fréchadas, e com elle D. Miguel de Lima filho de Dom Affonso de Lima, e quantos hiam no batel, em que entráram sete Portuguezes, a fóra estes dous Fidalgos. Domingos Fernandes quando quiz tornar sobre elle, era já o caso feito, e teve bem que fazer em se salvar, e foi-se pera D. Simão, que não ficou mui contente delle, por o seu açodamento ser causa daquelle desastre, de que ficou mui triste. E por não ter vasilhas pequenas, leixou de ir destruir o lugar de Marabea, posto que d'ElRey de Cananor fosse; e porque esperava de haver o castigo por o mesmo Rey, e o tempo não soffria mais andar na costa, foi carregar de arroz a Baticalá, como D. Henrique lhe mandava, provendo delle Cananor, e Calecut. E tambem lhe leixou alguma gente, por estarem já de guerra com o Çamorij, e dahi se foi pera Cochij invernar. E quando passou per Cananor, fez queixume a ElRey do que os seus lhe fizeram, o qual pollo satisfazer mandou matar alguns Naires,

e Mou-

e Mouros que achou ſerem culpados. E neſte tempo, que era no principio de Maio, quando chegou a Cochij, por ſer o tempo da monção pera ir pera Malaca, achou que D. Henrique acabava de deſpachar Pero Maſcarenhas pera ir ſervir a capitanía della. Da chegada do qual adiante faremos relação, fallando nas couſas deſta Cidade.

CAPITULO VII.

Como o Çamorij de Calecut deſejando de tomar a noſſa fortaleza de Calecut, por artificio mandou commetter pazes ao Governador D. Henrique; e por lhe não ſerem concedidas com as condições que elle queria, veio cercar a noſſa fortaleza.

O Çamorij Rey de Calecut como neſte tempo, que D. Henrique começou governar, vio a grande deſtruição que lhe fez em ſeus lugares, e quantos navios tinha perdido, e que elle deſprezava os commettimentos de paz, entre indignação ſua, e conſelho de Mouros mercadores, que muito o demovêram, ordenou de cercar aquelle inverno a noſſa fortaleza, e a tomar, ſe pudeſſe. E quando não o pudeſſe fazer, polla-hia em tanta neceſſidade, que eſta obrigaria a Dom Henrique conſentir na paz, conforme a ſeu capitulações que elle quizeſſe: cá que joga-

aquelle homem entrava em ſeu governo furioſo, ſería o ſeu Reyno de todo perdido, ſem huma almadia poder peſcar, quanto mais navegar navios. E porém primeiro quiz uſar de huma cautela pera diſſimular com elle, mandar-lhe commetter pazes; porque quando viſſe que lhas commettia, aſſentaria em ſeu animo que elle Çamorij não havia de cercar a fortaleza, e não a proveria de novo. A qual tenção elle fez logo no fim de Maio, mandando a Cochij hum Gentio homem principal per nome Lambeá Morij, que D. Henrique ouvio, e tudo eram palavras de deſculpas ſer movida aquella guerra com D. João de Lima, por ſer hum homem máo de contentar, e grande executor crimemente em toda venial culpa. E ſe da parte do ſeu Capitão da Cidade Calecut ſe houve alguma, foi por elle Rey ſer ao pé da ſerra a huma guerra, que tivera com ſeus imigos, que tinha acabada. E deſejando muito ſua amizade delle Dom Henrique, tanto como os beneficios da paz, lha mandava requerer. D. Henrique a eſtas ſuas razões deo outras; e per fim dos apontamentos, e condições da paz, o Embaixador ſe tornou não mui contente, ſem o Ça-[illegible]ij mais a mandar requerer, e folgou de [illegible]o ſer concedida pera pôr em effeito [illegible] cercar a fortaleza. E porque eſte

cer-

cerco foi huma das couſas mais perigoſas que té aquelle tempo tivemos na India, aſſi por cauſa do tempo, que era na força do inverno, como do ſitio da fortaleza, pera ſe melhor entender o modo do cerco, ſerá neceſſario darmos mais particular declaração della, poſto que já atrás em alguma maneira o tenhamos feito na relação da Cidade dos Mouros. Eſta coſta, em que a fortaleza eſtá ſituada, não tem rio, nem porto abrigado, onde os navios poſſam eſtar ſeguros, tudo he huma coſta brava com hum recife de pedras com alguns canaes pequenos per que podem entrar navios pequenos. A qual coſta ſe corre Norte Sul, e tem a noſſa fortaleza nas coſtas da parte do Oriente junto á Cidade dos Mouros, e do Ponente o mar, tudo tão deſabrigado, e patente aos ventos, que pera ſahir na fortaleza em paz, ha miſter que ſeja o dia quieto, pera o mar dar ſahida em terra, quanto mais querer ſahir com mão armada, e o mar que rompe (como dizem) em frol. Os Mouros a primeira couſa em que entendêram foi cercarem a fortaleza com huma cava de té vinte e cinco palmos de largo, á maneira de meia Lua, cujas duas pontas vinham beber no mar. No fim quaes pontas em cada huma fizeram baluarte mui forte com artilheria,

gava, em revés ao longo da praia, pera que vindo soccorro per mar, não pudesse entrar na fortaleza. E em contorno de toda esta cava em lugar de repairo, principalmente donde podiam dar bateria á fortaleza, fizeram outros cinco baluartes, e toda a terra que tiravam da cava faziam huma trincheira pera tirar com espingardas, e fréchas, e se amparar dos nossos tiros, e per estes principaes baluartes punham a artilheria. Da qual obra era mestre hum Siciliano de nação arrenegado, que era grande Official, e elle se gloreava que aprendêra todos aquelles artificios da guerra no cerco que o Turco teve sobre Rhodes. Finalmente quando os Mouros chegáram a fazer esta cava, e baluartes, já os nossos tinham passado muito trabalho, e D. João de Lima sahido per vezes fóra da fortaleza a pelejar com elles. E o primeiro movimento que o Çamorij teve neste cerco foi mandar dez, ou doze mil homens com hum seu Capitão, e o Siciliano que dissemos, fazer a cava. A impedir a qual, D. João de Lima em diversos tempos do dia, ora com cincoenta, ora com cem homens, (porque na fortaleza não havia mais que trezentos,) lhe dava rebates, matando, e ferindo aos que andavam nesta obra. E ainda pera o fazer mais a seu salvo, serviam-lhe mui-

muito humas caſas noſſas, que eſtavam fóra dos muros da fortaleza, que ſerviam de armazens, e caſas de feitoria, porque amparavam os noſſos, que ſahiam a impedir a obra que os Mouros faziam. O arrenegado vendo quanto impedimento lhe fazia D. João com eſtes rebates, com que lhe matava muita gente, mandou cubrir da cava parte della com vigas, e rama, e terra, pera os homens per baixo irem trabalhando. E porque com ſer muita gente venciam o trabalho dos noſſos, ante que lhe vieſſem a queimar as caſas dos armazens, e Feitoria, que eſtavam fóra da fortaleza; D. João mandou recolher dentro toda a fazenda principal, ſem derribar as caſas, por lhe ſervirem de amparo quando ſahia dar os rebates. Tambem vendo elle que a tenção dos Mouros era tomar-lhe a ſerventia do mar, com os baluartes que jogavam em revés, da porta da fortaleza té beber no mar, com pipas entulhadas de arêa, e outros repairos, mandou fazer huma rua ao modo de Coiraça, pera per ella irem, e virem os noſſos ſeguros, e mais per entre pipa, e pipa jogarem os noſſos com a artilheria miuda, e eſpingardas. A eſte tempo, que era já na entrada de Junho, que a cava era acabada, chegou o Çamorij, o qual diziam trazer noventa mil homens. E

quem

quem vir esta gente em campo, dirá ser menos ametade, porque como faz pouco apparato sómente com hum arco, e fréchas, espada, ou cofo, e alguns delles espingardas, e todos com hum panno derredor de si sem luzirem mais armas, fazem pouca mostra em vista, e muita no commetter. Na qual gente vinham Reys, e Senhores delles vassallos, e outros amigos; e por assombrar os nossos, e elle abonar seus artificios, o Siciliano trouxe ElRey encubertamente aos ver, dando-lhe esperança que com sua chegada em poucos dias os nossos seriam tomados ás mãos. E ElRey assi lhe pareceo, pondo os olhos em a pouquidade da nossa fortaleza, e no grande número da gente que tinha, tanto, que gloriando-se elle entre os seus do que víra, dizia que com punhados de terra sem mais armas os seus alagariam a fortaleza. Ao que o seu Capitão que alli andava, como escaldado do que tinha passado, respondeo: *Aquella gente, Senhor, não se leixa alagar com terra, nem teme ferro, e he como huma pouca de polvora mettida em hum pequeno vaso, que se lhe chega huma faisca de fogo, faz maravilhas, de que muitos mortos, e feridos, e eu, somos testemunha da sua furia.* Dom João de Lima, porque o arrenegado veio estar á falla com os da nossa fortaleza, di-

zen-

zendo que sería bom darem-se, por ser vindo o Çamorij com aquelle grande exercito de gente, com que víram o dia d'antes aquellas praias cubertas, mandou-lhe responder, que agora veria elle que os cavalleiros, que estavam dentro naquella fortaleza, pelejavam de melhor vontade, pois eram vistos de hum tal Principe. E por fazer sua palavra boa, e que não temia aquella multidão de gente, sahio per detrás das casas da Feitoria, que estavam fóra do castello, a dar nos imigos, o que lhe houvera de custar a vida, por serem tantos sobre elle, que quasi o tiveram cercado; e á força de ferro, e feridas, que leváram os seus, se recolheo á fortaleza. E por experimentar naquella sahida que já as casas lhe não serviam de amparo, ante podiam ser azo na confiança dellas de algum grande desastre, per conselho que sobre isso teve, as mandou derribar, ao qual feito os Mouros não acudíram por odio, segundo o damno que dellas recebiam. E porque houveram que o temor fizera aos nossos fazer aquella obra, apressáram-se muito acabar a sua cava, e ordenar seus baluartes com toda a artilheria que tinham, pera dar bateria á fortaleza, em que entrava peça, que tirava pelouro de seis palmos de roda.

CA-

CAPITULO VIII.

Como ElRey de Calecut começou combater a fortaleza, e o soccorro que o Governador D. Henrique lhe mandou: e dos trabalhos que os nossos padeciam neste cerco.

O Primeiro dia que começáram dar esta bateria, foi huma manhã treze de Junho, a qual manhã naquelle tempo não teve mais claridade, que os relampagos do afuzilar do fogo, porque todo o mais foi hum grosso, e escuro fumo, que cubria o circuito da fortaleza, com tamanho estrondo das bombardas, e grita da gente, que por alto que os nossos fallavam dentro na fortaleza, não se ouviam entre si. Finalmente a terra tremia, o mar se empolava com alguns pelouros que lá hiam parar, e o ar roncava com aquelle rumor desvairado do estrondo das peças da artilheria, e tudo era huma semelhança do Juizo final; porque o animo dos homens, e a palavra se lhes encubria de horror, assi nos cercados, como ao Gentio de fóra, ainda que authores daquella obra. D. João neste tempo tinha repartido a guarda da fortaleza em estancias, de que estes eram as principaes pessoas, D. Vasco de Lima, Jorge de Lima, Ruy

de Mello, Antonio de Sá seu irmão, João Rabello Feitor, Duarte de Faria, e Antonio de Serpa ambos Escrivães da Feitoria, com gente ordenada que continuadamente estavam nelles. E D. João andava com outra sobresalente pera acudir a qualquer parte mais necessaria; mas naquelle dia não houve mais que fogo, de que os Mouros recebêram o maior damno. Porque a furia da sua artilheria parava em o muro da fortaleza, e muita della não lhe fazia cousa alguma, por não serem os bombardeiros mui certos; e a nossa que lhe respondia, dava no cardume da gente, e pés das palmeiras, as cadeias das quaes era outro genero de tiros, que matou, e aleijou muitos. Passado este dia, espertou os nossos de maneira, que foi necessario espertar outra vez a D. Henrique o Governador, dando-lhe conta como tinham recebido o primeiro combate, e estado em que ficavam, pedindo-lhe D. João soccorro de gente, porque a que tinha andava mui cansada do trabalho de dia, e vigia da noite; e nas sahidas que fizeram, foram alguns feridos. D. Henrique tanto que teve este recado per huma almadia, que foi milagre aportar lá, com a furia do mar, por ser na força do inverno, que era a dez de Julho, espedio a Christovão Jusarte filho de Bartholomeu

Ju-

Juſarte Alcaide mór da Villa Monforte, e com elle Duarte d'Afonſeca filho do Doutor Fernão d'Afonſeca, debaixo de ſua bandeira. E ambos ſe offerecêram a eſte grande perigo, por ſer couſa de muita honra, em duas caravellas, que levariam cento e quarenta homens, os mais delles de bom ſangue, com outra provisão de polvora, e couſas que mandava pedir. Chegando ambos a Calecut, teve Chriſtovão Juſarte huma vantage, que chegou primeiro, e a tempo que pode entrar dentro do recife; e a Duarte d'Afonſeca acalmou-lhe o tempo, e ficou de fóra. Chriſtovão Juſarte, como nas couſas da guerra era ſem medo, e ardido, peró que D. João quando o vio no lugar onde eſtava, temeo ſua ſahida, e poz-ſe á porta da Coiraça que tinha feita, acenando-lhe com huma bandeira que não ſahiſſe; com tudo, ou que elle o não entendeo, ou que teve pouca conta com iſſo, determinou ſahir, ſem ter aquella cautela, e reſguardo, que lhe D. Henrique mandava ter na ſahida: eſcolheo entre oitenta homens, trinta e cinco do ſeu voto, e aos outros que lhe contrariavam a ſahida, mandou ficar em o navio em guarda delle; e tanto que lhe viſſem tomar terra, varejaſſem aos Mouros que ſobre elles vieſſem. E pêra ſer maior milagre eſta ſua ſahida,

a força da agua carregou tanto no paráo em que sahio, que não foi direito á boca da Coiraça onde D. João estava. E como os Mouros o víram ficar fóra da garganta della, de que podiam receber damno das nossas espingardas, que estavam naquelle lugar, ainda o paráo não tomava terra, quando a multidão dos Mouros no collo queriam tomar os nossos. O qual tomar de terra era quasi com agua pelos peitos, onde os Mouros, e Gentio como não tem custo de despir vestidos, e sempre andam pera nadar, andavam a braços com os nossos. E se lhe de terra os outros não tiravam com espingardas, e fréchas, era por temerem que ferissem os seus, tendo já Christovão Jusarte espedido o paráo pera o navio polo não tomarem os imigos. E eram tantos a elle, que mais afogados andavam os nossos delles, que da agua, e quasi remando vieram ter onde estava D. Vasco de Lima, que per mandado de D. João lhes acudia, por se não perderem todos. E chegando ao lugar da entrada, por já irem hum pouco soltos da agua, foi a peleja tão travada, que quasi os imigos houveram de entrar de envolta com os nossos, té que a poder de ferro, e fogo Christovão Jusarte foi salvo, perdendo naquella entrada Fernão de Sequeira, e João de Macedo pessoas

ſoas nobres, e dous homens de armas, e muitos feridos, entre os quaes foi Manuel Cerniche. O qual por ſalvar hum homem ſeu amigo, que ficava entre os Mouros, tornou atrás como cavalleiro que era, e rompendo per elles, tanto fez té que o ſalvou, e não pode ſalvar a ſi meſmo de quantas feridas lhe deram, de que morreo dahi a poucos dias. E neſte tempo da entrada de Chriſtovão Juſarte ſe vio D. João em maior perigo do que té li tivera; porque vendo os Mouros que elle havia de acudir á entrada dos que lhe vinham pera ſoccorro, ouſadamente remettêram aos muros da fortaleza pela banda da terra, pondo nelles eſcadas pera ſubir. Dado eſte rebate a D. João, acudio preſtes, e com panellas de polvora, e muita eſpingardada, e lançada ſe tornáram queimados do fogo, e ſangrados do ferro a ſuas eſtancias. Duarte d'Afonſeca quando vio os perigos, per que Chriſtovão Juſarte paſſára, poſto que era Cavalleiro, quiz obedecer ao regimento que levava, e tomado conſelho, pareceo a todos que devia notificar a D. João a dúvida que tinha, e regimento que trazia, e com tudo faria o que a elle, e aſſi os ſenhores que com elle eſtavam bem pareceſſe. E eſta notificação foi per huma carta atada em huma ſétta, que mandou tirar do parão, que podia

che-

chegar bem a terra, e ſegurar que não cahiſſe fóra da Coiraça. Viſta a carta em conſelho, foi-lhe reſpondido per outra carta por o meſmo modo da frécha, que ſua ſahida era tentar a Deos, porque deſembarcar na praia não podia ſer com menos de quinhentos homens, e deſtes tinha a fortaleza neceſſitade, porque muitos dos que eſtavam dentro eram feridos, e os outros não podiam vencer o trabalho, que lhes davam os imigos em commettimentos de refegas, e de repairar lugares perigoſos; e que iſto eſcrevia a D. Henrique na outra carta, que com aquella lhe mandava. Duarte d'Afonſeca viſta a carta, e tomada a outra caravella comſigo, partio daquelle porto, e veio dar com elle Franciſco de Vaſconcellos, a quem entregou a caravella que a levaſſe a Cananor a Heitor da Veira, que alli eſtava por Capitão. Ao qual D. Henrique per elle Franciſco de Vaſconcellos mandou que ſoccorreſſe com qualquer couſa que pudeſſe a D. João, pois eſtava tão vizinho delle. Chegado Duarte d'Afonſeca a Cochij, D. Henrique o recebeo com gazalhado, e louvou tanto o que fez, attribuindo-o a cavalleria, como a Chriſtovão Juſarte em entrar, poſto que não cumprio ſeu regimento. E viſta a carta que lhe Dom João eſcrevia, e nova do modo que o Ça-

mo-

morij tinha ſituado ſeu arraial, ſegundo o que elle Duarte d'Afonſeca pode diviſar aquelle pouco tempo que alli eſteve, ordenou logo a meſma caravella de Duarte d'Afonſeca, e outro Capitão Pero Velho, e Duarte d'Azevedo em hum navio, e Dom Affonſo de Menezes, e Antonio da Silva em duas galeotas, e Jeronymo de Souſa em huma barcaça, e por Capitão mór deſtes navios Franciſco Pereira Peſtana, que fora Capitão de Goa. E porque em ſahindo pela barra de Cochij, com o temporal quebrou o leme á galeota, em que Franciſco Pereira hia, pedio a D. Henrique que lhe mandaſſe dar hum galeão, que ſe lançava ao mar, que lhe D. Henrique concedeo. E porém porque convinha fazer diligencia, mandou que entretanto ſe foſſem os navios, por Capitão mór delles Antonio da Silva, e eſperaſſem Franciſco Pereira no porto de Calecut, e não ſahiſſe em terra té elle não chegar, pera juntamente ſahirem com o corpo dos quinhentos homens, que lhe D. João de Lima mandava pedir. Porque pela carta que lhe elle eſcreveo, com menos gente não podia tomar terra, ſenão com tanto perigo, como foi a ſahida de Chriſtovão Juſarte, que (ſegundo lhe contou Duarte d'Afonſeca) foi milagre não perecerem todos. Partido Antonio da Silva jun-

juntamente com os navios de ſua companhia, por razão do tempo ſer forte, não houve navio que pudeſſe ſeguir bandeira de Capitão, porque ſeguiam mais a vontade do mar, que naquelle caminho foi mais forçoſo Capitão, que a vontade delles. E em quanto Antonio da Silva fez eſte caminho, ſe vio D. João em muita affronta, e perigo, porque o Çamorij tinha eſpias per terra do que fazia D. Henrique em Cochij, e do ſoccorro que mandava, e como ſe fazia preſtes pera vir ſoccorrer a fortaleza; e ante que vieſſe com tal ſoccorro, queria elle tomar concluſão com ella. E como o arrenegado Siciliano neſte negocio era o meſtre de todolos artificios, e ElRey deſejava ver eſta concluſão ante que Dom Henrique vieſſe, apertado delle, não ficou couſa que por mingua de ſua diligencia caſſe por fazer; ora com trabucos, que davam grande oppreſsão, e faziam muito damno dentro na fortaleza, porque não havia já dentro nella lugar ſeguro pera a gente eſtar, ora com matas, e minas, té vir a fazer aquellas grandes albarradas, que elle aprendeo no cerco de Rhodes, quando o Turco o tomou. As quaes albarradas são humas ſerras de ajuntamento de terra, que trazem ante ſi, e vem-ſe com ella amparando que lhes não faça nojo a artilheria de den-

dentro á fortaleza, té que vem igualar á ſerra com o muro; e ainda pera ficarem mais ſenhores dos de dentro, ſempre a ſerra lhe mais alta que o meſmo muro. No meio dos quaes artificios, que davam muito trabalho na defensão aos noſſos, Deos os quiz prover de hum ſeguro remedio não cuidado, porque eſtas são as ſuas miſericordias. Andava hum mancebo grumete per nome Baſtião lançado com os Mouros, o qual ás vezes fallava com os noſſos, e tambem com D. João; e ſegundo pareceo nos aviſos que deo, o ſeu officio mais era de anjo que de arrenegado: té huma mina que os Mouros faziam, porque não achou outro modo, cantando a denunciou. Finalmente em todo eſte tempo com o trabalho de acudir a tanto artificio, como reſiſtiam, andavam os noſſos de dia, e de noite em pé, e ſem força por razão do mantimento que lhes falecia, e não comerem mais que hum pouco de arroz cozido com agua ſal. Mas o animo, e ſangue generoſo os eſperava, e trazia vivos, e aſſi pera impedir pelejando, como cavar, queimar, e uſar de todolos artificios que podiam, com que vieram os Mouros a ſe enfadar, e o Camorij anojar tanto, que mandou que não houveſſe mais artificio, por não ver tanta morte dos ſeus, e mágoa de quão pouco

lhe

lhe aproveitavam, ſegundo logo eram contrariados dos noſſos, e aſſi mandou que houveſſe combates, e bateria ſem mais outra couſa, pondo ſua eſperança em os render, ou matar por fome.

CAPITULO IX.

Como o Governador D. Henrique proveo por algumas vezes a fortaleza de Calecut com gente, e mantimentos, e outras munições, e as couſas que nella paſſáram té elle vir em ſeu ſoccorro: e as differenças que teve no ſeu conſelho ſobre ſahir elle com a gente em terra, e por fim deſtas differenças ſe aſſentou que ſahiſſe.

A Eſte tempo eram já dos noſſos mortos mais de cincoenta homens; porque onde houve tanta defensão, e offensão, pode ſer ſem cuſtar vidas, e muito ſangue. E verdadeiramente ſe houveſſe de particularizar couſas, que peſſoas particulares fizeram, bem ſe podia deſte cerco fazer huma particular hiſtoria; mas nós ſeguimos a figura de todo, e não os ſeus miudos membros. E eſtando neſte trabalho, chegou Antonio da Silva ſó, porque os outros navios que partíram de Cochij com elle, a força do tempo os eſpalhou. E de noite a nado per hum homem ſoube o que Dom Jo-

João queria que elle fizeſſe, e elle o mandou amoeſtar que não ſahiſſe em terra, ſómente o proveſſe com alguma polvora de noite, o que ſe fez com muito trabalho, por os Mouros eſtarem á lerta, e a qualquer couſa que ſentiam eram logo alli. E porque eſtar no recife não ſervia couſa alguma, Antonio da Silva ſe tornou a Cochij com recado do eſtado em que leixava a fortaleza, e lá achou os outros navios de ſua companhia, que arribáram com o tempo. Partido elle de Calecut, chegou Heitor da Silveira Capitão de Cananor com a caravella, e fuſta que levou Franciſco de Vaſconcellos, e cinco paráos da terra, com muitos mantimentos, proviſões de polvora, e de outras couſas, de que a fortaleza tinha neceſſidade. E havendo recado de Dom João de como o havia de prover das couſas que trazia de noite, elle meſmo Dom João acudio com gente á boca da Coiraça; e a poder de ferro, polvora, e muito trabalho, Heitor da Silveira o provêo de tudo o que trazia, e ſe tornou pera Cananor, porque D. João neſte tempo não queria mais gente, por ver que os Mouros já de canſados, ou deſeſperados de poder tomar a fortaleza per combate, não os davam tão a miudo, e faziam mais fundamento de a tomar per fome. E porque diziam a

D.

D. João que os Mouros cantavam cantigas no arraial desta fome, em que esperavam de os pôr, mandou chamar o moço Bastião ao pé do muro, e o convidou com tassalhos de carne fresca, e outras cousas, té folhas do betelle, de que elles muito usam trazer na boca por derramar a humidade do estomago, dizendo-lhe que convidasse seus amigos. A este tempo, que era já no fim de Setembro, e o verão começa naquellas partes, chegou Francisco Pereira Pestana, o qual té então estivera mettido no rio Chatua, por não poder navegar no galeão em que vinha, como fizeram os outros, que foram em pequenas vasilhas. E por esta razão de navio grande não entrou dentro no recife, e poz-se de largo, parecendo-lhe que viriam os outros navios que elle cuidou achar alli, té que per hum paráo, que levava comsigo, soube de D. João o que era passado, dizendo, que ao presente não havia mister mais que provello de algumas cousas, que lhe pedio. E como a noite em que o provêo era de grande luar, acudio grande número de Mouros a impedir esta provisão, magoados das que lhe eram dado, segundo víram em os signaes do refresco, que o moço Bastião mostrou. E foi tamanha a revolta, por acudir quasi todo o arraial per huma, e outra parte, que

ma-

matáram cinco dos noſſos, e foram muitos feridos, té D. João com huma eſpingarda o feríram em huma perna de maneira, que não podendo ir per ſi, Jorge de Lima o tomou ás coſtas, e metteo na fortaleza, e foi lançado na cama, por a ferida ſer pera iſſo. E querendo Franciſco Pereira dahi a dous dias prover ainda a fortaleza, ſem ter recado de D. João, nem ter ſabido como fora ferido, por lhe parecer que era melhor tempo pela féſta, em que toda a gente eſtá em repouſo, como quem lhe furtava a volta, mandou o paráo com a maré. O qual foi rebatido da agua de maneira, que aportou abaixo da Coiraça em poder dos Mouros, ſem os noſſos lhe poderem valer, e houveram á mão cinco marinheiros entre mortos, e cativos. E tiveram os Mouros ainda outro ardil, que primeiro que vieſſem ao paráo, hum Capitão delles ſe lançou como em cilada junto da boca da Coiraça; e em vindo D. Vaſco de Lima com ſetenta homens pera receber o batel, ſahio eſte Capitão com ſua gente, e houve entre elles huma peleja tão brava, que dos Mouros foram muitos mortos, e feridos. No meio do qual conflito, por a grande revolta que havia, não ſe pode D. João ſoffrer na cama, e chegou a huma janella ferrada, que eſtava ſobre a Coiraça, e vendo

a pe-

a peleja, tambem dalli quiz ajudar os ſeus. E porque não tinha comſigo homens, ſómente huma eſcrava, eſta lhe acudio com duas eſpingardas: dalli, huma carregada, e outra deſcarregada, pelejou tambem empregando ſeus tiros, como os que andavam em baixo. Finalmente a furia foi tal, que Jorge de Lima foi ferido com huma eſpingarda, que lhe metteo o capacete pela carne, e aſſi o foram alguns dos noſſos, té que com morte do Capitão Mouro, que D. Vaſco de Lima matou, que foi cauſa pera os ſeus alargarem o lugar, e os noſſos ſe recolhêram, do qual trabalho Dom João ficou maltratado, porque o mover da perna, e accendimento do eſpirito lha açanhou. E ainda fez eſta ſua perna outro damno, além de ſe pôr em perigo de morte, porque lhe houvera de ſaltar erpes, que deo preſumpção entre os imigos ſer morto polo não verem pelejar. A qual couſa deſejando o Çamorij ſaber polo odio que lhe tinha, como ſabia que o arrenegado Baſtião ás vezes fallava com elle, mandou-lhe que ſoubeſſe ſe eſtava doente, ou como não apparecia, e ſe lhe diſſeſſem que eſtava doente, pediſſe ſeguro pera o ir viſitar, como logo aſſi ſe fez. Quando D. João vio Baſtião ante ſi, fez-lhe grande gazalhado, e entendeo a cauſa de ſua vinda, que o meſmo

mo Baſtião lhe confeſſou; e ſobre eſte propoſito do Çamorij D. João praticou muitas couſas com elle, e mandou-lhe dizer per elle que ſe eſpantava de hum tal Principe tão cavalleiro haver tanto tempo que durava aquelle cerco, e nunca o ver, couſa que os Principes fazem por animar os ſeus naquelles lugares, e aſſi outras palavras retorcidas a fraqueza. Partido Baſtião contente do veſtido, e mimos que lhe Dom João fez, ficou o Çamorij tão corrido do que lhe diſſe, que entre indignação, e conſelho dos Mouros mandou logo pôr fogo a hum baluarte de madeira, que D. João tinha feito á porta da fortaleza, por ſegurar aquella entrada. E verdadeiramente que eſta foi a mais trabalhoſa couſa, e de maior perigo, em que os noſſos té li ſe tinham viſto, por o baluarte arder, ſem haver modo de o apagar, nem impedir, por a grande multidão dos Mouros que eram a eſte feito; mas onde desfalece a força, e induſtria humana, acode Deos com ſeu remedio, e foi eſte; não de chuiva pera apagar o fogo, mas com vinda de Heitor da Silveira, que chegou neſte inſtante. O qual vinha com os proprios navios que veio da outra vez, e trazia algumas proviſões pera a fortaleza, e leixava em Cananor D. Simão de Menezes, cuja ella era, por vir

desavindo de D. Henrique, por lhe não querer dar o ordenado, que lhe pedia do Capitão mór do mar, como trazia D. Estevão da Gama filho do Conde Almirante, que levou este cargo quando deste Reyno partio. E como D. Henrique era mui regulado em dar ordenados, que as partes não tinham senão por ElRey, e D. Simão esperava isto delle, e com esse proposito leixava a fortaleza de Cananor, tornou-se a ella, o que D. Henrique muito sentio, por razão do grande parentesco que tinham. Esta foi a causa por que Heitor da Silveira leixou a fortaleza de Cananor; e quando chegou naquelle accidente que o baluarte ardia á porta da fortaleza, chegou-se quanto pode ao porto, e começou de esbombardear contra a gente, que andava derredor do fogo. Os Mouros vendo sete, ou oito vélas no porto, e o que faziam, parecendo-lhes que eram da Armada do Governador que vinha, e que confiados nella queriam tomar terra, leixáram o baluarte, e a grão pressa acudíram á boca da Coiraça, com o qual folego que os nossos recebêram na fortaleza, tiveram tempo de apagar o fogo com terra. E pera os Mouros ficarem mais certos em sua opinião, entráram sobre elle vinte e cinco vélas com té trezentos e trinta homens, que trazia Pero de Faria,

o qual

o qual per aviſo de D. Henrique, que mandou per terra, partio de Goa em fim de Julho, e com os fortes tempos que paſſou, não pode chegar mais cedo. Eſtes dous Capitães como eram Cavalleiros, e prudentes no governo, todo ſeu officio, em quanto o Governador não vinha, foi prover a fortaleza de alguma couſa que D. João pedia, e de fóra esbombardear aos imigos, que não lhe fizeſſem damno, té que D. Henrique chegou a vinte de Setembro com vinte vélas, em que levaria mil e quinhentos homens, da qual frota eſtes eram os Capitães, D. Affonſo de Menezes, D. Jorge Tello de Menezes, D. Jorge de Menezes, D. Jorge de Caſtro, D. Pedro de Caſtellobranco, Jorge Cabral, D. Diogo de Lima, D. Triſtão de Noronha, João de Mello da Silva, Antonio da Silveira, Fernão Gomes de Lemos, Antonio da Silva de Menezes, Antonio d'Azevedo, Manuel de Macedo, Henrique de Macedo ſeu irmão, Jorge de Vaſconcellos, Duarte d'Afonſeca, Antonio Peſſoa, Rodrigo Aranha. E além das vélas principaes, em que vinham eſtes Capitães, havia tambem outros de catures de maneira, que com os navios que achou no porto de Calecut, e Antonio de Miranda, que era vindo donde invernára, (como diſſemos,) enchiam toda aquella fron-

teria de Calecut. D. Henrique depois que foi mui particularmente informado do estado da fortaleza, e notou per si com alguns Capitães, que a isso levou, a situação do arraial com todo o mais que elle podia ver do mar, donde estas cousas notava, teve tres, ou quatro conselhos com todolos Capitães no seu galeão, os quaes duráram tantos dias, e houve mui differentes votos, sem D. Henrique se determinar no que havia de fazer, desejando elle muito de sahir em terra. Sómente alguns seus parentes, e amigos, como conheciam sua natureza, eram em contrario parecer de outros, que não approvavam a sahida, visto como ElRey mandava desfazer aquella fortaleza, segundo se dizia que o Conde Almirante levava isso em regimento. D. Henrique a muitas razões que alguns destes davam do perigo da sahida por causa do arrecife, e que havia mister hum dia muito brando, e outras razões do grande poder do Çamorij, e artilheria que tinha assestada nos baluartes que dissemos, tinha a experiencia em contrario, porque sabia quão poucos homens já por aquelles perigos entráram a pezar dos Mouros dentro na fortaleza; e a mais principal cousa, que tinha ante os olhos, era ver outra semelhança daquelle caso em outra parte, em que houve outras tantas, e taes dú-

vi-

vidas; e quando se poz o peito em terra, ficou o caso leve, e isto fora na Villa de Arzilla em Africa, quando o anno de quinhentos e oito ElRey de Féz a cercou, e entrou a Villa, sómente o castello ficou por entrar, em poder de D. Vasco Coutinho Conde de Borba Capitão della, á qual chegou D. João de Menezes tio delle D. Henrique, em cuja companhia elle hia na Armada, que ElRey D. Manuel fez pera Azamor aquelle anno de oito. Sobre o qual castello estava ElRey de Féz com tanta potencia de gente, como o Çamorij; e tendo outros baluartes com tanta, e melhor artilheria, e a sahida da gente havia de ser per mais perigoso recife de pedras, e o mar mais furioso, e tudo isto não foi impedimento pera D. João de Menezes leixar de sahir em terra. E o primeiro que a tomou foi hum primo delle D. Henrique per nome D. Tristão de Menezes filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes, que ganhou o preço de trezentos cruzados, que seu tio D. João prometteo ao primeiro que puzésse o pé em terra. Pois vendo D. Henrique este perigo da sahida do mar, e potencia da terra, de homens armados a cavallo, e a pé, e elle passou pelo perigo delles, como Cavalleiro mancebo sem algum temor, como o poderia elle ter ainda que Capitão,

e de mais maduro conſelho, vendo Indios menos armados, poſto que mais frécheiros que os Alarves de Barberia? Aſſi que o ſeu animo eſtava poſto entre prudencia, e cautelas de Capitão, e animo de Cavalleiro já mui experimentado neſtas partes cá de Barberia, e naquellas de lá nas couſas que paſſou em Coulete, e Panane, que ſabia té onde chegavam os receios, e temores das couſas ante de commettidas. E mais conhecia os homens que eram em hum voto, e outro, cujos nomes ficam na penna, por não darmos noticia dos ditos de cada hum, que muitas vezes neſtes caſos taes, que não são fraqueza do animo, mas particulares reſpeitos. E porque Antonio d'Azevedo vio Dom Henrique inclinado a ſahir em terra, e era grande amigo de D. João de Lima, mandou-lhe huma carta per hum ſeu criado, que foi, e veio a nado, em que lhe reſumia a confusão, em que D. Henrique eſtava. Que devia hum dia ſahir a tomar huma bombarda groſſa, e outros tiros poſtos no baluarte da principal deſembarcação, porque todos em ſeus pareceres tiravam áquelles tiros. Eſte baluarte na verdade eſtava abaixo da banda do Sul, onde elles chamavam Cota China, por razão que quando os póvos Chijs tiveram o commercio da pimenta, tiveram alli huma fortaleza, a que

a que os da terra chamam Cota, e China, por ser dos Chijs, de que ainda alli estavam as ruinas della, e por esta razão era mais prejudicial, que a outra de cima. Alguns quizeram dizer que esta carta, e modo de commetter aquellas bombardas, Dom Henrique industriára tudo, porque quando approvasse o feito, não dissessem que tudo ordenavam ao seu voto, posto que té alli não se tinha determinado. D. João como entendeo que D. Henrique teria disso prazer, ao outro dia pela sésta mandou sahir té cincoenta homens escolhidos, e por Capitão delles Jorge de Vasconcellos, hum Fidalgo que tinha prudencia, e animo pera aquelle feito, o qual commetteo o caso como se delle esperava. E porque sua sahida foi pela sésta, em que os Mouros estavam descuidados, e toda sua vigia era na praia, se desembarcavam: em dando nelles, ficáram tão sobresaltados, que mais tento tiveram em se affastar, que defender a artilheria. No qual tempo, porque os Mouros haviam de fazer grande rumor, D. João de Lima mandou desparar muita artilheria nas suas estancias, que estavam no muro contra o corpo de todo o arraial. E o primeiro que poz os pés em cima da bombarda grossa, que era hum camello, foi Belchior de Brito filho de Jorge de Brito Co-

pei-

peiro mór que fora d'ElRey D. Manuel, dizendo em alta voz aquellas palavras, que os homens mancebos, e Cavalleiros como elle era, dizem: *Amores*, *amores*. No qual instante era já tão grande a grita entre os Mouros, por acudirem, que tiveram os nossos tempo pera tirar dalli as peças da artilheria; as quaes custáram a vida de dous homens, hum era Jorge Vaz Almoxarife da fortaleza; e outro hum amo de D. Diogo de Lima. Tendo D. João provído com sua pessoa, porque como vio que Jorge de Vasconcellos era commettido dos Mouros, acudio com gente que tinha prestes, e não se puderam espedir huns dos outros sem a vida destes dous, e outros feridos, dos Mouros tambem leváram parte de seu damno. O qual feito teve tanta parte de prudencia, como de cavalleria pelo modo que se commetteo, e geralmente foi gabado na frota, de que D. Henrique teve muito prazer por abonar seu voto. Do qual escreveo logo os agradecimentos a D. João, e a todolos que foram nelle, pedindo a D. João que lhe mandasse hum homem honrado, que lhe pudesse dar informação do que lhe perguntasse. Pera a qual ida se offereceo Jorge de Lima, e ainda pedindo-a em modo de mercê a seu tio, por elle duvidar na ida por causa do perigo. Todavia como veio a noi-

te,

te, em huma manchua, que eſtava dentro na fortaleza, couſa mui pequena, elle Jorge de Lima ſe metteo com hum marinheiro, que ſe chamava de alcunha Guizado; mas não pode iſto ſer tão ſurdo, que os Mouros o não ſentiſſem. E tirando a montão, onde viam a ardentia da agua, hum tiro arrombou a manchua, e ficáram ambos a nado, e ſalváram-ſe no primeiro navio que pudéram tomar. Levado Jorge de Lima ao galeão do Governador, quando o vio, ſabendo as couſas que tinha feito, e aquelle perigo a que ſe offerecêra, e que tudo procedia de animo de cavalleiro, ſendo elle de idade de vinte annos, queria-o metter na alma com amor; e não o quiz muito deter, por lhe elle pedir que o leixaſſe aquella noite ir dormir á náo de D. Diogo de Lima ſeu tio, e aſſi o fez. Quando veio a outro dia, mandou chamar Jorge de Lima, e aſſi a conſelho pera ante os Capitães dar o parecer de D. João de Lima, que elle trazia ſobre o que entendia que devia fazer naquelle caſo, em que té então ſe não determinava. Poſto D. Henrique em conſelho, quiz que diſſeſſe Jorge de Lima primeiro o parecer de D. João, e aſſi das outras peſſoas de qualidade, que eſtavam na fortaleza, e aſſi o ſeu com as mais razões pera confirmação do ſeu parecer. Jorge

ge de Lima, depois de propôr o que mandava dizer D. João, e o voto dos que com elle eſtavam, que tudo vinha a concluir que elle D. Henrique ſahiſſe em tèrra por honra do eſtado d'ElRey, e de quanta Fidalguia era preſente, poſto que logo ao outro dia houveſſe de mandar derribar a fortaleza, começou de dar ſeu parecer, que era eſte, e bem confirmado com muitas razões do que era paſſado, e ſe podia fazer pera fazer o caſo mais leve, do que eram os temores, e inconvenientes, que ſe podiam pôr. E porque o negocio dos votos foi huma nova peleja de perfias, rematou D. Henrique o caſo em duas palavras; e por magoar a huma certa peſſoa, que contrariava muito o caſo, e diſſe com grande confiança de ſua cavalleria: *Ora bem, lá iremos, e veremos o que cada hum faz.* Reſpondeo D. Henrique: *Eu juro a eſte Livro, que tenho na mão, em que eſtam os Evangelhos, que ſobre o caſo não tenha mais conſelho ſe ſahirei em terra, mas o modo da ſahida, viſto o parecer, e razões de D. João, e dos que tem experimentado poder dos imigos ha tres mezes e meio, e tambem de muitos deſtes ſenhores Capitães que aqui eſtam. E aſſi juro de dar trezentos cruzados ao primeiro que for diante do ſenhor Jorge de Lima, que aqui eſtá, e ſerá*

a ca-

a cada hum daquelles que contraría o ſeu voto, com o qual me eu contento; e levantou-ſe por então por evitar mais perfias.

CAPITULO X.

Como D. Henrique logo aquella noite depois de ter eſte conſelho, ordenou de metter gente dentro na fortaleza, e depois ſahio em terra: e paſſados certos dias de tregua, que lhe o Çamorij pedio pera entenderem na paz, porque não ſe concertáram nas capitulações della, D. Henrique derribou a fortaleza, e ſe partio: e o que o Çamorij por iſſo fez.

PAſſado aquelle conſelho, em que Dom Henrique aſſentou de ſahir em terra, por embaraçar os Mouros, e não entenderem eſte ſeu propoſito, por lhe não dar materia de fazerem algumas minas de polvora, e outros artificios de que pudeſſe receber damno, e tambem pera ter gente em terra, que vieſſe entreter aos Mouros quando elle quizeſſe poiar nella, logo aquella noite ordenou de metter dentro na fortaleza hum bom golpe de gente, e aſſi o fez a noite ſeguinte, com que os Mouros tomáram ſuſpeita que elle não queria mais que ſoccorrer a fortaleza, que pera o Çamorij foi hum grande prazer, porque lhe pa-

pareceo que D. Henrique leixava de o fazer com temor delle, e assi lho davam a entender os Mouros. E a primeira gente que metteo, foram cento e cincoenta homens, Capitão Heitor da Silveira, que entrou com assás trabalho; e na seguinte noite levou D. Diogo de Lima primo de Dom João de Lima outros cento e cincoenta. Quando veio ao quarto da Alva pelo signal que D. Henrique tinha mandado fazer na gavea do seu galeão, Heitor da Silveira por sua parte com a gente que levou, e D. Vasco de Lima com duzentos homens, commettêram dar rebate nos Mouros, e entretanto o Governador chegou a desembarcar. E diante si mandou ir D. Jorge de Menezes, e D. Jorge Tello de Menezes, ambos seus primos, com sessenta homens, cada hum com panellas de polvora, e hum entrasse pela cava da parte do Norte, que vinha dar no mar, e o outro pela outra da banda do Sul, e fossem queimando os Mouros que achassem dentro pera ir fazendo caminho á gente detrás. E per outra parte hia Heitor da Silveira levando ante si Fernão de Moraes com vinte homens com panellas de polvora, e D. Vasco per o mesmo modo. Póstos todos na ordem, segundo lhes era mandado, (barba em terra como dizem,) começou o Governador

dar

dar ás trombetas, e D. João em terra da parte da fortaleza respondendo com as suas. E bem como quando se solta huma grande preza de agua, a qual não cabe no açude, a quebra per partes, sahe tão furiosa que leva quanto acha ante si, assi rompêram os dianteiros, e trás elles os trazeiros, que não houve naquelle primeiro impeto cousa que os esperasse. A grita delles, dos da fortaleza, e dos que ficavam em os navios, por quebrar o animo aos Mouros, e Gentios, era cousa que rompia os ares, tudo eram gritas da gente, som das trombetas, estrondo da artilheria, e fumo da sua polvora, que cegava a luz da manhã, que rompia, de maneira, que os imigos naquella primeira sahida não sabiam onde haviam de acudir, com que muita da nossa gente ao desembarcar não tiveram impedimento algum. Os que levavam as panellas de polvora, com ellas hiam despejando as cavas; e quando os imigos queriam subir pera cima, achavam dos nossos espingardas, lanç[a]das, bombas de fogo, e mil generos d[e] morte. Outros dos nossos, a que este offic[i]o era encommendado, punham fogo aos t[r]abucos, que tanto mal tinham feito na for[t]aleza; e a polvora que achavam nas estanc[i]as, lançavam nas cavas que lavrava nos i[m]igos com furia do fogo, que
lhe

lhe lançavam. E em huma grande casa, que fora nosso armazem de recolher o gengivre, aqui foi grande mortandade delles, porque mais de trezentos homens que estavam recolhidos dentro, todos foram queimados. E em hum dos seus baluartes em guarda da artilheria morrêram mais de duzentos com o seu Capitão; e tendo huma bombarda grossa, de torvação, ou (por melhor dizer) polo Deos impedir, nunca lhe quiz tomar fogo, porque sem dúvida fizera muito damno em os nossos, e aqui morreo o Siciliano arrenegado que nos tinha feito grande mal com suas obras. Finalmente foi a cousa tão baralhada, que não se pode particularizar o que cada hum fez, basta que os Capitães que nomeamos, como andavam mais na vista da gente pola obrigação do sangue, e principalmente de seu cargo, satisfizeram com seu officio. Assi como D. João de Lima Capitão da fortaleza, D. Vasco de Lima, D. João de Lima seu irmão chamado o moço, a differença do tio, Jorge de Lima, Antonio de Sá, Ruy de Mello seu irmão cada hum per sua parte, como homens que recebêram damno dos imigos, neste tempo quizeram vingar sua indignação. E ainda D. Vasco de Lima, por se mostrar ante o Governador, e toda aquella Fidalguia, quiz perse-

guir

guir tanto hum Caimal peſſoa bem nobre dos Gentios, o qual ſe hia recolhendo pera a Cidade com hum corpo de gente de té quatrocentos homens; e quiz-ſe metter tanto entre elles, por chegar ao Caimal que hia diante, confiado em huma eſpada de ambalas mãos, que ſe houvera de perder, ſe lhe não acudíram. Heitor da Silveira quando já acudio a eſte perigo de Dom Vaſco, tinha feito maravilhas pela parte que lhe coube em ſorte, em companhia do qual hia Fernão de Moraes com as panellas de polvora, e Belchior de Brito, e Chriſtôvão Juſarte. Pois D. Jorge de Menezes nas cavas per onde foi o ſeu caminho, tambem com outra eſpada de ambas as mãos fez deſpejo té que lhe cortáram a mão direita, e cumprio-lhe por ſalvar a vida, que trocou a eſpada grande com outra pequena a hum Balthazar Fernandes, que andava com elle, criado de D. Antão d'Almada Capitão de Lisboa. Finalmente os Mouros que ficáram vivos, deſpejáram ſuas eſtancias, e os mortos ficáram enterrados nas cavas, e delles onde a morte os derribou; e por ſerem tantos que com fedor, e quentura do Sol podiam corromper o ar, D. João mandou notificar á Cidade aos Mouros que vieſſem enterrar os córpos dos ſeus, que elle os ſegurava de lhes não tirarem com artilhe-

lheria, nem ſer feito outro damno. E ante que eſtes Mouros vieſſem, o Governador D. Henrique mandou que todolos marinheiros, e grumetes vieſſem com enxadas, e pás, com que abatêram os valos das eſtancias ſobre as cavas, onde ficáram enterrados muitos daquelles córpos mortos. E affirma-ſe que perecêram aquelle dia mais de tres mil homens, e dos noſſos paſſáram de trinta, ſem haver entre elles peſſoa notavel, e feridos duzentos e trinta. E não ſómente as enxadas vieram pera a gente do mar enterrarem os mortos, mas ainda pera aſſentar ſeu arraial. Na qual obra não ficou Fidalgo, que com enxada, com pá, com ceſto, ou com madeira ás coſtas não trabalhaſſe de maneira, que o reſte que ficava do dia ſe gaſtou em fortalecer aquella praia, em que ſe aſſentou ſeu arraial, e os feridos foram levados aos navios. E porque huma das maiores injúrias que o Gentio recebe naquelle Malabar no eſtado da guerra, he ſerem-lhe cortado ſuas palmeiras, porque ſignifica ſer ſenhor do campo quem faz eſta obra, e junto da fortaleza tinham hum palmar novo, o Çamorij temendo que o Governador o mandaſſe cortar, mandou-lhe dizer que déſſe ſeguro a Coge Bequij, que o queria enviar a elle ſobre couſas que faziam ao bem da paz. Eſte Coge Bequij era hum

hum Mouro honrado, que no tempo do levantamento, quando matáram Aires Correa, estando Pedralvares Cabral naquelle porto, e depois, tinha servido bem a ElRey de Portugal, e tinha delle vinte mil reis de tença cada anno assentados na Feitoria de Cananor. E como era tão conhecido, depois que D. Henrique deo licença que viesse a elle, por o mais honrar, entrando em o nosso arraial, elle o mandou receber com trombetas, e Fidalgos, que lho leváram á tenda que tinha, mostrando-lhe muito amor no agazalhado que lhe fez, por saber quão leal sempre fora ás cousas do serviço d'ElRey seu Senhor. Coge Bequij depois de lhe agradecer as palavras, que lhe disse em sua chegada, logo naquelle negocio a que vinha, quiz pagar a confiança que se tinha de sua lealdade, dizendo que o Çamorij o mandava a elle pera contratarem de paz; mas que elle entendia que nunca a poderia ter com elle por muitas razões, que logo apontou. E porém não se perdia ouvir as condições della, e taes podiam ser, que sua Senhoria folgaria de a conceder, e de se cumprirem; isto he o que elle duvidava. E que pera tratar este negocio, pedia elle Çamorij quatro dias de tregua; e este tempo pola lealdade com que sempre servia ElRey de Portugal, pedia a sua Senhoria ser-

lhe

lhe a elle concedido. E assi se fez, mandando logo o Governador apregoar esta tregua, e o Çamorij fez outro tanto no seu arraial, que foi mui proveitosa aos nossos, porque vinham muitos Gentios ao nosso arraial vender mantimento, e todo refresco de que tinham necessidade. O Çamorij, quando soube de Coge Bequij com quanta honra fora recebido, como homem que desejava ficar em paz, prometteo-lhe a elle Coge Bequij o officio de Xabandar, que he o mais honrado, e proveitoso que elle tem pera dar, que he ser o supremo na justiça entre os Mouros, se elle fizesse com o Governador que lhe concedesse a paz com as condições que elle apontasse. Ao que elle respondeo, que sem esse premio trabalharia polo servir, quanto nelle fosse; e querendo-lhe remunerar seu trabalho, como elle dizia, esta mercê podia fazer a seu filho, por elle já não ter idade pera isso. O Çamorij logo polo mais obrigar deo o officio ao filho, como lhe pedia, com grande ceremonia de honra, segundo seu uso. Satisfeito Coge Bequij, tornou ao Governador com as capitulações da paz, que eram estas. Querendo elle Çamorij á sua custa tornar pôr a fortaleza no estado em que estava ante que fosse combatida, e pagar as perdas, e damnos, que ElRey de Portugal por causa

da-

daquella guerra tinha recebido , e a liquidação se faria depois de a paz jurada ; e mais queria dar a pimenta , que houvesse no seu Reyno ao modo, e pelo preço que dava ElRey de Cochij ; e mais queria entregar a artilheria , que em seu Reyno se achasse ser d'ElRey de Portugal. D. Henrique visto estes apontamentos não ficou satisfeito delles, e accrescentou outros, hum dos quaes foi, que lhe havia de entregar o Arel de Porcá, que se passára naquella guerra d'ElRey de Cochij pera elle Çamorij, e isto em odio delle D. Henrique polo que lhe aconteceo com elle em Coulete, quando per desastre com o tiro que lhe mandou tirar, lhe quebráram huma perna. Coge Bequij polo que tinha dito a elle D. Henrique do que sentia daquella paz que o Çamorij commettia , como homem que sabia os conselhos que lhe davam os Mouros , desejava não perder nossa amizade, e como discreto quiz usar de huma cautela por não entrevir no assentar das capitulações do contrato. E disse a D. Henrique, que por não haver tantas idas, e vindas, em que se podiam passar os quatro dias da tregua, que lhe parecia bem mandar sua Senhoria hum homem de authoridade ao Çamorij com a resolução de sua vontade ; o que pareceo bem a D. Henrique, e por então este só re-

cado levou ao Çamorij. Quando veio ao outro dia, mandou D. Henrique a eſte negocio das pazes Fernão Martins Evangelho, hum Cavalleiro homem antigo na India, e que tratára muitas vezes com Principes Gentios, e Mouros couſas de muita importancia, e ſabia bem ſeus modos, e coſtumes. O qual Fernão Martins foi, e veio duas vezes, ſem o Çamorij querer conceder o que D. Henrique queria, principalmente o Arel de Porcá. E mais deſejavam os Mouros tanto de ſe não fazerem eſtas pazes, que eſtando Fernão Martins com o Çamorij, movêram hum arroido fóra da caſa onde ElRey eſtava, por matarem dous Portuguezes, que levava em ſua companhia, que ſenão fora por alguns Naires, e polo meſmo Çamorij acudir a iſſo, Fernão Martins viera ſem elles. E ainda temendo elle Çamorij que no caminho recebeſſe elle alguma affronta dos Mouros, mandou com elle hum Capitão Naire té o pôr dentro dos noſſos. A qual couſa tanto deſcontentou ao Governador com o mais que o Çamorij negava, que não quiz que tornaſſe lá mais Fernão Martins, e niſto ſe acabáram os quatro dias da tregua, com que tornáram a ficar no eſtado da guerra. Finalmente vendo D. Henrique, que com eſtes recados de ir, e vir ſe começava de encruar mais ódio,

que,

que termos de paz, por o não obrigar a mais, teve conſelho ſobre o que faria da fortaleza. E poſto que nelle houve mui differentes pareceres, viſto como o Conde Almirante levava recado d'ElRey que a derribaſſe, aſſentou que logo ſe fizeſſe. E moſtrando aos Mouros que a mandava reformar, por não ſer delles ſentido, mandou-a picar per partes, e metter-lhe polvora em certos lugares, no qual tempo, por modo que não foſſe ſentido, ſe recolheo quanto havia nella, e no arraial, e huma ante manhã appareceo aos Mouros embarcado na ſua frota, e todas ſuas eſtancias começáram arder. Os Mouros parecendo-lhes que na fortaleza podiam achar alguma rabuſca da fazenda, que os noſſos tinham dentro, acudíram logo a ella; e como o fogo hia per baixo da terra per ſeu caminho lavrando, tanto que chegou aos lugares da polvora, fez maravilhas nas paredes do muro, onde morrêram grande número delles, e outros ficáram tão aleijados, e feridos, que lhes fora melhor a morte. E todavia ainda que Manuel de Macedo, que ficou pera fazer eſta obra, trabalhou pera a polvora obrar per todas as partes, ainda ficou da torre da menage hum cunhal todo inteiro com grande parte da parede. O Çamorij vendo o Governador partido, toda a furia de ſua

indignação, por ficar ſem as pazes que commettia, poz contra Coge Bequij, dizendo que elle lhe eſtorvára tudo, porque ninguem ſabia ſer o Arel de Porcá vindo a ſeu ſerviço ſenão elle, por haver dous dias que viera, quando o Governador lho mandou pedir. A qual indignação parou em lhe mandar cortar a cabeça, e os filhos neſta revolta fugíram pera Cananor, por ſe amparar naquella fortaleza noſſa, onde ſempre lhes foi paga a tença, que lhe ElRey D. Manuel tinha dada a ſeu pai.

DE

DECADA TERCEIRA.

LIVRO X.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram em quanto D. Henrique de Menezes nelle governou.

CAPITULO I.

Como D. Henrique de Menezes, depois que acabou as cousas de Calecut, ordenou outras com fundamento de ir tomar a Cidade Dio, entre as quaes foi mandar huma Armada, Capitão Heitor da Silveira, o qual, por lhe não ir o recado que elle esperava, foi buscar, por lhe ser mandado, D. Rodrigo de Lima ao Reyno do Preste João.

DOm Henrique de Menezes leixando a fortaleza de Calecut posta per terra pelo modo que escrevemos neste precedente Livro, como quem se queria recolher a Cochij despachar as náos, que este anno haviam de vir com carga da especia-

ria,

ria, e outras cousas que tinha por fazer, logo dalli espedio a Pero de Faria com todalas vélas que trouxe de Goa pera andar per aquella costa de Malabar. Chegado a Cochij, ordenou que fossem logo despachadas cinco náos, que este anno de quinhentos e vinte e seis viessem com a carga da especiaria, os Capitães das quaes foram, D. Diogo de Lima filho do Bisconde Dom João de Lima, Diogo de Sepulveda, que vinha de servir de Capitão de Sofala, João de Mello da Silva, que neste caminho se perdeo sem se saber onde, nem como. E depois destas tres náos partidas, partíram mais, D. João de Lima, e Diogo de Mello, que se perdeo em a barra de Lisboa; mas salvou-se toda a gente. E este Diogo de Mello era hum dos quatro Capitães das náos, que de Lisboa partíram o anno de quinhentos e vinte e cinco pera trazer esta carga, e os outros tres Capitães eram Dom Lopo d'Almeida filho de D. Diogo d'Almeida Prior do Crato da Ordem de S. João, o qual hia pera Capitão de Sofala em lugar de Diogo de Sepulveda, e Francisco d'Anhaya filho de Pero d'Anhaya, que se perdeo tambem á sahida da barra de Lisboa. E o Capitão mór de toda era Filippe de Castro filho de Alvaro de Castro, o qual se foi perder na costa da Arabia junto

do

do Cabo Rofçalgate por má vegia, dando o Piloto com a náo em terra. E daqui mandou recado á Villa Calayate do noſſo Reyno de Ormuz, que lhe mandou huma náo, em que reçolheo o que ſe ſalvou, aſſi que á ida ſe perdêram duas, e á vinda outras duas. Deſpachadas eſtas náos pera eſte Reyno, começou D. Henrique entender nas couſas que elle trazia no peito, ſem as communicar com alguem, eſperando de as pôr em ordem pera então as deſcubrir, que era ir tomar a Cidade Dio do Reyno de Cambaya. Com o qual fundamento peró que de Alvaro Mendes, que viera de lá com Ci-de Alle, tinha muita informação da fortaleza della, como de homem que lá eſtava por Eſcrivão da Feitoria com Gaſpar Paes, como diſſemos, todavia quiz mandar outra peſſoa de mais authoridade a ver o ſitio della, e a lhe ſondar a entrada da barra, e foi Antonio da Silva de Menezes. E a voz da ſua ida era ir buſcar roupas, que lhe havia de entregar o Feitor Gaſpar Paes, que lá eſtava, e as levar a Malaca, por ſer Capitão dos navios que andavam de Cochij pera Malaca, pera trazer as drogas, que daquellas partes vem pera eſte Reyno. E por outra via, por ſe mais certificar do caſo, mandou Pero Barreto pera per ſi notar o ſitio, e entradas, e ſahidas da Cidade,

de, e com elle o Piloto mór da India, pera lhe sondar a barra, e rio. Tambem, por não fazer grande estrondo, mandou fazer huma Armada de seis vélas; a capitanía mór das quaes deo a Heitor da Silveira, com fama que o mandava ao mar Roxo a trazer D. Rodrigo de Lima, que leixou de vir com D. Luiz de Menezes polas razões que atrás dissemos. E em segredo lhe mandou que sua derrota fosse direito á Ilha Çocotorá, e feita sua aguada andasse no rosto do Cabo Fartaque té quinze de Março; e se elle D. Henrique não fosse té este tempo com elle, então fizesse sua viagem ao estreito, e dahi a Maçuá trazer D. Rodrigo de Lima. Despachado Heitor da Silveira do Governador, partio de Goa a dous dias de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e seis com quatro galeões, huma galeota, e huma caravella, de que eram Capitães do seu delle Heitor da Silveira, e Nuno Barreto, e dos outros Manuel de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, e Francisco de Mendoça. E das outras duas peças Fernão de Moraes da caravella, e Francisco de Vasconcellos da galeota, o qual logo se perdeo da Armada, e iriam nella té quinhentos homens. Chegado a Çocotorá, onde fez sua aguada, foi-se pôr na paragem das prezas, como lhe

D.

D. Henrique mandou, onde se deteve té vinte de Março, mais cinco dias do que trazia em regimento; e não vendo recado de D. Henrique, quiz fazer mais esta diligencia, ver se per ventura na costa de Dofar, que he na Arabia, achava algum navio com recado, porque os navios sempre se inclinam mais áquella costa por causa das prezas, que ao mar largo. Na qual travessa teve tanta calmaria, andando já á vista de terra, que primeiro de chegar á Cidade Dofar, os Mouros a tinham despojado do fato, de que era Senhor hum Mouro Arabio, que se intitulava por Rey. E peró que ella era pequena, por sitio era forte, por estar assentada em costa brava, e ter os mares de levadia, e mui bem cercada de muros, e torres de pedra, e cal ao modo de Hespanha. Heitor da Silveira chegando ao porto já quasi noite, quando veio pela manhã, vio a praia cheia de gente, posta em armas, como quem não consentia alguem sahir em terra contra sua vontade. A qual mostra deo mais sabor a Heitor da Silveira, e a todolos nossos de ir experimentar a rabolaria daquella gente, e assi se fez, sahindo logo com té trezentos e cincoenta homens. Ao qual os Mouros ousadamente vieram receber, como gente que ainda não tinha experimentado o nosso ferro; mas depois

pois que o ſentíram nas carnes, viráram as coſtas acolhendo-ſe á Cidade. E na entrada da porta foi tamanha a revolta, que matáram dous dos noſſos, e feríram oito, ou nove, na qual porta tanto que foi fechada, de dous berços de ferro que lhes ſervia de tiros, fizeram vai, e vem, com que a quebráram pera entrar. Ao qual tempo já outros dos noſſos entráram per cima do muro com eſcadas que pera iſſo traziam, o primeiro dos quaes foi hum Diogo Correa criado de D. Henrique de Noronha irmão do Marquez de Villa Real, ſendo homem tão fraco nas forças corporaes, que não eſperavam iſto delle; mas no ferir do ſeu ferro moſtrou as que tinha no animo. Abertas eſtas duas entradas, a do muro pelas eſcadas, e do rachar das portas, começáram os Mouros de ſe acolher, não pera o caſtello que a Cidade tinha, mas pera fóra. No qual nos noſſos não acháram fazenda; ſómente acháram algumas almas ſem córpos, e forças pera fugir, que eram velhos, velhas, e meninos, que ſe mettêram em ciſternas ſeccas pera ſe ſalvar; mas a ſua idade foi a propria defensão pera ficarem vivos, e livres, porque não lhes foi feito mal, nem menos na Cidade houve couſa de ſubſtancia, porque (como diſſemos) nos tres dias que os noſſos andavam em calmaria

ria á viſta della, tiveram tempo de ſalvar as fazendas. E ao embarcar de huma pouca de pobreza que acháram, e alguma artilheria, aconteceo-lhes com ella o que paſſou D. Luiz de Menezes, quando quiz embarcar a que houve no eſcalamento da Cidade Xaer, porque os mares dos lugares daquella coſta, todos com leve tempo são poſtos em as nuvens. Aſſi que á ſahida neſta Cidade cuſtou aos noſſos os dous que diſſemos ſerem mortos á entrada da porta, e vinte e tantos feridos, e dos Mouros aſſi na praia, como pelas ruas, ficáram muitos eſtirados. Tornado Heitor da Silveira embarcar com aſſás trabalho, e mãos vazias do deſpojo, fez ſua viagem ás portas do eſtreito, e dahi pera Maçuá, onde chegou nos primeiros dias de Abril, a qual Ilha Maçuá eſtava de guerra comnoſco; e peró que Heitor da Silveira a mandou rodear de bateis daquella parte que ella tem, pera dalli ſe paſſar a terra firme, por impedir aos moradores que o não fizeſſem, por eſta terra firme ſer do Rey da Abaſſia, a que nós chamamos Preſte João, onde hia buſcar D. Rodrigo de Lima, não pode elle fazer iſto com tanta diligencia, que não foſſem já paſſados muitos, por haverem viſta da ſua Armada, e conhecerem ſer noſſa, com quem eſtavam mal. E os que não tive-

ve-

veram preſtes embarcação, no meio do caminho foram tomados, e no lugar, que sería de dous mil vizinhos, achâram os noſſos pannos de algodão, a que chamam teadas, e são trazidas pelos Mouros da India áquella Ilha, porque os ſeus moradores as reſgatam per ouro com os Abaſſijs. Da qual roupa, por ſer boa quantidade, Heitor da Silveira a mandou paſſar ás náos; e em Arquico lugar do Preſte ſe vendeo, e trocou por eſcravos, e mantimentos aos proprios naturaes do lugar Maçuá, que alli eſtavam, e ſe lhes fez bom barato, por ſerem ſeus; os quaes ficáram em noſſa amizade, ſem ſerem caſtigados, e aſſentáram paz com Heitor da Silveira, com pareas de trezentos pardáos por anno, de que logo fizeram a primeira paga. A exemplo das quaes, a Ilha Dalaca, que he de tres leguas em torno alli vizinha, temendo ſer-lhe dado outro tal ſalto, ajuntáram tres mil pardáos, que lhe logo trouxeram, e queriam pagar de pareas cada anno, ficando em noſſa paz, e amizade, o que lhe Heitor da Silveira acceitou, por a virem demandar, e requerer humilmente; peró que entendeſſe que era prudencia ſua delles, como quem vinha comprar, ou (por melhor dizer) reſgatar peſſoas, e fazenda, por elle não ſahir com a mão armada ſobre elles. E em doze dias

que

que Heitor da Silveira alli esteve, em quanto não vinha D. Rodrigo de Lima, que elle mandára chamar, fez estas cousas com os moradores destas duas Ilhas Maçuá, e Dalaca. Chegado D. Rodrigo com sua gente, foi entregue a Heitor da Silveira por aquelle senhor chamado Barnagax, que o recebeo quando Diogo Lopes de Sequeira lho entregou, como atrás escrevemos, e assi lhe entregou hum Embaixador homem religioso, que o Preste João mandava a ElRey D. João de Portugal, o qual veio a este Reyno. E passadas as entregas delle Barnagax, de que levou sua certidão ao Preste, e dadas de huma parte a outra dadivas, Heitor da Silveira se partio daquelle porto a vinte e oito de Abril de quinhentos e vinte e seis, caminho da Ilha Camarão, onde chegou ao primeiro de Maio. E em quanto alli esteve fazendo sua aguada, o Padre Francisco Alvares, que foi com D. Rodrigo de Lima, e vinha com elle, lembrado da creação que recebêra de Duarte Galvão, e sabia onde o leixára enterrado, (como atrás escrevemos,) secretamente com Gaspar de Sá, com quem tinha razão, foram buscar os seus ossos. Os quaes o mesmo Francisco Alvares depois trouxe a este Reyno, e entregou a seus herdeiros pera lhe darem natural sepultura, e não tão es-

estranha como era a Ilha Camarão. E como vieram os Ponentes, que he a propria monção pera sahir daquelle estreito, Heitor da Silveira partio; e tanto que foi desembocado delle, saltou tamanho temporal com elle, por começar já o inverno, que não pode dar vista á Cidade Adem, como lhe D. Henrique mandava, e contentou-se com saber novas do estado da terra per alguns Mouros della pera dar razão a D. Henrique; porque a primeira cousa que o temporal fez foi derramar-lhes as vélas de maneira, que cada hum correo por onde o vento a levou, passando todas grande risco de se perder; e o maior que Heitor da Silveira passou foi sede, em tanta maneira, que lhe faleceo gente por falta de agua, nem o tempo lhe dar lugar pera a ir tomar a terra, té que Deos o levou a Mascate, e dahi foi invernar a Ormuz.

CAPITULO II.

Em que se conta a ida de Pero Mascarenhas a Malaca, e algumas cousas que lá eram acontecidas no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, que o despachou, sendo Capitão Jorge d'Alboquerque, a quem elle Pero Mascarenhas succedeo.

PEra ir enfiando nossa historia no tempo, e na ordem que démos no principio no oitavo Livro desta terceira Decada, como haviamos de ajuntar as cousas de Malaca por diante com as da India té o Ponente da nossa fortaleza Sofala, convem que demos ora conta do estado em que Pero Mascarenhas achou a Cidade Malaca, pois o Governador D. Henrique o despachou pera ir succeder a Jorge d'Alboquerque. Elle Pero Mascarenhas partio de Cochij a oito de Maio do anno de quinhentos e vinte e cinco com quatro vélas, em que levava trezentos e cincoenta homens, e muitas munições, de que a Cidade estava mui desfalecida; e Jorge d'Alboquerque por a necessidade que disso tinha o chamava per cartas, com a qual provisão chegou a salvamento a tempo que a Cidade estava bem necessitada de todalas cousas que elle levava, assi da gente, como navios, e mu-

munições por os trabalhos que tinham passado. Dos quaes nós convem dar razão ante que Jorge d'Alboquerque Capitão da Cidade se parta della, pois elle os passou, e nós passa de hum anno que leixamos de fallar nella, e assi na fortaleza de Màluco, de que tambem he necessario que demos conta. Por os grandes trabalhos, e necessidade que Jorge d'Alboquerque padecia, escreveo a D. Duarte de Menezes Governador da India, pedindo-lhe que o provesse de gente, navios, e munições, pera poder resistir á contínua guerra, que lhe fazia El-Rey de Bintam, dando-lhe conta miudamente dos trabalhos que padecia aquella Cidade. E porque D. Duarte ao tempo desta carta era em Ormuz, e D. Luiz de Menezes seu irmão com os seus poderes estava em Cochij, mandou com este soccorro a Martim Affonso de Sousa filho de Manuel de Sousa, o qual andava por Capitão mór da Armada, que trazia do monte Delij té a Ilha Ceilão, de que o Governador D. Duarte o provêra, em lugar de Pero Lopes de Sampayo, que alli andára em guarda daquella costa. E levou Martim Affonso de Sousa seis vélas com té duzentos homens de armas, das quaes eram Capitães debaixo de sua bandeira, (por elle levar officio de Capitão mór do mar,) Alvaro de Brito,

to, André de Vargas, Antonio de Mello, Vasco Lourenço, André Dias, e elle em outra véla. Jorge d'Alboquerque tanto que elle chegou, como hia com gente fresca, e bem provído, e estava magoado do que Laçsamana tinha feito (como atrás fica,) em tempo de D. Duarte, logo o mandou que se fosse lançar sobre o rio da Ilha Bintam pela maneira que elle mandára seu cunhado D. Garcia Henriques, a quem aconteceo o que atrás escrevemos. Peró Lacsamana vendo Martim Affonso na boca do rio, e que não podia sahir pera fóra, por se não atrever pelejar com os nossos, nem menos usar de outro tal ardil como fez a D. Garcia, e estava seguro de Martim Affonso poder subir acima á Cidade por muitas estacas com que o rio estava pejado, determinou de o enfadar, e com boa vigia leixou-se estar. Porque como ElRey de Bintam tinha suas intelligencias de tudo o que se fazia em Malaca, tanto que Martim Affonso chegou, soube logo de sua vinda, e gente que trazia, e como vinha de andar por Capitão mór da costa do Malabar, e era já Official velho de mandar gente, e peleja. A noticia das quaes cousas fez entreter Lacsamana pera o enfadar, ou, acudindo a doença que alli acode em certos mezes, o fizesse acolher. E como elle Lacsa-

mana o cuidou, assi foi, que enfadado Martim Affonso de esperar que sahisse, teve conselho com os Capitães que levava, que lhe aconselháram o que fez. Porque como alli hiam homens estantes em Malaca, escandalizados da guerra passada, em que tinham perdido muito do seu, e tambem saberem a terra ser doentia, disseram-lhe que se fosse á costa de Malaca contra o Reyno de Pam, porque fazia nisto duas cousas: dar sahida áquelle Mouro, que estava encurrelado, e no mar largo se poder vingar delle; e a outra cousa era ir fazer guerra á costa de Pam por castigo da morte de D. Sancho Henriques, e André de Brito, pera a qual costa este Lacsamana cada anno navegava por dar favor aos seus navios; e vindo elle a isso, vinha-lhe cahir na rede. Martim Affonso como homem novo na terra, e o parecer, e voto daquella mudança era de homens costumados a peleja della, acceitou o conselho, e começou de ir fazendo guerra a fogo, e sangue per toda aquella costa caminho de Sião té o porto de Calantam, onde queimou hum junco de hum nosso amigo, e dahi té Patane fez estrago, cujo Rey, por ser vassallo d'ElRey de Sião, era ido a elle. E ante de chegarem á Cidade que estava pelo rio dentro, destruíram algumas Aldeas, a qual

no-

nova ſabida em Sião, fez que houveram de tomar Duarte Coelho, e os juncos que fora buſcar, como atrás diſſemos, por eſtas terras ſerem dos vaſſallos d'ElRey de Sião. Mas como Duarte Coelho era muito conhecido d'ElRey, lá apagou eſte damno de maneira, que ſe veio pera Malaca, onde já achou Martim Affonſo, e tão ferido, que dahi a poucos dias morreo do que tinha paſſado em Malaca depois de ſua chegada; e o caſo foi eſte. Com aquella obra, que elle foi fazendo per toda a coſta em damno de muitos amigos d'ElRey de Bintam, e de alguns noſſos, ficáram todos tão eſcandalizados, que achou o meſmo Rey de Bintam ajuda em todos pera ir cercar Malaca com obra de mil e trezentos homens em vinte lancharas. Da qual Armada era Capitão mór Lacſamana, e Coja Cámeçum Sota-Capitão, e com elle vinha o Capitão dos Luções, que he huma gente da Ilha de Borneo, a mais guerreira, e bellicoſa daquellas partes. E teve Lacſamana eſte ardil, por não ſer ſentida ſua chegada, veio-ſe ao longo da Ilha de Çamatra, e de noite atraveſſou a coſta de Malaca de maneira, que ante manhã veio lançar hum golpe de gente junto de Upe, que eſtá mui perto da povoação dos Mouros, a tempo que Jorge d'Alboquerque eſtava ouvindo Miſſa, dia

da Annunciação de N. Senhora, que he a vinte e cinco de Março. E ſabendo elle a chegada da Armada, e revolta da povoação dos Mouros, a grão preſſa mandou ó Feitor Garcia Cainho com té oitenta homens que acudiſſem áquella parte, em que entravam eſtas peſſoas nobres que eram Officiaes da fazenda d'ElRey: Gaſpar Velho, Simão Mendes, Franciſco Bocarro, Nicoláo de Sá, e Antão d'Aguiar. E aſſi mandou Martim Affonſo de Souſa Capitão mór do mar em duas fuſtas que havia ahi mais, elle em huma, e João Vaz Serrão por Capitão de outra, em que iriam té outras oitenta peſſoas. Entre as quaes eram eſtas de nome: Aires Coelho, Gonçalo d'Ataíde, Garcia Qeimado, Alvaro Botelho, Franciſco Fernandes Leme, Franciſco Rabello, Gaſpar Barbudo, Antonio Carvalho, Duarte Borges. Os que foram per terra, como eram os primeiros que tomáram as armas, deram primeiro viſta de ſi aos imigos que ſaltáram em terra, os quaes quando víram que os noſſos não dormiam, e que acudiam mais preſtes do que cuidavam, ſem ouſar experimentar o ſeu ferro, a grande preſſa ſe tornáram recolher. Os que acudíram ao mar, porque os mais delles andavam offendidos de Lacſamana, puzeram o roſto nelle com remo tezo, e grandes apupa-

padas chamando por N. Senhora, cujo dia era. O Mouro como era ſagaz, alargou-ſe ao mar, e fez duas partes das ſuas vélas, cercando as noſſas, com eſperança que os havia de tomar á mão, quaſi abafados da muita gente que trazia. Aferrados huns nos outros, era já o ar feito tão eſcura noite, que ſe não viam, tudo era fumo, fogo, ferro, e ſangue, em que morreo muita gente. E foi tanta a ferida, que não havia já quem remaſſe, ſómente andavam travados huns nos outros á vontade do mar, que os levava de huma parte á outra, em a qual peleja morreo João Serrão em a prôa do ſeu bargantim, Aires Coelho de Tanger, que fora Alcaide mór de Pacem, Duarte Borges, Gonçalo d'Ataíde ſobrinho do Capitão mór, e outros, que não eram de tanto nome; o Capitão mór ficou tão ferido, que faleceo a vinte e cinco de Julho de quinhentos e vinte e cinco, vivendo neſſe officio de Capitão mór hum anno, e dez dias, porque começou a ſervir a quinze de Julho de quinhentos e vinte e quatro. E como a noite foi o partidor deſta furia que lhe deo a morte, pela manhã mandou Jorge d'Alboquerque em buſca dos noſſos; e eſtavam os mais delles tão feridos, e canſados, que não havia quem remaſſe, e os navios andavam á vontade da agua ſem mais go-

governo. Lacſamana tambem ficou com tanta gente morta, e ferida, que não tendo quem lhe remaſſe os navios, foi-ſe metter no rio de Muar, onde ſe refez de remeiros, e dahi ſe acolheo a Bintam. ElRey, primeiro que elle ſahiſſe das lancharas com que eſcapou, ſabendo que ſómente dous navios noſſos o desbaratáram, mui indignado contra elle, mandou-lhe dizer que não lhe viſſe o roſto. E poſta a gente ferida em terra, pois nas feridas traziam ſinaes que pelejáram, elle com a outra ſe foſſe preſentar a Raja Nára ſeu Capitão, que eſtava ſobre ElRey de Linga, e fizeſſe o que lhe elle mandaſſe; ao que Lacſamana logo obedeceo. Eſte Rey de Linga era grande noſſo amigo, e por eſta cauſa ElRey de Bintam o queria deſtruir, e mandou a eſte Raja Nára ſeu genro, caſado com huma ſua filha, e ſe intitulava por Rey de André Gerij vizinho a Linga, que he na Ilha de Çamatra, que o foſſe cercar. Iſto mandou elle no tempo que Lacſamana vinha cercar Malaca, porque com eſte impedimento que nós teriamos, não poderia ſer ajudado per nós eſte noſſo amigo. Lacſamana obedecendo ao que lhe ElRey mandava, foi-ſe ajuntar com Raja Nára, e não como homem que hia meio corrido; mas moſtrando-ſe mui ſoberbo, e victorioſo de nós, mandou dizer a

El-

ElRey de Linga, que deſpejaſſe a terra, ou ſe fizeſſe vaſſallo d'ElRey ſeu Senhor, e leixaſſe a amizade que tinha com os Portuguezes, porque elle vinha de os desbaratar, e leixava morto o ſeu Capitão mór do mar. Ao que ElRey de Linga reſpondeo, que outra nova tinha elle em contrario, porque a noite paſſada lhe era vindo recado de Malaca que elle fora o desbaratado, e com prazer deſta vitoria que os Portuguezes delle houveram, celebrára a feſta com mandar matar cincoenta cabras. E que antes de poucos dias eſperava de mandar matar cento pola vitoria que delle, e de ſua companhia havia de ter. Eſta nova era verdade, a qual elle ſoube per hum ſeu criado, que tinha mandado a Malaca, pedindo-lhe ſoccorro contra aquelle Raja Nára, que o vinha cercar per mandado d'ElRey de Bintam; ao que Jorge d'Alboquerque logo acudio com lhe mandar oitenta homens, e dous navios, de que eram Capitães Alvaro de Brito, e Balthazar Rodrigues Rapoſo de Béja. Os quaes chegados ao porto do rio de Linga, por a Cidade eſtar per elle acima, hum dia pela manhã foram viſtos das vigias que Lacſamana trazia no mar; e receando que o tomaſſe dentro no rio, começou de ſe deſamarrar, e ſahir pera fóra, Alvaro de Brito indo pera

em-

embocar o rio, houve vista delles por se ajuntarem ambos, Lacsamana, e Raja Nára, que fazia hum corpo de oitenta lancharas, com que occupavam todo o rio, e surgio delles a tiro de bombarda, té agua ficar estofa sem vasar, nem encher. E tanto que a teve a seu proposito, querendo-se ir a elles, elles mesmos os vieram cercar de maneira, que os navios dos nossos ambos juntos, e aferrados hum no outro, ficavam no meio como baluarte, e as lancharas huma praça de madeira, per que de huma em outra se podiam correr todas. Finalmente a peleja foi travada, e tal, que mais pareceo a vitoria, que os nossos houveram, milagre de Deos, que forças humanas por perecerem mais de seiscentos Mouros de dous mil que eram, e dos nossos hum sómente foi morto, e muita parte delles feridos, com que Lacsamana, e Raja Nára se foram com ametade das lancharas perdidas, e queimadas. ElRey de Linga vendo-se em hum meio dia livre de seus imigos, sem saber que esta ajuda lhe era chegada em favor, parecendo-lhe que partirem-se assi as lancharas pelo rio abaixo sem tornarem mais, era algum ardil delles, mandou huma espia descubrir o que faziam. E quando lhe levou a nova da vitoria, veio com grande festa em seus paráos rece-

ce-

ceber os noſſos navios, e os levou á Cidade, onde celebrou eſta vitoria com grande feſta a ſeu modo. Porque além de per os noſſos ſer deſcercado, e ficarem ſenhores de muito deſpojo do lugar, onde tinham os inimigos ſituado o cerco em terra, recebeo hum grande preſente, que lhe Jorge d'Alboquerque mandou; o qual elle moſtrou eſtimar em tanto, por ſer ſignal de honra, e amizade, como a vitoria, e elle tambem o gratificou com couſas da terra, que mandou a Jorge d'Alboquerque, e aſſi deo outros aos Capitães. Os quaes ſe tornáram a Malaca, onde foram honradamente recebidos, por ſer eſta huma vitoria que alegrou muito a todos por os trabalhos, e perdas de gente, e honra, e fazenda, que tinham perdido todo o tempo atrás per tantos deſaſtres.

CA-

CAPITULO III.

Como hum arrenegado de appellido Avelar, que andava lançado com ElRey de Bintam, lhe moveo hum modo de guerrear Malaca: e como não aproveitáram suas indústrias causa alguma.

ANdava neste tempo lançado com ElRey de Bintam hum Portuguez, cujo appellido era Avelar, porque nome da Pia já o não podia ter, pois era arrenegado. O qual vendo ElRey de Bintam mui agastado daquella grande perda que houve em Linga, o quiz confortar com esperança de se vingar per este modo, dizendo: *Senhor, tu es esperimentado que Malaca, se lhe põe a mão na garganta, não tem vida, e esta mão he tolher-lhe os mantimentos; e por termos sabido que elles estam em grande necessidade, parece-me que sería bem atormentar esta gente per duas partes: per mar, tolhendo-lhe os mantimentos, no qual mister, e defensa andará Lacsamana com suas lancharas; e per terra, dando-lhes a miude rebates com corridas pera os cansar, por ser mui pouca gente, e muita della com a fome fraca, e tão debilitada, que não poderá resistir a tanto trabalho; e se*

tu

tu houveres por bem que eu seja o Capitão desta gente da terra, eu me offereço a isso, e espero de te fazer grande serviço. A qual cousa dando ElRey orelhas, quiz ter prática com Lacsamana, e com outros seus Mandarijs, e Capitães. O qual modo de nos guerrear dizem que o mesmo Lacsamana industriou com este Avelar, por ser grande seu amigo, e o queria metter com ElRey em negocios de confiança, e tambem alegrar a ElRey da tristeza que tinha do caso de Linga, e elle se tornar a restituir na sua graça, de que andava muito descahido por neste feito de Linga perder tanta gente, e lancharas, com os nossos serem oitenta homens, e dous navios, e pelo outro em que Martim Affonso foi morto. Acordado este conselho, que Lacsamana approvou polas razões acima, elle fez prestes suas lancharas, e ao Avelar foram dados tres mil homens, e per terra se veio lançar obra de meia legua de Malaca naquella parte a que elles chamam Campuchina. E como na Cidade pera poder pelejar havia pouco mais de cem homens, e ainda delles doentes, dava este arrenegado muito trabalho com suas corridas; porque como Jorge d'Alboquerque sentio o cerco, pera que lhe conveio pôr a gente em suas estancias, foi necessario, por a pouca que havia, mandar a el-

elles os homens enfermos, que era hum grande trabalho aos sãos, quanto mais a elles: cá no tempo que lhe a elles parecia poder ter repouſo, acudiam os Mouros com rebates, muitas vezes dellas de noite, em tanto, que huma vendo o Avelar que todas ſuas arremettidas eram mais damno ſeu que noſſo, por lhe cuſtar caro a reſiſtencia que achava, determinou de fazer huma entrada real, porque té li tudo eram commettimentos por afadigar, e canſar os noſſos. Cá a tenção delles já era mais matallos per fome, e canſeira, que per ferro; e a eſte tempo tinha Laeſamana per ſua parte bem defendido que não vieſſem navios á Cidade com mantimentos da Jaüa, de Sião, e de outras partes coſtumados aos trazer. E era tanta a neceſſidade delles, que valia em Malaca huma ganta de arroz dez cruzados, e huma gallinha dous. E ſe Jorge d'Alboquerque, e Garcia Cainho Feitor, que era hum homem largo, e rico, não deram de comer a muita gente, e podiam ſuſtentar a deſpeza, muita della perecêra. Finalmente o que Avelar huma noite accommetteo com grande impeto foi com a força de toda a gente que tinha querer entrar a Cidade pela parte onde habitavam os Quelijs, (que são os mercadores,) por terem bairro apartado per ſi, cuja cerca era de

ma-

madeira; e por haver muito tempo que iſto era feito, eſtava já tão podre, que em eſte impeto dos Mouros lhe pondo os peitos, a leváram ante ſi como huma fraca ſebe; e não foi tão pequeno lanço, que não fizeſſe huma entrada de ſete braças. Ao cahir da qual foi tamanho o eſtrondo, que acudio toda a gente que dormia canſada do trabalho, e do pouco repouſo que tinha de dia, e vigia de noite; ao que acudio Garcia Cainho com a outra da vigia daquelle lanço derribado, o qual foi grande defenſa aos Mouros não entrarem. Porque como era de madeira, e elles á força de peitos alaſtráram todo aquelle lanço, ficou de maneira retorcido, e quebrado, que de dia não ouſára hum homem paſſar per ella, quanto mais de noite. E ſobre eſta defenſa, com a grande grita dos noſſos, acudio tanta gente, que os meſmos Mouros ficáram no animo mais cortados, que na carne; e como que hia trás elles o mundo de gente, ſem haver dar, e tomar, deſampparáram o lugar, e não paráram menos de ſete leguas, onde o Avelar os levou. E como homem que via a gente receoſa de chegar áquelle trabalho por andar eſcaldada do ferro, que ſentiam no commetter ſuas entradas, quiz contentallos, ajudado do conſelho de Lacſamana, por ſe communicarem por re-

ca-

cados, e aviſos do que cada hum fazia. E hum dia de propoſito lá onde eſtava quiz dar aos principaes hum jantar a ſeu modo, porque ſempre ſobre eſte comer, e beber, os homens, (como ſe diz,) eſtam diſpoſtos com coração de pouſada. E no fim da prática que tiveram ſobre commetter, ſe determináram cincoenta homens, per voto que todos fizeram, de huns morrerem por outros, té fazerem hum feito grande, de trazer a cabeça do Capitão, ou do Feitor Gaſpar Cainho, e a levar a ElRey de Bintam. Sabido o qual voto da outra gente, foi em todos tanta a competencia de honra, que ſe offerecêram outros, com que fizeram número de duzentos e cincoenta. Notificada eſta determinação a Lacſamána per Avelar, que lhe mandaſſe vaſilhas pera ſe embarcarem a vir commetter o feito, elle lhe mandou doze peças as mais pequenas que entráram per hum eſteiro té irem dar onde eſtavam. E dahi ſe vieram lançar em cilada obra de duas leguas da Cidade, e mandáram alguns como deſcubridores, que foſſem fazer algum damno; e acudindo alguns Portuguezes, os foſſem cevando, e entretendo té os metter na cilada. Chegados á parte encuberta que deſejavam, mettendo os navios no mais eſpeſſo lugar do arvoredo, foram alguns ſaltear humas vac-

cas,

cas, que andavam paceando, do qual salto os que guardavam as vaccas appellidáram a gente da Cidade, ao que acudio Garcia Cainho, que elles desejavam. O qual por o mato ser espesso, vendo que os Mouros fugiam, não os quiz seguir, havendo que seríam alguns ladrões, que vinham roubar as vaccas; e fazendo volta, veio-se de seu vagar pera a Cidade. Da companhia do qual, logo no primeiro impeto de sua chegada corrêram trás os Mouros; e não vendo como Garcia Cainho se tornava, os primeiros que hiam diante seguíram hum bom pedaço aquelle curso té irem dar na cilada. Os quaes quando se acháram no meio de tanta gente, quizeram fugir; mas vendo Francisco Correa, que era hum dos seis que estavam naquelle perigo, que não tinha pernas pera se acolher, por ir muito doente da enfermidade da terra, taes palavras lhes disse, que tomáram por remedio accidental ampararem-se todos seis a humas arvores mui bastas, que per huma parte os pés, e ramas lhe guardavam as costas, e o rosto lhe ficava contra hum descuberto, per onde os Mouros os commettiam com fréchadas. Posto que os nossos estavam alli como leões açanhados, e com tres espingardas, que tinham, em os Mouros vindo a elles, ficavam logo alli estirados, e sempre te-

temerosos, parecendo-lhes que a estancia que os nossos tomáram naquelle lugar era mais em modo de anagaça, por terem nas costas gente em sua guarda, que per outro respeito. Os nossos vendo que elles não ousavam de sahir a terreiro descoberto, mais que dez, ou doze, mostrando ser verdade o que elles suspeitavam que tinham algum em sua guarda, com huma grande grita sahíram impetuosamente dos pés das arvores. Quando os Mouros os víram remetter, houveram que vinha o Mundo trás elles de gente; e quem mais corria, melhor cavalleiro era, com que de todo leixáram o lugar, e a empreza, ficando alli quatorze mortos, e dos seis nossos ficou hum bombardeiro, e isto por cubiça de querer ir tomar huma arma, a que elles chamam cris, ao modo de adaga, por ser lavrado de ouro. E nesta contenda que foi duas horas de tempo, trazendo os quatro sobraçado Francisco Correa, mais por não poder vir de sua má disposição, que por ferido; teve Jorge d'Alboquerque aviso per elles do que passáram com os Mouros, e que hiam fugidos, como gente que cuidava levar trás si o mundo de homens. E porque aos temerosos o medo os vence, determinou logo Garcia Cainho em continente com licença de Jorge d'Alboquerque ir pelo rastro del-

delles, e assi o fez. E o melhor, e mais certo signal que levou pera ir dar com elles, foi o sangue, ao modo que faz o monteiro, quando o veado vai da sua mão ferido, por a terra ter mato espésso té junto da praia, onde Garcia Cainho lhe deo tal castigo, que se puzeram em fugida. E depois que os fez acolher, foram os nossos dar com os barcos, que tinham escondidos, os maiores dos quaes foram arrombados pera não servirem mais, e os outros mandou levar á fortaleza, e elle per terra ao outro dia chegou a ella, e este foi por então o remate dos commettimentos daquelle arrenegado. E porque neste tempo Dom Garcia Henriques, cunhado de Jorge d'Alboquerque, era ido a Maluco a servir de Capitão daquella fortaleza em lugar de Antonio de Brito, e he necessario dar conta das cousas daquellas partes, contaremos o que elle fez neste caminho té chegar a Maluco, e o que lá tambem lhe aconteceo no modo da entrega da fortaleza.

CAPITULO IV.

Como D. Garcia Henriques partio de Malaca pera servir de Capitão de Maluco em lugar de Antonio de Brito: e como na Ilha de Banda achou Martim Affonso de Mello Jusarte, e o que aconteceo a ambos com a gente da terra.

AO tempo que D. Luiz de Menezes em Cochij despachou Martim Affonso de Sousa pera ir servir de Capitão mór do mar de Malaca, levou Provisão a Jorge d'Alboquerque de D. Duarte de Menezes, que elle mesmo mandára pedir, a qual era, per que fazia mercê a elle Jorge d'Alboquerque, em nome d'ElRey, da capitanía de Maluco pera hum de seus cunhados Dom Sancho Henriques, ou D. Garcia Henriques. E estas cousas quando os Governadores da India as provêm, como he cargo, officio, ou mercê, de qualquer qualidade que seja, sempre na tal Provisão diz que faz mercê de tal cousa em nome d'ElRey Nosso Senhor a foão, havendo respeito aos serviços que tem feitos a Sua Alteza. E per este modo fez D. Duarte esta a Jorge d'Alboquerque, nomeando ambos os cunhados, por terem as qualidades em serviço, fidalguia, e pessoa, que o tal cargo requeria.

E

E o que moveo a Jorge d'Alboquerque a este requerimento, e a D. Duarte conceder-lho, estando Antonio de Brito servindo esta capitanía, foram cartas que elle escrevia assi a hum, como ao outro, que mandassem alguem servir aquelle cargo, pois não era provído das cousas necessarias pera defender aquella fortaleza. Porque da primeira pedra que nella puzera, tudo foram guerras, e trabalhos, sem ter algum proveito, e sobre isso máo provimento do necessario, assi pera o negocio da guerra, como provimento de roupas, e outras cousas, com que os homens da fortaleza são pagos de seus soldos. E vendo D. Duarte que Jorge d'Alboquerque pedia esta vagante de Antonio de Brito pera cada hum de seus cunhados, folgou de lha conceder, porque per esta razão de cunhado, e vizinhança que tinha com Maluco, com mais diligencia, e cuidado trabalharia por acudir, e prover a fortaleza; e tambem porque os Capitães de Malaca comem o melhor bocado della no trato de nóz, e maça de Banda, e cravó de Maluco. Assi que vinda esta Provisão em companhia de Martim Affonso de Sousa, veio a mui bom tempo pera D. Garcia não ficar escandalizado tirar-lhe Capitão mór do mar de Malaca que servia, e dalla a Martim Affonso,

da qual fortaleza de Maluco elle foi mais contente, por ser de mais honra, e proveito. E tomada posse Manuel de Sousa da sua capitanía mór do mar, Jorge d'Alboquerque despachou logo seu cunhado D. Garcia Henriques, o qual partio de Malaca na entrada de Janeiro do anno de quinhentos e vinte e cinco, com quatro navios, hum junco da terra, dous navios redondos, e huma fusta, em que levaria té sessenta Portuguezes, e toda a outra gente era do mar naturaes Malayos de Malaca. Com os quaes navios chegou á Ilha Bandá, por ser no caminho de Maluco, e achou alli Martim Affonso de Mello, que vinha de Maluco, onde o nós leixámos, e trazia hum junco seu carregado de cravo, e os outros tres eram de mercadores de Malaca. E como elle do tempo que alli esteve, (como atrás escrevemos,) leixára os moradores dalli escandalizados, não folgáram muito com sua vinda, e vigiavam-se huns dos outros, como grandes imigos. Chegado D. Garcia, por Martim Affonso estar indignado contra aquelles Mouros, e desejava de se vingar, fez-lhe logo queixume delles, ao modo que foi da outra vez quando alli foi ter com elle Bastião de Sousa. E commetteo D. Garcia que o quizesse ajudar, porque elle determinava

de

de lhe dar hum bom castigo, tendo-lhe já elle Martim Affonso queimado hum junco, que estava alli á carga na Ilha Neira, que era de Mouros de Patane. Ordenados pera esta ida mais com odio, que com razão, e prudencia, por ser aquella huma terra, a que cada anno os nossos vam fazer seu commercio de nóz, e maça, e convem não escandalizar a gente, ambos foram castigados no lugar de Lonter, que he cabeça de todolos outros da Ilha, vindo muitos delles bem escalavrados. E posto que queimáram algumas casas palhaças áquella pobre gente, foi ella tanta em acudir ao damno que lhes faziam, e foi tamanha a revolta, que foi D. Garcia ferido com hum zarguncho de arremesso. Finalmente com esta vitoria elles houveram por bem, (como dizem,) de ficar custas por custas, e cada hum fazer seu caminho, Martim Affonso pera Malaca, e D. Garcia pera Maluco, aonde chegou a salvamento.

CAPITULO V.

Como D. Garcia Henriques chegou a Maluco, e as differenças que teve com Antonio de Brito té lhe entregar a fortaleza: e como ambos mandáram deſcubrir ouro á Ilha de Celebes, e como deſcubríram outra Ilha nova de gente mui eſtranha.

AO tempo que D. Garcia chegou a Maluco, eſtava Antonio de Brito ordenando pera mandar ſobre hum lugar d'El-Rey de Tidore, com quem eſtava de guerra, (como atrás eſcrevemos.) E por elle D. Garcia ir pera ſervir de Capitão, ceſſou Antonio de Brito daquelle impeto, por ſucceder outra couſa que foi aziar de mais dor pera ſe eſquecer deſta, que era de mais obrigação. O qual aziar foi, que D. Garcia não quiz ir ancorar ao porto da fortaleza de S. João, em que eſtava Antonio de Brito, e foi tomar outro na propria Ilha de Ternate, a que chamam Talangame, que he duas leguas da fortaleza. Verdade he que eſte não tem recifes tão perigoſos, e he pera náos grandes, o que não tem o da fortaleza; e pareceo a Antonio de Brito que elle D. Garcia tomaria aquelle porto de Talangame por ſegurar o ſeu junco. Peró quando ouvio os requerimentos de

D.

D. Garcia, entendeo que por eſta razão o fizera; porque Antonio de Brito vendo hum recado de D. Garcia, em que lhe notificava que era vindo pera Capitão da fortaleza, que lha mandaſſe ſua mercê deſpejar, porque não havia de deſembarcar té lhe ſer deſpejada; reſpondeo que ſahiſſe ſua mercê em terra, e lá fallariam niſſo, e tudo ſe bem faria. D. Garcia como ouvio eſte recado, começou de tomar huma preſumpção pera ambos ſe deſavirem, que Antonio de Brito tanto que o viſſe em terra não lhe havia de entregar a fortaleza. E mais, que lhe tomaria a embarcação que trazia, e depois que recolheſſe o cravo, que tinha pera trazer, e toda a gente que com elle ſe queria ir pera Malaca, então lhe entregaria a fortaleza, e iſto não podia ſer ſenão vindo a monção, que era dahi a oito mezes. Pera a qual ſuſpeita não falecêram alguns dos noſſos, que da fortaleza vieram ver D. Garcia, como Capitão novo, que lhe faziam eſta ſuſpeita mais firme, té que Antonio de Brito, como quem entendia a natureza dos homens que andavam neſtas viſitações, ſegurou D. Garcia de ſuas ſuſpeitas, pedindo-lhe que ſahiſſe em terra, e aſſi o fez indo jantar com elle. Mas Dom Garcia ou porque aſſi o aconſelhâram, ou porque queria deſcubrir com effeito a vonta-

tade de Antonio de Brito, em acabando de comer, sobre meza quiz-lhe mostrar as Provisões que levava, pera lhe entregar a fortaleza: ao que Antonio de Brito lhe foi á mão, dizendo que fosse dormir, e repousar, e depois entenderiam nisso. Passada aquella hora do repouso, sendo presente o Feitor, Alcaide mór, e Officiaes da fortaleza, disse Antonio de Brito a D. Garcia, que apresentasse as Provisões que trazia. As quaes lidas, disse Antonio de Brito, que aquellas Provisões do Governador levavam alguns pontos, em que não obrigavam de todo a elle entregar a fortaleza, as quaes logo apontou; mas que elle com tudo a queria entregar, e seria a seu tempo, que era quando viesse a monção de Janeiro, porque não estava em razão sendo elle Capitão, e não tendo acabado seu tempo, que lhe ElRey limitava pera poder estar na fortaleza, de Capitão que era, e podia mandar té sua partida, se fazer lascarim pera ser mandado. D. Garcia, porque dalli a Janeiro havia oito mezes, respondeo que elle não viera de Malaca pera estar esperando tanto de tempo, senão logo ser entregue da fortaleza, e começou de fazer protestos com requerimentos ao Alcaide mór, Feitor, e Officiaes, que cumprissem a Provisão que apresentava, e lhe fizessem entregar a for-

ta-

taleza. E porque elles não respondêram ao seu requerimento conforme o que elle pedia, se tornou pera o seu junco; mas não acabou aqui o negocio, porque houve de parte a parte tantas paixões per homens que as traziam, que ficáram postos em bandos. E porque nosso costume he contar a guerra que os nossos tiveram com os Mouros, e não paixões, e divisões, que tiveram em si, leixaremos as miudezas que se passáram entre elles. Basta que ambos se vieram a concertar, per hum certo modo, té hum tempo que Antonio de Brito tomava pera acabar hum junco seu, em que queria vir agazalhado; e feito o junco, entregaria a fortaleza, com a qual condição D. Garcia se foi pousar á fortaleza, e estiveram em grande amizade. Neste tempo que ambos estavam concordes, sem haver buliço de guerra da parte d'ElRey de Tidore, vendo elle juntos dous Capitães conformes, e gente fresca que trazia D. Garcia, tiveram ambos os Capitães nova que nas Ilhas dos Celebes, (por os moradores dellas assi serem chamados,) havia ouro, que indo lá homem que o soubesse negociar, que resgataria boa quantidade. E como estas Ilhas estam dalli té sessenta leguas, pouco mais, ou menos, pareceo bem a ambos que deviam lá mandar descubrir esta fama, e tra-

zer

zer Antonio de Brito tão boa nova a El-Rey. E pera esta ida elegêram, por ser homem pera isso, ao Almoxarife da fortaleza, o qual partio pera lá em huma fusta com alguns pannos, mais a tentar, e descubrir, que a resgatar, e por isso não levou outro navio, e tambem por fazer sua viage primeiro que Antonio de Brito se partisse. Partido este Almoxarife em Junho com fundamento que poderia tornar em Julho, ou Agosto, a mais tardar, chegou a huma das Ilhas, onde foi mui bem recebido. Mas como víram pannos, e outras cousas pera resgate do ouro, sentindo que esta era a causa da sua ida, fizeram-se em outra volta; porque como tinham por nova que por razão do cravo tinhamos tomado as Ilhas de Maluco, e a guerra que faziamos aos mesmos natutaes da terra era por elle, tomáram outra determinação, e foi ver se podiam tomar a fusta pera não vir recado dos nossos. E huma noite muitos delles vieram á fusta, que estava com hum proiz em terra amarrada ás arvores, por alli ser tão alcantilado, que não se podia lançar ancora; e tirando pela amarra, deram com a fusta em secco. No qual tempo com a pancada que deo em terra, os nossos sentíram a sua obra, e a grão pressa remettêram ás armas, e artilheria, e assi os tratáram,

que

que lhes fizeram soltar a fusta, e a tornáram por em nado, por ainda a maior parte della estar na agua; e dalli se foram a outra Ilha, onde os não consentíram, e menos em outras tres, ou quatro, onde os recebiam ás fréchadas, sem sómente os consentirem tomar agua pera beber, como gente que estava posta em odio nosso, temerosa de irmos tomar a terra. Vendo o Capitão que andar de Ilha em Ilha mais era buscar arroido, que ouro, determinou de se tornar pera Ternate a dar razão do estado em que aquella gente se punha contra elles; mas parece que ainda tinha outro novo trabalho pera passar, e foi este. Como as aguas entre aquelle grande número de Ilhas são com a mudança dos tempos hum redemoinho com os ventos, e aguages, naquella travessa que quizeram passar, foi a fusta arrebatada, e levada a hum mar mui largo, sem saberem onde eram, correndo sempre pera o nascimento do Sol. Finalmente perdido o tento da paragem onde eram, e correndo a Deos misericordia com tormenta que os comia, por ser mar desabrigado de Ilhas, indo sempre a popa, por não ousárem, nem poderem tomar outro rumo, segundo seu parecer, elles corrêram algumas trezentas leguas. E indo postos mais na misericordia de Deos, que na con-

fi-

fiança de ſua navegação, pera mais ſua confuſão, huma noite lhe ſaltou a agulha do leme fóra das femeas. E como era de noite, não o pudéram remedear, e eſperáram té vir a manhã, com que ficáram conſolados, por ſe acharem junto de huma Ilha grande mui formoſa, a ſeu parecer, em freſcura de arvoredo. Concertado ſeu leme, cujo deſconcerto foi pera não ſe perderem eſcorrendo a eſta Ilha, na detença que fizeram em eſperar a manhã, foram-ſe a terra, aos quaes veio receber a gente della, moſtrando em muitos ſignaes terem tanto prazer, como eſpanto em os ver. E verdadeiramente, ſegundo elles moſtráram na ſegurança de ſe chegar a elles, parecia gente que não tinha recebido eſcandalo, nem damno algum, porque com huma ſimplicidade ſe chegavam aos noſſos, que deſta ſua ſimplicidade, e ſegurança confiou hum delles a ir em ſua companhia a ver o Senhor da terra. E poſto que a ſua lingua não ſe entendia com alguns eſcravos, que levavam das Ilhas a Maluco vizinhas, per acenos entendêram delles haver muitas centenas de annos que alli eſtavam. Eram homens mais brancos que pretos, todos bem diſpoſtos, aſſi homens, como mulheres, de roſto alegre, bem aſſombrados, enxutos, ſem moſtra que padeciam enfermidades, os homens

mens de barbas compridas ao noſſo modo, e o cabello de todos corridio. O veſtido era humas eſteiras tecidas, mui macias, e brandas, que lhes ſervia como a nós as camizas, e em cima outras compridas feitas em tranças mais groſſas ſem talho algum, ſómente como hum panno ſolto, que os cubria da cinta pera baixo. O Senhor da terra quando vio o noſſo homem, folgou muito de o ver, e com eſta facilidade, e manſidão delles, todos houveram que aquella Ilha era de gente, que eſtava em huma ſimplicidade racional, e ſem alguma malicia, receio, ou cautela, como tinham viſto em as Ilhas daquelle Oriente, donde lhe parecia eſtarem na ſimpleza da primeira idade. Seu mantimento era humas raizes como inhames, legumes, cocos, figos como os da India; e em quatro mezes que os noſſos ſe alli detiveram té vir a monção pera ſe tornar a Maluco, moſtrando-lhes ferro, cobre, eſtanho, e ouro, ſómente deſte moſtráram ter noticia, e acenavam com a mão haver eſte metal contra o Ponente da Ilha em huma ſerra mui alta. E porque tinham grandes paráos, e os noſſos não lhes viam o uſo do ferro, perguntando-lhes como os faziam, moſtráram eſpinhas de peixes, com que cortavam, e taes, que os noſſos podiam uſar

del-

delles pera aquelle uſo, como de ferro. Finalmente como veio o tempo pera navegar, demarcada a Ilha, e poſta na carta de marear per Gomes de Sequeira, que era o ſeu Piloto, ficou com o nome delle. E partíram dalli a vinte de Janeiro, dando a entender áquella ſimples gente que haviam de tornar, moſtrando todos ſentirem ſua partida; e fazendo ſua viagem, chegáram a Maluco, havendo oito mezes que eram partidos, e acháram já ſua fazenda vendida, e poſta em arrecadação, como ſe faz aos defuntos. E aſſi acháram Antonio de Brito embarcado pera partir, com o qual nos convem irmos pera Malaca, e dahi nos tornaremos á India a contar o que ſe paſſou naquellas partes, em quanto nos detivemos neſtas as mais orientaes que té eſte tempo deſcubrimos, porque a eſte fim contamos eſta.

CA-

CAPITULO VI.

Como Pero Mascarenhas vistos os trabalhos da guerra, que fazia ElRey de Bintam a Malaca, determinou de ir sobre elle: e o que pera isso ordenou, sem daquella vez haver effeito.

PArtido Antonio de Brito de Maluco, veio ter á Ilha de Banda; e havendo poucos dias que ahi estava, chegou Martim Correa Alcaide mór de Maluco, que quasi partio logo trás elle com grande necessidade em que ficava a fortaleza. E vinha áquella Ilha de Banda com esperança de achar nella navios de Malaca pera o proverem do que elle hia buscar; porque como Antonio de Brito se partio ainda mal avindo de D. Garcia, por terem maiores paixões á partida, do que foram á chegada, como contamos, trouxe no seu junco tudo o que havia mister, e alguns homens, que com elle se quizeram vir contra vontade de D. Garcia. E como com esta sua partida falecia gente, e outras cousas, de que a fortaleza tinha necessidade, mandou logo D. Garcia, em se elle partindo, a Martim Correa buscar o necessario. E foi sua viagem tão perigosa, com hum temporal

ral que passou, perdendo todalas vélas, que sómente com o traquete da prôa quasi perdido chegou a Banda. E a este tempo tambem chegou Manuel Falcão em hum navio de Malaca com certos juncos, que hiam fazer carga de maça, e nóz, do qual Martim Correa houve as mais das cousas, que hia buscar, e mais foi-se com elle a Maluco no seu navio, por lhe elle Martim Correa fazer requerimento da parte de D. Garcia, que se fosse com aquella gente, e navio, por a necessidade em que ficava a fortaleza. A qual viagem Manuel Falcão folgou de fazer, porque levava huns poucos de omiziados no seu navio escondidos de Pero Mascarenhas, que o mandára de Malaca áquella Ilha Banda. Os quaes omiziados tinham morto a hum Diogo Gago, que com elles andava por Capitão de hum navio seu na costa de Pegú roubando navios de Mouros, e fizeram alli travessuras que custou a fazenda cativeiro a alguns dos nossos, como adiante contaremos. E parecendo a hum Gaspar Veloso da sua companhia que ganhava nisso, por se tornar á graça do Governador da India, polo crime do officio em que andava, o matou mal, jazendo elle no regaço de huma escrava sua, que o estava catando. Mas a morte foi mais por paixões par-

ti-

ticulares, que por outro fim, pois com sua morte não leixou de andar no officio elle, e os outros, que não nomeamos por sua honra. E por Pero Mascarenhas saber parte destas cousas, quizera haver todos á mão; mas Manuel Falcão, que depois mostrou ser homem desta virtuosa companhia, se acolheo, de que Pero Mascarenhas ficou muito escandalizado. Partido Martim Correa pera Maluco, ficou em Banda Antonio de Brito, e como veio a monção, se partio pera Malaca, onde achou pero Mascarenhas já entregue da fortaleza, que lhe entregou Jorge d'Alboquerque, e elle era partido caminho da India. Da viagem do qual adiante faremos menção, porque pois estamos em Malaca, convem dar razão do que Pero Mascarenhas fez sobre aquella guerra de Bintam, que tão atormentada a tinha, não sómente os Portuguezes, mas a todolos moradores de Malaca, Gentios, e Mouros, té os estrangeiros, que a ella vinham por razão de commercio, por ser huma Cidade onde concorriam todalas cousas do Oriente, e Ponente a commutar, trocar, e vender por outras, (como já temos escrito nesta nossa historia;) e como com a guerra deste Mouro Rey de Bintam não ousavam de ir a ella, polo damno que recebiam. Pero Mascarenhas consultando so-

bre eſte negocio com as principaes peſſoas de Malaca, aſſentou que convinha pera quietação daquella Cidade, perſeguir tanto aquelle Mouro Rey de Bintam, té de todo o deſtruir, porque em quanto viveſſe não podiam ter paz. E poſto que ſabia que Jorge d'Alboquerque já fora ſobre elle a Bintam, e depois mandára lá D. Garcia Henriques ſeu cunhado, e Martim Affonſo de Souſa pera lhe tolherem os mantimentos, por lhe fazerem entender que deſtas idas os ſeus deſaſtres foram mais culpas dos Capitães, que caſos de má fortuna; quiz levar eſte meſmo caminho, mandar lá primeiro. E depois que o puzeram em neceſſidade de mantimentos, como elle punha a Malaca, então elle em peſſoa ir cercar a Cidade onde ElRey eſtava, e a combater, e não leixar eſte proceſſo de guerra té lhe dar fim. Pera o qual negocio mandou Aires da Cunha filho de Ruy de Mello da Cunha o do Algarve, como Capitão mór do mar, com hum galeão, e outros dous navios de remo, em que levaria té cento e vinte homens, com regimento que ſurgiſſe na barra de Bintam, e dalli não ſe moveſſe té não lhe mandar recado, e defendeſſe a entrada, e ſahida de todo navio por pequeno que foſſe. Partido Aires da Cunha, eſteve no lugar que lhe foi mandado; mas ſuccedeo

ca-

caſo que não pode elle ſoffrer o trabalho d'aquelle lugar; porque nos mezes que elle alli eſteve, he tanta a enfermidade de febres, que he peior que peſte. E vendo quanta gente lhe morria, per huma das vélas de remo o mandou dizer a Pero Maſcarenhas; e que ſe havia por bem que alli eſtiveſſe mais, que o proveſſe de gente em lugar da falecida. Ao que Pero Maſcarenhas logo proveo, mandando outro galeão pequeno, Capitão Jorge Maſcarenhas de Santarem com té cincoenta homens de refreſco; e ſendo elle tanto avante como o eſtreito de Cingápura, achou Aires da Cunha, que havia tres dias que eſtava alli ſurto ſem poder navegar, por não ter quem lhe mareaſſe o navio com a gente que trazia morta, e enferma. E porque a ambos pareceo bem tornar-ſe a Malaca, por não ir matar mais gente, vieram-ſe, o que Pero Maſcarenhas muito ſentio por a perda da muita gente, e houve por bem não irem lá neſta conjunção da corrupção dos ares, ao qual nós ora leixaremos, por dar razão da viagem de Jorge d'Alboquerque, e do trabalho em que ſe vio junto de Cochij, e do que o Governador D. Henrique ſobre iſſo fez.

CAPITULO VII.

Do que Jorge d'Alboquerque Capitão que foi de Malaca passou depois que delle partio: e o Governador D. Henrique sobre isso fez.

JOrge d'Alboquerque depois que entregou a Pero Mascarenhas a fortaleza de Malaca, partio a quatro dias de Setembro de quinhentos e vinte e cinco, e por não ter náo pera se vir, veio em hum junco pequeno seu. E por serem pessoas que havia tempo que andavam naquellas partes, e tinham recebido delle Jorge d'Alboquerque boas obras, e bom tratamento na conversação de sua pessoa, vieram-se com elle quarenta Portuguezes, de que os principaes eram Duarte Coelho, que depois elle casou no Reyno com huma sua sobrinha filha de Lopo d'Alboquerque seu irmão, Antonio de Mello, Ruy Lobo, Bastião Rodrigues Marosim, Francisco Bocarro, Gomes do Campo, Nicoláo de Sá, Antonio Carvalho, Francisco Fernandes Leme, e outros que N. Senhor ordenou que viessem em sua companhia pera o livrar (como dizem) da boca do lobo, onde veio cahir, como veremos; porque passadas as Ilhas de Linga, onde esteve dez, ou doze dias, e a Ilha dos Al-

mei-

meirões, que está fóra da Linga contra a terra firme, donde partio a dezenove de Outubro, foi dar vista ao Cabo Comorij, e dahi chegáram á paragem da nossa fortaléza de Coulão. E o lobo que acháram, foram vinte e cinco fustas de Calecut, de que era Capitão o Arel de Porcá, o qual pelo escandalo que recebeo de D. Henrique, quando com o berço lhe quebráram a perna em o lugar Coulete, e depois por elle D. Henrique o pedir a ElRey de Calecut, (como escrevemos,) andava fazendo per aquella costa todo o mal que podia. Mas té então não tinha feito cousa notavel; e se Jorge d'Alboquerque não viera tão acompanhado, certo elle não pudera escapar, segundo o apertou com as fustas. Cá elle tomou hum posto, onde Jorge d'Alboquerque não podia ir a elle, e dalli tinha o seu junco por barreira, gastando nelle quasi a maior parte de sua polvora, porque a bateria começou do Sol sahido té vespera, com o mar estar quasi morto. Na qual bateria lhe matáram hum Negro sómente, que era delle Jorge d'Alboquerque; e se os tiros das fustas foram grossos, como eram miudos, e os juncos não tiveram suas arrombadas, que aquellas pessoas nobres ordenáram, elle fora mettido no fundo. E estas pessoas peró que não podiam obrar de

es-

espada, e lança, com a artilheria, e espingardas, de que se serviam, fizeram muito damno ao Mouro, com morte, e ferimento de muita gente, como depois souberam pelos da terra. E ao outro dia veio dar com elle Jorge Cabral, que hia já em soccorro seu em huma galeota, e cinco catures, que D. Henrique mandava de Cochij, onde estava, o qual, quando chegou, Jorge d'Alboquerque recebeo com toda honra, e gazalhado, que elle merecia. E deste feito, e perigo que elle passou, tomou D. Henrique hum azo pera fazer o que desejava, que era huma obra mui importante ao serviço d'ElRey, por se fazer sem despeza sua, que era cercar Cochij, a qual obra elle já tinha começada no inverno per este modo. Acertáram Malabares Gentios d'ElRey de Cochij furtar humas poucas de espingardas, e dous berços de metal, os quaes hiam vender aos Mouros; e ainda que o negocio era de pouca importancia, quiz D. Henrique fundar sobre este furto, e sobre outras travessuras, assi dos Gentios em a nossa povoação, como dos Portuguezes na d'ElRey de Cochij, a causa de seu requerimento. E foi-se hum dia a ElRey de Cochij, e lhe contou o que passava de huma povoação á outra, que por evitar escandalos, e queixumes, que daqui proce-

di-

diam, elle tinha cuidado huma cousa, que lhe parecia mui proveitosa pera elle, e pera ElRey seu Senhor, e entre elles se continuar aquella paz que tinham, a qual cousa muitas vezes se perturbava per gente della simples, sem saber o que fazia, e ás vezes maliciosa, e commettiam taes cousas sem respeito ao damno que faziam; e por evitar estes males que podiam acontecer, cuidára que taes azos não se podiam melhor tirar, que cercando elle Cochij, porque sendo cercado, nem Portuguezes iriam á sua povoação de noite a fazer travessuras; porque como fosse noite, mandaria fechar as portas, nem dos seus Malabares viriam á nossa povoação. E tambem desejava elle isto, porque Mouros não viessem de Calecut pôr fogo ás nossas casas, para queimar muita parte da povoação, como já muitas vezes acontecêra, e se dizia que elles eram authores disso. Assi que por evitar tantos azos de damno, elle devia querer ir assignar a parte, per onde parecesse proveitoso fazer o muro da cerca, com o qual cessariam estes trabalhos de furtos de gente vil, e pobre, e não dariam azo a maliciosos fazerem damno. ElRey com estas, e outras palavras de D. Henrique ficou satisfeito, e pareceo-lhe cousa justa fazer-se aquella obra, e hum dia foi ter á

Co-

Cochij, e andou com D. Henrique assignando lugar per onde lhe parecia bem que fosse a cerca feita. Tanto que D. Henrique teve este aprazimento d'ElRey de Cóchij, ordenou a Armada de Jorge Cabral, que soccorreo a Jorge d'Alboquerque, que (como ora contamos) esteve em risco de ser mettido no fundo. E mandou apontar todolos moradores de Cochij que fossem a esta Armada, os quaes se fossem logo aggravar a elle, dizendo que não era cousa justa leixar suas casas, mulheres, e filhas pera os lascarijs da Armada attentarem nellas, como gente ociosa. Ao que D. Henrique respondeo, que elles tinham razão, mas que a gente de armas andava com ellas ás costas aventurados a todolos perigos, e elles estavam repousados, tratando, e enriquecendo; e quando vinham invernar, em lugar de acharem quem os agazalhasse, achavam quem os esfolava, vendendo-lhes as cousas por grandes preços; e que nesta ida de Calecut via os homens feridos pobres, e não tinha que lhes dar pera se manterem, e mais crueza lhe parecia mandallos a pelejar, que a elles fartos, e ricos, e fóra destas despezas. E porque elle queria mandar cercar aquella povoação, que era em grande proveito delles, que vissem qual destas queriam, ir na

Ar-

Armada, ou dar dinheiro para ſe ella cercar. E o que elle tinha d'ElRey pera eſta obra, daria á gente de armas em pagamento de ſeus ſoldos, e com iſto iriam contentes, e ElRey ſería ſervido em tudo, e elles moradores ficariam com o ſomno mais repouſado recolhidos dentro de bons muros, e não poſtos no campo ſujeitos a todo perigo. Praticado o negocio em Camara, aſſentáram os moradores de Cochij que D. Henrique tinha razão no que ordenava, e logo dahi a tres, ou quatro dias trouxeram em começo de lançamento, que entre ſi lançáram pera eſta obra, tres mil pardáos, e o mais iriam dando como ſe ella foſſe fazendo. E com eſte dinheiro applicado pera eſta obra, de outro d'ElRey pagou á gente de armas, com que fez os navios preſtes, Capitão Jorge Cabral, que acudio a Jorge d'Alboquerque, (como ora vimos.) A qual ouſadia do Arel de Porcá indignou muito a D. Henrique, por ſer feito quaſi á viſta delle, pois era tão junto de Cochij, onde eſtava.

CAPITULO VIII.

Do que D. Henrique de Menezes fez o inverno que esteve em Cochij, onde Cide Alle mensageiro de Melique Aliaz o veio visitar: e o requerimento que lhe Lopo Vaz de Sampayo Capitão de Cochij fez, vendo os apparatos da guerra, com que elle queria partir de Cochij.

COmo D. Henrique teve a vontade d'ElRey de Cochij pera aquella obra de cercar aquella Cidade pelo lugar per onde demarcáram, mandou cortar algumas palmeiras, e derribar casas, que eram impedimento, e fez os aliceces á maneira de elegimento, té se ajuntar pedra, e cal, pera poer mãos á obra. A qual não houve effeito, e tornou-se o dinheiro aos casados, por os comprazer, e succedeo depois da morte delle D. Henrique, como se contrariáram outras, que não apontamos, por não macular os authores disso. Além desta obra, que era muito importante ao serviço d'ElRey, tambem naquelle inverno ordenou outras cousas, todas a fim de seu proposito, que era ir sobre a Cidade Dio, como se depois soube, sem disso dar conta a alguem. E ainda por mais dissimulação, mandou Armadas pera diversas partes,

tes , assi como Heitor da Silveira com regimento que levava , que esperasse seu recado té hum certo tempo , como escrevemos. E despachou Jorge Cabral, como ora dissemos, e secretamente lhe mandou que a outro limitado tempo o fosse esperar a outra parte , depois que o elle espedisse de Cananor té onde o havia de levar, e estava de caminho. E a estes Capitães dava entender que sua tenção era ir sobre Adem , por tirar suspeita de tanto apparato como fazia, de mantas, escadas, barcaças, polvora grande somma, e outra muita cópia de munições. E em Goa mandou fazer huma grossa cadeia pera atravessar o rio de Dio, sem destas cousas dar conta a pessoa alguma , temendo que se viesse a romper seu segredo. E mais tinha comsigo Cide Alle mensageiro de Melique Aliaz Senhor de Dio , que per seu mandado era vindo ao visitar; porque como este Mouro era muito sagaz , tanto que ouvio o feito de Calecut , ficou assombrado , e todolos Mouros da India, vendo a defensão dos nossos que estavam na fortaleza , e o tempo em que navegáram os outros , que foram em seu soccorro, e como elle Governador lhe acudio, e sua sahida em terra contra toda a potencia do Çamorij; e temêram muito as cousas de D. Henrique , ajuntando esta ás

pas-

passadas, que tinha feito em tão pouco tempo. E por esta causa, e quasi em modo de espreitador do que elle fazia, o mandou visitar elle Melique Aliaz, dando-lhe a prolfaça do officio de Governador, mostrando que desejava assentar paz com elle, porque ElRey de Cambaya seu Senhor este desejo tinha por amor d'ElRey de Portugal, e outras palavras simuladas das que elle costumava dizer. E em signal desta amizade, que desejava ter com elle, lhe mandou hum presente de muitas peças ricas, de que Dom Henrique lhe tomou sómente esta: hum assento forrado de madre de perla, de que os Mouros usam pera se assentar, e este assento foi pera mandar a este Reyno a ElRey, como mandou. E quando lhe engeitou as outras peças, mandou trazer huns poucos de ferros de lanças, e amostrando-os a Cide Alle, disse-lhe: *Se me vós trouxerdes destas peças, eu as tomára de boa vontade, porque das taes sou eu grande amigo, por ajudar com ellas aos servidores, e amigos d'ElRey meu Senhor, e castigar aquelles que o não forem.* E porém em retorno das que lhe não acceitou, lhe mandou dar outras: e quanto á resposta do recado que lhe trazia, o dilatou para Cananor, dizendo que estava pera ir pera lá, e lá o despacharia, e isto per artificio, que visse

el-

elle os grandes apparatos, mais que pera lhe dar ſuſpeita, e aſſombrar, que eſpertar. E por outra parte fazia couſas que o não entendiam, porque no maior fervor destes apparatos de guerra, mandou per conſelho de Medicos pôr botões de fogo em huma perna, a cauſa era acudir-lhe áquelle lugar hum máo humor, que lha inchava, e impedia a não andar tão leſtes, como elle queria, naquelles apercebimentos. E fizeram-lhe crer os Medicos que com hum par de botões de fogo que trouxeſſe abertos, purgaria aquelle roim humor, que lhe alli acudia, e não teria tanta paixão no andar; mas elles obráram o que adiante veremos. Lopo Vaz de Sampayo Capitão de Cochij tres, ou quatro dias ante que Dom Henrique partiſſe, vendo tanto apparato de guerra, ſem ſaber o fundamento daquellas couſas, ora ſuſpeitava em Adem, ora em Dio, e não podia achar mais noticia, que a preſumpção das couſas. E hum dia publicamente quaſi em modo de requerimento lhe diſſe, que ſua Senhoria hia fóra da India com aquella Armada, e que diziam ſer a Adem, e que dahi havia de ir invernar a Ormuz, que lhe devia lembrar quão deſamparada eſtava a coſta do Malabar, na qual convinha naquelle tempo andar de contino huma boa Armada. E tambem quanto

á ida

á ida de Ormuz, lhe lembrava que ElRey defendia que os Governadores não foſſem lá, que lhe fazia eſtas lembranças por ſerviço d'ElRey, e ſer a iſſo obrigado. Ao que lhe D. Henrique reſpondeo, que as lembranças eram mui boas, e o ſeu caminho não era máo, mas tal, de que elle eſperava em Deos, e ElRey ſeu Senhor ſerem ſervidos; e ſe o ſeu caminho não foſſe tal qual elle eſperava, que ElRey o caſtigaria por iſſo. Quanto mais, que quando elle puzeſſe os pés onde elle hia, ahi lhe ficaria o conſelho de mui bons Fidalgos, que comſigo levava, com parecer, e voto dos quaes faria o que foſſe ſerviço d'ElRey.

CAPITULO IX.

Como o Governador D. Henrique partio com huma Armada de dezeſete vélas caminho de Cananor.

PRovído D. Henrique de Menezes do que lhe era neceſſario pera o fundamento que levava de ir combater a Cidade Dio, pela maneira que eſcrevemos, dahi a quatro dias que Lopo Vaz de Sampayo lhe fez eſtas lembranças que ora vimos, partio com dezeſete vélas, porque as mais que elle eſperava levar pera aquelle feito, eram as que tinha enviado ás partes que diſſe-

mos,

mos, e algumas das que tinha Pero de Faria, que elle leixou na coſta, quando ſe partio a invernar a Cochij. E como elle queria tambem ir alimpando a coſta, hia hum pouco de vagar, levando ante ſi os bargantijs, que lhe foſſem deſcubrindo quantas pontas, e cotovelos, e angras a terra fazia. E por alguns delles verem entrar huns poucos de paráos no rio de Challe, que era duas leguas de Calecut, mandou ſahir em terra a D. Jorge de Menezes com quinhentos homens, o qual deſtruio, e queimou a povoação, que eſtava bem dentro do rio, e aſſi os paráos que achou. Seguindo mais ſua viagem per o meſmo modo, ante de chegar a Cananor ſeis leguas onde eſtá hum rio da povoação Maim, os catures que levava diante viram entrar huns poucos de paráos, e ainda em modo de rebolaria, fizeram alguns ſignaes aos noſſos que os tinham em pouco, e verdadeiramente pelo que aqueceo, mais foram demonios que homens; porque hum dos Capitáes dos noſſos catures chamado Pero Gomes, foi-ſe a D. Henrique mui indignado, dizendo o que os paráos fizeram. E que lhe parecia ſer aquillo em confiança de haver dentro no rio mais ſomma delles, que o rio era muito bom pera entrar nelle, que mandava que fizeſſem. D. Henrique havendo por aba-

ti-

timento ante a viſta de ſua Armada terem aquelles Mouros ouſadia de apparecer, quanto mais fazerem algazarras, quiz entrar no rio; e não confiando a viſta da entrada delle, ſenão de ſi meſmo, mandou trazer hum batel a bordo, e quando foi á barra do rio, achou não haver remedio pera poder entrar, nem menos lhe pareceo que per elle podiam ir os paráos que elle dizia. Do qual caſo ſe indignou muito contra o Capitão, e entre paixão, e trabalho, que levou, andando fragueiro naquella buſca da fóz do rio, quando veio á tarde curar a ſua perna, achou-a mui açanhada, e humas nodoas negras, que o meſtre teve por máo ſignal, e com ella curada ſe fez á véla caminho de Cananor, onde ao tempo que chegou lhe veio recado de D. Jorge Tello, e Pero de Faria, que eſtavam ſobre a barra do rio de Bacanor, e tinham encerrado hum grande número de paráos, que paſſavam de cento, ſegundo tinham ſabido, todos carregados de eſpeciaria pera Cambaya, pera que haviam miſter mais gente, que lhe mandaſſe acudir com alguma. Ao qual ſoccorro elle mandou logo Dom Jorge de Menezes com hum galeão em que andava, e mais hum navio com quatrocentos homens, e achou que ambos eſtes Capitães tinham vinte bargantijs, e catures,

e hu-

e huma galeota, e os Mouros diziam serem obra de quatro mil entre os dos navios, e da terra que estavam em sua defensão. Estes tres Capitães consultado o modo que teriam pera pelejar com elles, ordenáram entrar pelo rio acima em os bargantijs, e navios de remos, e isto fizessem os primeiros; e Pero de Faria que ficasse com os outros navios na boca do rio em guarda, temendo que de fóra per aviso dos Mouros podia vir alguma Armada delles, de que podiam receber muito damno. Vinda a maré dante manhã, partíram os dous primos com a galeota, bargantijs, e catures; e como a maré ajudava o remo, e a vontade os braços, ao modo de quem corre pario naval por chegar ao premio da honra, com grandes gritas começáram ir pelo rio acima buscar os imigos. Estes como tinham sabido per alguns Negros da terra, que se lançáram dos navios de Pero de Faria a nado, que estava elle tão pobre de gente, que não ousava de os ir buscar, e não tinham ainda sabido da chegada de D. Jorge de Menezes, estavam mui fóra de ouvirem aquellas grandes gritas, e mais lhes pareceo ardil, que vontade de os ir commetter; porque se o suspeitáram, impedíram a entrada do rio com estancias de artilheria na borda delle, como depois fizeram quan-

 do

do Lopo Vaz de Sampayo os foi buſcar, ſegundo adiante veremos. Porém quando acudíram com ſeus paráos armados, e começáram a ſentir as eſpingardas dos noſſos, que os aguilhoavam de morte, avoavam em ſe tornar recolher a huma povoação, ou (por melhor dizer) a huma guarida, que pelo rio acima tinham, que era huma ponte que o atraveſſava, de cima da qual ſe podiam defender, ainda que o rio foſſe coalhado de noſſos bargantijs. Mas primeiro que lá chegaſſem, huns aqui, outros alli, deſattentados com temor, hiam dar em ſecco, e juntamente alguns dos noſſos faziam outro tanto, com que de huma parte, e da outra tudo era ſangue, e fogo por eſtarem encalhados. D. Jorge de Menezes, como levava hum batel que demandava pouca agua, foi tanto polo rio acima té anteparar na ponte, e quaſi a bote de lança eſteve com os Mouros que eſtavam nella. Mas quando ſe vio ſó, e que alli fazia pouco, e abaixo ficava D. Jorge Tello com muitos catures dos Mouros, que o tinham cercado, tornou a elle. Os Mouros vendo que ſe tornava, cobráram coração, e vieram trás elle, na qual volta houve tanta detença, que vaſava já a maré, e onde a terra fazia hum cotovelo, veio alli encalhar com a maior parte dos noſſos catu-

tres,

res. No qual tempo tiveram os Mouros espaço de ir buscar certas peças de artilheria que assestáram na ribanceira do rio, que alli era alcantilado, de que faziam muito damno aos nossos, matando, e ferindo nelles; e pera maior mal com hum tiro deram em hum novo bargantim, e por o fogo lhe dar onde trazia a polvora, fez maravilhas, não sómente em arder de todo, mas em matar alguns homens. E outros que andavam na agua, não ousavam sahir em terra, temendo o grande número dos imigos, que os esperavam, e acudiam como estorninhos sobre elles, que os faziam metter debaixo da agua, por fugir ás fréchas. E muitos Mouros de ousados se mettiam dentro na agua, e á força de braços os queriam affogar debaixo della: tanta ousadia dá hum pequeno favor quando algum desastre acontece, como os nossos naquelle tempo alli tiveram. D. Jorge de Menezes, quando se vio decepado sem poder ir atrás, nem adiante, mandou saltar na agua vinte homens do seu batel, com que ficou em nado, e metteo-se entre elles como hum leão açanhado do que té alli estava padecendo, e com hum falcão, e hum berço fez affastar os Mouros, com que se acolhêram a terra, e dando nos que estavam com as peças da artilheria, foi-lha tomar. Neste

tempo acertou D. Jorge de ver hum grande corpo de gente, que vinha contra onde elle eſtava, entre a qual vio hum ſombreiro de pé alto, que cubria a cabeça de hum homem a cavallo, per a qual inſignia conheceo ſer peſſoa nobre. O qual ſombreiro he trajo na India vindo da Região China, e entre os Chijs não o póde trazer ſenão hum homem Fidalgo, por ſer inſignia de nobreza, o que podemos chamar pallio de huma ſó mão, ao reſpeito dos que vemos levar quatro homens, quando recebem algum grão Rey, ou Principe na entrada das Cidades, e nobres Villas de ſeu Eſtado. A feição, e tamanho deſte redondo he ter ſete, e oito palmos em diametro, e mais, ou menos, como cada hum quer, com abas ao modo de eſperavel. O qual he de humas caninhas mui miudas, cubertas de tafetá, ou lenço, ſegundo a peſſoa tem o poder, ou dignidade, com muitos lavores de ouro, e louçainhas polos alparavazes, e tudo eſtá armado ſobre hum peão, ao modo do eſperavel que diſſemos, e as canas jogam todas, fechando, e abrindo pera o encolher, e eſtender. E quando querem que faça aquella grande cópa, com que faz ſombra, mettem naquelle peão huma aſte de páo mui leve, de comprimento de quinze palmos pouco mais, ou menos, e então

cor-

correm com hum noete pelo páo acima, e té de todo ſe eſtender quando enteſta no peão, e alli atraveſſam hum páo na aſte, que alli tem hum furo, com que fecha, e não cahe pera baixo. E ha homens que levam eſte ſombreiro de tomar o Sol tão deſtros, que ainda que o Senhor vá trotando no ſeu cavallo, não lhe ha de tocar o Sol em todo o corpo, e eſtes taes homens chamam na India Boi. E ver na Corte de hum Principe os Senhores que o acompanham cubertos com eſtes ſombreiros de pé, arvorados ſobre ſuas cabeças, dá-lhe grande mageſtade, por quão formoſa couſa he quanta pompa moſtram eſtas inſignias de honra. E como D. Jorge de Menezes entendeo que podia ſer algum Senhor o que trazia aquelle ſombreiro, mandou per hum Canarij ſaber quem era, e trouxe-lhe recado ſer hum Capitão d'ElRey de Narſinga Gentio, que vinha áquella terra arrecadar os rendimentos della, por ſer ſua, e que trazia comſigo vinte mil homens. D. Jorge como ſoube iſto, mandou-lhe dizer, porque conſentia aquelles ladrões na ſua terra, pois ElRey de Narſinga era amigo d'ElRey de Portugal, e entre elles havia paz. Ao que reſpondeo, que elle chegava de caminho naquelle inſtante, mas que logo os mandaria caſtigar per ſeus Capitães, e

aſſi

aſſi o fez, fazendo-os logo recolher com tanto imperio, como ſe foram ſeus eſcravos. Vendo D. Jorge a boa diligencia que elle niſſo poz, confiado nelle, ſahio em terra, e acompanhado de alguns Portuguezes, aſſi como eſtavam o foram ver, e dar agradecimentos do que fizeram. E eſtiveram hum pouco fallando, té que a maré veio, que ſe eſpedíram delle, tornando-ſe a embarcar, e recolher na Armada, onde achá-ram que lhes faleçiam quarenta homens, por ſerem mortos, e feridos eram muitos. E havido conſelho do que deviam fazer, determinâram todolos tres Capitães de ſe não mover daquelle rio, e o fazer a ſaber a D. Henrique, pera mandar o que havia por bem que fizeſſem. E foi a tempo, que não eſtava elle em eſtado pera já entender naquellas couſas, por cauſa da ſua enfermidade, que o tinha poſto no extremo.

CAPITULO X.

Como o Governador D. Henrique crescendo o mal de sua enfermidade, entrou na fortaleza de Cananor, onde primeiro que chegasse a hora da morte, provêo al-[redacted]: e o que se fez depois que faleceo.

DOm Henrique, passado aquelle dia em que o trabalho, e paixão, que levou em buscar a entrada do rio que dissemos, causou açanhar a perna que trazia enferma, foi este mal tomando tanta posse, que descubertamente o Cirurgião, e Medico o aconselháram que se passasse á fortaleza, porque estava em estado de cura, que não convinha estar no galeão. Mas elle tinha o espirito tão accezo naquella viagem que fazia, que entreteve os Medicos quinze dias, sem querer mudar-se do galeão á fortaleza; e ainda padeceo tantos martyrios em cauterios de fogo, como se a carne, em que faziam aquella obra, não fosse sua, e pasmavam os homens com ver a paciencia que tinha nos martyrios que lhe davam. Té que vencido mais de rogos, e admoestações, que de sua vontade, consentio ser levado á fortaleza, tendo já neste tempo huma chaga tão grande como huma palma de mão. E como ho-

homem entregue á obrigação de ſeu officio mais, que a ſua vontade, eſpedio a Jorge Cabral, que ſe foſſe andar contra aquella parte de Ceilam, e Ilhas de Maldiva, ſem o obrigar ir a outra parte, como tinha com elle aſſentado, pera a obra que elle trazia no ſeu peito. [redacted] diſſemos.) E aſſi mandou D. Affonſo de Menezes filho do Conde de Cantanhede com alguns navios dos que alli tinha, que ſe foſſe lançar ſobre a barra de Calecut, e não ſe moveſſe dalli té o elle mandar; e falecendo, ſe leixaſſe eſtar té vir outra peſſoa, que per ſeu falecimento governaſſe. E vendo que os ſeus dias eram poucos, por lhe não ficar couſa por fazer do ſerviço d'ElRey, mandou chamar D. Simão de Menezes ſeu primo, Capitão da fortaleza; e a Antonio de Miranda d'Azevedo, e aſſi outros Fidalgos, e diſſe-lhes, que elle ſe via em eſtado que não podia acudir ás couſas do ſerviço d'ElRey: que pedia a elle Dom Simão, que pera as couſas da terra elle tomaſſe o cuidado de as fazer, e pera iſſo lhe dava todolos ſeus poderes; e as couſas da Armada, que eſtava alli, entregava a elle Antonio de Miranda, com outras taes palavras. E quanto ás couſas da governança da India, ſe N. Senhor o levaſſe, fariam o que ElRey ſeu Senhor mandava. E porém,

rem, porque a pessoa que o succederia, per ventura não sería presente, elle tinha feito hum papel, que appareceria por sua morte, em que nomeava huma pessoa que tinha qualidades, e Fidalguia pera poder governar, quando o outro não viesse. E elle jurava pela hora em que estava, que fazia isto por lhe parecer que assi convinha ao serviço d'ElRey, e bem, paz, e assocego de todos, que lhes pedia por mercê, polo que deviam á lealdade de suas fidalguias, que assi o fizessem. E este papel, e nomeação não quiz alli mostrar, nem denunciar, por não dar materia de escandalo entre pessoas, que tinham opinião que podia ser hum daquelles, como foi depois de seu falecimento, segundo adiante veremos. O qual falecimento foi logo dahi a dous dias, com todolos autos feitos de catholico varão, a vinte e tres de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e seis, em idade de trinta annos. Foi D. Henrique de Menezes filho de D. Fernando de Menezes, de alcunha o Roxo, era homem de grande, e honrada presença, a quem com razão se podia chamar gentil-homem. Era Catholico muito amigo da justiça, e trabalhava que se fizesse mui inteiramente pelos Ministros della. Limpo em seu officio, muito cubiçoso de honra, e sem nenhuma cubiça de fazenda, pos-

posto que andava na India, onde ha grande materia de tentações. E nelle não pudéra com justiça ser executado a lei Julia *de pecuniis repetundis*, de que o Senado Romano muito usava, a qual foi constituida por reprimir a cubiça, e avaricia dos Magistrados, principalmente quando presidiam nas Provincias a que eram enviados. Naturalmente era inclinado á guerra de Mouros, e bem affortunado nella, assi nas vezes que se achou em Africa nos lugares do Reyno de Féz, e Marrocos, como no que vimos na India esse pouco tempo que viveo. Muito amigo do serviço d'ElRey, e dos homens, que elle via seguir esta sua natureza, e tinha grande odio a homens revoltosos, que foi causa de alguns Fidalgos se escandalizarem delle, sendo homem leve, conversavel, e não inflado, nem imperioso. A maior tacha que teve foi hum pouco desconfiado, que lhe deo materia de alguns desgostos com Fidalgos; e porém não que por isso esta desconfiança o trouxesse a estado de se vingar. Jaz o seu corpo na Capella de Sant-Iago na Igreja de Cananor, onde foi sepultado junto do Altar mór na parte do Evangelho, ao qual podemos crer que N. Senhor daria sua gloria, pois tantas vezes offereceo sua vida, pugnando com os infieis, e blasfemando do

seu

ſeu nome. Foi caſado com D. Guiomar da Cunha filha de Henrique de Figueiredo, de que houve eſtes filhos, D. Diogo, D. Simão, D. Antonia, que caſou com D. Antonio filho ſegundo do Conde de Abrantes, e D. Catharina, que caſou com Antonio D'Ozèm. Entre muitas couſas, que acontecêram depois da morte de D. Henrique, que lhe deram nome de ſer homem amigo da juſtiça, foi o teſtemunho de dous Fidalgos ſeus imigos, dos quaes diremos ſeus nomes, por lhes pagar com a memoria deſte feito quanto mais honra niſto ganhá-ram, que no que tinham feito contra Mouros; a hum chamavam Belchior de Brito filho de Jorge de Brito Copeiro mór d'El-Rey D. Manuel; e ao outro D. Vaſco de Lima filho de Duarte da Cunha. Eſte Belchior de Brito, ao tempo que D. Henrique faleceo eſtava prezo em Cochij por ſeu mandado, por algumas traveſſuras que tinha feito, de ſoberbo, e de grande opinião, parecendo-lhe pouco o eſtado da India pera elle, e tudo iſto procedia de ſer cavalleiro, como de feito elle o era. E algumas vezes que D. Henrique paſſava junto de huma torre, onde elle eſtava prezo, como o ſentia paſſar, a altas vozes dizia injurias a D. Henrique, que ſe fora outro mais apaſſionado, elle o mandára caſtigar mui-

muito bem. Morto D. Henrique, Lopo Vaz de Sampayo em Cochij o mandou logo ſoltar, e elle ſe foi a Cananor, e a primeira couſa que fez, foi ir-ſe á Igreja onde D. Henrique jazia, e feita ſua oração a Deos, foi-ſe á ſua ſepultura, e aſſentado em giolhos, e ditas algumas orações por ſua alma com muitas lagrimas, no cruzeiro da Capella começa em alta voz fazer hum ſermão das virtudes de D. Henrique, tão ordenadamente, que hum Theologo eſtudando pera prégar ſuas honras o não fizera melhor, em tanto que poz quaſi toda a gente em lagrimas. E tudo era louvallo de juſto, e amador da juſtiça; e que quanto o que tinha feito na ſua prizão, fora como de homem ſem odio, ou paixão, ſómente como homem zelador da juſtiça, e que fora pouco o que fizera pera o que elle tinha merecido. Quaſi per o meſmo modo, por D. Vaſco de Lima ſer traveſſo, e brigoſo, ao qual D. Henrique queria grande bem, por ſer muito bom cavalleiro, e principalmente polo que fez em Calecut, tambem o caſtigou, e elle D. Vaſco na propria Igreja veio fazer outra tal proteſtação. E ainda accreſcentou mais, por ſaber que alguns homens murmuravam delle, dizendo, que ſe houveſſe homem que contra D. Henrique diſſeſſe o contrario do que elle alli dizia,

que

que se mataria com elle. E Heitor da Silveira tambem depois delle falecido, em huma meza, em que comiam com elle muitos homens nobres, começou hum de má lingua de dizer mal de D. Henrique, pondo-lhe por tacha que não era pera ser Capitão, por ser tão cavalleiro, que sempre queria ser dos primeiros. E Heitor da Silveira, por este homem ser affamado de roim lingua, respondeo: *A maior tacha, que eu sube de D. Henrique, foi não desterrar quantas más linguas ha na India*; e de lhe avorrecer ouvir mal, alevantou-se da meza. Em ausencia do qual disse hum dos que alli comiam: *Quem quer que disser mal de D. Henrique, eu me matarei com elle*; e com isto ficou a meza quieta, e o outro julgado por quem era, solto na lingua, e atado nas mãos, e que sabia buscar boas abrigadas, quando havia tormenta de pelejar com os imigos; e o nome do qual calamos, por sua honra, e pola nossa, cuja natureza he nesta nossa historia não publicar defeitos de partes, que não fazem a bem della.

FIM DO LIVRO X. DA DECADA III.

00046072

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 28 July, 2016